Geographia do Ceará

PELO

BARÃO DE STUDART

HISTORICO

Reconhecida pela Coroa Portuguêsa a necessidade de garantir-se na posse das terras Americanas não só pelas vantagens e lucros, que dellas lhe poderiam advir, como pelo receio da influencia extrangeira crescente dia a dia, foi resolvida a partilha do Brasil em porções, de tamanho variavel, concedidas a vassallos de serviços ou de que se podesse esperar o avanço da cultura do paiz e de sua colonisação.

Uma dessas Capitanias, que assim se chamavam as terras doadas, a que ia da Angra dos Negros na altura de dous graus, extrema septentrional da Capitania pertencente a João de Barros e Ayres da Cunha, até o Rio da Cruz, que está na altura de dois graus e um terço, coube a Antonio Cardoso de Barros, cavalleiro fidalgo. Era a menor de todas as doações e nem della faz mensão Gandavo na sua «Historia da Pro-

---

Este trabalho, obra de poucos dias, foi escripto a pedido da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro para figurar no Livro a ser editado por ella em commemoração do 1.º Centenario da Independencia do Brasil. Sae agora reproduzido com ampliação e emendado.

vincia Santa Cruz», que é de 1576, como tambem não a menciona Frei Vicente do Salvador na sua «Historia», concluida em 1627. Da obra de Frei Vicente em 1918 veio a lume nova edição, enriquecida de preciosas annotações por Capistrano de Abreu.

Do Rio da Cruz, que é o actual Camocim, ao Cabo de todos os Santos, a leste do Rio Maranhão, iam as 75 legoas concedidas a Fernando Alvares de Andrade. Donde se conclue que o actual Ceará occupa terras de tres Capitanias.

Habilitaram Antonio Cardoso á obtenção da mercê serviços prestados no Reino e em Africa.

Era Antonio Cardoso irmão de Francisco de Barros, escudeiro fidalgo, que foi a India em 1535, e filho de João de Barros e casou com Guiomar Dias Botafogo, filha de André Dias Botafogo. Outros dizem que casara em Tanger com Francisca de Aguiar, filha de Affonso Mendes Aguiar, de quem houve João de Barros Cardoso, Maria de Barros, que foi mulher de D. Jorge de Mello, e Christovam de Barros, cuja vida se prende de perto á historia da Bahia e Rio de Janeiro. Duvida-se da filiação legitima de Christovam de Barros em vista de um Doc. existente na Bibl. Nac. do Rio de Janeiro, apesar da affirmação de Avellar Portocarrero no seu Livro das familias nobres, anno de 1719.

Tem a data de 19 de Novembro de 1535 (L.° 21 das Doações de D. João III fl. 187 v.) a Carta da sua Doação. Foi escripta em Evora e, que eu saiba, ainda não teve publicidade. O mesmo já não acontece com o Foral, de 20 de Nov.° do mesmo anno e tambem de Evora (L.° 22 de D. João III fl. 108), porquanto já está conhecido, podendo ser consultado á pag. 11 do 2.° vol. dos meus «Documentos para a Historia do Brasil», e na Revista do Instituto, vol. 23.°

A doação de Cardoso de Barros não foi aproveitada, quero dizer, esse donatario de uma boa porção

do actual Ceará não assignalou por si ou por propostos a posse della com algum estabelecimento. Não obstante diz Varnhagen á pag. 201 de sua Historia ed. 3.ª, que «segundo certos indicios de ruinas de pedra e cal encontradas depois em Tutoia ahi pretendeu Cardoso de Barros estabelecer uma colonia, que se viu obrigado a desamparar» e mais adiante, pag. 270, «nenhuma noticia escripta nos ficou do que Cardoso de Barros chegaria a emprehender para colonisar e aproveitar a capitania que requerera, temos, porem, por mais que provavel, segundo dissemos, que resultado de seus esforços seriam as ruinas de pedra e cal que logo á entrada do porto de Camocim se viam ainda em 1614». O «segundo dissemos» de Varnhagen significa que ao escrever Tutoya á pag. 201 queria dizer Camocim. E' inacceitavel, porem, a hypothese aventada, quando elle é o proprio a confessar a falta absoluta de noticia escripta quanto ao estabelecimento da colonia e construcções «das quaes ainda havia ruinas em 1614». O unico dos velhos escriptores a se referir a ruinas de pedra e cal na entrada de Camocim é Diogo de Campos Moreno na «Jornada do Maranhão», mas não as attribuiu a Antonio Cardoso, limitando-se a dizer «como que em algum tempo houvesse sido povoada de gente de Europa».

Penso, e dessa crença não me affastarei emquanto não surgir documento que a invalide, que o donatario e os de sua familia jamais vieram ao Ceará. Já não se poderá dizer o mesmo de João de Barros, a cuja capitania vieram duas expedições, em 1534 e 1554, a ultima dellas sendo dirigida pelos filhos.

A 30 de Janeiro de 1537 foi-lhe conferido por 3 annos o cargo de tanadar-mor da ilha de Baçaim, que entraria a exercer logo que se desse a vaga de Lopo de Almeida (L.º 24 de D. João III fls. 28 v.), mas por motivo, que ignoro, tambem não saiu a assumir o dito cargo.

Mallogrado o aproveitamento da Capitania doada e não havendo elle se empossado da tanadaria-mór de

Baçaim, El Rei enviou-o ao Brasil despachado como Provedor-mor da Fazenda da Bahia com o ordenado de 200$ (L.º 55 de D. João III fls. 119 v) e a mercê de em caso de fallecimento serem aproveitados seus serviços a bem de um de seus filhos ou genros (21 de Janeiro de 1549, L.º 70 fls. 109 e 109 v). Mais tarde por despacho de 25 de Setembro de 1577 obteve seu filho, Cristovam de Barros, o mesmo cargo de Provedor-mor da Fazenda (L.º 38 de D. Sebastião fls. 155 v).

O Regimento dado a Antonio Cardoso como Provedor-mor da Fazenda, passado em Almeirim a 17 de Dezembro de 1548, cujo original guarda a Bibliotheca Publica de Evora, está publicado na Rev. do Ins. Hist. e Geog. Brasileiro, pag. 172, vol. 18.º

«A 21 de Junho do dito anno (1549) passou o provedor-mor o traslado de um foral de sua capitania que tem nestas partes, porque manda a Rodrigo de Argolo Provedor nesta Capitania da Cidade de S. Salvador para por em arrecadação todos os direitos e pensoens que pertençam ao Capitão para El Rey Nosso Senhor, e bem assim tudo o que pertence ao dito senhor por bem de dito Foral e que se registrassem no «Livro do Registro dos Foraes de Alfandega», assim se lê no L.º 1.º de Provisões Reaes da Bahia a fls. 380 v.

Esse documento, publicado por Capistrano de Abreu, o egregio Mestre, numa de suas annotações á Historia de Varnhagen, faz-me suspeitar que Antonio Cardoso em 1549 alienou os seus direitos a bem da coroa, lh'os transferiu, e que a doação reverteu ao governo por desistencia do donatario, venda ou outro qualquer motivo, inferindo eu isso da phrase «para por em arrecadação para El-Rey Nosso Senhor todolos direitos e pensoens que pertençam ao Capitão» (isto é, o dono da Capitania, Antonio Cardoso).

Para não corroborar minha suspeita ha o silencio da tradição oral e escripta a respeito, mas tambem nenhum documento attesta que herdeiros de A. Cardoso gosassem da doação, pleiteassem por acaso sua posse, effectivassem-na; quasi todos os chronistas quando se

referem ás terras, que cairam dentro dos limites da doação, falam como se nunca houveram sido doadas.

Antonio Cardoso não teria sido o unico a assim fazer; por aquelles tempos mesmo e de terras situadas no Norte houve desistencias por parte dos Donatarios «Obteve (Luiz de Mello da Silva) a graça dellas (terras) como titulo de Capitania, que já se achava vaga por desistir da sua Povoação o seu primeiro Donatario João de Barros depois do naufragio de Aires da Cunha», diz Berredo nos seus «Annaes Historicos».

Vinha assim Antonio Cardoso collaborar com Thomé de Souza escolhido governador geral do Brasil com residencia na Bahia «para d'ahi se dar favor e ajuda ás outras povoações e se ministrar justiça e prover nas cousas que cumprem a meu serviço, e aos negocios da minha fazenda e ao bem das partes», como reza a C. R de 7 de Janeiro de 1549. Eram seus companheiros na administração, com o posto de Capitão-mor da costa Pero de Goes, a quem tambem não sorrira a fortuna na donataria de Campos, e no governo e direcção das almas um grupo de jesuitas sob a chefia do celebre P.e Manoel da Nobrega.

A' partida da frota, por signal que demorada, o que movia receios de futuros contratempos, se refere Fernando Alvares de Andrade em carta de 24 de Janeiro de 1549 a El-Rei.

Chegada a armada a Bahia a 28 de Março e desembarcado da nau Salvador, fez elle os estabelecimentos e tomou as disposições e as medidas, que seu cargo requeria. Seguindo em Junho para Pernambuco, onde entrou em attrictos com Duarte Coelho e Jeronimo de Albuquerque, esteve occupado com assumptos de minas de ouro.

Terminados os tres annos de governo com o accrescimo de mais um anno e meio com que o rei o brindou, a contra gosto, é certo, do beneficiado, Thomé de Souza deixou o Brasil entregando a administração a D. Duarte da Costa, nomeado em Março de 1553. Falleceu 26 annos depois (28 de Janeiro de

1579), deixando do seu casamento com D.ª Catharina da Costa, filha do Senhor de Pancas, uma filha de nome Helena, que casou com Diogo Lopes de Lima, Senhor de Castro Daire, e falleceu sem descendencia.

O governo de Duarte da Costa foi perturbado por graves desavenças e luctas com as principaes auctoridades, entre os quaes o 1.º bispo D. Pero Fernandes, sexagenario, de costumes austeros, censor dos vicios e moral derrancada de grande numero de moradores, o filho do governador inclusive. Ao lado dos opposicionistas formou tambem Antonio Cardoso, cujos ordenados elle suspendera e a quem substituira na provedoria pelo Dr. Pedro Borges, o Ouvidor de então (15 de Nov.º de 1554).

Cançado e profundamente ferido por successivos actos de desrespeito e opposição, Pero Fernandes abandonou a Bahia embarcando-se para Portugal na nau N.ª S.ª da Ajuda. Iam em sua companhia o Provedor-mor, varios sacerdotes, muitos dos principaes moradores e delegados da Camara, munidos de documentos para representar contra o governador.

Sorte miserrima, porem, aguardava os viajantes, o navio naufragou nos baixos chamados de Dom Rodrigo quasi á foz do rio Coruripe e um pouco mais alem foram os naufragos trucidados e devorados pelos selvagens Caetés (16 de Junho de 1556), como se lê em Gabriel Soares, P. 1.ª Cap. 18 e Frei Vicente do Salvador, Liv. 3.º Cap. 3.º

Si Antonio Cardoso não emprehendeu a colonisação das terras doadas, tambem não o fizeram os outros quinhoados com terras hoje cearenses. O esquecimento da metropole ficou a envolver esta parte da colonia até o anno de 1603.

Reunidos a 21 de Janeiro de 1603 nas pousadas de Diogo Botelho, então Governador Geral do Brasil, a convite seu, Manoel Mascarenhas Homem, capitão-mór da Capitania de Pernambuco, Feliciano Coelho de Carvalho, ex capitão-mór da de Parahyba, o Des.or Gaspar de Figueiredo, o sargento-mór do Estado Dio-

go de Campos Moreno e o capitão João Barboza, propoz-lhes o governador que se fizesse uma jornada ao Maranhão e que por terra se mandasse encarregado d'ella Pero Coelho de Souza, *homem nobre e fidalgo, casado, soldado velho que se achara em muitas jornadas extranjeiras*, que para isso se tinha offerecido sem despeza alguma do governo. Com a proposta concordaram as pessôas presentes com excepção de Manoel Mascarenhas. Pero Coelho era natural dos Açores e morador na Parahyba.

Obtida a patente de capitão-mór, e munido do respectivo regimento, com a data de 21 de Janeiro, em que positivamente se o encarregava de descobrir por terra o porto de Jaguaribe, tolher o commercio dos extrangeiros, descobrir minas e offerecer pazes ao gentio, mandou Pero Coelho três barcos com mantimentos, polvora e munições para o rio Jaguaribe, e partiu-se da Parahyba por terra com sessenta e cinco soldados, entre os quaes como lingua-mór Manoel de Miranda, Martim Soares Moreno, então com cerca de 17 annos, Simão Nunes Corrêa, João Cide, João Vaz Tataperica e o lingua Cangatan.

Acompanharam-no tambem duzentos indios frecheiros, cujos principaes eram Mandiocapuba, Batatan, Caragatin e Caraquinguira.

Com a gente de mar ia o francês Tuimirim, muito conhecedor da costa e tambem bom lingua.

Caminhando por jornadas, chegaram os expedicionarios ao rio Jaguaribe já ahi encontrando os barcos de mantimentos, e proseguiram em direcção a Camocim. Nestes trabalhos e fadigas foi gasto o segundo semestre de 1603.

A 19 de Janeiro de 1604 Pero Coelho partiu para a serra de Ibiapaba, sendo preciso sustentar lucta com os indios do Diabo Grande e Mel Redondo, aos quaes auxiliavam francêses de que era chefe Mambille, e mulatos e creoulos da Bahia. Destroçados os indios, celebradas as pazes, ao intentar Pero Coelho a marcha para o Maranhão revoltaram-se os soldados, o que o

forçou a retirar-se ao Ceará, onde deixou Simão Nunes com quarenta e cinco soldados, e regressou á Parahyba a buscar a familia.

Nova Luzitania chamou elle a terra de que se apossara e *Nova Lisbôa* a povoação, que fundou. Esta demorava á margem direita do rio Ceará.

O nome lhe foi dado do de outro Ceará no Rio Grande do Norte, donde tinham vindo os Potyguaras, companheiros de Pero Coelho.

Em 1605 Pero Coelho regressou com a mulher, D.ª Thomazia, e os filhos á povoação do Ceará e por não haverem chegado os soccorros promettidos pelo Governador Geral, mas desencaminhados por João Soromenho, retirou-se para o rio Jaguaribe. De seu lado desanimados de todo, Simão Nunes e seus soldados fugiram para o Rio Grande abandonando o capitão-mór.

Este tenta, então, volver á casa. A travessia da caravana de que faziam parte os cinco filhos do capitão-mór, dos quaes o primogenito com dezoito annos, todos a morrerem de fome e de sêde, é um verdadeiro poema de dores. Depois de perderem varios companheiros, entre os quaes o filho mais velho do capitão-mór, chegaram os expedicionários esqueleticos, loucos de fome, sendo acolhidos pelo vigario do Rio Grande. Eis a Secca a fustigar o Ceará desde seus primordios.

Do Rio Grande seguiu Pero Coelho para a Parahyba e de lá para Madrid e Lisbôa, onde morreu depois de passar longos annos a requerer, inutilmente, a paga dos seus serviços.

Dois annos depois os Jesuitas Francisco Pinto e Luiz Figueira, de ordem do Provincial Fernão Cardim, embarcaram-se no Recife para a cathechese dos indios do Ceará e do Maranhão, em um barco, que ia carregar no Jaguaribe. Foi isso a 20 de Janeiro de 1607, dia de S. Sebastião.

Acompanharam-n'os cerca de sessenta indios, potyguaras, tabajaras e tupinambás.

Antes d'essa missão o padre Francisco Pinto estivera já por duas vezes entre os indios do Jaguaribe,

sendo que numa d'ellas completara com elles as pazes propostas em 1597 por Manoel Mascarenhas e os padres Diogo Nunes e Gaspar de Sam Peres.

Ardendo em zelo pela conversão dos indios da Ibiapaba, realizada a qual teriam de proseguir para o Maranhão, ali se detiveram até 17 de Outubro quando deixaram a serra. A doze leguas da aldeia do Diabo Grande estacaram por condescender com a vontade dos indios de Mandiaré, que queriam descançar e desfazer uma roça de milho. D'ahi a poucas leguas dominavam os Tocarijús, indios de má fama, aos quaes já por duas vezes tinham sido mandados recados e presentes, mas sem resultado.

Ainda uma tentativa foi experimentada e partiu para elles terceiro recado. Os Tocarijus receberam os presentes, mataram os emissarios, queimando-os ainda vivos, como era de seu barbaro costume, excepto um rapaz, que pouparam para lhes servir de guia do caminho até as pousadas dos padres.

A demora dos emissarios, a desconfiança de seus assassinios traziam a todos em sobresalto. Logo as suspeitas se transformaram em crudelissima certeza ao ouvirem de um escravo fugitivo que se combinavam por propostas dos Tocarijus todas as tabas dos tapuyas e que em breve tempo accommetteriam os christãos.

A idéa de seguirem para o Maranhão foi então de todo abandonada e trataram de se encaminhar para a costa afim de poupar a tantas victimas destinadas ao sacrificio, e da extrema resolução tomada mandaram avisos ao Provincial e ao Governador.

Era tarde. Mal sahia o indio com as cartas em direcção ao mar e os selvagens a irromperem e a accommetterem de todos os lados. Era pela manhã do dia 11 de Janeiro de 1608.

O P.e Pinto, todo brandura e caridade, sahiu a contel-os e a apaziguar-lhes a sanha. E os indios christãos a implorar que poupassem o Padre que era um santo. Nada detinha o impeto dos barbaros. Choviam as flexas. Na lucta cahiram prostrados dois dos de-

fensores do P.e, e este logo após com o craneo despedaçado por golpes redobrados. Um tomou-o por um braço, outro pelo outro braço e, assim em forma de cruz, terceiro lhe esmigalhou a cabeça. Tal era a furia carniceira que se lhe quebraram as maxillas e os olhos saltaram-lhe das orbitas. Grandes ladrões que eram, despiram-lhe a roupeta e conduziram-na comsigo.

Como coincidencia deixo consignado que tres mezes antes um cometa de larga cauda apparecera sobre a Ibiapaba durando por dias, phenomeno que atemorisou os indios, os quaes na sua ignorancia diziam que o ceu se queimava e ia cair sobre elles.

O P. Figueira deveu a vida á circumstancia de se achar um pouco affastado e ao aviso que lhe transmittiu um menino da comitiva gritando: Padre, foge que te querem matar. O que elle executou presto.

Saciada a sede de sangue, retiraram-se os Tocarijus entre alaridos e gritos descompassados, depois de haverem roubado todos os trastes, o altar portatil, os ornamentos, ferramenta e tudo o mais que ficou ao alcance de sua torpe cobiça. Arrebataram tambem dois meninos e duas mocinhas.

Alguns daquelles objectos, como rede, a casula, a estola o frontal e os breviarios, elles deixaram no caminho por amedrontados com os dizeres de uma das moças captivas.

Livre dos inimigos e acompanhado de alguns dos seus indios, que todos espavoridos se tinham embrenhado pelas selvas, correu o P.e Figueira ao logar do sacrificio e entre lagrimas limpou o cadaver do seu caro mestre e companheiro todo coberto de sangue e terra, e mettendo-o numa rede, transportou-o para o sopé da serra e sepultou-o dentro do matto no logar Ubajara, collocando de cada lado da sepultura um dos Indios, que haviam succumbido.

Um desses heroicos defensores do P.e chamava-se Antonio Caraibpocu; do nome do outro, infelizmente, não reza a tradição.

Aliás o P.e R. Galanti na sua Hist. do Brasil, que é optima e, pois, muito para se consultar, e o Desembargador Paulino Nogueira no seu interessantissimo estudo sob a epigraphe *O Padre Francisco Pinto ou a Primeira Catecheze de Indios no Ceará*, 1887, dão como mortos 5 indios, dos quaes um se chamava Pedro e era potiguar, outro Antonio, tupinambá, e o terceiro, tobajara, tinha o appellido de Iguassu-mirim. O P.e Luiz Figueira, porem, so se refere a dois e teve sua razão para fazel-o como testemunha, triste testemunha, do crime nefando. Sua versão, por conseguinte, é a que se deve acceitar, sem que duvida faça.

Como o cedro desarraigado pelo tufão, assim cahiu o grande missionario aos golpes daquelles mesmos a quem fôra levar o Evangelho da boa nova e dar a beber na taça da regeneração physica e moral. Tinha 56 annos de edade e 39 de Companhia, quasi todos empregados na conversão dos pobres Brazis, que foram sua constante preoccupação.

Elesban de Guilherny (Menologe de la Compagnie de Jesus) o dá como filiado á Companhia aos 15 annos e trucidado aos 55.

Foram as ultimas palavras do athleta de Christo: Veni, Domine, veni, veni. Vinde, Senhor, vinde, vinde. Phrase bemdita. Palavras a quadrar perfeitamente nos labios daquelle para quem a palma do martyrio era um goso, a dita por excellencia.

Realizara-se uma prophecia do grande Anchieta a respeito de Francisco Pinto.

Certo dia, no anno de 1582, estava elle na enfermaria do Collegio da Bahia, prostrado por enfermidade reputada mortal, quando o veneravel Anchieta, indo fazer-lhe as despedidas por ter de partir para Pernambuco, annunciou-lhe que grandes e penosos trabalhos ainda lhe restavam nesta vida, que tomasse as roupas, erguesse-se do leito, e fosse dar graças a Deus, e o P.e Pinto assim o fez e vio-se sarado de todo.

Esse facto vem citado em todos os chronistas da Ordem. Um delles o narra por esta forma:

«Foi tambem pasmosa a saúde que alcançou (o P.e Anchieta) ao Santo Martyr Frãcisco Pinto, e a profecia, com que predisse seus muitos trabalhos. Este padre estava tanto nas ultimas, que tinha o enfermeiro preparado o necessario para ser ungido. Entretanto o Padre Provincial ao visitar, lhe deu hum abraço, e disse : *Vossa Reverencia queria ir ao Ceo a mãos lavadas ? Pois nam ha de ser assim :* Longa tibi restat via ; *tem muito que passar primeiro, nam ha de morrer morte folgada, antes della ha de padecer muitos trabalhos, fazer a Deus muitos serviços, salvar muitas almas : levante-se Vossa Reverencia, va ao coro dar as graças ao Santissimo Sacramento, que elle he servido conceder-lhe a saude* ; e ao enfermeiro disse : *Irmão, dai-lhe seu vestido, e nam torne o Padre mais á enfermaria*».

E' do Vol. 2.º, Pag. 274 da Imagem da virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra pelo P.e Antonio Franco.

Muitos e pesados trabalhos teve realmente que supportar o heroico Amanayara antes de succumbir aos golpes dos ferozes Tapuyas da Serra !

Cumprira-se o vaticinio e infelizmente para o Brasil !

O P.e Vieira descreve o assalto dos Tocarijus como tendo sido na occasião em que Francisco Pinto estava ao pé do altar para celebrar o santo sacrificio da missa. *E estando*, diz elle, *ao pé do altar, sem lhe poderem valer os poucos indios christãos, que o assistião com frechas e partazanas que uzavão de paos mui agudos e pezados lhe deram trez feridas mortaes pelos peitos e pela cabeça, e no mesmo altar, onde estava para offerecer a Deus o sacrificio do corpo e sangue de seu Filho, offereceu e consagrou o de seu proprio corpo e sangue, começando aquella acção sacerdotal e consummando-a o sacrificio.* O facto, porem, succedeu quando o P.e estava entregue ás suas orações. Rezava as horas menores.

O pau de jucá com que o trucidaram levou-o Fi-

gueira para o Collegio da Bahia, mas perdeu-se com muitas outras preciosas reliquias por occasião de tomarem os Hollandêses a cidade.

A morte do P.e Pinto vem descripta por Claudio de Abbeville no capitulo de sua obra sob o titulo *Historia de uma certa personagem descendente do ceo*.

E' uma lastimavel confusão dos successos occorridos na expedição de Pero Coelho e na subsequente dos dois Padres jesuitas.

Berredo (102, liv. 2.º) qualifica as informações do singelo religioso francês como fabula da barbaridade dos tapuyas ou como fructo da malicia dos Francêses de Montbille.

Não se precisa ser arguto para descobrir os crassos erros do P.e Claudio, tendo-se em vista que Jeropary é o mesmo Diabo Grande, alliado dos Francêses, adversario de Pero Coelho, e dedicado aos jesuitas.

Que Claudio d'Abbeville escrevesse aquillo, explica-se em parte; era um capuchinho e Francês; mas o que causa estranheza é que Varnhagen, que tantas chronicas compulsou, désse credito de boa mente á narração mendaz do capuchinho para consignar na sua Historia do Brasil que o P.e Pinto falleceu deixando-o cahir os indios da rede em que o levavam em um tujugal e não lhe acudiram quando frechado no pescoço foi acabado de matar com uma pua de taquara.

E Varnhagen accrescenta que ha engano em attribuir essa morte como succedida no mez de Janeiro de 1608!

Divulgada a noticia da catastrophe, o Diabo Grande fez celebrar exequias com grandes prantos e ajuntando-se com os mais indios na casa da aldeia, que habitaram os Padres e ao pé da cruz erguida no terreiro ahi repetiram suas scenas de dó e sentimento, tingindo-se e tisnando-se e deixando crescer o cabello alguns delles.

Quatro annos depois, pelo muito amor e grande conceito em que o tinham, determinaram os indios do Jaguaribe ir á Serra buscar os ossos do seu Amanayara.

Mais os decidiu a isso grande secca, que então laborava. Chegados ao logar que lhes indicara Figueira, cavaram a sepultura, exhumaram os ossos e vieram collocal-os com a precisa reverencia na Egreja de sua aldeia.

Tamanha era a estima em que tinham aquelle precioso deposito que nem o Padre Figueira poude transportal-os para Pernambuco nem o chefe Camarão para suas terras do Rio Grande.

Tentou havel-os, mas de balde tambem, em 1614, o P.e Manoel Gomes e por suspeitarem que o Vigario Balthazar Correa os levava comsigo para Pernambuco sahiram-lhe ao encalço e o deixaram proseguir na viagem somente depois de bem verificado que nada levava do que pertencera ao Amanayara. Esse interessante episodio vem relatado por miudo em carta de Manoel Gomes por mim encontrada na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Pois si os indios graças áquellas reliquias alcançavam de Deus a chuva ou o sol, segundo a necessidade que tinham as suas sementeiras!

Qual o logar para onde os indios do Jaguaribe trouxeram os ossos de Francisco Pinto?

Candido Mendes opina por Cruz das Almas, depois por Paupina (Mecejana), finalmente por Parangaba (Arronches); Araripe por Paupina; Paulino Nogueira por Parangaba. Penso que foi a aldeia existente mesmo nas visinhanças do fortim portuguêz junto ao rio Ceará, até porque taes aldeias de Paupina e Parangaba não existiam ainda.

A opinião de Cruz das Almas não tem por si argumento algum nem o testemunho de um só auctor.

Para a preferencia dada a Paupina estribou-se Araripe no dizer o Padre Manoel Gomes, companheiro de Jeronymo de Albuquerque na expedição de 1614, que desembarcara no porto do Ceará e, ajoelhando, encommendara-se ao bem aventurado Padre Pinto *que estava enterrado a 3 legoas de distancia dalli.* Realmente Manoel Gomes diz isto em uma sua carta que

vem publicada á pag. 78 da Historia de José de Moraes e o repete em outra de 2 de Julho de 1621.

Mas aquellas 3 legoas porque não serão contadas do porto de Mocuripe ?

A expedição de Mathias Beck, da qual me occuparei mais adeante ao tratar dos Hollandêses no Ceará, condusindo ao todo 298 pessoas, ancorou na bahia de Mucuriba, sitio mais proximo e capaz para ancoradouro ; foi em Mucuripe que a expedição de Caldeira Castello Branco lançou ferro ; o Regimento dado por Gaspar de Sousa a Jeronymo de Albuquerque vedou a entrada da armada sob seu commando no porto do Ceará por difficultoso e arriscado ; é para crer, portanto, que a armada em que vinha Manoel Gomes, *grossa armada* como elle a chama, descansara em sua rota, e por um dia, na bahia de Mocuripe. Ora de Mocuripe á aldeia dos indios junto ao forte faziam as 3 legoas segundo, bem entendido, os calculos de então, como se vê da Jornada do Maranhão, do Diario de Beck e dos Roteiros e Regimentos de Pilotos.

E' preciso ter em consideração que os dois jesuitas não estiveram no Rio Ceará na ida para Ibiapaba e tão sómente o P.e Figueira na sua volta quando então fundou a aldeia de S. Lourenço, e que, portanto, os aldeiamentos em Caucaia, Parangaba e Paupina não são do tempo delles.

Entre os indios se assignalou Camarão pela muita veneração á memoria do Padre Pinto. Elles se conheciam do tempo das missões e da catechese nas aldeias do Rio Grande.

Sabendo esse chefe Potiguar que os do Jaguaribe tinham em seu poder os ossos do Padre, partiu a visital-os acompanhado de muitos dos seus. Chegado ao logar onde estavam os ossos, abraçou-os e beijou-os com grandes mostras de veneração, ordenou o *çapiran* ou *sapirão*, que é um pranto geral, por espaço de tres dias, fez construir uma egreja maior e mais decente para onde transportou os ossos, que foram condusidos em procissão num caixão coberto de um pan-

no azul, e ordenou que todas as manhãs os indios aldeiados fossem dar ao morto o *Teandecoema* ou bons dias.

Acabadas as cerimonias suggeridas por sentimentos de uma piedosa amisade, voltou com os seus ao Rio Grande depois de muitas demonstrações de agradecimentos aos do Jaguaribe por terem ido buscar á Serra aquelles restos preciosos e os tratarem com tamanho respeito.

E com esse procedimento do grande Potiguar mais se afervoraram os indios de Jaguaribe em seu amor aos ossos do Padre, e tanto que diante delles celebravam os casamentos ou ratificavam os celebrados sem parocho.

Alguns auctores se enganaram suppondo que o Camarão foi quem transportou os ossos da Serra ; não ha tal ; já de lá tinham sido trazidos quando elle foi tributar-lhes os respeitos e as homenagens, que já referi.

Sobre a vida e a morte de Francisco Pinto tirou o Vigario do Rio Grande um summario de testemunhas, assim indios como Portuguêses.

Triste e acabrunhado tomou o P.e Figueira a direcção do mar e não para a Serra de novo, como pensa José de Moraes, e foi abrigar-se á protecção de Cobra Azul depois de uma caminhada de 17 dias. Aguardava alli que chegassem os tabajaras da Ibiapaba como lhe haviam promettido. Era o Cobra Azul grande feiticeiro, arrogante e sem vislumbres de sentimentos bons. Mais de uma vez esteve a contrariar e hostilizar o hospede. Muito outro era o filho delle, optimo rapaz, o qual com varios indios de sua aldeia veio acompanhando o P.e em sua atribulada viagem até o Ceará.

A recepção, que lhes fizeram na aldeia junto ao rio Ceará, foi bem festiva : caminhos feitos; musicas ; uma bonita casinha de pindoba. Ahi o Padre Figueira reuniu a todos que andavam dispersos, forneceu-lhes algumas ferramentas que haviam escapado aos tapuyas,

traçou-lhes as casas, levantou uma formosa cruz de cedro, e como o levantamento da cruz cahiu em dia de S. Lourenço deu á aldeia assim formada o nome desse santo.

Da aldeia do Ceará ou S. Lourenço, onde um dos principaes era Lagartixa Espalmada e por signal que muito resingueiro e atrevido, sahiu o Padre a 19 de Agosto de 1608, e estando aposentado a legoa e meia de distancia recebeu um escripto do Padre Gaspar de São Peres dizendo que o aguardava em um barco de Jeronymo de Albuquerque, que elle havia fretado á sua custa para conduzil-o ao Rio Grande. Por causa dos ventos deteve-se ahi o barco 17 dias, mas fez-se á vela afinal dia de N.ª S.ª do Nascimento indo a seu bordo os Padres e os indios da Ibiapaba, por não contel-os a todos. Os indios do Jaguaribe seguiram a pé. Uns e outros eram ao todo 160.

Chegados ao Rio Grande foram cordialmente acolhidos por Jeronymo de Albuquerque, tenente Antonio Ferreira e os Padres Domingos Monteiro e Diogo Nunes.

Diz a Jornada do Maranhão, e com ella Berredo, ter sido Diogo de Campos quem facilitou a vinda do Padre Figueira, por fornecer a Gaspar de São Peres o barco, que o foi buscar. Diogo de Campos em todas as paginas do seu livro revela-se habil em fazer falarem os factos de modo a elle occupar o 1.º plano em desproveito de Jeronymo de Albuquerque. A verdade, porém, é inilludivel; não a elle, é certo, e o confessa o proprio Padre Figueira, mas ao Padre Gaspar de São Peres em primeiro logar, e ao capitão-mór do Rio Grande se deveu o acto de caridade que tanto captivou a alma do esforçado missionario e o conservou para futuras façanhas num apostolado fertil de assignalados successos, e cujo epilogo se representou sobre as taboas desconjuntadas de um navio em naufragio e entre as dansas macabras dos antropophagos Aruans.

Estava findo o longo e movimentado drama da

Ibiapaba para que se apparelhara a Companhia de Jesus na pessoa de dois dos seus membros mais valentes e caridosos.

Rica e prompta era aquella região em presentear com desventuras a quem ousava enfrentar-lhe os mysterios e prescrutar-lhe os enigmas. Pero Coelho mal poude chegar ao Rio Grande, donde se partiu para a Parahyba e de lá para Madrid e Lisbôa onde falleceu pobre e esquecido; Francisco Pinto recebeu morte affrontosa em paga de seus serviços de sublime heroicidade; Luiz Figueira tornou a Pernambuco, succumbido e alquebrado, á vida afanosa de missionario e protector dos indios até que a tragedia de 1 de Julho de 1643 o arrebatou para sempre.

Longos annos se passarão antes que sobre aquella Serra raie de novo o sol da civilisação; só cerca de 50 annos decorridos a Companhia de Jesus ainda uma vez irá convidar as tabas dos tabajaras ao banquete da religião e á vida da sociedade. Será a epocha dos trabalhos dos Pedrosa e dos Antonio Ribeiro, será a occasião dos assignalados serviços desse grande philantropo, politico e mestre da lingua que se chamou Antonio Vieira.

Forças activas, providenciaes hão de apressar a marcha evolutiva dos seus pobres moradores, mas ellas vão dormitar por algum tempo; mais tarde á voz potente de outros obreiros tomarão seu curso e se realisarão as obras, que lhes reservava a mysteriosa officina do progresso sob as vistas imprescrutaveis do Soberano dos mundos.

A 20 de Janeiro de 1612 chega ao Ceará Martim Soares Moreno trazendo em sua companhia seis homens e um clerigo e constroe um fortim e uma igreja os quaes tomaram a invocação de S. Sebastião. Havia sido, como se viu, um dos companheiros de Pero Coelho em 1603, e actualmente era tenente do Rio Grande. Frequentava ha annos com proveito os indios do Ja-

guaribe e visinhanças, commerciando com elles e fazendo tratos e amisades. Um dos chefes, Jacaúna, o tratava por filho.

Com a chegada e estabelecimento de Martim Soares ficou garantida a situação dos Portuguêzes no Ceará. Elle era homem talhado para tal commettimento; em nenhum outro recairia melhor a escolha de Diogo de Menezes. Alem de lhe assegurar facilidades o ascendente, que havia adquirido sobre os indios do Jaguaribe e visinhanças pela amisade que lhes mostrava, perfeito conhecimento da lingua e protecção que merecia ao principal Jacaúna, crescera em conceito e confiança ajudando-os contra corsarios francêses, que aportaram ao Jaguaribe e lá encontraram o desbarato e a morte.

Esse feito dos indios auxiliados por Martim Soares aconteceu em 1611 e, pois, é anterior tambem á sua ida á Bahia com o filho de Jacaúna a *fazer peditorios*, e á volta *já negoceado de todas as cousas necessarias*. Vê-se isso da *Relação do Seará* por elle cripta e da correspondencia official de Diogo de Menezes para o Reino a 1 de Março de 1612.

Naquella data o governador geral ignorava ainda os resultados da missão de que encarregara Martim Soares, mas já a 12 de Dezembro escrevia-lhe dizendo ter tido aviso de que Gaspar de Sousa, que ia suceder-lhe, trazia ordens d'El-Rei para emprehender a conquista do Maranhão de accordo com seus pareceres; dizia tambem na mesma occasião approvar que Martim Soares tivesse dado á nascente povoação o nome do santo do dia em que chegara (S. Sebastião) «em quanto a el nombre de la poblazion' que me dezis pusiste del dia que tomastes tierra me pareze muy bien y esc se le puéde quedar».

O portador dessa carta foi o sargento Almeida, a quem Diogo de Menezes fez voltar de outra feita confiando-lhe mosquetes e polvora e autorizando-o a receber em Pernambuco os soldos da guarnição do Ceará, inclusive os de Martim Soares e do padre vigario.

No mappa hollandês de Mathias Beck (28 de Abril de 1649) figura ainda o *velho forte S. Bastião.*

Assenhoreados os Francêses do Maranhão, partiu do Recife a 1.° de Junho de 1613 uma armada sob o mando de Jeronymo de Albuquerque, destinada a desalojal-os.

Chefiaram a expedição Francêsa, que se apossara do Maranhão em 1612, Daniel de la Touche, senhor de La Ravardière e Francisco de Razilly. Essa expedição, em que vinha um grupo de frades capuchinhos, entre os quaes Yves d'Evreux e Claude d'Abbeville, esteve na enseada de Mocuripe, Jericoacoara e Camocim.

Em 1614 um caravelão de Francêses sob o mando de Du Prat e com destino ao Maranhão tentou render os fortins do Ceará e Jericoacoara, mas foi repellido com grave perda, salientando-se na defesa do 1.° o padre Balthazar João Correia e do 2.° Manoel de Sousa d'Eça.

A' armada de Jeronymo d'Albuquerque foi se reunir em Camocim Martim Soares, ficando em seu logar no commando do presidio do Ceará Estevam de Campos. De Camocim destacou-o Jeronymo de Albuquerque afim de reconhecer a ilha do Maranhão e obter noticias dos Francêses. Acompanharam-no 26 soldados e alguns indios. Depois de 18 dias de investigações e trabalhos, sentindo-se descoberto e perseguido pelos inimigos, Martim Soares tratou de regressar, mas foi forçado pelos ventos e correntesas a arribar á ilha da Trindade, depois á Cumana e afinal a S. Domingos, cujo governador Dom Diogo Gomez de Sandoval fêl-o transportar em Dezembro para a Europa, pagando-se ao mestre do navio, que o conduziu, a quantia de 213 ducados.

De volta da Europa, fez em 1615 parte da expedição de Alexandre de Moura, que logo no começo do anno seguinte nomeou-o capitão das terras do Cumá; grave doença, porem, impediu-o de continuar no posto e embarcou-se num barco velho e mal apparelhado e mais uma vez foi dar á ilha de S. Domingos batido

por forte tempestade. Em S. Domingos o governador, o mesmo Gomez de Sandoval, nomeou-o cabo dos navios, que saiam para a Europa, mas outro temporal separou-o do grosso da armada e foi elle aprisionado após renhido combate pelo pirata Henry, de Havre de Grace. Depois de dez mezes de rigorosa prisão, da qual logrou sahir por esforços do embaixador de Espanha em França, o Duque de Montelion, entrou em Portugal.

Em 1619 Martim Soares, por tantos serviços e lances de vida, obteve mercê da capitania do Ceará por 10 annos (Carta Patente de 26 de Maio) com o ordenado de 400 cruzados. Dois annos depois, por Carta Regia de 13 de Junho, as capitanias do Ceará, Maranhão e Pará foram separadas do Estado do Brasil para constituirem o Estado do Maranhão, do qual em 1623 foi nomeado capitão general e governador Francisco Coelho de Carvalho, que tomou posse em começo de Agosto de 1626. A elle se deve a reedificação do forte do Ceará.

O novo Estado, que se installou a 3 de Novembro de 1624, estendia-se do rio Oyapoc ou de Vicente Pinson até o cabo de São Roque onde principiava o Estado do Brasil; mais tarde no governo de D. João V o limite sul ficou sendo a Ibiapaba. A inclusão do Ceará entre as capitanias do governo de Francisco Coelho de Carvalho teve o protesto de Martim Soares Moreno. Justificava-o elle, e até com a propria experiencia, pelas difficuldades maiores da navegação do Maranhão para o Ceará *por respeito das aguas e ventos correrem sempre em contrario*, e pelas difficuldades das viagens por terra devido aos terrenos a atravessar e á opposição dos selvagens inimigos em numero *infinito*. Por Patente Regia de 25 de Fevereiro de 1652 foi extincto o Estado do Maranhão, passando as capitanias do Maranhão e Pará a ser administradas por capitães-mores, mas foi de novo restaurado a 25 de Agosto de 1654.

Apezar de nomeado em 1619, somente a 23 de

Setembro de 1621 aportou Martim Soares ao Ceará, sendo muito bem recebido pelos indios.

Trouxe para a nova capitania cavallos, vaccas, canna de assucar, varias sementes. Veio acompanhado «de muitos parentes e outros povoadores casados para povoarem a terra», diz Severim de Faria.

Substituiu-o em 1631 no governo seu sobrinho Domingos da Veiga, nomeado por Carta Regia de 19 de Julho de 1630 e chegado ao Ceará a 6 de Janeiro de 1631.

Martim Soares foi pôr seu valor e experiencia ao serviço da patria contra os Hollandêses, senhores de Pernambuco, chegando ao Arraial do Bom Jesus com seus soldados e indios em principios de Junho de 1631.

Andava accesa a lucta entre os soldados dos Felippes e os habitantes das Provincias Unidas não mais no solo Europeu, regado por torrentes de sangue generoso, mas nas longinquas regiões coloniaes.

Expirara a tregoa de doze annos, que o patriotismo Batavo extorquira á pertinacia Hespanhola e na qual tão pouco consultados haviam sido os interesses Portuguêses.

Os Vandales e os Duchs cresciam em numero e suas informações, mixto de odios e de sêde de fortuna, apoiavam e estimulavam os planos dos Usselincx e outros pregoeiros de hostilidades contra a rica colonia de Portugal na America.

D'ahi o plano da creação dessa celebre Companhia Occidental que, como a experiencia promettia, tentava encher de oiro os cofres dos interessados e estender no novo mundo a influencia politica e commercial dos vassallos de Guilherme o Taciturno, como o fizera uma outra nas regiões do Oriente.

Surtira effeito o plano delineado, e a 3 de Janeiro de 1631, a nova Companhia viu garantidos por uma patente em devida forma seus sonhos de monopolio commercial por 24 annos na America e na Africa.

Não faltaram-lhe os precisos capitaes. Succederam-se

as expedições. Os Willekens, os Heyns, os Loncqs, os Janssen Paters assignalaram sua passagem pela Bahia, Pernambuco e outras tantas paragens pelos pingues carregamentos que apresavam, pelas perdas irreparaveis, que davam ao commercio Português no Brazil rara vez entremeiados de ligeiros insuccessos.

Eis o que ao autor das *Memorias Diarias da guerra do Brazil* mereceu a ida do fundador do Ceará para Pernambuco:

«Nos principios de Junho chegou ao Real, com soccorro do Ceará, o capitão Martim Soares Moreno, do habito de Santiago (depois mestre de campo) que foi o primeiro que por el-rei esteve naquella fraca praça, e por sua ordem vinha agora servir na guerra de Pernambuco, trazendo alguns indios e poucos soldados.

Ceará é uma mui pequena povoação (e a primeira onde começa o governo do Maranhão) com um reducto, com duas peças de ferro, mais para conter na obediencia os indios, dos quaes ha muitos ali, do que para outro effeito; porque só para isto se conservava aquelle posto sem importancia a outro qualquer respeito, por não ter porto estando junto ao mar, e nem a terra ser de proveito algum. Fica em 3 e 1/3 da linha para o sul, entre o Maranhão e o Rio Grande.

A guarnição que Martim Soares tinha era de 40 soldados, dos quaes a maior parte ficou com seu sobrinho Domingos da Veiga Cabral, a cujo cárgo ficava aquelle posto, conforme a ordem de el-rei de que o mesmo sobrinho foi portador. Não só era o tio homem de valor, mas de grande utilidade, por ser optimo interprete dos indios; e por isso o general o approveitou sempre nos dois predicados.

Logo que chegou, aggregando-se-lhe mais alguma gente, tomou o porto que chamam de Nossa Senhora da Victoria, ao pé do rio Capibaribe, pela parte que divide a ilha de Santo Antonio, e em frente de dous dos quatro reductos que nella havia levantado o inimigo».

A 29 de Agosto do dito anno (1631), Martim Soares correspondia com um bello feito de armas á con-

fiança nelle depositada pelo chefe Mathias de Albuquerque. Eis como o descreve o já citado autor das *Memorias Diarias*.

«Em 29 foi o capitão Martim Soares encarregado de com a gente de seu quartel, e particularmente com os Indios que trouxe do Ceará, acommetter um dos quatro reductos, que o inimigo havia feito na ilha de Santo Antonio. Passou Martim Soares, e investiu um com tanta bizarria que entrando-o degolou 12 e trouxe prisioneiro o sargento, que o guardava com mais 40 homens; os outros o desampararão aterrorisados de ver os indios, cujo aspecto nos primeiros annos lhes era terrivel ; e estes do Ceará, por menos domesticados e trataveis, mais servião para este effeito que para outro qualquer».

D'ahi em diante a sorte de Martim Soares condul-o a assistir aos factos mais ou menos notaveis dessa bellissima epopea da historia Brasileira em que todas as raças se irmanaram, incendidas pelo patriotismo, obra santa da libertação do solo calcado pelo estrangeiro. Foi elle quem dirigiu o ataque de 1 de Março de 1634 contra a praça do Recife, foi elle o organizador da defesa no Cunhaú, e em Mossurepe, foi elle o companheiro de André Vidal nessa expedição, que a mandado do governador Antonio Telles vinha emprehender *para obrigurem os sublevados de Pernambuco e os seus auxiliares a depor as armas* como a hypocrisia dictava nas cartas escriptas aos membros do Conselho Hollandês, e as necessidades do tracto com um inimigo cupido e traiçoeiro estavam a aconselhar, foi elle o encarregado de investir a fortaleza do Pontal, e mais tarde de conduzir a Bahia alguns troços dos soldados nos quaes havia penetrado a indisciplina e era para receiar alguma deserção

Já então os achaques e a velhice punham peias ao ardor do valente lidador. Era preciso o repouso para uma vida tão trabalhada e tão cheia de incidentes e de transes.

Em 1648, no posto de Mestre de Campo, trocou o

peso e as agruras de vida militar pelo descanso na sua terra da Europa, quando se lhe deu por substituto Nicolau Aranha Pacheco. Militou, portanto, no Brasil durante 46 annos. Seu companheiro Vidal de Negreiros, ficou a bater-se com os Hollandêses, mas este era Brasileiro.

Por insinuações e instancias do gentio, do qual se utilizavam para tremendas vinganças, sobretudo em Pernambuco e Rio Grande, salientando-se nisto os Janduis, intentaram os Hollandêses alargar os seus dominios avançando para o Ceará, onde esperavam lucrar demasiado com o ambar gris e o sal aqui existentes em grande quantidade; e neste sentido sahiram de Recife a 14 de Outubro de 1637 o major Jorge Gartsman e o capitão Hendrick Huss com 126 homens. Realizavam-se assim as promessas de Mauricio de Nassau á Assembléa dos XIX, feitas havia dois mêzes. A 25 e a 26 de Outubro dão-se a chegada de Gartsman, o assalto do forte de São Sebastião, então sob o commando de Bartholomeu de Brito, a tomada do forte e o aprisionamento da pequena guarnição. Entre os naturaes, que auxiliaram os assaltantes, figuram os chefes Algodão e Koygava.

Assume o commando do forte o tenente Hendrick Van Ham, mais tarde substituido por Gedion Morris de Jonge, já com largo conhecimento do Pará e Maranhão, o qual para esse fim sahiu de Pernambuco a 23 de Novembro de 1640, e em cuja administração foram descobertas as salinas dos rios Ivipanin ou Upanema, Meyritupe ou Marituba e Vararoeury e junto de Commeni (Camocim). Na ultima trabalhou Jacob Cryniz. O descobridor da salina de Meyritupe foi Albert Smient, autor de um Relatorio sobre as salinas situadas na costa noroeste do Brasil.

Gartsman deixando o Ceará seguiu por terra com destino ao Rio Grande do Norte e levou em sua companhia 34 soldados, 50 indios e 18 prisioneiros, que pertenciam ao forte ou Castello de S. Sebastião, e no mesmo dia, 11 de Novembro de 1637, voltou a Per-

nambuco por mar seu companheiro de victoria, Hendrick Huss.

Gartsman ainda prestou serviços ao Brasil Hollandês, pois vê-se de cartas escriptas pelo Conselho Superior aos directores da Companhia em Março de 1640 que fôra encarregado de vigiar as costas do Rio Grande e fôra batido e preso no Potengi pelas forças de Luiz Barbalho. Depois da derrota final e capitulação dos Hollandêses embarcou para Martinica, onde morreu decorrido pouco tempo. Pierre Moreau diz que provada a cumplicidade de Gartsman no assassinato de Jacob Raby, foi elle expulso do exercito (1647) e enviado para a Hollanda como um individuo deshonrado.

Não foi de importancia o dominio dos Hollandêses no Ceará; a crescente oppressão exercida por elles sobre os indios, e principalmente a falta de pagamento aos que trabalhavam nas salinas, provocaram uma revolta e consequente morticinio dos oppressores.

Aproveitado pelos indios ensejo opportuno, em Janeiro de 1644 foi assaltada a guarnição, parte da qual andava disseminada em diversos serviços, e trucidada juntamente com o commandante Gedion Morris e o mestre de equipagem Emor de Bont.

Ignorantes do que se passava em terra, os commandantes dos hiates Hasewint e Brack, de viagem do Maranhão para Pernambuco, demandaram o porto do Ceará afim de tomar agua e refrescos e desembarcaram com alguns de séus officiaes. Das treze pessoas vindas á terra, apenas três conseguiram voltar a bordo atirando-se ao mar. Os demais morreram ás mãos dos revoltados.

Não podendo resistir ás investidas de Antonio Teixeira, os Hollandêses tiveram tambem que abandonar o Maranhão deixando nas margens desertas de Camocim os tapuyas do Ceará, que tinham convidado e attrahido a si. Estes, offendidos da ingratidão e guiados por Ticuna, assaltaram os fortes Hollandêses do

Camocim e Jeriquaquara, matando-lhes as guarnições. Foi isso em Fevereiro de 1644.

Não estava, porém, terminado o dominio Hollandês no Ceará; pela segunda vez, em 1649, elles se assenhorearam da capitania, para o que sairam de Recife a 18 de Março 3 hyates e 2 barcos trazendo a seu bordo 298 pessoas.

E' desse tempo a fundação do forte de Shoonenborch sobre o monte Marajaitiba por Mathias Beck, o chefe da expedição, conhecido por suas explorações de mineração em que se empenhou illusoria e improficuamente até a rendição da praça do Recife e a queda do dominio Hollandês no Brasil.

O local de preferencia escolhido para a exploração da prata foi o monte Itarema (Taquara), nas immediações de Maranguape, onde, segundo a tradição, andara com igual fito Martim Soares Moreno, sendo os serviços executados sob as vistas dos profissionaes Carel Helbach e Hans Simplesel, um e outro de nacionalidade Allemã. Os Hollandêses fizeram trabalhos de mineração tambem em Upuapaba, para os lados de Camoci ou Cameresibi.

Chegada ao Ceará a noticia da capitulação de 27 de Janeiro de 1654, Mathias Beck retirou-se para a ilha de Barbados.

Era natural que a occupação da Capitania de Pernambuco e suas annexas désse causa ao povoamento, embora fraco, do interior do Ceará por fugitivos á intolerancia e á sanha do extrangeiro, que entrariam a praticar a lavoura e a estabelecer fazendas de gado; isso, todavia, não aconteceu, podendo-se affirmar que o povoamento do Ceará, que começou pelo litoral e suas immediações, extendeu-se ao interior só quando muito avançado o seculo 17, sendo preferidas as terras das margens dos rios e sempre com o protesto armado das tribus indigenas, por isso barbara e desapiedadamente tratadas. Sabe-se, por exemplo, que João de Mello de Gusmão, capitão-mor empossado a 14 de Dezembro de 1603 foi o primeiro povoador propriamente dito que

veio com a familia ao Ceará. Gente branca no Ceará era a infantaria do presidio ou algum missionario na sua faina do bem. Ao povoamento da Ribeira do Jaguaribe, empreza a que está intimamente ligado o nome de Theodosio de Gracisman (1683) seguiu-se a da Ribeira do Icó, iniciada já nos primeiros dias do seculo 18.

Coube a Alvaro de Azevedo Barreto, um dos heroes de Guararapes, continuar a serie dos governadores do Ceará interrompida pela occupação extrangeira. Nomeado a 4 de maio de 1654, foi empossado a 20 do dito mês. Sua nomeação por Francisco Barreto teve approvação regia a 23 de Novembro. Com elle vieram 4 companhias de soldados e mais 2 de indios e pretos, e como capellão das forças o P.e Pedro de Moraes, mui pratico na lingua dos indios. Em companhia de Alvaro Barreto esteve no Ceará perto de dois annos Valentim Tavares, Pernambucano, que se notabilisou contra os Hollandêses e annos depois obteve patente de capitão-mor do Rio Grande na vaga de 21 de Janeiro de 1662.

Em 1657 Alvaro de Azevedo Barreto voltou ao Reino. Era então Capitão da Companhia de Cavallos de couraças por nomeação de Francisco Barreto, datada de 22 de Março.

No citado anno de 1654 foi começada a construcção da ermida da Fortalêsa de N. ªS.ª da Assumpção.

De novo os filhos de St.º Ignacio de Loyola intentam a conquista pacifica dos indios cearenses, para o que sahiram do Maranhão a 26 de Junho de 1656 por ordem do celebre Antonio Vieira para a missão dos Tabajaras da Ibiapaba os padres Antonio Ribeiro e Pedro de Pedrosa. Este foi o Português que primeiro penetrou no sertão dos indios Tacanhapes, navegando o rio dos Juruinas na capitania do Pará, e quem abriu por terra caminho para a communicação entre Maranhão e Ceará.

Na serra de Ibiapaba esteve tambem em 1670 o

proprio Antonio Vieira, que de sua estada e impressões legou-nos admiravel e apreciada noticia.

Esses missionarios prestaram relevantes serviços na pregação do Evangelho e apaziguamento dos indios, entre os quaes Simão Tagoaibuna.

Pedro de Pedrosa, natural de Coimbrão, termo de Leiria, entrara para a Ordem de Jesus em 1632 e servira de missionario e como visitador da Missão do Maranhão desde 1656 até 1684; Antonio Ribeiro, que foi grande conhecedor da lingua dos indigenas, nasceu em S. Paulo, filiou-se á Ordem em 1637, foi algum tempo superior da Casa de Porto Seguro, e estava em 1684 na missão do Maranhão donde foi expellido com os companheiros.

Algumas dezenas de annos depois a ordem de Jesus se estabelecia no Ceará sobre os mais solidos fundamentos com a fundação do Hospicio da Ibiapaba, onde fulgiram as virtudes de Rogerio Canisio e de tantos outros sepultados vivos nas prisões do Estado quando da perseguição Pombalina, e com a do Hospicio de Aquiraz quatro annos mais tarde, devidos um e outro ao genio do insigne P.e João Guedes.

A erecção do Hospicio de Aquiraz teve inicio em 1725, e para esse fim vieram com o citado superior Manoel Baptista como operario, Felix Capelli como mestre de meninos e Manoel da Luz, encarregado dos serviços da casa. A' Egreja propriamente dita deu-se começo só em 1748, sendo a pedra fundamental collocada no mez de Julho, dia de S. Ignacio de Loyola. O P.e João Guedes não logrou a ventura de ver a Egreja que sonhara e para a qual tantas fadigas e esforços empregara, pois veio a fallecer a 11 de Fevereiro de 1743, sendo sepultado na portaria do Hospicio.

Garantiu a existencia da nova creação religiosa do Ceará a rainha D. Marianna d'Austria, que esteve no governo durante a enfermidade de D. João V, ordenando o pagamento de 60 escudos a cada religioso assistente no Hospicio. Foi isso em 1749. Era então

Superior o P.e Manoel Pinheiro e Provincial o P.e Simão Marques.

A situação creada pela occupação Hollandêsa para a qual se fazia necessaria a tomada urgente de severas medidas de remodelação e de governo, forçou a expedição de ordens para que o Ceará fosse suppridO por Pernambuco quanto aos soccorros de que carecesse, emquanto o Maranhão por falta de cabedaes não pudesse fornecel-os. Essa praxe foi continuada até 1799, apezar das representações em contrario de governadores do Maranhão. Assim o determinaram pareceres do Conselho Ultramarino e Actos Regios de Julho de 1656. Até mesmo de Pernambuco veio a nomeação de Antonio Fernandes Monxica para capitão-mór do Ceará (1659), em substituição a Domingos de Sá Barboza, o immediato successor de Alvaro de Azevedo.

Pode-se, portanto, datar de 1656 a separação do Ceará do Maranhão e sua passagem á jurisdicção de Pernambuco, comquanto não haja acto official determinando positivamente que assim se fizesse.

E' esta a relação dos capitães-mores e governadores do Ceará no seculo *XVII*: Martim Soares Moreno, o fundador (1612); Estevam de Campos (1613); Manoel de Britto Freire (1614); Domingos Lopes Lobo (1617); Martim Soares Moreno (1619); Domingos da Veiga, sobrinho de Martim Soares (1630); Antonio Barboza da Silva, que não assumiu (1635); Bartholomeu de Britto (1637); Francisco Pereira da Cunha (1641); André Roiz, em substituição (1643); Diogo Coelho de Albuquerque, neto de Jeronymo de Albuquerque e Cavalleiro de Christo por serviços prestados em Pernambuco, Maranhão e Ceará (1645); Alvaro de Azevedo Barreto (1654); Domingos de Sá Barbosa (1655); Antonio Fernandes Monxica (1659); João de Mello de Gusmão, o povoador propriamente dito que primeiro veio com a familia ao Ceará, onde havia apenas a infantaria do presidio (1660); Diogo Coelho de Albuquerque (1661); João de Mello de Gusmão, a cuja

posse a 14 de Dezembro assistiu seu antecessor (1663); João Tavares de Almeida, que se batera com galhardia na restauração da Bahia e Pernambuco (1660); Jorge Corrêa da Silva, em serviço do Paiz desde 1645 (1670); João Tavares de Almeida (1673); Bento Corrêa de Figueiredo (1674); Sebastião de Sá, natural de Olinda, um dos valentes dos Guararapes, o doador das sesmarias de terras disputadas injustamente ao Ceará pelo Rio Grande do Norte (1678); Bento de Macedo de Faria, que servira em guerras desde 1645 a 1664, sendo um heroe das batalhas dos Guararapes (1681); de novo Sebastião de Sá (1684); Thomaz Cabral de Olival, que servira na India e no Reino (1687); Pedro Lelou (1693), que teve de interromper o governo pelos disturbios, que appareceram e processos em que foi envolvido; Fernão Carrilho, o heroe da guerra dos Palmares, por nomeação de Pernambuco, em cujo governo, de 2 annos, foram vencidos os Payacús, Icós e Carateús e situados os Anassés e os Jaguaribaras (1694); João de Freitas da Cunha (1696); de novo Fernão Carrilho, de continuo occupado na reducção do gentio, que vivia pelo Jaguaribe e no Assú (1699); Jorge de Barros Leite, tenente general da gente miliciana assistente no sertão da Bahia, ex-capitão-mór de Sergipe (1699); Francisco Gil Ribeiro, por nomeação de Pernambuco (1699).

No capitulo II encontram-se resumidas biographias de todos esses capitães-mores.

No tempo de Francisco Gil Ribeiro acontecimento de superior importancia teve logar no Ceará: com o raiar do seculo *XVIII* iniciou-se para elle a vida do municipio.

Na administração dos negocios da capitania até então exercitada pelos capitães mores, de nomeação triennal, entrou agora a collaborar tambem o voto do povo.

Havendo sido ordenada por Carta Regia de 13 de Fevereiro de 1699 a fundação de uma villa na capitania, «na forma que se mandou praticar com muitas ter-

ras do sertão da Bahia», diz a C. R. a D. Fernando de Mascarenhas de Lancastre, reuniram-se os principaes moradores a 25 de Janeiro de 1700 no logar Igoape e procederam á eleição de juizes e vereadores, saindo por juizes ordinarios Manoel da Costa Barros e Christovam Soares de Carvalho, vereadores João da Costa de Aguiar, Antonio da Costa Peixoto e Antonio Dias Freire e procurador João de Paiva Aguiar, os quaes foram empossados a 16 de Julho.

Segundo determinação do governo de Pernambuco ficou sendo séde da villa novamente creada o local junto á Fortaleza de N.ª S.ª da Assumpção *debaixo das armas d'El-rei* com a denominação de Villa S. José de Ribamar. Por sobrevirem reclamações com referencia ao local da villa, transferiu-se sua séde para a barra do rio Ceará em 1701, e mais tarde em 1708 para junto da Fortaleza e segunda vez para a barra do rio Ceará.

A tantas e tão repetidas mudanças accresceu uma nova, mas agora para um terceiro logar: Aquiraz. Disso tratou Ordem Regia de 30 de Janeiro de 1711, a que se deu cumprimento a 27 de Junho de 1713. Estando ausente o capitão-mór de então, que era Francisco Duarte de Vasconcellos, presidiu o acto da transferencia o capitão da Fortaleza Antonio Vieira da Silva, que assumira o governo.

A mudança da séde teve a opposição do Vigario João de Mattos Forte e mais moradores.

Em virtude dos progressos e desenvolvimento da Fortaleza e por via das reclamações dos seus moradores foi julgada precisa a creação de uma nova villa, e então baixou a Ordem de 11 de Março de 1725 determinando que alem da villa existente em Aquiraz se creasse uma outra em Fortaleza. Esta, a de Fortaleza, teve inauguração a 13 de Abril de 1726, sendo eleitos juises ordinarios e vereadores da Camara Antonio Gomes Clemente de Azevedo, Jorge da Silva, Pedro Moraes e Sousa e João da Fonseca Machado.

E' esta a Acta da installação da nova Villa:

Manoel Francez, Capitão-mór da Capitania do Ceará Grande, a cujo cargo está o governo della, por S. Magestade que Deus Guarde etc., etc.

Por quanto S. Magestade que Deus Guarde me manda por sua real ordem que haja uma nova villa n'esta Fortaleza de N. Senhora d'Assumpção no Ceará Grande para augmento desta capitania e defensa da dita real ordem, fundo e creio esta villa em nome d'El-Rei Nosso Senhor, para que nomeio Vossas Mercês por juiz e mais officiaes do Senado da Camara, para que como bons e fieis vassallos administrem justiça aos moradores d'esta villa e cuidem em seu augmento e do bem commum, guardando em tudo as ordens e fiel vassalagem do dito Senhor, agradecendo-lhe a mercê de os honrar com esta mercê, como tambem em nome do dito Senhor lhe consigno por termo da dita villa por extrema—do riacho da Piracabura té a serra da Ibiapaba e todo o territorio da parte da fortaleza, ficando a outra maior parte para a villa do Aquiraz, para que se conserve e augmente conforme S. Magestade manda; e para que conste a todo tempo, esta se registre nos livros da secretaria e nos das camaras de ditas villas e se ponha nas partes mais publicas para que venha a noticia de todos:

Fortaleza de N. Senhora d'Assumpção, treze de Abril de mil e setecentos e vinte e seis annos.—O secretario Simão Gonçalves de Souza o escrevi. Manoel Francez.

No primeiro quartel do seculo *XVIII* realisou-se outro acontecimento de capital importancia para a vida administrativa e judiciaria do Ceará. Quero referir-me á creação da Ouvidoria.

Os negocios e interesses da justiça no Ceará eram decididos pelos Ouvidores de Pernambuco e Parahyba, o que despertava queixas e reclamações.

O Conselho de Ultramar havendo em 1720-21 representado a El-Rei a conveniencia de se crear Ouvidoria no Ceará, uma provisão em data de 7 de Ja-

neiro de 1723 resolveu que se creasse Ouvidoria, desannexando-a da Parahyba.

Outra Ordem Regia, ainda de 7 de janeiro, determinou que á Ouvidoria fosse addida uma Provedoria. Até então a Provedoria era a do Rio Grande do Norte.

O primeiro Ouvidor escolhido para o Ceará foi José Mendes Machado, cuja nomeação traz a data de 3 de Abril de 1723. Empossado em Setembro, andou em correição pela Ribeira do Acaracú e passou-se em fins de Maio de 1724 para a dos Icós e Cariris, onde se fez parcial dos Feitosas contra os Montes. As luctas entre estas duas familias ficaram celebres na historia da capitania. O espirito hostil e combativo do Ouvidor moveu o povo a um levante, que o obrigou a fugir para a Bahia.

Succedeu-lhe Antonio de Loureiro Medeiros, nomeado a 21 de Novembro de 1728 e empossado a 5 de Junho de 1729. E' d'elle a proposta a El-rei para a suppressão de uma das duas villas existentes na Capitania, e creação de villas nas Ribeiras do Jaguaribe, Icó e Acaracú.

Foi terceiro Ouvidor Pedro Cardoso de Novaes, que antes de findo o tempo de seu antecessor se apressou em vir para o Ceará a assumir o cargo, com o que não se conformou Loureiro, resultando d'ahi serias perturbações da ordem publica.

Havendo se retirado Loureiro na noite de 3 de Junho de 1732 para a Ribeira do Acaracú, conduzindo comsigo todos os cartorios dos escrivães e os livros da Camara, fazenda, defuntos e ausentes, no dia seguinte assumiu Novaes Pereira o exercicio pleno do cargo.

Provisão Regia de 31 de Março de 1735 nomeou o quarto Ouvidor do Ceará que foi Victorino Pinto da Costa Mendonça. Foi elle o installador da villa do Icó,

que teve por primeiro capitão-mor Bento da Silva e Oliveira, chamado o Mouro.

A Victorino Pinto substituiram Thomaz da Silva Pereira, nomeado por provisão de 1739 e Manoel José de Faria pela de 11 de Outubro de 1742. A villa de Sta. Cruz do Aracaty, creada pela resolução Regia de 11 de Abril de 1747, foi installada por Faria a 10 de Fevereiro de 1748, realizando-se a posse da primeira Camara a 3 de Março.

Foi setimo Ouvidor Alexandre de Proença Lemos, nomeado a 17 de Maio de 1747, que andou a investigar as minas de S. José dos Cariris em 1752-53.

Seguem-se como Ouvidores do Ceará em ordem de nomeação: Victorino Soares Barbosa (1755), que inaugurou a 14 d'Abril de 1764 a Real Villa de Montemor o Novo d'America; João da Costa Carneiro e Sá (1769), que erigiu a povoação de Caiçara em villa com a denominação de Villa Distincta e Real de Sobral; José da Costa Dias e Barros (1776), que com a retirada do governador Borges da Fonseca para Pernambuco, de conformidade com o disposto no Alvará de 12 de Dez.º de 1770, fez parte do governo interino ido de 3 de Novembro de 1781 a 9 de Maio seguinte, quando assumiu a administração Azevedo de Montaury; André Ferreira de Almeida Guimarães (1781), hostil a Montaury; Manoel de Magalhães Pinto e Avellar de Barbedo (1785), a quem coube installar a 13 de Junho de 1789 a villa de Campo Maior de Quixeramobim, até então pertencente a Aquiraz; José Victorino da Silveira, nomeado a 4 de Novembro de 1792 e empossado a 16 de Novembro de 1793; Manoel Leocadio Rademaker (1800), que installou a 6 de Agosto de 1801 a villa de São Bernardo das Russas e empossou a 17 de Julho do mesmo anno a Camara do Aracaty do terreno «que vem a ser todo aquelle que decorre desde a parte oriental do rio Jaguaribe até o Mossoró, extrema da capitania do Ceará»; removido da Parahiba para o Ceará por C. R. de 4 de Novembro de 1800, Gregorio José da Silva Coutinho, empossado em 1801, que fez

parte da Junta successora de Bernardo Manoel de Vasconcellos; Luiz Manoel de Moura Cabral (1802), de valiosos serviços no processo de Manoel Martins Chaves; Francisco Affonso Ferreira (1806), membro da Junta administradora da capitania por motivo da retirada de João Carlos Augusto de 'Oeynhausen; Manoel Antonio Galvão (1809), suspenso do cargo por arbitrariedades praticadas; e João Antonio Rodrigues de Carvalho (1814), que erigiu em villa a Povoação da Barra do Jardim a 3 de Janeiro de 1816, segundo Alvará expedido a 30 de Agosto de 1814.

Rodrigues de Carvalho, natural da Bahia e formado pela Universidade de Coimbra, foi o ultimo Ouvidor com jurisdicção sobre toda capitania, pois um Alvará de 27 de Junho de 1816 creou a nova comarca do Crato de que foi primeiro Ouvidor José Raymundo do Paço de Porbem Barbosa, empossado a 17 de Dezembro de 1817. Ficaram comprehendidas no districto da nova comarca as villas de S. João do Principe, Campo-Maior de Quixeramobim, Icó, Santo Antonio de Jardim e a povoação de S. Vicente Ferrer das Lavras da Mangabeira, então elevada á categoria de villa com a denominação de Villa de São Vicente das Lavras.

Esse João Antonio Rodrigues de Carvalho, chefe e mentor do movimento republicano de 17 no Ceará, foi o primeiro presidente da Provincia de Sta. Catharina por Carta Imperial de 25 de Novembro de 1823 e acabou como ministro do Supremo Tribunal de Justiça e senador pelo Ceará.

Nenhum dos nossos Ouvidores foi parar numa fortaleza por seus desmandos ou por arbitrariedades commettidas contra o povo, como succedeu a Manoel Monteiro, Ouvidor do Rio de Janeiro, e aliás alguns delles mereceram exemplar castigo a darmos credito ás representações daqui idas para o Reino; em compensação tambem nenhum logrou alcançar, como Sebastião Cardoso, a distincção de retrato, cousa que depois se tornou tão barata, mascarando-se vezes innumeras com

o nome de apreço e gratidão publica o sentir de meia duzia de subalternos ou de amigos do homenageado.

Da lista dos Governadores do Ceará no seculo XVIII, da qual foram os primeiros Gabriel da Silva do Lago (1704) contra quem se deu o levante de Garro da Camara, o Cap.ão Carlos Ferreira (1708), Francisco Duarte de Vasconcellos (1710), filho do Mestre de Campo André Duarte de Vasconcellos, que governou Angola, em cuja administração os Ouvidores da Parahyba começaram a fazer a correição do Ceará e Manoel da Fonseca Jayme (1713), que assumiu o governo só em 1715, o que deu logar a que exercessem-o os Commandantes da fortaleza Antonio Vieira da Silva e Placido de Azevedo Falcão, merecem incontestavelmente especial menção os da segunda metade do seculo, a saber : Quaresma Dourado, Homem de Magalhães, Borges da Fonseca, Azevedo de Montaury e Fêo e Torres.

Luis Quaresma Dourado, nomeado a 21 de Janeiro de 1751 em substituição a Pedro de Moraes Magalhães, teve o seu tempo preoccupado sobretudo com os descobrimentos e exploração das minas da Capitania, nomeadamente as de S. José dos Cariris, de valor tão apregoado por Jeronymo de Paz e negado pelo Ouvidor Proença Lemos.

João Balthazar de Quevedo Homem de Magalhães, successor de Francisco de Miranda Henriques, notabilisou-se por suas luctas e contendas com pessoas importantes da Capitania, entre as quaes o Ouvidor Soares Barbosa, mas nem as luctas que travou nem as rivalidades entre Fortaleza e Aquiraz constituem os factos capitaes de sua administração e sim a perseguição movida em seu tempo aos Jesuitas do Ceará, e a erecção em Villas das antigas Aldeas por elles administradas. O executor das ordens Pombalinas contra esses benemeritos da civilisação do Brasil foi Bernardo Coelho da Gama e Casco.

A primeira aldêa então elevada á categoria de villa foi a da Ibiapaba, que recebeu o titulo de Villa Vi-

çosa Real; seguiram-se-lhe as de Caucaya, Parangaba, Paupina com os titulos de Villa Nova de Soure, Villa Nova de Arronches e Villa Nova de Messejana.

As datas das respectivas erecções foram: para Viçosa o dia 7 de Julho, Soure o dia 15 de Outubro, Arronches o dia 25 de Outubro de 1759, Messejana o dia 1.º de Janeiro de 1760. A aldea do Payacú por não ter o numero de casaes exigidos pelo Directorio foi elevada a Lugar com a denominação de Montemór o Novo da America.

A 24 de Janeiro de 1765 a população da villa de N. S.ª da Assumpção de Fortalêsa era sobresaltada com a noticia da morte de Homem de Magalhães. A intriga e a bisbilhotice entraram a explorar o facto, aliás a morte fôra natural e não o fructo de um crime.

Para substituir o governador fallecido veio ao Ceará o pernambucano Ant.º José Victoriano Borges da Fonseca, empossado perante a Camara de Aquiraz a 25 de Abril de 1765. No seu tempo se deram a creação da freguezia de Almofala (1766), a elevação da aldea dos indios Jucás á villa com o nome de Arneiroz (1767), da povoação de Caiçara á villa com o nome de Villa Distincta e Real de Sobral (a 5 de Julho de 1773) e a de Curuahu á villa com o nome de Granja (1776), a installação (1778) da freguezia de N.ª S.ª da Penha de França na aldea do Miranda, hoje Crato, creada em Março de 1762, e a creação a 20 de Junho de 1780 do novo Curato da villa de Santa Cruz do Aracaty.

Borges da Fonseca, que é o autor da mui justamente celebre «Nobiliarchia Pernambucana», apesar das provas de confiança que lhe quiz dar o governo da Metropole, apezar do aviso de 3 de Junho de 1780 transferiu-se para o Recife em Novembro de 1781, havendo entregue a administração a um governo interino, composto do Ouvidor Dias e Barros, Commandante do forte de N.ª S.ª da Assumpção José Pereira da Costa e o vereador mais velho João de Andrade Faleiros. Esse governo interino protraiu-se até 9 de Maio de 1782, quando entrou a administrar João Baptista de

Azevedo Coutinho de Montaury, despachado por Patente Regia de 19 de Maio de 1781.

Foi em seu tempo que o Ouvidor Manoel Leocadio Rademaker deu á camara do Aracaty posse judicial, como pertencentes ao Ceará, das terras que vão até ao Pau Infincado, extrema com o Rio Grande do Norte. São conhecidas as divergencias havidas entre esse governador e os Ouvidores André Ferreira e Avellar de Barbedo e igualmente com o Escrivão da Fasenda Real de então, Francisco Bento Maria Targine, o futuro Visconde de S. Lourenço.

Avellar de Barbedo foi o installador da villa de Campo Maior de Quixeramobim aos 13 de Junho de 1789. Essa villa foi creada por proposta delle em carta de 10 de Janeiro e por approvação do Capitão-general Dom Thomaz José de Mello em carta de 20 de Fevereiro de 1789, tudo de accordo com a Ordem Regia de 22 de Julho de 1766.

Poucos Ouvidores conheceram como elle o Ceará; nas suas correições teve ensejos de fazer, segundo instrucções recebidas de Lisbôa, estudos de mineralogia e botanica, sobretudo na serra de Ibiapaba, onde encontrou enorme abundancia de metaes e plantas raras, que expedidas para o Reino foram confiadas ao estudo do Dr. Vandelli; chegou mesmo a escrever sobre aquella Serra uma memoria da qual, todavia, não se conhece o original nem copia. Nesse particular prestou relevantes serviços á Capitania mais de que Avellar de Barbedo o proprio Montaury.

Sobre o assumpto leia-se o capitulo *VII* do meu livro «Notas para a historia do Ceará».

Nomeado por Decreto de 26 de Novembro de 1788 e C. R. de 12 de Janeiro de 1789, aportava a 4 de Novembro á colonia Luis da Motta Feo e Torres e recebia a 9 o cargo das mãos do governo interino, que ficara a succeder a Azevedo de Montaury. Serviram-lhe de secretarios José de Faria e Diogo da Silveira Velloso.

Este teve o infortunio de governar em epocha de

grande desolação e miseria. Como em annos anteriores, como devia acontecer muitas vezes depois e a bem pouco infelizmente, a capitania extorcia-se sob o açoite de tremenda secca, *nunca vista*, diz o governador em sua informação de 10 de Outubro de 1792. E para accrescimo a tantos males sobreveio, tornando mais lutuosos aquelles annos, como irmã gemea da fome, a peste da variola, que devastou muitos pontos, Aracaty, por exemplo, onde foi enorme o desfalque das vidas. Outra enfermidade fez assignalada sua administração, as febres palustres, que em 1791 assaltaram os moradores da Ribeira do Acaracu e Villa de Sobral, e para cujo tratamento veio ao Ceará uma commissão medica, chefiada por João Lopes Cardoso Machado.

Luis da Motta Feo e Torres, que deixou a capitadia em 1799, ficando a dirigil-a uma junta composta do Ouvidor José Victorino da Silveira, sargento-mór José de Barros Rego e o vereador João Pedro Dantas Corrèa, foi o ultimo capitão-mór e governador do Ceará com dependencia de Pernambuco. A 28 de Agosto de 1796 o Principe Regente deu-lhe successor na pessoa do C.el Francisco Ignacio de Cid Mello e Castro, mas este não veio tomar posse.

Havendo partido de Recife para o Reino com a familia na charrua Santo Antonio Polyphemo, que fazia parte do comboio sob o commando de Manoel de Jesus Tavares, terrivel tempestade sobreveio a 7 de Março de 1800 na altura dos Açores, sossobrando a charrua a 12 e escapando Feo e Torres á mesma triste sorte de João Alves de Mello, ex-Ouvidor de Angola, e de tantos outros, graças ao soccorro prestado pelo navio Trajano, providencialmente apparecido no local do sinistro. Perdeu elle tudo quanto possuia e por esse motivo deu-lhe o Governo uma tença annual de 300$000. Já anteriormente, por occasião do terramoto de 1 de Novembro de 1755, o incendio devorara-lhe todas as propriedades, que tinha em Lisbôa.

Entre os naufragos figurou uma cearense, D.ª

Anna Xavier da Soledade, que fôra em companhia do governador e que falleceu a 24 de Junho de 1861 no convento de Santa Cruz, de Villa Viçosa, onde professara.

Cedendo ás suggestões dos que propunham e queriam a separação do Ceará da immediata subordinação a Pernambuco, dentre os quaes devem ser citados Borges da Fonsêca e Azevedo de Montaury, resolveu a metropole por Carta Regia de 17 de Janeiro de 1799 dar-lhe governo independente e para inicial-o escolheu o Chefe de esquadra Bernardo Manoel de Vasconcellos.

A Carta Regia, que separou o Ceará da subordinação a Pernambuco, é concebida nos seguintes termos :

«R.mo Bispo de Pernambuco, do Meu Conselho e «mais Governadores Interinos da Capitania de Per-«nambuco. Eu A Rainha vos envio m. saudar. Sen-«dome presentes os incovenientes que se seguem, tan-«to ao Meu Real Serviço, como ao bem dos povos «da inteira dependencia e subordinação em que os «Governadores das capitanias do Siará e da Parahyba «se achão do Governador e Capitão General da capi-«tania de Pernambuco, que pela distancia em que resi-«de não pode dar com a devida promptidão as provi-«dencias necessarias para a melhor economia interior «daquellas capitanias, principalmente depois que ellas «têm augmentado em população, cultura e commercio ; «Sou servida separar as ditas capitanias do Siará e Pa-«rahyba da subordinação imediata do Governo Geral «de Pernambuco em tudo o que diz respeito a proposta «de Officiaes Militares, nomeações interinas de officios «e outros actos do Governo, ficando porem os go-«vernadores das ditas duas capitanias obrigados a «executar as ordens dos Governadores de Pernambuco «no que fôr necessario para a defença interior e exte-«rior das tres capitanias e para a Policia interior das «mesmas : Igualmente determino que do Siará e da «Parahyba se possa fazer um commercio directo com

«o Reino, para o que se estabelecerão em tempo e lo-«gar conveniente as bases de Arrecadação, que forem «precisas e se darão as outras providencias, que a ex-«periencia mostrar para a communicação imediata e o «commercio das ditas duas capitanias com este Reino. O «que vos participo para que assim o fiqueis entenden-«do—Escrita no Palacio de Queluz a dezesete de Ja-«neiro de mil setecentos, noventa e nove. Principe. «Para o Bispo de Pernambuco e mais Governadores «Interinos da Mesma capitania. D. Antonio Pereira de «Lacerda e Castro».

Embarcando-se no comboy sob o commando de Paulo José da Silva Gama, Bernardo Manoel de Vasconcellos deixou Lisboa a 23 de Maio e a 25 de Setembro desembarcava no porto de Mocoripe, «mais adequado e seguro para as embarcações do que o de Pernambuco, apenas se construir sobre os paredões de hum molhe comessado pela natureza a cortina, que embarasse alguma ressaca do mar nas marés cheias durante a estação dos Ventos Nordestes pois que o Morro denominado de Mocoripe abriga a enceada dos ventos sues, que são os mais terriveis e os que reinam quasi sempre nesta Costa», escreveu elle em seu carnet de viagem.

A missão incumbida a Bernardo Manoel de Vasconcellos não era de pequena monta, cabendo-lhe organizar multiplos serviços, corollarios da Carta Regia de 17 de Janeiro. Para execução desses serviços teve o bom senso de cercar-se de pessoas, que possuiam o preparo preciso ou que por conhecerem os homens e os interesses da colonia estavam nas condições de melhor orientar-o, como foram Mariz Sarmento, Targine, Sylva Feijó, naturalista, que muito se occupou das cousas cearenses.

A mais importante creação foi incontestavelmente a da Junta da Real Fazenda, estabelecida a 24 de Ja-

neiro e installada a 1 de Outubro de 1799, para a qual foram nomeados Manoel Leocadio Redemaker, Francisco Bento Maria Targine e Joaquim Ignacio Lopes de Andrade como Juiz dos Feitos, Escrivão e Contador, respectivamente. A Provedoria do Ceará desappareceu com essa creação. A receita da Real Fazenda foi de 29:375$879 no 1.º anno (1800) e a despesa de 40:133$440.

Outros serviços ainda foram por elle levados a effeito, por exemplo o estabelecimento de casas para inspecção do algodão em Fortaleza, Aracaty e Itapagé (Acarahu), o assentamento de baterias no porto de Mocuripe, a creação do Corpo de Milicianos, a construcção de laboratorios chimicos em Fortaleza e na mina de Tajacioca e a reedificação das villas de indios (Arronches, Soure e Messejana).

Entre as suas propostas ao governo da metropole figura a da navegação directa entre Ceará e Lisboa. Uma outra merece registrar-se e a esta igualmente deu-lhe razão o futuro: tendo elle aventado a idéa de constituir-se o Ceará em Capitania General, figura entre os territorios, que segundo o seu plano deviam ser-lhe annexados, o *districto dos Caratius que he contra toda boa razão que seja do Piauhy.*

Em seu tempo a povoação de Santo Antonio do Ouvidor foi elevada á Villa de S. Bernardo do Governador (S. Bernardo das Russas), sendo installada a 6 de Agosto de 1801.

A esse governador, fallecido de diabetis a 8 de Novembro de 1802 depois de haver servido ao paiz, por mais de 52 annos a começar de soldado no Regimento do Conde Lippe até o elevado posto de Chefe de esquadra effectivo, seguiram-se um governo interino (Ouvidor Silva Coutinho, Capitão José Henriques Pereira e Antonio Martins Ribeiro, o vereador mais velho); João Carlos Augusto de Oeynhausen (de 13 de Novembro de 1803 a 14 de Fevereiro de 1807), descendente dos Tavoras pelo lado materno, o futuro Marquez de Aracaty e Senador pelo Ceará na orga-

nização do Senado Brasileiro; um novo Governo Interino (Ouvidor Francisco Affonso Ferreira, 1.º Tenente Francisco Xavier Torres e o Vigario José Pereira de Castro).

Nomeado por Dec. de 14 de Novembro de 1802, chegou João Carlos á Capitania a 11 de Novembro do anno seguinte e tomou posse a 13. Sahira de Lisboa a 7 de Agosto, e após uma viagem de 59 dias aportara a Recife, onde estacionou um mês a espera de embarcação. De Recife a Mocoripe levou 5 dias.

A' sua energia e a seu tacto deveu-se a prisão em S. Pedro de Ibiapina do celebre potentado Manoel Martins Chaves, Coronel do Regimento de Cavallaria de Villa Nova d'El-Rei, que foi morrer nas prisões do Limoeiro, Lisboa, a 27 de Março de 1808.

No seu tempo foi introduzido no Ceará o emprego da vaccina.

Do Ceará foi para o governo de Matto Grosso, de que tomou posse a 18 de Novembro de 1807, e nelle se conservou por 11 annos, 1 mês e 21 dias. Foi tambem Capitão-General de S. Paulo de 1819 a 1821, sendo deposto a 23 de Junho desse ultimo anno com a creação do Governo Provisorio, que, aliás, o acclamou presidente. Tomou parte na Bernarda de Francisco Ignacio.

Accompanhou ao 1.º Imperador depois do Sete de Abril, o que motivou a perda da curul senatorial. Falleceu victimado por febres a 28 de Maio de 1838 em Moçambique, para onde fôra despachado Governador e Capitão-General por C. R. de 22 de Dezembro de 1836. Uma resolução das Côrtes em 1836 permittira que elle readquirisse a nacionalidade Portuguêsa.

O 3.º governador independente, Luiz Barba Alardo de Menezes, Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro de Christo e Tenente do Regimento de Cavallaria de Castello Branco, tomou posse da administração a 21 de Junho de 1808. Foi incontestavelmente um dos governadores a quem mais deveu o Ceará. Mereceram-lhe particular attenção os interesses do commercio, que agora iam

avultar com a abertura dos Portos Brasileiros ás nações extrangeiras facultada pela Carta Regia de 28 de Janeiro de 1808, que tanto recommenda o patriotismo e a habilidade de Silva Lisboa. Nesse sentido auxiliaram-o poderosamente varios negociantes dinheirosos, como Antonio José Moreira Gomes, a quem muito deveu o desenvolvimento do plantio do algodão no Ceará, e Lourenço da Costa Dourado, de quem foi socio Domingos José Martins, natural do Espirito Santo, mais tarde figura próeminente da revolução de 1817 em Pernambuco.

Outro titulo a recommendar o governo de Barba Alardo foi o patrocinio, que deu aos trabalhos de ceramica; por seu incentivo e com seu favor chegou-se a fabricar aqui em 1809 louça vidrada, reputada igual á da Bahia.

Por ordens suas o Capitão de Fragata Francisco Antonio Marques Giraldes fez sondagens e observações no porto de Fortaleza. No seu tempo procedeu-se ao 1.º lançamento da decima urbana em Fortaleza (22 de Dezembro de 1808), sendo avaliados 159 predios, que produziram de decima 236$599, e fez-se o recenseamento da Capitania, que apurou a existencia de 125.878 habitantes.

A 31 de Maio de 1811 recebeu Barba Alardo communicação official de haver sido por Carta Regia de 25 de Abril transferido para o governo de Matto Grosso, mas doente teve de ir adiando a partida para o seu novo posto e teve assim de fazer pessoalmente entrega da administração do Ceará ao successor, Manoel Ignacio de Sampaio.

Chegado ao Rio de Janeiro em Outubro de 1812, ahi ficou por ter sido nomeado Conselheiro da Fazenda, deixando assim de ir para Matto Grosso. Na Côrte não esqueceu o Ceará, antes fel-o mais conhecido já confeccionando uma Carta Topographica da Capitania, por elle offerecida ao Principe Regente e mandada reproduzir pelo Conde das Galveas, já es-

crevendo uma interessante Memoria sobre sua historia, limites, população, accidentes geographicos etc

Manoel Ignacio de Sampaio, que lhe succedeu, foi o administrador mais intelligente e energico que contou a Colonia. Nomeado por Patente Regia de 7 de Maio de 1811, assumiu o governo a 19 de Março do anno seguinte. Transferido para Goyaz, entregou a 12 de Janeiro de 1820 o governo do Ceará a uma Junta composta do Juiz de Fora e Ouvidor Adriano José Leal, vereador Joaquim Lopes de Abreu e o militar Francisco Xavier Torres, Junta que governou até a chegada de Francisco Alberto Rubim.

Por seus serviços em Ceará e Goyaz teve a mercê de um lugar ordinario de Conselheiro de Capa e Espada no Conselho Ultramarino.

Ao governador Sampaio e ao architecto Silva Paulet, seu mais intelligente e esforçado auxiliar, devem-se a reconstrucção da fortaleza de N.ª S.ª d'Assumpção, o augmento do antigo edificio da Thesouraria de Fazenda, a construcção do mercado publico e de outros edificios, a abertura e alinhamento de varias ruas de Fortaleza sob o plano, que a faz tão apreciada, e em sua administração começou a funccionar a Repartição do Correio, foram estabelecidas alfandegas provisorias em Aracaty, Sobral e Granja, e installou-se a alfandega de Fortaleza, creada por Alvará de 24 de Junho de 1810.

Por Alvará de 27 de Junho de 1816 foi creada a nova Comarca do Crato, comprehendendo no seu districto as villas de Icó, S. João do Principe, Campo Maior de Quixeramobim, Santo Antonio do Jardim e S. Vicente das Lavras, da qual foi 1.° Ouvidor José Raymundo do Paço de Porbem Barbosa, empossado a 17 de Dezembro de 1817. Ordenou o mesmo Alvará que a villa de Fortaleza passasse a ser cabeça da Comarca do Ceará em vez de Aquiraz, fossem annexadas ao Juizado de Fora de Fortaleza as villas de Aquiraz, Arronches, Messejana e Soure, ficando supprimidos nellas os logares de Juizes Ordinarios, se creassem logares de

juizes de Fora, Civil, Crime e Orphãos em Aracaty e Sobral, ficando annexa a aquelle a villa de S. Bernardo e a Sobral as Villas de Granja, Viçosa e Villa Nova d'El-Rei, finalmente que fosse erigida em villa a povoação de S. Vicente Ferrer das Lavras de Mangabeira.

Homem culto, introduziu Sampaio em Fortaleza o uso dos Outeiros e saraus literarios e fez-se crear da pleiade dos que em Fortaleza cultivavam a poesia e a oratoria. Foram seus amigos e collaboradores, salientando-se nos certamens literarios, os poetas José Pacheco Spinosa, P.e Lino José Gonçalves de Oliveira, Manoel Correia Leal, Pedro José da Costa Barros, Pe. Antonio Castro e Silva.

O acontecimento, todavia, que poz mais em relevo o governo de Sampaio foi o fracasso do movimento republicano de 1817, que se extendendo de Pernambuco tentou attrahir a si o Ceará. Preparou os animos para esse movimento o proprio Ouvidor de então, o bahiano João Antonio Rodrigues de Carvalho, e de Pernambuco veio pregal-o e fazel-o explodir o diacono José Martiniano de Alencar, que para isso se transportou ao Crato, séde da sua familia e onde sua influencia manifestava-se incontestavel. A vigilancia e energia de Sampaio, porem, refrearam o movimento e impediram que elle se generalisasse. Aliás a prisão a 30 de Março de 1817 do Ouvidor Carvalho, que foi remettido para Lisbôa, não arrefeceu o ardor dos conjurados, que tendo a frente Alencar, Tristão Gonçalves, seu irmão, e Ignacio Tavares Gondim, a 3 de Maio sublevaram a villa do Crato e proclamaram a Republica. Não estava, todavia, com aquella agitação a alma do povo, o movimento era obra tão somente de uma familia, a Alencar, por isso e sobretudo por faltar-lhe o apoio de José Pereira Filgueiras, o mais prestigioso chefe politico da Capitania, teve de ruir por terra o movimento oito dias depois de iniciado, sendo presos os chefes. Sampaio não sacrificou victimas, a victoria do poder constituido não se manchou no Ceará com o san-

gue dos adversarios, bello exemplo, que Pernambuço não adoptou.

Os irmãos Alencares foram remettidos a 12 para Icó e do Icó para Fortaleza. Vinham algemados. Acompanhou-os uma escolta, que do Icó para cá era commandada pelo Capitão Manoel da Cunha Freire Pedrosa. Chegados a Fortaleza, recebeu-os o estreito calabouço do quartel de 1.ª linha, situado entre a fortaleza e a cadeia do crime. O Vigario P.e Miguel Carlos e D.ª Barbara, que se haviam retirado para um sitio nos arrabaldes do Crato, d'ahi passaram-se occultamente para suas fazendas no termo do Rio do Peixe, onde os houveram á mão a 13 de Junho tropas idas de Icó. D.ª Barbara e seus filhos nunca estiveram em masmorra subterranea no interior da fortaleza, como quer perpetuar uma placa ali collocada. E' isso um invento do amor ao mysterioso e da sympathia, que gera nas almas o valor infeliz.

Em carta de 20 de Abril dizia Sampaio ao Conde da Barca que emquanto fosse vivo as Quinas Portuguêsas haviam de sempre flamular sobre a costa do Ceará; Sampaio manteve a palavra, cumpriu o promettido: jamais as auras Cearenses beijaram o pavilhão branco e azul da Republica.

Os Reus de Inconfidencia, em numero de 25, seguiram por mar para Pernambuco sob a vigilancia de José Firmino da Silva, e os respectivos processos foram levados por Antonio Ignacio de Torres Bandeira, que fez delles entrega ao Presidente da Alçada a 27 de Julho de 1818.

Transferidos de Recife para Bahia em cujas prisões, onde já desde 16 de Abril jaziam o Ouvidor Carvalho e Alves Pontes e desde 27 de Agosto Mathias José Pacheco, deram entrada a 9 de Outubro de 1818. José Martiniano e seus companheiros tiveram a ventura de encontrar os animos menos excitados e menos sedentos de vingança, e, como irrompesse a desharmonia entre Luiz do Rego e o Presidente da Alçada Bernardo Teixeira, veio do Rio de Janeiro ordem para se

concluir de prompto a Devassa e para se entregar á Relação da Bahia os presos não innocentes, em cujo numero foram incluidos.

A Relação da Bahia tendo julgado nulla a monstruosa Devassa em Agosto de 1821, raiou para os pobres martyres o sol da liberdade.

Muitos mezes não eram decorridos, e os acontecimentos davam razão aos sonhadores de uma patria livre, unida e prospera, e sinão todos, porque o despotismo ferreo a alguns fez eternamente mudos no fundo dos carceres, na bocca dos fusis ou ás mãos do carrasco ignobil, a mor parte delles saudava com o sol do 7 de Setembro na planicie do Ypiranga a aurora de uma nova existencia para a terra Brasileira.

D.ª Barbara, incluida no perdão de 6 de Fevereiro de 1818 por Aviso de 2 de Outubro de 1820, fôra solta por mandado de 17 de Novembro, como tambem foram postos em liberdade o P.e Carlos José e Leonel Pereira de Alencar por Aviso Regio de 2 de Dezembro de 1820, mandado executar a 17 por officio do Conde de Palma ao Dez.or Bernardo Teixeira.

A dois dos implicados não aproveitou mais o perdão, Geraldo Henriques de Mira e José Francisco da Silva, de appellido o Petisco; libertara-os a morte, a este na cadeia da Bahia a 5 de Novembro de 1817 e a aquelle na prisão de Fortaleza a 22 do mesmo mês e anno.

Os estudiosos da historia patria comprazem-se em denominar a Revolução Pernambucana um acontecimento imprevisto; inesperado rompimento dil-a o Chefe de Divisão Rodrigo José Ferreira Lobo na sua Proclamação de 25 de Abril. Não qualificarei assim um movimento politico e social que vinha ha annos preoccupando os espiritos, que trazia de ha muito interessados os homens de maior illustração e influencia na Capitania; chamal-o-ei antes extemporaneo, precoce, antecipado, ainda não de todo amadurecido. Mas o qualificativo de imprevisto, de inesperado assenta bem e com toda razão no movimento de que o Cariri

foi theatro. Só o ardor juvenil de Alencar poderia machinal-o e suppor que se lhe reservava o triumpho quando todos os elementos se accordavam em negar-lhe uma efficaz collaboração.

Em Recife havia a ferver o odio entre os militares Europeus e Brasileiros, odio que afinal explodiu devido ás perfidas medidas tomadas contra os nacionaes e ás apostrophes insolentes e insultuosas usadas por altas patentes da tropa contra officiaes cheios de patriotismo e punidonor, havia *academias* onde se discutiam e ensinavam as doutrinas dos Encyclopedistas e clubs e conventiculos onde se tramava contra o Rei, havia cerebros possantes e almas dispostas a todo sacrificio, e tudo isso faltava nos Cariry's, terra de habitantes ingenuos, sem instrucção, sem aspirações politicas, sem consciencia do seu valor proprio, região onde havia absoluta carencia do mais rudimentar elemento para a effectivação de actos de tamanha responsabilidade, onde a alma do povo nem de leve vibrava á idéa de ser necessaria e util a mudança do regimen, onde não se comprehendia o que fosse soberania popular. Soberania popular nos Cariry's nos começos do seculo dezenove ! Numa palavra o movimento de 17 no Ceará foi obra de uma familia, não interessou as diversas classes sociaes, não foi producto da opinião publica.

Dahi seu rapido destroço dadas as circumstancias em que foi elaborado, dahi o nenhum apoio, que encontrou dentro e fora da Capitania.

Movimento operado em taes condições, sem previo preparo, sem programma, sem causa economica para explical-o, sem tropas cuja dedicação estivesse garantida e sem chefes na altura da situação teria de fracassar fatalmente, succumbir em curto praso de tempo ; planta sem raizes, não podia vingar.

Ha, entretanto, no movimento Cratense uma circumstancia digna de registro, uma face muito para ser applaudida e admirada : a Revolução se fez e se con-

cluiu no Ceará por modo incruento, muito differentemente, portanto, do que occorreu em Pernambuco, onde ella se iniciou sobre os cadaveres do Brigadeiro Manoel Joaquim e do Ajudante Alexandre Thomaz e teve a noite do seu triste occaso banhada em ondas de sangue, derramado em combates e refregas e mais tarde pela mão do verdugo.

Isso honra e glorifica os revolucionarios cearenses como tambem a Sampaio, pintado, aliás, e injustamente como sanguinario em todos os escriptos dos seus antagonistas.

O governador do Ceará não foi o tyranno descripto na «Proclamação aos Cearenses, Povo Brioso».

Explicam-se trechos e conceitos desse documento tão somente pelo odio, que acato e comprehendo, despertado contra o unico dos governadores que oppoz barreira intransponivel ás novas idéas ; mas força é reconhecer que occupando um logar de confiança do Rei, e seu papel sendo zelar por todos os meios pelo deposito de que estava encarregado e intacto entregal-o, não teve Sampaio as mãos manchadas de sangue ; elle nunca ordenou nem propoz a creação de commissões militares ; si não revelou-se frouxo e inepto como Caetano Pinto, que, apesar da denuncia formal feita a 1 de Março por Cruz Ferreira e Manoel de Carvalho Medeiros, alcunha de bebedeiras e rapasiadas as demonstrações mais claras e seguras da revolução em movimento, encurrala-se, timido, no recinto de uma fortaleza, capitula e foge, não foi tambem um Conde dos Arcos, que manda espingardear homens como si fossem lobos e faz fuzilar o infeliz emissario P.e Roma com requintes de malvadez para angariar o favor do Rei, suspeitoso de sua fidelidade, e a quem mais tarde por suas traças chegou até a amedrontar.

Isto é o que nos ensina a verdade dos factos, em que pese aos sentimentaes.

Sampaio, filiado ao liberaes, tomou parte nas luctas de D Pedro e D. Miguel e acabou feito 1.º Visconde de Lançada, titulo que passou a um dos filhos.

Tem a data de 23 de Dezembro de 1819 a Carta Patente nomeando Francisco Alberto Rubim. Serviu-lhe de secretario Feliciano José da Silva Carapinima, uma das victimas do movimento de 1824.

Sua posse teve logar a 13 de Julho de 1820, e logo em Abril de 1821 começaram as inquietações suscitadas pelo momento politico em que se encontravam a metropole e a colonia.

No dia 14 desse mês a tropa de linha, tendo á frente o commandante Jeronymo Delgado Esteves, occupou pela madrugada com um parque de artilharia a praça do palacio e fez exigencias a Rubim. O governador cedeu ás exigencias. Mais tarde cercêa-lhe as attribuições a creação de um Conselho Consultivo, medida que, entretanto, foi mal recebida do povo. Desenrolam-se em Crato e Icó serios acontecimentos de ordem publica deante dos quaes Rubim se sente timorato e impotente, e antes do fim do anno é elle deposto e installado um Governo Provisorio sob a presidencia de Francisco Xavier Torres (3 de Novembro).

Cerrou-se com Rubim a serie dos Governadores.

Havendo um Decreto de 29 de Setembro estabelecido nas Capitanias Juntas Governativas, para isso a 15 de Janeiro de 1822 procedeu-se em Fortaleza á respectiva eleição, ficando eleitos Porbem Barbosa, José de Castro Silva, Francisco Gonçalves Ferreira de Magalhães, Mariano Gomes e José de Agrella Jardim.

Contra essa Junta por sua vez rebellou-se a 16 de Outubro o Collegio Eleitoral reunido na Casa do Conselho do Icó, e foi organizado novo governo francamente nacional, falando e tudo resolvendo em nome de S. M. o Principe Regente e Defensor Perpetuo do Brasil. Obrigados pelas forças, que do Icó vieram sobre Fortaleza, demittiram-se Porbem Barbosa e os companheiros. Desse movimento, que era o triumpho dos nacionalistas sobre o poderoso elemento europeu, foram alma José Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves, o agitador de 17, os mesmos que no anno seguinte tomaram a si a tarefa da Independencia do Piauhy e

Maranhão. Só a 17 de Novembro chegou á Fortaleza a noticia da acclamação de D. Pedro como Imperador.

Serenados os animos, a 24 de Novembro foi jurada em Fortaleza a Independencia e a 29 de Dezembro sahiram das urnas os nomes dos que tinham de representar a Provincia nas Côrtes do Imperio e foram: Costa Barros, Alencar, Xavier Sobreira, Rodrigues de Carvalho, José Mariano, Pe. M. Ribeiro Bessa de Hollanda Cavalcanti e Pe. Antonio Manoel de Sousa.

Sciente dos acontecimentos que se desenrolaram em Parnahyba, declarada a 19 de Outubro de 1822 liberta do jugo Português graças aos manejos patrioticos do Dr. João Candido de Deus e Silva e do Cel. Simplicio Dias da Silva, Cunha Fidié, commandante das tropas Portuguêsas com séde em Oeiras, seguiu para ali a pôr um freio á agitação e a capturar os principaes implicados nella, mas não encontrou João Candido, que este e demais patriotas se haviam passado para o Ceará, já independente.

Ausente Fidié, insurge-se Oeiras, cujo pronunciamento se acclamava victorioso a 24 de Janeiro de 1823. Regressa Fidié, entra em Piracuruca, tambem insurgida, marcha para Campo Maior em cujas immediações, no logar Genipapo, destroça as forças de Alexandre Nery, Torres e Bernardo Antonio, as quaes sem disciplina nem tactica, sem armas nem munições, ainda assim se bateram por mais de tres horas. Foices e machados não poderiam resistir a boccas de fogo e a munições em larga cópia. Aos Portuguêses custou a victoria cerca de cem baixas e a perda de grande parte da sua bagagem de guerra.

Por alastrar-se em todo o Piauhy o incendio da revolta, Fidié deixou Campo Grande, acampou em Estanhado, hoje União, atravessou o Parnahyba e foi se fazer forte em Caxias, onde entrou a 17 de Abril.

O Ceará, já gozando de liberdade, apressou-se em assegural-a ás Provincias, suas vizinhas, que lh'a pediam, e assentou então a Junta Provisoria que partisse para o Piauhy uma expedição sob o commando do

governador das armas José Pereira Filgueiras, o capitão-mór dos Araçatys, e do 1.º vogal do governo Tristão Gonçalves, a illustre victima sacrificada mais tarde em Santa Rosa.

Não podia ter melhores chefes o *exercito libertador e pacificador*.

Dos creditos de Filgueiras perante o Governo Imperial é um attestado a Carta de 16 de Abril de 1823 em que se lhe confia a missão de libertar a *escravizada Provincia do Maranhão*. A Carta foi encontral-o já empenhado nessa tarefa patriotica. Do valor de Tristão Gonçalves falam alto os acontecimentos de 17 e 24.

A Portaria da Junta do Governo, delegando aos dois chefes todos os poderes, civis e militares, traz a data de 24 de Março e no mesmo dia poz-se em marcha a expedição, marcando-se a villa do Crato para ponto de reunião das forças que fossem sendo organizadas nos varios pontos da Provincia. A 30 estava a expedição em Aquiraz, a 4 de Abril em Araçaty, a 20 em Icó, a 27 em Lavras, a 5 de Maio no Crato onde, como em Araçaty e Icó, em reunião das pessoas mais importantes a palavra ardente de Tristão Gonçalves conseguiu obter donativos para as despezas da campanha.

A 27 de Maio partiram os expedicionarios para Varzea da Vaca, ponto de concentração das forças, e formado o exercito libertador com cerca de 6000 homens tomou em começo de Junho caminho de Caxias.

Durante o decurso desse tempo foi preciso que Filgueiras e Tristão lançassem mão de medidas de rigor para intimidar e inutilizar conluios e facções, que intentavam enfraquecer e annular a acção dos patriotas, mormente em Crato, Lavras e Jardim.

Chegado a Caxias, o exercito pôl-a em apertado cerco. Fidié não podia resistir. De accordo com elle, que deixára a chefia das forças, e com os Camaristas, o commandante geral Luiz Manoel de Mesquita propoz a cessação das hostilidades e a nomeação de emissarios para resolverem acerca da entrega da villa. Foi

isso a 28 de Julho, dia em que a nau de Lord Cochrane aportava a S. Luiz. Nenhuma influencia, portanto, teve a chegada do celebre Almirante sobre a capitulação de Caxias.

Impostos artigos rigorosos para a rendição dentro do prazo de seis horas, aos quaes quiz fugir, de balde, o commandante Português, capitulou Caxias a 1 de Agosto entrando nella no mesmo dia as forças sitiantes. Após ruidosas festas nos dias 2 e 3, teve logar a 6 a eleição de uma nova Camara e a 7 com grande solemnidade procedeu-se ao Juramento da Independencia e de Fidelidade ao Imperador D. Pedro I.

Escreveu Pereira da Silva na sua Historia da Fundação do Imperio que as localidades do Maranhão iam se libertando a medida que lhes iam chegando as noticias da rendição da Capital; não é isso verdade; quando Cochrane apresentou-se no porto de S. Luiz todo o Maranhão estava em poder dos independentes, excepto a Capital e Alcantara.

Despedidas as tropas, depois de pagos os soldos com as contribuições impostas aos habitantes de São Luiz e Caxias segundo o assentado na Convenção, serenados os animos e já de todo brasileiro aquelle trecho do paiz, volveram os dois heroes ao Ceará entre os hosannas e bençãos da Patria agradecida.

A um e outro daria o destino em futuro bem proximo largo quinhão de lances sangrentos e de opprobios immerecidos com remate em S. Rosa e S. Romão.

Entre os prisioneiros, que a 5 de Novembro entraram em Oeiras estava João José da Cunha Fidié, que foi recolhido ao Estado Maior do 1.º Batalhão de Linha e depois de três mêses de detenção seguiu por terra para a Bahia. Chegado a Bahia a 9 de Abril, foi recolhido ao Forte do Mar, donde foi retirado a 5 do mês seguinte para dar entrada na fortaleza de Villegagnon no Rio de Janeiro.

Tornado o Brasil independente, foi creada a administração provincial pela Lei de 20 de Outubro de 1823 com um Presidente, de nomeação Imperial, e um

Conselho chamado do Governo. Em 1824 com a nova Constituição foram creados os Conselhos Geraes de Provincia.

A 14 de Abril de 1824 chegou a Fortaleza Pedro José da Costa Barros, 1.º Presidente do Ceará, nomeado por Carta Imperial de 25 de Novembro de 1823. Vinha encontrar a Provincia agitada, os animos exaltados por motivo da dissolução da Camara e outhorga de uma Constituição, que não satisfazia as aspirações e desejos da Nação, mesmo tão exaltados que já a 9 de Janeiro o povo de Quixeramobim declarava decaida a Dynastia e proclamada a Republica.

«Accordaram, diz a acta da respectiva sessão, que visto a horrorosa perfidia de D. Pedro I Imperador do Brasil banindo á força armada as Côrtes convocadas no Rio de Janeiro contra mil protestos firmados pela sua propria mão elle deixava e a sua Dinastia de ser o supremo Chefe da Nação e que cessando a Dinastia de Bragança de ser o 1.º Chefe da Nação protestão firmar uma Republica estavel e liberal, que defenda os seus direitos com exclusão de outra qualquer familia».

Entre os nomes dos primeiros signatarios da Acta se encontra o do P.e Gonçalo Mororó. Começara elle a subir os degraus do patibulo. A aquellas deliberações dos Quixeramobinenses referem-se Constancio na sua «Historia do Brasil» e Frei Caneca no «Typhis Pernambucano».

Até mesmo o governo Provisorio se dirigira ao Imperador a 31 de Março manifestando-lhe o indisivel desprazer com que o Ceará recebera a noticia da dissolução da Constituinte. A representação terminava pedindo a liberdade do deputado Cypriano José Barata e de outros Brasileiros então presos.

Difficil, conseguintemente, se antolhava a Costa Barros o desempenho de sua missão no Ceará.

Era bem de ver que á frente de qualquer movimento na Provincia haviam de avultar as figuras de Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves, cuja valia cres-

cera entre o povo pelos triumphos, que haviam colhido na campanha contra Fidié, campanha que, segundo ficou dito, assegurara a Independencia nas provincias do Maranhão e Piauhy. A 29 do citado mez de Abril era deposto o Presidente por Filgueiras em reunião do povo nos Paços da Camara e escolhido Tristão Gonçalves para substituil-o. Tres dias antes já se havia dado a prisão e deportação das pessoas mais gradas de Fortaleza, entre as quaes o Ouvidor Marcellino de Britto, o capitão-mór Joaquim José Barbosa e os sargentos-mores João Facundo de Castro Menezes, Jerônymo Delgado Esteves e José Narciso Xavier Torres.

Referindo-se a esses acontecimentos diz Caldeira Brant, o futuro Marquez de Barbacena, em carta a Telles da Silva, Marquez de Rezende: «Um sertanejo Filgueiras, que não sabe ler mas tem pacto com o Diabo em consequencia que não lhe entra chumbo, uniu-se a Carvalho e mandou o presidente para o Rio».

Em tal situação dos espiritos tudo conspirava para uma formal revolta contra o governo do Rio de Janeiro e seus delegados na Provincia. Para servir de vehiculo á reacção já havia o *Diario do Governo do Ceará*, surgido a 1.º de Abril e a cuja frente se collocou o Pe. Gonçalo Mororó. Chegara pela escuna de guerra Maria Zeferina o material typographico para esse jornal, que foi o primeiro que o Ceará teve. Remettera-o de Pernambuco Paes de Andrade.

Só três annos e meio depois de publicado o *Diario do Governo do Ceará* foi que surgiu no Rio de Janeiro o *Jornal do Commercio* (1.º de Outubro de 1827), o mais importante representante da Imprensa na America do Sul.

Mais que qualquer outra Provincia Nortista era o Ceará theatro de effervescencia, muito concorrendo para ella a chegada dos emissarios Diogo Gomes e Alves Pontes, as reclamações de Tristão Gonçalves e seus decretos privando os Europeus dos cargos civis e militares, a repulsa da Constituição pelas Camaras de Quixeramobim e Icó, a entrada em Fortaleza do brigue

Inglez Helen, carregado de armas e munições, nenhum terreno, pois, se achava em condições melhores para germinar e fructificar o movimento.

A 2 de Julho Paes de Andrade proclama em Recife a Confederação do Equador, constituida pelas seis Provincias: Pernambuco, Alagoas, Parahyba, Rio Grande, Ceará e Piauhy; a 26 de Agosto o Ceará declara-se abertamente pela Republica em reunião de 405 eleitores, com assistencia das Camaras de Fortaleza, Aquiraz e Messejana e procuradores das demais Camaras. Presidiu a memoravel sessão Tristão Gonçalves, secretariado pelo Pe. Mororó.

De existencia um pouco mais longa que a de 1817, a revolta de 1824 não logrou ir alem de 18 de Outubro. Tristão Gonçalves, enthusiasta e crente na victoria da causa que esposara, havia partido para Aracaty a dar combate aos adversarios e ficara a substituil-o no governo José Felix de Azevedo e Sá, mas este, escravo do medo, sob as ameaças de Lord Cochrane, que se apresentara deante da cidade a 17 de Outubro, entregou-se-lhe sem um protesto e fez a contra-revolta. Por toda parte reergue-se agora a bandeira Imperial, a população logra acalmar-se mais um pouco com a segurança da amnistia garantida pelo Almirante mesmo aos chefes, aos mais implicados no movimento, exceptuado Tristão Gonçalves.

O animo de Tristão Gonçalves, todavia, não comporta traições nem pactos com os adversarios e tenta elle então a sorte das armas; não lhe sorriu a fortuna e a 31 de Outubro em S. Rosa, abandonado dos seus, é batido e trucidado. Commandavam as forças imperialistas Manoel Antonio de Amorim e José Leão da Cunha.

A 14 de Setembro José Felix assim começava uma Proclamação: «Cearenses! Boatos aterradores vos tem posto em desconfiança a respeito da ida do Exm.º Presidente do Governo, o immortal Araripe, a villa do

Aracaty, cuja digressão foi unicamente para pacificar espiritos inquietos e allucinados pelos inimigos da bôa ordem e igualmente para dar as providencias de cautelas no caso de invasão de inimigos» e a 18 de Janeiro seguinte, antes de decorridos, portanto, 4 mezes, na petição de Venceslau Alves de Almeida, que requeria a paga de haver morto Tristão Gonçalves, lançava este despacho: Si o supplicante matou a Tristão por espirito de patriotismo, deve estar muito satisfeito por ter livrado a patria daquelle monstro, si o matou pela paga, exija-a de quem a prometteo».

Esses dous documentos, attestadores das ruins paixões daquella epocha de lucta fratricida, pertencem ao pequeno numero dos escapos ao fogo em que todos deveriam ser consumidos segundo Portaria de 14 de Novembro de 24 firmada por José Felix. Para castigo dos animos fracos e desleaes, de que elle é um exemplo, foram guardados para veredictum da posteridade «resquicios da nodoa que o espirito de vertigem derramou na fidelidade dos Cearenses», não «ficaram em silencio os desvarios de cabeças esquentadas», de todo não «se apagou a tristissima luz» daquelles tempos luctuosos.

O outro chefe, José Pereira Filgueiras, que havia seguido com quasi toda tropa de 1.ª linha para o interior da Provincia, depois de varios encontros com as tropas legaes, sobretudo no Rio do Peixe e em Missão Velha, tendo a noticia da morte de Tristão rendeu-se ao Capitão Reinaldo de Araujo. Preso, teve de seguir para o Rio de Janeiro e em caminho falleceu, victimado por febre typhica, na villa de S. Romão, provincia de Minas Geraes.

A 17 de Dezembro José Felix fazia entrega do governo da Provincia a Costa Barros, chegado de Pernambuco no dia anterior.

Estava concluido o drama sombrio, outro não menos doloroso ia agora iniciar-se, o da vingança fria e meditada dos tribunaes militares.

Por Decreto de 5 de Outubro ficara extensiva ao Ceará a Commissão Militar destinada a julgar summa-

riamente as pessoas implicadas na Republica do Equador, creada por Dec. de 26 e C. I. de 27 de Julho. Para o Ceará compoz-se esse tribunal de sangue de Conrado Jacob de Niemeyer, presidente, Moraes Mayer, relator, Queiroz Carreira, Cabral de Teive, Sabino Monteiro e João Bloem, vogaes, nomeados a 16 de Dezembro.

Entre *os monstros*, como da phrase do odiento Costa Barros, sobre os quaes ia se fazer o julgamento, figuravam o P.e Gonçalo Mororó, João de Andrade Pessoa Anta, Francisco Miguel Pereira Ibiapina, Feliciano José da Silva Carapinima e Luis Ignacio de Azevedo por alcunha Bolão. Não eram cearenses Carapinima e Bolão; aquelle nascera em Minas Geraes e este na Bahia.

Estavam todos cinco prejulgados. Tinha de ouvir-lhes de perto o estertor da agonia José Felix, de novo na administração da Provincia, que Costa Barros deixara por ter sido removido para a do Maranhão.

A 22 de Abril de 1825 deu-se começo aos trabalhos da Commissão Militar e a 30 eram executados o P.e Mororó e Pessca Anta e a 7, 16 e 28 de Maio successivamente Ibiapina, Bolão e Carapinima. Tirou-lhes a vida o fusil da soldadesca por não haver preso de justiça que servisse de carrasco. A Commissão havia-os condemnado á pena vil do enforcamento !

O chão do Campo da Polvora, hoje Praça dos Martyres, em Fortaleza, ensopou-se no sangue generoso dos cinco patriotas. De nada lhes valera a amnistia concedida por Cochrane; o Aviso de 22 de Fevereiro dissera clara e positivamente: «Estão dadas todas as ordens para serem julgados e castigados os reos da abominavel revolução sem que possa valer-lhes o perdão offerecido pelo Sr. almirante, que para isso não estava auctorisado nem o podia estar quando a causa ultrajada era toda nacional».

As sentenças de morte proferidas contra Frei Alexandre da Purificação, Antonio Bezerra de Souza e

Menezes e José Ferreira de Menezes foram commuta das em degredo.

Bem arredio, pois, da verdade andou Carlos Sei dler, pelo menos quanto ao Ceará, affirmando que «a Confederação do Equador foi insignificante movimento revolucionario, que mal chegou a se pronunciar». Pro testam contra a asserção a acta da grande reunião de 26 de Agosto, o sacrificio de Santa Rosa, os quadros tragicos do Campo da Polvora.

Conrado J. de Niemeyer, nascido em Lisboa em 1788, veio a fallecer no Rio de Janeiro a 14 de Feve reiro de 1862.

A José Felix substituiu no governo a 4 de Feve reiro de 1826 Antonio de Salles Nunes Berford. Exo nerado a 17 de Setembro de 1828, passou a adminis tração a 2 de Janeiro de 1829 ao Vice-presidente Cel José Antonio Machado.

No seu tempo foram escolhidos os quatro Sena dores com que o Ceará devia concorrer para a orga nização do Senado Brasileiro, a saber: Pedro José da Costa Barros, João Carlos Augusto de Oeynhausen, João Antonio Rodrigues de Carvalho e o P.e Domin gos da Motta Teixeira, vigario de Icó e irmão do ce lebre Juiz Bernardo Teixeira. Este ultimo renunciou o logar antes de tomar assento, o que deu ensejo á esco lha do Conde, depois Marquez de Lages, apezar de ser o menos votado da lista. A renuncia foi acceita pelo Senado a 20 de Setembro de 1827.

A Nunes Berford succedeu na presidencia Manoel Joaquim Pereira da Silva, nomeado por C. I. de 29 de Fe vereiro de 1829, em cuja administração se deram pro nunciamentos Columnistas em que estiveram envolvidos Moraes Mayer, sanguinario juiz da Commissão Militar e depois Ouvidor da Comarca do Crato, e Alberto Pa troni, de muitos serviços á causa do Brasil na quadra da Independencia, celebre pela sua muita erudição e gran de talento alliados a pouco bom senso, e foi installado o Conselho Geral da Provincia, cujo orgam na Impren sa, «Diario do Conselho Geral da Provincia do Ceará»,

appareceu a 19 de Dezembro de 1829, e a Pereira da Silva José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, nomeado por C. I. de 29 de Agosto de 1831, em cuja administração teve logar a execução do Codigo do Processo, foi montada a Alfandega, creada a Thesouraria, depois Thesouro Provincial, melhorado o serviço dos correios e finalmente convertida a Junta da Fazenda em Thesouraria geral.

A ceremonia da installação do 1.º Conselho Geral da Provincia, creado em virtude do Decreto de 26 de Março de 1824, teve logar a 1 de Dezembro de 1829, estando a ella presentes onze conselheiros, com o comparecimento do presidente Pereira da Silva. Continuou a funccionar até 1834, quando desappareceu ex-vi do Acto Addicional.

Segundo o Art.º 1.º do dito Acto substituiram aos Conselhos as Assembléas Legislativas Provinciaes, sendo a do Ceará installada a 7 de Abril de 1835. A Mesa effectiva da 1.ª Assembléa foi constituida pelo Capitão-mor Joaquim José Barbosa, presidente, João Facundo, vice-presidente, P.e Carlos Augusto Peixoto de Alencar, secretario, e José de Castro e Silva Junior, supplente. Em homenagem a esse acontecimento o *Publicador Cearense* passou a chamar-se *Correio d'Assembléa*.

Acontecimento de importancia assignalou tambem o governo de José Mariano, a campanha de Joaquim Pinto Madeira, iniciada a 14 de Dezembro de 1831.

Victoriosa a sedição militar de 7 de Abril de 1831, principiaram a apparecer movimentos no interior da Provincia, logo depois transformados em completa rebellião. A frente do movimento collocaram-se Pinto Madeira e Antonio Manoel de Souza, o benze-cacete, vigario de Jardim. Pinto Madeira era desde muito tempo a figura saliente da sociedade secreta Columna do Throno.

Depois de muitos encontros, com sorte varia, entre os quaes o combate de 4 de Abril de 1832, o mais sanguinolento que o Ceará viu, Pinto Madeira e o

P.e Antonio Manoel entregaram-se (12 de Outubro) com cerca de 1000 partidarios em Correntinho ao Brigadeiro Pedro Labatut, vindo á Provincia com uma força expedicionaria por ordem da Regencia.

Conseguido esse brilhante resultado, sem ter derramado uma só gotta de sangue o illustre militar em Abril de 1833 embarcou com seus companheiros para Pernambuco no brigue Irmão Segundo.

Labatut era natural de Marseille, França, e esteve presente á grande batalha de Waterloo.

Depois de longa serie de terriveis provações e martyrios, depois de haver vagado de cadêa em cadêa, desde Pernambuco até Maranhão, Pinto Madeira foi remettido para o Crato, antro dos seus mais ferrenhos inimigos, e submettido a julgamento pelo jury foi condemnado á morte, esquecidas todas as formalidades legaes, e fusilado.

O vigario Antonio Manoel, tendo ficado enfermo no Maranhão, só em 1836 veio para o Ceará e no anno seguinte submettido ao jury foi absolvido.

O assassinato juridico de Pinto Madeira teve logar já quando Alencar governava a Provincia.

A José Mariano, eleito deputado, succedeu Ignacio Corrêa de Vasconcellos, natural de Santo Amaro na Bahia, e que fora commandante das armas no Maranhão em 1831 e no Pará em 1833. Este passou a administração a 6 de Outubro de 1834 ao Senador José Martiniano de Alencar, nomeado a 23 de Agosto, e embarcou-se para o Rio de Janeiro a 19 de Outubro.

Na administração Alencar foi installada a 1.ª Assembléa Provincial, construidas diversas obras de interesse publico, creado um banco e iniciada a introducção de colonos extrangeiros.

O 8.º, 9.º e 10.º presidentes foram Manoel Felizardo de Souza e Mello, mais tarde encarregado da pasta da Agricultura por occasião da sua creação a 28 de Julho de 1860, João Antonio de Miranda e Francisco de Souza Martins, nomeados por Cartas Imperiaes de 16 de Outubro de 1837, 20 de Dezembro de 1838

e 18 de Dezembro de 1839, respectivamente. Foram tres administrações occupadas meramente na montagem da politica conservadora em perseguições aos adversarios.

Tendo sido Souza Martins exonerado por Dec. de 5 de Agosto de 1840, e deixado o Ceará em demanda de Oeiras, Piauhy, para tomar conta de sua vara de direito, assumiu o governo o vice-presidente João Facundo de Castro Menezes como representante do governo da Maioridade. Foi um dos seus actos fazer publicar o «Vinte Tres de Julho» como recordação da data da subida dos liberaes ao poder.

A posse do presidente effectivo, Senador Alencar, effectuou-se a 20 de Outubro de 1840. Sendo de curta duração a victoria dos liberaes, teve elle de acompanhar a sorte do ministerio da Maioridade, de que era delegado na Provincia.

Um dos seus serviços á causa publica constituiu em haver esmagado as revoltas apparecidas em algumas localidades, nomeadamente em Sobral.

Com a subida do gabinete Villela Barbosa e a exoneração de Alencar, a 6 de Abril assumiu de novo a administração o Major João Facundo de Castro Menezes. A 9 de Maio deu-se a posse do representante do credo politico victorioso, o Brigadeiro José Joaquim Coelho, português naturalizado, mais tarde Barão da Victoria. Serviu-lhe de mentor Anselmo Francisco Peretti, de quem muito se occupou o Senador Costa Ferreira. Em seu governo foi barbara e traiçoeiramente assassinado na noite de 8 de Dezembro de 1841 o Major João Facundo, o chefe do partido liberal da Provincia, seguindo-se a esse crime a mais atroz perseguição aos membros da familia do morto e seus correligionarios.

Em continuação a Coelho vieram administrar a Provincia : o Brigadeiro José Maria Bitancourt, nomeado a 12 de Janeiro de 1843, que sanccionou a Lei n. 304 de 15 de Julho de 1844 creando um Lyceu em Fortaleza; C.el Ignacio Corrêa de Vasconcellos, falle-

cido na Bahia, donde era filho, a 14 de Dezembro de 1859, que presidiu a installação a 19 de Outubro de 1845 do Lyceu Cearense e teve nesse mesmo anno de enfrentar as difficuldades oriundas de uma secca em que morreram a fome centenas de pessoas; Casimiro José de Moraes Sarmento, que foi deputado geral pelo Rio Grande do Norte, em cujo tempo iniciou-se em Fortaleza a illuminação publica servida por lampeões a kerosene e procedeu-se á benção do Cemiterio mandado construir no morro Croatá; Fausto Augusto de Aguiar, nomeado por C. I. de 5 de Abril de 1858; Ignacio Francisco Silveira da Motta, mais tarde agraciado com o titulo de Barão de Villa Franca por serviços prestados á lavoura; Joaquim Marcos de Almeida Rego, de bons serviços na epidemia de febre amarella, que assaltou varias localidades da Provincia; Joaquim Villela de Castro Tavares, exonerado por C. I. de 12 de Janeiro de 1854, e P.e Vicente Pires da Motta, em cuja administração foram concluidas as obras da Sé Cathedral de Fortaleza, construidos o palacio do Governo e o quartel da 1.ª linha, melhorada a egreja do Rosario e concluida a de S. Bernardo em Fortaleza.

Ainda no tempo do P.e Pires da Motta foi expedida por Pio IX a Bulla Pro animarum salute, de 6 de Junho de 1854, approvando a creação do Bispado do Ceará, desmembrado do de Pernambuco.

Succederam a Pires da Motta: Francisco Xavier Paes Barreto, Ministro do Extrangeiro em 1864 e poucos dias depois senador por Pernambuco, sua provincia natal; João Silveira de Sousa em cujo tempo veio ao Ceará a Commissão Scientifica, da qual faziam parte os Freire Allemão, Capanema, Lagos e Gonçalves Dias; Antonio Marcellino Nunes Gonçalves (Visconde de S. Luiz do Maranhão em 1888), o installador da Santa Casa de Misericordia de Fortaleza; Manoel Antonio Duarte de Azevedo, que foi Ministro da Justiça e da Marinha e no actual regimen Presidente do Senado Paulista; José Bento da Cunha Figueredo J.or; Lafayette Rodrigues Pereira, o incentivador dos bata-

talhões de heroicos voluntarios, que foram ao Paraguay desaggravar a honra nacional; Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, o futuro Barão Homem de Mello, o conhecido geographo; João de Souza Mello e Alvim, nomeado por C. I. de 22 de Setembro de 1866, que, eleito deputado geral por sua Provincia (S. Catharina) entregou o governo ao vice-presidente Dr. Sebastião Gonçalves da Silva, e Pedro Leão Velloso, nomeado a 29 de Setembro de 1867, que em 1878 foi escolhido Senador pela Bahia, em 1881 administrou pela segunda vez o Ceará e em 1882 occupou a pasta do Imperio no Ministerio Paranaguá.

Com a ascenção do partido conservador vieram administrar o Ceará Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, Parahybano, que foi mais tarde Visconde de Cavalcanti (27 de Agosto de 1868); João Antonio de Araujo Freitas Henriques (26 de Julho de 1869); José Fernandes da Costa Pereira (20 de Janeiro de 1871); o Barão de Taquary, José Antonio de Calasans Rodrigues (29 de Junho de 1871); João Wilkens de Mattos, Barão de Mauraiuá (12 de Janeiro de 1872), em cujo tempo teve logar a inauguração dos trabalhos da Estrada de Ferro de Baturité; Francisco de Assis Oliveira Maciel (7 de Dezembro de 1872); Francisco Teixeira de Sá (13 de Novembro de 1873), em cujo tempo installou-se o Tribunal da Relação do districto, creado pelo Dec. n. 2342 de 6 de Agosto de 1873; Heraclito de Alencastro Pereira da Graça (23 de Outubro de 1874); Francisco de Farias Lemos (22 de Março de 1876); Caetano Estellita Cavalcante Pessoa (10 de Janeiro de 1877) e João José Ferreira de Aguiar (23 de Novembro de 1877), a quem coube enfrentar o inicio da maior das seccas que tem affligido o Ceará.

O Dr. José Julio de Albuquerque Barros, que foi tambem presidente do Rio Grande do Sul e mereceu ser galardoado com o titulo de Barão de Sobral, foi o primeiro da serie dos presidentes liberaes. Seus servi-

ços na secca de 1878-79 estão acima de todo o elogio. Governou de 8 de Março de 1878 a 2 de Julho de 1880, quando o substituiu André Augusto de Padua Fleury, em cuja administração foi executada a Lei Saraiva para o pleito eleitoral e se inaugurou o telegrapho no Ceará.

Exonerado André Fleury por C. I. de 26 de Fevereiro de 1881, tomou posse do cargo a 1 de Abril Pedro Leão Velloso, sendo em seu tempo, a 30 de Agosto, que os jangadeiros fecharam o porto de Fortaleza á saida de escravos. Esse mês de Agosto de 1881 assignala ainda outros factos notaveis na historia do abolicionismo: a 5 o presidente Leão Velloso mandou executar a Lei n. 1937, que sujeitava á taxa de um conto de reis todo escravo entrado na Provincia, e a 10 o deputado Julio Cesar da Fonseca F.º indicou á Assembléa Provincial que se representasse aos poderes geraes sobre a necessidade da abolição immediata, definitiva e radical da escravatura como meio de desenvolver o espirito do progresso, satisfazendo o direito, a justiça e a mais legitima aspiração do paiz e conciliando os interesses das raças pelo regimen do trabalho livre.

A campanha anti-escravagista, em que com tamanho brilho e efficacia collaborou a mulher Cearense e tanto se salientaram as associações Libertadora Cearense e Centro Abolicionista, teve seu termino glorioso a 25 de Março de 1884, já na administração Satyro Dias.

A Leão Velloso succederam Sancho de Barros Pimentel (22 de Março de 1882); Domingos Antonio Rayol, Barão de Guajará (12 de Dezembro de 1882), que governou tambem Alagoas e São Paulo e em cuja administração se deu a redempção dos escravos de Acarape (10 de Janeiro de 1883), o primeiro municipio do Brasil, que se libertou de tal mancha; Satyro de Oliveira Dias (21 de Agosto de 1883), que anteriormente fôra presidente do Amazonas e Rio Grande do Norte e teve a ventura de ver realizada na sua admi-

nistração a 25 de Março de 1884 a total libertação dos escravos da Provincia; Carlos Honorio Benedicto Ottoni (12 de Julho de 1884), em cujo tempo foram inauguradas as Obras do Porto de Fortaleza, mandado construir em virtude do contracto celebrado a 5 de Maio de 1883 com Tobias Lauriano Figueira de Mello e Ricardo Lange; Sinval Odorico de Moura, natural de Caxias no Maranhão (19 de Fevereiro de 1885); Miguel Calmon du Pin e Almeida (1 de Outubro de 1885), fallecido a 30 de Dezembro de 1886 como presidente do Rio Grande do Sul; Joaquim da Costa Barradas (9 de Abril de 1886), que no actual regimen occupou um dos logares do Supremo Tribunal de Justiça; Enéas de Araujo Torreão, modelo de honestidade (21 de Setembro de 1886); Antonio Caio da Silva Prado, intelligencia lucida, tempera combativa (21 de Abril de 1888); Henrique Francisco de Avila (10 de Julho de 1889) e Jeronymo Rodrigues de Moraes Jardim, (11 de Outubro de 1889). A Carta Imperial de nomeação do Coronel Moraes Jardim, a ultima para o Ceará, traz a data de 11 de Setembro.

A 16 de Novembro a officialidade do 11.º Batalhão, o corpo docente e alumnos da Escola Militar e officiaes da Armada havendo adherido ao movimento revolucionario rebentado no Rio de Janeiro no dia anterior, Moraes Jardim convida para uma reunião em palacio os officiaes de mar e terra, chefes politicos, chefes das diversas repartições, expõe-lhes os acontecimentos, que estão se desenrolando no Rio de Janeiro, manifesta a gravidade delles, e sendo convidado para adherir ao movimento pede um praso para reflectir. Um grupo de moços, precedidos de uma bandeira vermelha, arranca as placas das duas ruas Conde d'Eu e D. Pedro, substituindo o nome do principe pelo de Senna Madureira. Faz-se no Passeio Publico um meeting popular e ahi ficam assentadas a deposição do presidente e a sua substituição no governo pelo Tenente-coronel commandante do 11.º Batalhão, Luiz Antonio Ferraz. E' invadido o palacio da presidencia e o

Major Manoel Bezerra declara a destituição do presidente com as seguintes palavras: «Coronel Jardim, o povo e a tropa de mar e terra, reunidos na praça publica, acabam de acclamar governador do Estado Livre do Ceará o cidadão Coronel Luiz Antonio Ferraz». O Coronel Moraes Jardim sobe a uma cadeira e commovido até as lagrimas declara ceder á coacção.

No regimen republicano tem administrado o Ceará os seguintes presidentes:

1.º — *Tenente-coronel Luiz Antonio Ferraz.* 1889-1891.

Acceita pelas forças armadas a 16 de Novembro de 1889 a forma de governo republicano, foi o Coronel Ferraz proclamado chefe do Poder Executivo no Estado do Ceará e empossando-se do cargo nomeou para auxilial-o uma commissão composta de João Cordeiro, Manoel Bezerra de Albuquerque, João Lopes Ferreira Filho, Joaquim Catunda, José Freire Bizerril Fontenelle, Alexandre José Barbosa Lima e José Thomaz Lobato de Castro. A 1 de Dezembro declarou-se em exercicio por nomeação do Governo Federal.

Serviu-lhe de Chefe de Policia o Dr. Custodio Alves dos Santos até 25 de Janeiro de 1890 quando, julgado sem effeito o Decreto, que o nomeara, assumiu o logar o Dr. José Carlos da Costa Ribeiro Junior.

Atacado de grave enfermidade, embarcou para Pernambuco a 11 de Janeiro de 1891, assumindo a 22 a administração o Major Benjamin Liberato Barroso, nomeado Vice-governador por Decreto de 10 de Janeiro, e ali falleceu a 22 do dito mês.

Em seu tempo procedeu-se a um recenseamento da população do Estado, o qual apurou 805.687 habs. sendo 394.909 homens e 410.778 mulheres, o que prova quão defeituoso foi. O recenseamento de 1872 dera 721.686 habs. sendo 365.849 homens e 355.839 mulheres.

O Coronel Luiz Antonio Ferraz nasceu no Rio de Janeiro em 1833, assentou praça a 1 de Fevereiro

de 1849 e fez a Campanha do Uruguay, tomando parte nos combates de Tonelero e Monte Caseros, e do Paraguay.

2.º—*General José Clarindo de Queiroz.* 1891-1892.

Nomeado por Decreto de 4 de Abril de 1891, recebeu o governo a 28 das mãos do Coronel Feliciano Benjamin, nomeado naquella mesma data (4 de Abril) 1.º vice-governador. A 7 de Maio o Congresso Constituinte Cearense confirmou-o no cargo, escolhendo na mesma occasião para vice-governador o Major Benjamin Liberato Barroso. Esse Congresso extendeu seus trabalhos até 16 de Junho, data em que promulgou a primitiva Constituição do Estado. Pelo artigo 1.º das suas disposições transitorias deixou de funccionar a Constituinte para a 1.º de Outubro começar a Camara dos Deputados suas sessões ordinarias.

A's 5 horas da tarde de 16 de Fevereiro de 1892 a Escola Militar e parte das forças federaes promoveram a deposição de José Clarindo, que depois de alguma resistencia se rendeu pela manhã seguinte, e então passou o governo ao Chefe da Guarnição e Commandante interino da Escola José Freire Bizerril Fontenelle, e este por sua vez a 18 ao Major Benjamin Liberato Barroso.

Havendo o Congresso a 12 de Julho eleito 1.º Vice-presidente o Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly, o Major Benjamin Liberato fez-lhe entrega da administração.

José Clarindo nasceu em Fortaleza a 22 de Janeiro de 1841 e falleceu no Rio de Janeiro a 28 de Dezembro de 1893.

3.º—*Tenente-coronel José Freire Bizerril Fontenelle.* 1892-1896.

Assumiu o governo a 27 de Agosto de 1892 e entregou-o ao seu successor Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly a 12 de Julho de 1896.

Em seu tempo a Repartição da Alfandega principiou a funccionar (1 de Abril de 1893) no novo edi-

ficio, construido pela Ceará Harbour Corporation e inaugurado a 15 de Julho de 1891, installou-se a Caixa Filial do Banco de Pernambuco (26 de Julho de 1893), e foi inaugurado na sua séde actual á Praça dos Voluntarios o Lyceu do Ceará (15 de Março de 1894).

5.º—*Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly.* 1896-1900.

Assumiu o governo a 12 de Julho de 1896 e entregou-o a 12 de Julho de 1900 ao seu successor Dr. Pedro Augusto Borges. Voltou a governar o Ceará quatro annos depois.

Em seu tempo foi assentada a pedra fundamental do novo templo do Collegio da Immaculada Conceição, Egreja do Pequeno Grande, á Praça Figueira de Mello (27 de Novembro de 1896), inaugurou-se o Mercado Publico de Fortaleza á Praça José de Alencar (18 de Abril de 1897), iniciado a 5 de Fevereiro de 1896 e foi fundado na Serra de S. Estevão, Quixadá, por D. Gerardo Van Caloen, vice-geral da Congregação Benedictina Brasileira, o Mosteiro de Santa Cruz (14 de Setembro de 1899), cuja primitiva capellinha, de 10 metros de comprimento e 6 de largura, começou a se fazer a 3 de Julho de 1900.

5.º—*Dr. Pedro Augusto Borges.* 1900-1904.

Assumiu a administração a 12 de Julho de 1900 e transmittiu-a ao seu successor Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly a 12 de Julho de 1904.

Era Tenente-coronel do Corpo de Saúde e tinha assento na Camara dos Deputados Federaes quando foi chamado á presidencia.

Em seu tempo o Conselheiro Lafayette R. Pereira deu em favor do Ceará o Laudo decisivo na Questão Grossos (24 de Setembro de 1902), contra o qual se rebellou o Rio Grande do Norte apezar do que fora accordado e estipulado a 20 de Março pelos Representantes Federaes do Ceará e Rio Grande, foi iniciada a construcção da actual ponte em frente á Alfandega segundo os planos do engenheiro Sergio Saboya

(18 de Dezembro de 1902), a qual entrou em trafego a 26 de Maio de 1906, e installou-se a Academia de Direito do Ceará (1 de Março de 1903), avocada ao Estado pela Lei n. 717 de 8 de Agosto.

6.º—*Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly.* 1904-1908.

Assumiu o governo a 12 de Julho de 1904 e, por visar sua reeleição, a 10 de Março de 1908 a tinha entregue ao Vice-presidente Coronel Tiburcio Gonçalves de Paula.

Em seu tempo fundou-se em Fortaleza o Azylo de Mendicidade (10 de Setembro de 1905), teve logar a benção da Egreja de N. S. do Carmo e sua entrega ao culto (25 de Março de 1906) e aportou a Fortaleza o vapor Maranhão trazendo a seu bordo o Dr. Affonso Penna, presidente eleito da Republica, vindo em sua companhia varios representantes da Imprensa sulista (15 de Junho de 1906).

7.º—*Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly.* 1908-1912.

Reeleito Presidente para o quatriennio de 1908 a 1912, assumiu a presidencia a 12 de Julho de 1908.

Deante de um movimento popular, iniciado a 22 de Janeiro de 1912, renunciou o cargo a 24 e no dia seguinte embarcou com a familia para o Rio de Janeiro. Assumiu então o governo o Vice-presidente Coronel Antonio Frederico de Carvalho Motta. Havendo deixado a administração o Coronel Carvalho Motta a 12 de Julho, assumiu-a por sua vez o Presidente da Assembléa do Estado Coronel Belisario Cicero Alexandrino.

O Dr. Nogueira Accioly falleceu no Rio de Janeiro a 14 de Abril de 1921.

8.º—*Coronel Marcos Franco Rabello.* 1912-1914. Tomou posse a 14 de Julho de 1912. Havendo o Governo da Republica decretado a 9 de Março de 1914 o estado de sitio para o Ceará e cinco dias depois nomeado como Interventor o Coronel Fernando Setembrino de Carvalho, assumiu este a 15 a administração,

seguindo o Coronel Franco Rabello a 24 para o Rio de Janeiro, onde reassumiu seu logar de professor da Escola Militar.

Serviram de Secretarios com o Presidente Franco Rabello o Desembargador Joaquim Olympio de Paiva, Dr. Frota Pessoa e Joaquim Costa Souza, e com o Interventor Coronel Setembrino os Drs. José Lino da Justa, Herminio Barroso e Desembargador João Firmino Dantas Ribeiro.

9.º — *Coronel Benjamin Liberato Barroso.* 1914-1916.

Coube-lhe completar o periodo presidencial. Tomou posse a 24 de Junho de 1914. Dois dias depois partiu para o Rio de Janeiro o Coronel Fernando Setembrino de Carvalho, concluidos seus trabalhos de Interventor.

Deixou o governo a 12 de Julho de 1916. Serviram-lhe de Secretarios os Drs. José de Borba Vasconcellos (Justiça), Dr. Herminio Barroso (Fazenda) e Dr. Gustavo Dodt Barroso (Interior). Havendo se retirado para o Rio de Janeiro o Dr. Gustavo Barroso, passou para a Secretaria do Interior o Dr. Herminio Barroso e foi nomeado para a da Fazenda o Dr. Edgard Borges.

10.º — *Dr. João Thomé de Saboya e Silva.* 1916-1920.

Assumiu o governo a 12 de Julho de 1916 e a 13 nomeou para os cargos de Secretarios dos Negocios do Interior e Justiça e dos da Fazenda o Dr. José Saboya de Albuquerque e Coronel Antonio Fiuza Pequeno. Havendo o Dr. José Saboya se exonerado do cargo e voltado ao seu logar de Juiz de Direito de Sobral, substituiu-o a 3 de Janeiro de 1919 o Desembargador José Moreira da Rocha. A 5 de Setembro de 1916 assumiu o cargo de Chefe de Policia do Estado, restaurado pela Lei n. 1343 de 26 de Agosto, o Dr. José Eduardo Torres Camara. O Dr. João Thomé representa hoje o Ceará no Senado em substituição ao Dr. Pedro Augusto Borges, cujo mandato terminara.

11.º — *Dr. Justiniano de Serpa.* 1920-1923.

Assumiu o governo a 12 de Julho de 1920. Escolheu para Secretarios o Desembargador Claudio Ideburque (Justiça), substituido pelo Dr. Leiria de Andrade, e o Dr. Manoel Theophilo Gaspar de Oliveira (Fazenda). O acto mais importante de sua administração é a Reforma da Constituição do Estado, promulgada a 4 de Novembro de 1921, sendo seus pontos capitaes : a revogação do artigo que permittia a reeleição do Presidente do Estado; a eleição dos prefeitos municipaes, pelo povo excepto da Capital; revogação do artigo 149 que permittia a alteração da Constituição pelas leis ordinarias; a escolha do procurador geral do Estado fora do seio do Tribunal da Relação; a prohibição da demissão de funccionarios sem previo processo administrativo, excepto quando em cargo de confiança; a prohibição de accumulações remuneradas; a extincção dos cargos de segundo e terceiro vice-presidentes do Estado, após o actual quatrienio; a prohibição de desannexação dos officios de serventuarios de Justiça.

Gravemente enfermo, deixou o Ceará em demanda do Rio de Janeiro a 13 de Junho de 1913. Na vespera entrou no exercicio da Presidencia o 1.º Vice-presidente Ildefonso Albano, que prestou o respectivo compromisso perante o Superior Tribunal de Justiça.

A 1 de Agosto falleceu na Casa de Saúde do Dr. Poggi o presidente Serpa com grande magoa do paiz inteiro e mormente do Ceará, onde todas as classes sociaes fizeram manifestações eloquentes de merecido apreço á sua memoria.

Entre os actos, que recommendam a administração do illustre filho de Aquiraz, salientam-se os referentes ás finanças e á instrucção primaria no Estado.

O Vice-presidente Ildefonso Albano, hoje em pleno exercicio da Presidencia, se mostra viva e resolutamente empenhado em dotar o Ceará de importantes melhoramentos em diversos ramos do serviço publico.

Figuras do Ceará Colonial

Seculo XVII

Alvaro de Azevedo Barreto.—Filho de André Velho de Azevedo e irmão do P.e Constantino da Cunha de Azevedo, nasceu em Monção, Portugal. O autor dos *Desagravos do Brasil e Glorias de Pernambuco* sem razão o dá por natural de Olinda e filho de Salvador de Azevedo.

Depois de ter servido na provincia do Minho, Alemtejo e Galiza, passou-se ao Brasil em Abril de 1648 e empenhou-se com particular valor na guerra contra os Hollandêses, achando-se na campanha de Iguarassu, 2.ª Batalha dos Guararapes, onde recebeu duas pelouradas, soccorro á região do Rio São Francisco, tomadas dos fortes do Rego, Altana em frente ao Recife e das Cinco Pontas.

O *Castrioto Lusitano* esqueceu-lhe o nome como os de outros heroes de Guararapes.

Por nomeação de Francisco Barreto em data de 4 de Maio confirmada por Ordem Regia de 23d e Novembro de 1654 veio com 4 companhias, sendo 2 de indios e negros, na qualidade de Capitão-mor para o Ceará «aonde se houve com muita prudencia assy no render dos olandezes como em reduzir varias nações do gentio da terra á obediencia de V Mg.de fazendo despesa de sua fazenda em os conservar e ter sugeitos, acodindo com 30 c.s de sua caza, na falta de sustento, para a Infantaria, reparando as ruinas daqle forte, até que com ordem se recolheo a Pernambuco com muito trabalho, trazendo comsigo os Indios rebeldes por evitar ocazião de novas revoltas (Parecer do C. Ult. 13-2-1659).

A Alvaro de Azevedo deve-se a construcção da Ermida da Fortaleza de N.ª S.ª d'Assumpção.

De volta a Portugal em 1658, achou-se no cerco

de Badajoz servindo de Mestre de Campo de um 3.º de Auxiliares da comarca de Santarem, e no soccorro levado á Praça de Elvas «onde sendo lhe ordenado plo Conde de Cantanhede que com elle avansasse ao principal fortim do inimigo, o investio com a mayor rezolução e valor que se pode considerar, arrancando, tanto que chegou a elle, com suas proprias mãos, a estacada com que estava guarnecido, intupindo com ella o fosso, fazendo caminho aos que o seguião, e sendo o primeiro que arrumandolhe hua escada o entrou e se senhoreou delle, passando á espada os enimigos, que achou; E tomandolhe duas bandeiras, que entregou ao Conde de Cantanhede, por cuja ordem o guarneçeo com o seu terço, franqueando a passagem ao socorro da praça, E proçedeu de sorte que teve muita parte na milagrosa victoria, que Deus foi servido dar ás armas de Vmgd.» (Doc. acima citado).

Por seus serviços á patria foi Cavalleiro da Ordem de Christo e teve as nomeações de Tenente de Mestre de Campo General e Mestre de Campo effectivo.

Amaro Fernandes de Abreu.—Foi vigario da Egreja Matriz de N.ª S.ª d'Assumpção da povoação da Fortaleza do Ceará e Vigario da Vara no ultimo quartel do seculo 17. Um Alvará de 10 de Fevereiro de 1683 marcou-lhe o mantimento devido. Apezar de colado na dita Egreja, retirou-se para o Reino sem pedir licença nem fazer renuncia.

André Rodrigues.—Serviu no Ceará como soldado, cabo de tropas, sargento e alferes até a rendição da Praça aos Hollandêses, passando-se então a Pernambuco, onde tomou parte em varias refregas, foi aprisionado e atirado ás Indias. Entrado em Hespanha, logrou chegar ao Reino e de lá voltando, prestou serviços na Bahia, sendo um dos que fizeram a campanha do Rio Real, e no Maranhão, para onde foi mandado pelo Governador do Brasil Antonio Telles com munições de soccorro. Por esses serviços mereceu ser nomeado Sargento-mor effectivo do Ceará, cargo que

ja ha muito desempenhava, por Patentes e Resoluções de 13 e 26 de Setembro e 24 de Dezembro de 1645 com direito á successão como Capitão-mor no caso de fallecer Diogo Coelho de Albuquerque. Para succeder aos dous, isto é, Diogo Coelho e André Rodrigues, foi nomeado a 30 de Janeiro de 1646 Gonçalo Luiz, soldado de 11 annos de serviço, alguns delles em Pernambuco contra os Hollandêses, com o titulo de Tenente do Capitão-mor do Ceará.

André Rodrigues era tio de Domingos Machado, soldado nas guerras de Bahia e Pernambuco desde 1637 até 1644 e mais tarde no Maranhão, fronteiras do Alemtejo e campanha de Valença de Alcantara (1645-1646).

Antonio Barbosa da Silva.—Nomeado Capitão-mor do Ceará por C. R. de 26 de Julho e assentamento de 19 de Agosto de 1635. Nunca entrou no cargo. Natural de Lisboa é filho de André Barbosa.

Fez a campanha contra os Hollandêses no Ceará, Parahyba e Rio Grande, tendo embarcado do Reino em 1635 na armada em que veio o Mestre de Campo D. Luiz de Roxas, e assentado logo praça na Companhia do Capitão Manoel Pavão. Serviu tambem na Bahia e Pernambuco. Vindo em 1639 na Armada do Conde da Torre e havendo desembarcado na costa do Ceará a fazer aguada, foi trucidado pelo gentio.

Deixou viuva, D.ª Vicencia da Costa e uma filha de nome Francisca da Silva.

Antonio Cardoso de Barros.— O Donatario de 40 legoas do Ceará a começar da Angra dos Negros até o Rio da Cruz, actual Camocim, por doação feita por D. João III a 19 de Novembro de 1535 e foral do dia seguinte. A doação não foi aproveitada.

Esse fidalgo, de muitos serviços no Reino e em Africa, tendo mais tarde acceitado um cargo de fazenda, o de Provedor-mor da Fazenda da Bahia, veio ao Brasil com Thomé de Sousa, e annos depois por motivo de lucta travada com Duarte da Costa, successor

de Thomé de Sousa, de regresso a Portugal em companhia do bispo Pedro Fernandes naufragou nos baixos chamados de Dom Rodrigo quasi á foz do rio Coruripe e um pouco mais além foi trucidado pelos indios Caetés. Isso occorreu a 16 de Junho de 1556.

Cardoso de Barros era filho de João de Barros e casou em Tanger, onde servia, com Guiomar Dias Botafogo. Outros dão-n'o como casado com Francisca de Aguiar, filha de Affonso de Aguiar, de quem teve João de Barros Cardoso, Maria de Barros, que foi mulher de D. Jorge de Mello e Christovam de Barros, que foi Provedor-mor da Fazenda no Brasil por Despacho de 25 de Setembro de 1577. Era seu irmão Francisco de Barros e tio Bartholomeu de Paiva.

Antonio Fernandes Monxica. — Foi Capitão-mor do Ceará. Contra elle queixou-se Dom Pedro de Mello, governador do Maranhão, por lhe desobedecer, não o reconhecendo por superior e sim ao governador de Pernambuco, André Vidal de Negreiros, que o nomeara. A questão foi levada ao governo de Lisboa e o Conselho de Ultramar opinou a 9 e foi decidido por Ordem Regia a 15 de Julho de 1659 transmittida a Pedro de Mello «que posto que a Capitania do Seará lhe é subordinada e o virá a ser em tudo como do Maranhão puder ser soccorrida, por de prezente o ser de Pernambuco por V. Mg.de por considerações de seu serviço e a requerimento do governador seu antecessor o haver assi resoluto e mandado, convirá por hora não innovar em couza alguma».

Foi André Vidal de Negreiros o governador de Maranhão, que propoz a El Rei que o Ceará fosse soccorrido por Pernambuco, resolvendo El Rei que assim fosse.

Antonio Martins Palha. — Acompanhou a Dom Diogo Lobo no soccorro levado á Bahia, tomou parte nas quatro batalhas navaes dadas aos Hollandêses nos mares de Pernambuco, acompanhou o Mestre de Campo Luiz Barbalho até a Bahia achando-se em todos os encontros com o inimigo naquella jornada, e de volta a

Pernambuco assistiu a tomada dos fortes de Serinhaem, Pontal de Nazareth, casa forte de Izabel Gonçalves, forte do Rego, Recife, reducto das Cinco Pontas onde foi ferido.

Abandonado o Ceará pelos de Hollanda, foi dos primeiros a virem tomar posse da Capitania e aqui esteve por dous annos, ajudando a comer carne de cavallo com a necessidade, diz elle num papel de 1683.

Antonio Mendes Lobato.—Natural da Capitania de Alagoas e possuidor de vastas terras no Cariry e Riacho dos Porcos, que foi adquirindo desde 1714 quer por datas quer por compras.

De seu casamento com Antonia Ferreira da Silva deixou larga prole. Entre seus filhos se contam Antonio Mendes Lobato Lyra, que muito figurou nas luctas entre os Montes e Feitosas, o P.e José Lobato do Espirito Santo, morador no sitio Caiçara, riacho dos Porcos e o C.el João Mendes Lobato, que morou e veio a fallecer no seu sitio Santo Antonio, depois Missão Nova.

Antonio Pereira.—Prestou serviços relevantes na Capitania de S. Vicente (1615), em Pernambuco (1618 a 1620) e no Ceará durante 9 annos, tendo substituido no commando da fortaleza a Martim Soares, que o mandou mais de uma vez a Bahia e Pernambuco em commissões de importancia. Alem de soldado valente e brioso, foi Almoxarife no Ceará. Em 1630 saindo os Hollandêses do porto de Salinas para accommetter o arraial dos Pernambucanos foi elle, que então viera com soccorro do Ceará, um dos que com Diogo Malheiros oppuseram resistencia ao inimigo. De volta ao Ceará, onde chegou em Março de 1631, frustrou o desembarque da gente de tres navios hollandêses, que queriam se senhorear do porto.

Deixou viuva, D.a Isabel dos Santos, que viveu longo tempo na Bahia.

Antonio Ribeiro. — (P.e) Jesuita. Nascido em S. Paulo e filiado á Companhia em 1637. Grande conhe-

cedor da lingua dos indigenas. Foi algum tempo Superior da Casa de Porto Seguro.

Enviado por Antonio Vieira, veio em 1656 com o P.e Pedro Barbosa de Pedrosa missionar os tabajaras da serra da Ibiapaba.

Em 1684 ainda estava na missão do Maranhão, donde foi expellido com os companheiros.

Antonio Vieira (P.e).—O celebre orador sacro, politico e missionario.

Nasceu em 1608 na cidade de Lisboa e ainda creança foi para a Bahia acompanhando o pae, Christovam Vieira Ravasco, nomeado para exercer ahi um cargo de administração. Frequentou as aulas dos padres Jesuitas, tendo por mestre, entre outros, a Fernão Cardim. E' incontestavelmente a individualidade mais saliente dentre os Jesuitas de seu tempo em Portugal e Brasil. Notabilisou-se no pulpito, nas lettras, na politica quer no Brasil, quer em Portugal, quer na cidade dos Papas. Suas viagens ao Marajó, á serra de Ibiapaba são conhecidas pelas luctas, que travou em favor da liberdade dos indios, pela tenacidade e zelo apostolico com que se houve e pelos resultados, que colheu na pregação da fé catholica.

Essa grande figura do seculo XVII pertence-nos por mais de um titulo. Elle proprio disse-o : «Pelo segundo nascimento devo ao Brasil as obrigações de Patria».

Falleceu a 18 de Julho de 1697. Sobreviveu-lhe apenas dous dias seu irmão Bernardo Vieira Ravasco, o notavel Secretario do Estado do Brasil por nomeação de 17 de Fevereiro de 1646.

P.e Ascenço Gago.—Jesuita. Nasceu em S. Paulo em 1665, entrou para a Companhia de Jesus a 3 de Julho de 1680 e professou dos quatro votos a 24 de Abril de 1706.

Foi Superior da Missão da Ibiapaba, trabalhando juntamente com elle o Padre Manoel Pedroso.

Tendo partido para a Bahia, falleceu em caminho

a 19 de Maio de 1717. Conhecia perfeitamente a lingua Brasilica. Substituiu-o como Superior o P.e Francisco de Lima, natural da Madeira, onde viu a luz em 1676.

Francisco de Lima entrara para a Companhia a 20 de Outubro de 1694. Foi coadjuctor espiritual a 15 de Agosto de 1709.

Balthazar João Correia.—Primeiro vigario do Ceará. Auctor de interessante carta a Frei Archangelo de Pembroch e mais capuchinhos, que vinham na nau de Du Prat, que tentou destruir o presidio em 1614. Essa carta, em latim, está publicada no 1.° volume dos Documentos da Collecção Studart pp. 114-115.

Os soldados do presidio, enthusiasmados com as predicas e com o valor do P.e Balthazar João, repelliram com successo os assaltantes.

Bartholomeu de Britto.—Era o Commandante do forte S. Sebastião quando da chegada dos hollandêses sob a chefia de Jorge Garstman, em Outubro de 1637.

Assaltado o forte, que tinha uma debil guarnição, foi tomado após forte resistencia e aprisionados os seus defensores.

Belchior Pinto.—Servira nas Capitanias de Pernambuco e Bahia desde 18 de Agosto de 1671 a 25 de Maio de 1698, e auxiliara poderosamente o governo na guerra dos Palmares.

Em 1696 substituiu a João da Motta no posto de ajudante do numero do 3.° de Zenobio Achioly de Vasconcellos e por nomeação de 22 de Dezembro de 1698 e Carta Patente de 5 de Janeiro de 1699 substituiu ao mesmo João da Motta como Capitão e Cabo do novo presidio de Jaguaribe, mandado estabelecer por Caetano de Mello de Castro. Competiu com elle para este ultimo posto Carlos Ferreira.

Belchior Vaz. — Companheiro de Martim Soares Moreno no presidio do Ceará.

Acompanhou Jeronymo de Albuquerque em 1610 quando de ordem de Gaspar de Sousa foi descobrir o

rio Camocim e ahi estabelecer um presidio de Portuguêses para maior facilidade da tomada do Maranhão. Indo com Martim Soares descobrir e sondar a barra do Maranhão arribou ás Antilhas, foi a Portugal e de novo veio ao Maranhão sendo um dos que no sitio Guaxenduba construiram o forte de Santa Maria, bem em frente do acampamento dos Francêses.

Bento Correa de Figueredo. — Devido ao fallecimento de João Tavares de Almeida, foi mandado como Capitão-mor do Ceará pelo governador de Pernambuco Dom Pedro de Almeida, e aqui se houve com boa disposição e valor «acodindo com todo o cuidado a defença daquella Praça fazendo quarteis e estacadas, assistindo com grande trabalho a reedificação della com sua pesoa e despendendo muito de sua fasenda com Indios que trabalhavão, oprimindo ao gentio com guerras por emquietar aos Indios domesticos, destroindo aos Tapuyas Areurus, que desobecião, assistindo a cura dos doentes e feridos com sua fazenda, e procedendo em tudo com muita satisfação», como dizem os seus assentamentos. Serviu no Alemtejo, tomou parte no sitio de Badajós, choque de S. Miguel, cerco de Elvas, foi para Angola em companhia de André Vidal de Negreiros, de cuja guarda foi capitão, e de volta ao Brasil empenhou-se com grande valor na guerra dos Palmares.

Bento de Macedo de Faria. — Capitão-mor do Ceará por nomeação de 29 de Maio e Carta Patente de 14 de Junho de 1681 por 3 annos, havendo competido com elle João Pinto da Fonseca, que havia servido no Terço da Armada Real e na Junta do Comercio, Fernão Carrilho, notavel na guerra dos Mocambos da capitania de Sergipe d'El-Rei, no descobrimento das minas de Tabaiana e de Picaraça e na guerra dos Palmares, Bento Correa de Figueredo, que ja estivera no governo da Capitania por provimento do governador de Pernambuco Dom Pedro de Almeida quando do fal-

lecimento de João Tavares de Almeida, João Freire de Almeida que servira no Oriente e na Capitania do Pará e Christovam de Gouvea de Miranda, que fôra Capitão e Sargento-mor da Ilha do Fogo, districto de Cabo Verde.

Já estivera na administração pro interim do Ceará substituindo João Tavares de Almeida. Apezar de exercer o cargo de Capitão-mor fez-se negociante, vendendo a navios hollandêses pau violeta e outras madeiras, gados e cavallos em troca de fazendas e generos do Norte, o que lhe valeu severas queixas e denuncias de João do Rego Barros e do almoxarife Domingos Ferreira Pessoa.

Tomara parte saliente na guerra contra a Hollanda, guerra da liberdade divina como a qualificava João Fernandes Vieira, o chefe dos restauradores, o que lhe valeu ser nomeado pelo dito Vieira a 9 de Agosto de 1645 Capitão de uma Companhia de Infantaria, tendo-lhe dado posse o Sargento-mor Antonio Dias Cardoso. Tomou parte no ataque da Estancia do Marcos, Ilha de Itamaracá, na campanha de Goyana, combate de Iguarassú em que se empenharam 800 flamengos, nas duas batalhas dos Guararapes, na jornada ao Rio de S. Francisco donde se retirou muito gado para sustento da infantaria, e do Rio Grande, e na recuperação das fortalezas de Recife.

Claes Adriassen Cluyt.—De Akersloo, Hollanda.

Aportou a Mocoripe juntamente com Hendryk Hendryckssen Cop no anno de 1610.

Segundo seus informes a terra fornecia batatas, pau amarello, ambar, galinhas e faisões.

Christovam Severim (Frei).—Superior dos Religiosos da Provincia de Santo Antonio de Portugal e Custodio do Brasil, vindo com Francisco Coelho de Carvalho, nomeado para o governo do Maranhão.

Chegou com os companheiros á enseada de Mocuripe a 18 de Julho de 1624 e foi hospedado por Martim Soares. Depois de uma demora de 15 dias na

povoação seguiu ao seu destino e lá chegou a 9 de Agosto. Esteve de novo no Ceará em 1626.

A Frei Christovam Severim ou de Lisboa, varão eminente em virtudes e lettras no dizer do P.e Domingos de Araujo, se deve a consolidação da sua Ordem no Maranhão.

Depois de um governo de doze annos voltou a Portugal, sendo então despachado para Bispo de Angola.

Era irmão do Chantre Manoel Severim de Faria.

Damião Pires.—Pertencia á Companhia do Capitão Francisco do Amaral de Andrade e veio para o Ceará em 1691 como cabo de infantaria do presidio. Substituiu no posto ao alferes Francisco Garcia, mandado ir para Pernambuco por ordem de Felix Machado.

Daniel de la Touche.— Senhor de la Ravardière. Companheiro de Razilly na expedição vinda de França ao Norte do Brasil em 1612 para conquista e colonisação do Maranhão.

Essa armada, em que vinha um grupo de frades capuchinhos, entre os quaes Yves d'Evreux e Claude de Abbeville, aportou á enseada de Mocuripe a 11 de Julho, no dia seguinte á Ponta de Jericoacoara, onde estiveram por 12 dias, a 24 ao Camocim e afinal a 26 na Bahia do Maranhão.

Não podendo prolongar a resistencia contra os portuguêses de Alexandre de Moura, que fora encarregado de effectuar sua expulsão, teve de se lhe entregar e foi levado como prisioneiro para Pernambuco em Janeiro de 1616 e de lá para a Torre de Belem em Lisboa.

Diogo Coelho de Albuquerque.—Capitão-mor do Ceará segundo Resolução Regia de 26 de Maio e Carta Regia de 13 de Julho de 1645. Serviu na guerra de Pernambuco e em Maranhão. Bom lingoa e muito estimado dos Indios. Vindo do Reino depois de prolongada demora, via Rio de Janeiro, a tomar posse do cargo trouxe comsigo algum soccorro, estando então a Praça do Ceará sem Capitão, sem gente e de todo desmantellada. A caravella em que elle deveria vir logo após a nomeação essa se perdera.

Governou de novo o Ceará em 1660 e 1661.

Teve por paes Manoel Rodrigues Coelho, irmão do jesuita Diogo Coelho, e D.ª Maria d'Albuquerque, irmã de D.ª Brites de Albuquerque, que foi casada com o Capitão-mor Thomé Teixeira Ribeiro.

Borges da Fonseca diz que a mãe de Diogo Coelho chamava-se Joanna Fragoso de Albuquerque e era filha de Alvaro Fragoso e de Joanna de Albuquerque.

De uma carta de Francisco Pinheiro de Moraes, morador em Santos (S. Paulo) se vê que Diogo Coelho era genro do Capitão Clemente Nogueira da Silva. A carta, que é de 5 de Dezembro de 1660, já se refere á vinda desse Capitão-mor para o Ceará.

Foi Com.or da Ordem de Christo, Cavalleiro da Casa Real e Governador de Angola.

Diogo de Campos Moreno. — Natural de Tanger. Soldado experimentado nas campanhas de Flandres e França.

Mais de uma vez esteve no Ceará sempre a serviço, como por exemplo quando das expedições de Jeronymo de Albuquerque, de quem foi adjunto, e de Alexandre de Moura ao Maranhão.

E' elle o auctor da *Jornada do Maranhão*, e alguns lhe attribuem tambem a obra *Rezão do Estado do Brasil*.

As tregoas com os Francêses de La Ravardière, para que concorreu consideravelmente, trouxeram-lhe grandes maguas e um certo descredito.

Falleceu no governo de D. Luiz de Souza, occupando ainda o posto de Sargento-mor.

Diogo Nunes (P.e).—Da Ordem de Jesus. Nasceu em S. Vicente, diocese do Rio de Janeiro, em 1549, entrou para a Companhia em 1563 e fez a formatura em 1595. Realizou varias missões e entradas pelo Rio Grande, Jaguaribe e Ceará, celebrando pazes com os indios, pazes confirmadas depois solemnemente pelo P.e Francisco Pinto, o martyr dos Tocarijus da Ibiapaba. Foi o companheiro do P.e Manoel Gomes na

expedição de Alexandre de Moura, que esteve no Ceará em Outubro de 1615.

Falleceu em S. Domingos no anno de 1620.

Domingos da Veiga Cabral. — Filho de Jeronymo da Veiga morador em Lisboa, onde exerceu varios cargos, e fallecido na India, e sobrinho de Martim Soares Moreno a quem substituiu no governo do Ceará por C. R. de 19 de Julho de 1630. Nomeação por 6 annos. O proprio Martim Soares deu-lhe posse.

Outra C. R. de 25 de Novembro do dito anno fel-o Capitão da Infantaria vinda do Reino para o Ceará e Capitão da caravella, que a transportou e que chegou a 6 de Janeiro de 1631.

Governou de novo o Ceará substituindo-o Francisco Pereira da Cunha, que foi nomeado a 3 de Janeiro de 1641.

Domingos Ferreira Chaves. — Filho de Domingos Ferreira e natural do termo de Chaves.

Foi Capitão da Companhia de Infantaria das Ordenanças do Ceará por nomeação de Thomaz Cabral de Olival, confirmada por Carta Patente de 8 de Abril de 1693, e ainda Sargento-mor da dita Infantaria na vaga de Estevam Velho de Moura por nomeação do Governador e Capitão-general Caetano de Mello de Castro confirmada por Carta Patente de 1 de Setembro de 1696.

Nesse anno de 1696 acompanhou o Capitão-mor Pedro Leiou á Ribeira do Jaguaribe para a construcção de um novo presidio alli.

Fizera parte da Armada Real, que em 1683 foi levar soccorro á Praça de Mazagão e de duas Armadas da Junta do Commercio, que foram a Pernambuco.

Domingos Ferreira Chaves acabou os dias feito sacerdote e consagrado ao culto da Padroeira da ermida da Fortaleza de N.ª S.ª d'Assumpção. Falleceu em 1752.

Domingos de Sá Barbosa.—Succedeu a Alvaro de Azevedo Barreto.

Veio ao Ceará em 1655 e teve logo de enfrentar

um levante dos indios sob a chefia do principal Algodão, os quaes estavam junto á Fortaleza. Os indios abandonaram o sitio e transportaram-se para o Rio da Cruz ou Camussi, o que deu logar a que André Vidal de Negreiros mandasse construir ahi um forte com 4 peças, 20 soldados e um cabo para segurança da navegação da costa e defesa contra o gentio.

A patente de nomeação de Domingos de Sá Barbosa para Capitão-mor do Ceará é datada de 13 de Setembro de 1655.

Domingos Ferreira Pessoa. — Filho de Sebastião Ferreira e natural da freguezia de S. Antonio do Cabo, Pernambuco. Soldado arcabuseiro em Pernambuco e no Ceará (1675-1689).

Tendo sido a esforços e iniciativa de João do Rego Barros introduzida no Ceará a cobrança do dizimo de lavouras, gados e pescarias, foi elle encarregado desse serviço pelo governador de Pernambuco com o titulo de almoxarife (1683).

Seu zelo de optimo exactor da fazenda fel-o cair no desagrado do Capitão-mor Bento de Macedo Faria, empenhado em negociatas com as equipagens de navios vindos de Hollanda para o resgate de pau violete e compra de gado e cavalgaduras, que eram condusidos para a Guyanna. De ultimo teve de se recolher a Pernambuco, temeroso do Capitão-mor.

Provisão Regia de 29 de Dezembro de 1689 deu-lhe a effectividade do cargo de almoxarife da Fazenda Real do Ceará.

Domingos Lopes Lobo. — Sobre esse Capitão-mor do Ceará conhece-se tão somente um documento—o Regimento, que lhe deu o Governador e Capitão Geral do Brasil Dom Luiz de Souza a 9 de Setembro de 1617 e que começa com as palavras: Faço saber a vós Domingos Lopez Lobo que hora ymbio provido por Capp.am do Siará que pera saberdes, etc.

O Regimento, firmado em Olinda, recommenda ao Capitão-mor, officiaes e soldades que entretenham boas e amistosas relações com o R.do Vigario, que o

Capitão-mor empeça todo e qualquer contacto dos Francêses e outros extrangeiros com a terra, facilite as communicações com o Maranhão, zele as armas e munições, fuja de se intrometter nas guerras que tragam os indios entre si, prohiba severamente os resgates etc.

Estanislau de Campos. — Jesuita. Natural de S. Paulo e filho de Filippe de Campos, português, que chegando a S. Paulo e casando na familia Pires foi o tronco dos Pires de Campos, desse Estado. Fez notaveis missões em varias capitanias, entre as quaes o Ceará.

Nasceu em 1649 e falleceu a 12 de Junho de 1734.

Ensinou philosophia no Collegio de Olinda e foi reitor do Collegio de Espirito Santo.

Em suas missões pela Bahia foi companheiro de João Antonio Andreoni, o André João Antonil, auctor da curiosa obra *Ubertas et opulentia Brasiliensis*.

Estevam de Campos.—Foi o substituto de Martim Soares Moreno no commando do presidio do Ceará quando este em 1613 partiu a reunir-se em Camocim com os expedicionarios de Jeronymo de Albuquerque, que iam desalojar os Francèses do Maranhão.

Estevão Velho de Moura.—Sargento-mor de Infantaria da Ordenança do Ceará, provido pelo Governador de Pernambuco João da Cunha Soutomaior e confirmado por Carta Patente de 20 de Dezembro de 1688. Substituiu-o Domingos Ferreira Chaves.

Tratou de pazes com os indios do Rio Grande e bateu e obrigou a retirar-se um navio corsario inglês, parte de cuja gente desembarcara no Ceará e estava a fazer pilhagem de gado e do mais que lhe era necessario.

Estevão Velho, que foi um dos principaes sesmeiros do Ceará, fundou o sitio Aquiraz e o vendeu a Manoel da Fonseca Leitão. Um herdeiro deste, o Coronel Manoel Roiz de Souza, passou-o ao Coronel João

de Barros Braga, que o doou ao Hospicio de N.ª S.ª do Bom Successo da villa por escriptura de 14 de Março de 1727.

Fernando Antonio Lobo de Albertim. — Provido pelo Governador Geral do Estado do Brasil D. João de Lencastre no posto de Capitão da Companhia de Cavallos da Ribeira de Jaguaribe e confirmado nelle por P. R. de 21 de Janeiro de 1699. Vagara este logar por havel-o deixado Gregorio de Figueredo Barbalho.

Servira por muitos annos na Capitania de Pernambuco e vindo para o Ceará foi ajudante do presidio e fortaleza de N.ª S.ª d'Assumpção, e na Ribeira do Jaguaribe concorreu para a construcção do forte levantado para conter os Payacús e os combateu por varias vezes.

Fernão Carrilho. — Capitão-mor do Ceará em 1694 como substituto de Pedro Lelou, impedido por estar sob processo.

Foi em 1669 nomeado Capitão da gente, que foi contra os mocambos de Jeremoabo e em 1670 Capitão de ordenança e cabo das tropas contra os mocambos de Sergipe ainda por provimento do Governador Alexandre de Souza Freire e por C. R. de 28 de Junho de 1673 auxiliar de D. Rodrigo de Castello Branco no descobrimento das minas de prata de Tabayana. Acompanhou ao Capitão Jorge Soares de Macedo em busca das minas, que se dizia haver nas serras de Picarassa. Provido em 1676 pelo governador D. Pedro de Almeida no posto de Capitão-mor da guerra dos Palmares, fez nesse anno e no seguinte tal destruição nos negros levantados que grangeou o nome de restaurador daquellas capitanias.

Estando Pedro Lelou impedido de assumir o governo do Ceará para que fôra nomeado, veio Fernão Carrilho substituil-o em 1694 por ordem do Governador de Pernambuco. Em seu governo, que se extendeu por mais de um anno, foram vencidos os indios Pacajus ou Payacus, que infestavam as terras

do Assu e a Ribeira do Jaguaribe, os Icós e os Carateús. Outro serviço seu foi fazer descer do sertão grande numero de Anassés e situal-os em Paramirim, 8 legoas ao N. da Fortaleza, como situou tambem os Jaguaribaras a 7 legoas ao S. da Fortaleza e construiu casa e oratorio para o P.e João Leite de Aguiar, mandado para missional-os pelo Bispo D. Mathias de Figueredo.

Resolução Regia de 7 de Julho, de accordo com o parecer de 6 de Maio de 1699, nomeou-o de novo Capitão-mor do Ceará deixando elle o governo por ter sido nomeado lugar-tenente do Governador do Maranhão.

Francisco Aragiba.—Principal dos indios do Ceará. Foi dos que enviaram emissarios ao Recife a fim de ratificar a amisade, promettida quando do desbarato e expulsão dos Hollandêses. Por Ordem de 11 de Abril de 1661 foi-lhe enviado um vestido como demonstração de agrado, na mesma occasião que a um filho de João Algodão.

P.e Francisco de Lyra— Foi superior da Missão da Ibiapaba.

Nascido na Ilha da Madeira em 1676, entrado na Companhia de Jesus a 20 de Outubro de 1694, Coadjuctor Espiritual a 15 de Agosto de 1709. Foi seu companheiro em 1718 e 1719 o P.e Agostinho Correa, nascido em Braga em 1665, entrado a 14 de Junho de 1685, Coadjuctor Espiritual a 15 de Agosto de 1696, e em annos seguintes os P.es Manoel Pedroso, João Guedes, que foi o fundador do Hospicio de Aquiraz, Manoel Baptista, Pedro da Silva e Rafael Gomes.

Francisco Coelho de Carvalho. — Nomeado governador do Estado do Maranhão, partiu de Pernambuco para o Ceará a 13 de Julho de 1626 e aqui tomou posse do governo.

Depois de haver reedificado o forte do Ceará, a 15 de Agosto seguiu para o Maranhão, indo em sua

companhia, entre outros, Manoel de Souza Deça e Frei Christovam de Lisboa.

Falleceu em Cametá a 15 de Setembro de 1636.

Francisco Coelho de Lemos. — Cirurgião militar vindo de Pernambuco para o Ceará em 1691.

Aqui esteve durante cinco annos. Tinha de ordenado trinta reis diarios e uma ajuda de custo annual de vinte mil reis. Havendo duvidas quanto á ajuda de custo, um Despacho Regio de 28 de Novembro de 1697 ordenou que se fizesse effectivo o pagamento «por ser justo que pois esteve no meu serviço assistindo a cura dos Soldados que servem de Prezidio nella se lhe dê satisfação cabal ao que mereceo em todos os annos que esteve no dito Prezidio, e sirva de exemplo para que outros á sua imitação se possão animar a hirem curar aquella infantaria e moradores, que assistem em tão remota parte, e em que se considera poderá ter poucos lucros, e assy o hey por recomendada a infallivel observancia desta Provizão».

Francisco de Miranda.—Natural de Olinda e filho de Antonio de Miranda.

Serviu em Angola e Pernambuco durante mais de trinta annos (1671 a 1702).

Tenente da Fortaleza do Ceará e Capitão de Infantaria de Ordenança da Ribeira do Jaguaribe. Em 1699 foi o cabo de Infantaria que veio de muda para o Ceará em companhia do Capitão-mor Francisco Gil Ribeiro. Havendo este de fazer uma entrada pelo sertão, ficou Francisco de Miranda encarregado do governo da fortaleza durante sua ausencia.

Francisco Dias de Carvalho.—Fazia parte da Companhia do Capitão Antonio da Silva Barbosa, terço do Mestre de Campo Zenobio Achioly de Vasconcellos, com 23 annos de serviço.

Foi elle que com o posto de Capitão de Infantaria e por Ordem do Capitão-mor Fernão Carrilho, datada de 26 de Junho de 1694, commandou a expedição contra os Paiacus, Jandoins, Icós e outros indios de corso, que infestavam as terras do Jaguaribe e Banabuyu.

Francisco Gil Ribeiro.—Veio governar a Capitania por mandado de D. Fernando Martins Mascarenhas em Portaria de 30 de Junho de 1699. Era em Pernambuco Capitão de Infantaria por Patente de 21 de Janeiro de 1698.

Acompanhou-o ao Ceará, como cabo de infantaria de muda, Francisco de Miranda, natural de Olinda.

Francisco Pereira da Cunha. — Capitão-mor do Ceará por C. R. de 26 de Outubro de 1637. Natural de Villa Nova de Cerveira e filho de Domingos Fernandes Curvello. Pertenceu a 10 Armadas da Corôa, entre as quaes a da recuperação da Bahia e a de soccorro a La Rochelle, França. Assistiu tambem no Arraial de Pernamhuco. Uma segunda nomeação, esta já por D. João, para o governo do Ceará por 4 annos e com o ordenado annual de 400 cruzados, como substituto de Domingos da Veiga, tem a data de 3 de Janeiro de 1641.

Francisco Pinto (P.e).—Da Ordem de Jesus. Nasceu em 1552 em Angra, Ilha Terceira, entrou para o Collegio da Bahia em 1568, foi Coadjuctor e fez a formatura em 1588.

De ordem do Provincial Fernão Cardim, em companhia do P.e Luis Figueira deixou a 20 de Janeiro de 1607, dia de S. Sebastião, a cidade de Recife, para a catechese dos indios do Ceará. Acompanharam-o cerca de 60 indios. Depois de curta estadia no porto de Jaguaribe, que deixou a 2 de Fevereiro, seguiu sempre a pé para a serra da Ibiapaba e na conversão dos selvicolas vivia de todo absorvido com o companheiro, quando a 11 de Janeiro de 1608 foi cruelmente trucidado pelos Tocarijus.

Escapo da sanha dos barbaros, Luiz Figueira sepultou seus restos dentro do matto no logar Ubajara ao sopé da serra; mais tarde foram elles transportados pelos indios de Jaguaribe para a capellinha da aldeia portuguêsa junto ao Rio Ceará.

Francisco Ribeiro de Souza. — Explorador e dono de terras do Banabuyu. Era Capitão dos auxiliares dos

Moços Solteiros da Capitania por Patente de 18 de Outubro de 1709, confirmada por Sebastião de Castro Caldas. Em 1702 fez crua guerra ao gentio.

Francisco Ximenes de Aragão (Dom).— Capitão-mor do Ceará, nomeado a 6 de Abril de 1739.

Servira no Reino e no Estado do Maranhão por 25 annos. Foi Capitão-mor da Capitania de S. Luiz, desde 1722, tendo baixa a 5 de Junho de 1728; no seu governo concertou os baluartes de S. Cosmo e S. Damião, em que se gastavam de vez em quando consideraveis quantias por terem sido feitos sem alicerces e estar a maré a bater sempre nelles. Indo ao Pará construiu o arraial do rio Miarim.

Gedeon Morris de Jonge.—Commandante da guarnição Hollandêsa do Ceará em substituição a Hendrick van Ham, para o que partiu de Recife a 23 de Novembro de 1640. Estivera longo tempo no Maranhão e Pará.

A crescente oppressão aos indios e a falta de pagamento aos que trabalhavam nas salinas deram causa a um levante contra os Hollandêses. Aproveitando o ensejo opportuno os indios assaltaram em Janeiro de 1644 a guarnição do forte do Ceará, parte da qual andava disseminada em diversos serviços, e trucidaram-na juntamente com Gedeon Morris e o mestre de equipagem Emor de Bont, cujos barcos foram saqueados e destroçados.

Hendryck Hendryckssen Cop. — Commandante de um navio hollandês, que em 1610 deu fundo em Mocuripe.

Da sua narração de viagem se tem informação de que a terra fornecia batatas, pau amarello, ambar, gallinhas e faisões.

Era seu companheiro de aventuras Claes Adriaussen Cluyt.

João Algodão.— Capitão-mor dos Indios da aldeia de Parangaba. Mandou o filho a Pernambuco para garantir as pazes e amisade feitas por occasião da expulsão dos Hollandêses, o que lhe valeu ser distinguido por

ordem de Francisco de Brito Freire com um vestido de dez mil reis como demonstração de agrado. Igual donativo teve um seu parente, filho de D. Antonio Felippe Camarão, que durante algum tempo morou na casa do citado governador. Foi isso em 1661.

Jacob Cochleo (P.e)—Nascido em Philippeville, Artois, França, em 1629, entrado para a Ordem de Jesus a 5 de Março de 1649 em Tournay, fez a profissão dos 4 votos a 2 de Fevereiro de 1665.

Veio para a missão do Ceará e aqui esteve de 1662 a 1673; daqui saiu a missionar os Quiriris. Em 1683 era Reitor do Collegio do Rio de Janeiro, cargo que deixou para occupar o de Director dos jovens escolasticos. Na Bahia notabilisou-se pelas conversões, que operou entre Inglêses, Hollandêses e Dinamarquêses. Falleceu em cheiro de santidade a 17 de Abril de 1710 no Rio Grande do Norte.

O P.e **Luiz Macedo** foi seu companheiro em 1670 no Ceará. Esse padre a pedido do Conde de Obidos forneceu em 1665 sementes e garfos de cacau para inicio da cultura dessa planta na Capitania da Bahia, onde hoje representa uma das suas grandes riquezas.

Jeronymo d'Albuquerque.—Mandado á conquista e descobrimento das terras e Rio do Maranhão por Gaspar de Souza, que lhe deu o preciso Regimento a 22 de Junho de 1614, esteve no Ceará no dito anno. Acompanhou-o o Sargento-mor do Estado Diogo de Campos Moreno, tio de Martim Soares.

De ultimar a conquista foi encarregado Alexandre de Moura.

Falleceu a 11 de Fevereiro de 1618, sendo substituido no governo do Maranhão pelo filho Antonio de Albuquerque, auxiliado por Diogo da Costa Machado e Bento Maciel Parente.

João Alvares da Encarnação (P.e)— Um dos mais notaveis missionarios vindos ao Ceará. Pertencia á Congregação de S. Phelippe Nery.

Nasceu em Tracunhem, Pernambuco, a 4 de Mar-

ço de 1634 e falleceu no seu Convento do Recife victimado por uma affecção cancerosa.

Era filho de Antonio Jorge Guerra e Isabel Taveira.

Diz delle em documento de 26 de Junho de 1698 o Bispo de Pernambuco: Grande servo de Deos, que por muito tempo continuou com o trabalho de doutrinar os Indios das ditas Aldeas (do Ceará) e ainda ao presente continua.

João Amaro Maciel Parente. — Natural de S. Paulo e filho de Estevão R. Bayão Parente, natural de Beja e casado com Magdalena Fernandes Feijó de Madureira.

Celebrisou-se no Ceará e Rio Grande na campanha contra os indios de que fôra encaregado Mathias Cardoso (1689).

Era seu irmão Bento Maciel Parente.

Por Patente de 10 de Abril de 1690 teve a nomeação de Capitão-mor das companhias e tropas de Infantaria e Indios.

Na sua Fé de Officio se declara que «fazendo jornada o dito Mestre de Campo (Mathias Cardoso) do dito Seará pera o' Rio grande dando escolta a tres mil cabeças de gado vacum, que se não podia tirar por estar ainda enfestado do gentio, o deixar por cabo de toda a gente com todos os seus poderes pera a disposição do que fosse mais conveniente o que fes formando todo o Arrayal em que recebeo toda a gente fazendolhe contenuar as plantas e despendendo de sua fazenda 140 C. para fardar a infantaria e ultimamente chegando ao Rio grande o dito Mestre de Campo formado aly o arrayal fazer aly duas sahidas a campanha em que se gastarão sete mezes e por fogir os soldados por lhe faltarem soccorros necessarios o mandar retirar o dito Mestre de Campo e pondose em marcha com a pouca gente que tinha pello interior do Certão caminhar com grande risco de vida sem polvora nem balla em distancia de 150 legoas de campanha procedendo em tudo com satisfação.

Jan Bautista Syens.—Natural de Amsterdam. Chegou a Mocoripe a 21 de Novembro de 1600.

Tendo partido de Texel a 28 de Agosto, avistou a 18 de Novembro a ilha de Fernando de Noronha.

Desembarcando á tarde em Mocoripe com alguns companheiros condusiu para bordo seis indios, que obsequiados e com dadivas regressaram á terra.

Faziam parte desta expedição os marinheiros Cornelis e Andries e de Cayone, que morara por muito tempo entre os indios do Rio Grande e por cujas indicações foi ella emprehendida. A 15 de Dezembro a expedição deixou o porto, seguindo a viagem traçada.

Os generos obtidos da terra foram aves, fio de algodão e pau amarello.

João Cavalcante de Albuquerque.—Filho de Christovam de Hollanda, natural da freguezia de S. Lourenço, nasceu em 1628.

Matriculou-se a 10 de Abril de 1646 como soldado da Companhia do Capitão Cosmo do Rego Barros, do Terço de João Fernandes Vieira, e serviu com seis cruzados mensaes de soldo até 13 de Novembro de 1652 quando passou a Alferes do Capitão Braz de Barros, do mesmo Terço, vencendo 15 cruzados mensaes até 26 de Maio de 1656, quando foi reformado.—A 26 de Maio de 1656 começou a servir como Alferes reformado na Companhia do Capitão João Soares de Albuquerque até 14 de Maio de 1667, dia em que foi provido em uma Companhia de Ordenança da freguezia de São Lourenço, por Patente de André Vidal de Negreiros, e que serviu até 13 de Junho de 1672. A 10 de Outubro de 1674 foi nomeado Capitão-mor da Freguezia de S. Lourenço por Patente do Governador D. Pedro de Almeida e exerceu esse cargo até 16 de Março de 1689.

João da Costa Monteiro.—Filho de Luiz Mendes e natural de Vaqueiros, termo de Santarem, Portugal.

Serviu no Ceará desde 10 de Outubro de 1697 até 14 de Maio de 1707 como soldado, Alferes, Infante, Tenente, Capitão de Cavallos e Sargento-mor das Ordenanças.

Aqui estava quando os Paiacús se retiraram da ribeira do Jaguaribe onde eram aldeados, e se rebellaram contra os moradores, conseguindo elle o apaziguamento e a volta dos indios para a missão, com o que teve principio a povoação daquella Ribeira e quando contra esses indios entraram em guerra os Jandoins, acudiu-lhes e os livrou do assalto intentado. Auxiliou a reedificação do presidio do Jaguaribe e abriu á sua custa uma estrada nas mattas do Aracaty, facilitando o caminho para Recife.

De ultimo foi provido e confirmado no posto de Coronel da Infantaria da Ordenança da Ribeira do Jaguaribe.

João da Motta.—Filho de Pedro da Motta e natural da Bahia.

Foi o 1.° Capitão e Cabo do Presidio da Ribeira do Jaguaribe, mandado situar por Caetano de Mello de Castro. A Patente Regia, que o confirmou neste posto, tem a data de 9 de Setembro de 1696. Era então Ajudante de numero do 3.° do Mestre de Campo Zenobio Achioly de Vasconcellos, posto em que o substituiu Belchior Pinto, por nomeação de 8 de Novembro de 1696.

Facto de summa importancia na vida desse militar foi o papel, que representou na conspiração havida em Pernambuco em 1711 quando os Olindenses quizeram senhorear-se das fortalezas de Recife para impedir a entrada do novo governador Felix José Machado caso não fossem perdoados do crime de motim em que haviam incorrido. O povo de Recife requereu ao Bispo, que então exercia o governo, medidas energicas contra o esperado ataque, mas o Bispo longe disso se retirou para Olinda. Por haver morrido o Mestre de Campo João de Freitas da Cunha e estar ausente o Sargento-mor Manoel Pinto, foi João da Motta, como official mais antigo, nomeado pelo Bispo para assumir o governo da praça de Recife e nessa qualidade sustou por seu valor e vigilancia a entrada dos sitiantes e proveu de mantimentos os moradores, devendo-se assim

ao seu prestimo e lealdade a conservação da praça até a chegada de Felix José Machado a 6 de Outubro de 1711.

Servira sob as ordens do Capitão Antonio Pinto na guerra emprehendida contra o gentio do Rio Grande do Norte, que havia morto varios moradores, commandara o presidio do arraial do Assú, exercera o posto de Capitão de Infantaria da Ordenança da Villa das Alagoas e fizera nove entradas contra os negros dos Palmares.

A mandado do Governador de Pernambuco veio substituir a Jorge de Barros Leite no governo do Ceará (1704) e por sua vez foi substituido por Gabriel da Silva do Lago. Fez guerra aos Icós e Caratheús, sendo cabo della o Capitão Pedro de Mendonça.

João de Freitas da Cunha.—Substituiu a Pedro Lelou como Capitão-mor do Ceará. Com elle veio Valerio Correia Monteiro, filho de Francisco Roiz Monteiro e natural de Pernambuco, que serviu em Pernambuco e Maranhão por tempo de 44 annos, 9 mêses e 13 dias continuados de 16 de Dezembro de 1697 até 2 de Setembro de 1742, quando falleceu na cidade de S. Luiz.

Nasceu no logar Beberibe, junto a Olinda, sendo seus paes Francisco Barbosa e D.ª Maria de Almeida, ambos nobres.

Soldado de muito valor, foi Mestre de Campo do Terço da guarnição de Recife.

Uma sua irmã, D.ª Joanna Paes Barbosa, que casou com João Pacheco Pereira, natural do Porto, foi sogra de José Fernandes da Silva, Capitão-mor de Goyanna. Delles descendem muitas familias Cearenses.

João de Mello de Gusmão.—Capitão-mor do Ceará por Parecer do Conselho em 13 de Outubro e Nomeação Regia de 18 de Novembro de 1660.

Embarcou da Ilha Terceira para o Maranhão em 1618, e para Pernambuco em 1624 em companhia de

Francisco Coelho de Carvalho. Tomou parte na defesa da Parahyba. Passando ao Maranhão em 1627, foi Capitão-mor de Gurupá e Cumá, acompanhou Pedro Teixeira no descobrimento do Rio das Amazonas, até chegar á cidade de Quito, jornada em que se gastaram 27 mêses e com o Governador Feliciano Coelho de Carvalho desalojou os Inglêses do forte que tinham num dos braços do rio e tomou-lhes um navio. Indo da Ilha Terceira para Portugal em 1641 com avisos do Capitão-mor Francisco de Ornellas da Camara, foi tomado pelos Turcos e levado a Argel, e posto em liberdade, aprisionaram-no os Castelhanos.

Restituido a Portugal, tornou a embarcar-se para o Maranhão, em 1649, com o Governador Luiz de Magalhães, e de volta com elle para a Europa, foi de novo aprisionado pelos Castelhanos e libertado.

Candidatos a Capitão-mor do Ceará competiram com elle Manoel Fernandes Pereira e Paulo Martins Garro. Este muito recommendado pelo P.e Antonio Vicente foi nomeado Capitão-mor de Gurupá na mesma data da nomeação de João de Mello.

Apezar de nomeado em 1660, só tomou posse do governo do Ceará a 14 de Dezembro de 1663; deu-a pessoalmente Diogo Coelho de Albuquerque.

Conhecia bem a lingua, modo de proceder e governo dos indios.

Tendo fallecido, a viuva D.a Thereza Gusmão transportou-se com tres meninas suas filhas por terra para o Maranhão.

João de Paiva Aguiar. — Provido pelo Governador Caetano de Mello e Castro como Capitão da Companhia de Infantaria da Ordenança do Ceará, foi confirmado no dito posto por Carta Patente de 6 de Novembro de 1698.

João Leite de Aguiar (P.e). — Uma Ordem Regia, datada de 10 de Dezembro de 1696, havendo mandado ao Bispo de Pernambuco que provesse a Egreja do Ceará sem concurso no P.e João Leite de Aguiar ou

outro qualquer que melhor lhe parecesse, foi nomeado o dito João Leite mas como vigario encommendado.

Trabalhou fortemente em bem dos Missionarios e das Egrejas da Capitania.

Tendo-se desavido com os soldados do presidio, pediu exoneração do cargo e então foi substituido pelo P.e João de Mattos Serra, Português, morador nas visinhanças de Recife, que partiu para o Ceará em Março de 1698.

João Soromenho.—Ou Sermenho. O conhecido captivador dos Indios do Ceará, alliados ou não, no tempo da entrada de Pero Coelho, cuja expedição fracassou devido em parte aos seus manejos. Uma Provisão Regia, de 19 de Setembro de 1606, ordenou sua prisão e processo. Expirou nas prisões do Limoeiro.

João Tavares de Almeida.—Capitão-mor do Ceará por nomeação de 4 de Junho e C. P. de 27 de Julho de 1666, tendo competido com elle Salvador Gomes da Fonseca, que serviu na Catalunha, no Maranhão desde 1645 até 1658 e depois no Pará como Procurador da Fazenda, e 2.ª vez em 1673 por C. P. de 2 de Outubro.

Serviu na guerra do Alemtejo e passando ao Brasil figurou na Armada da Restauração da Bahia e fez em Pernambuco a campanha Hollandêsa desde 1630 até 1635, quando numa emboscada caiu prisioneiro do inimigo. Regressando a Europa em 1644, tomom parte no sitio de Elvas.

Quando pela primeira vez no Ceará, bateu os indios Jânduins e Baquaes ou Baiquis com a morte do principal Penati e de um filho. Deve-se-lhe a reconstrucção da fortaleza de N.ª S.ª d'Assumpção.

Falleceu no Ceará em 1677, deixando viuva D.ª Joanna de Mendonça e duas filhas, DD. Maria Leonarda e Anna Maria.

Era aparentado com o Bispo de Martina.

Jorge Corrêa da Silva.—Capitão-mór do Ceará por Carta Patente de 5 de Agosto de 1670. Filho de Manoel Correa da Silva e natural de Evora.

Esteve em 1645 nas fronteiras do Alemtejo e passando-se ao Maranhão, ahi figurou em varias entradas ao sertão. Foi elle quem commandou a tropa vinda com a missão do Pe. Antonio Vieira para a Serra da Ibiapaba. Por doente foi para o Reino mas voltou ao Brasil na armada, que em 1664 veio á Bahia sob o mando do general Jorge Furtado de Mendonça e ahi permaneceu até o anno seguinte quando o Conde de Obidos o proveu no posto de Capitão de infantaria da Praça do Espirito Santo. Esteve em Espirito Santo por tres annos, servindo muitas vezes de Capitão-mór da Praça nas ausencias do proprietario.

No seu governo no Ceará fez-se guerra aos indios Paiacus, de todo submettidos por tratado de paz em Fevereiro de 1672.

Jorge de Barros Leite.—Por O. R. de 26 de Novembro de 1699 e C. P. de 29 de Dezembro de 1700 foi nomeado Capitão-mór do Ceará na vaga de Fernão Carrilho, promovido ao posto de Logar-tenente do Governador do Maranhão. Empossado em fins de Dezembro de 1702. Por despacho de 23 de Janeiro de 1700 obteve como ajuda de custo começar a receber o respectivo soldo desde o dia do embarque em Lisboa.

Tinha varios serviços de guerra e de administração. Tomara parte na batalha de Ameixial, defeza da Praça d'Elvas (1663), depois passara a Angola e ao Brasil, onde serviu como praça de soldado infante e de cavallo, alferes, capitão da guarda do governador da Bahia, Capitão-mór de Sergipe d'El-Rei, por 3 annos e 3 dias, Tte. General da gente miliciana no sertão da Bahia, sendo elle quem prendeu o celebre Capitão-mór dos mocambos Belchior da Fonseca, como em Sergipe prendera em pessoa o grande criminoso Estevam de Abreu Lima, regulo que havia commettido vinte e tantos delictos, os mais delles capitaes, diz um doc. da epocha. Deve-se-lhe o descobrimento em 1690 das minas de prata de Itabaiana.

Quando no Ceará houve entre elle e os soldados

da guarnição grandes disturbios e para acalmal-os veio ao presidio do Ceará Placido de Azevedo Falcão, Capitão do presidio do Jaguaribe, que prendeu 18 dos amotinados e os remetteu para Pernambuco.

Foi dispensado do governo do Ceará por C. R. de 11 de Maio de 1703. Substituiu-o João da Motta a mandado do governador de Pernambuco em quanto não chegava do Reino Gabriel da Silva do Lago.

Jorge Garstman.—Militar Hollandês, e que juntamente com Hendrick Huss realizou a conquista do Ceará em 1637.

Havendo saido de Recife a 14 de Outubro, a 25 e 26 chegavam ao Ceará, era assaltado e tomado o forte de S. Sebastião, então sob o commando de Bartholomeu de Brito e aprisionada sua pequena guarnição, composta de 33 homens.

Assumiu o commando do forte o Tenente Van Ham, a quem substituiu Gedeon Morris de Jonge, vindo de Pernambuco na nao «Fuymsluyper».

Continuou a prestar serviços ao Brasil Hollandês, sendo batido e aprisionado no Potengi pelas forças de Luiz Barbalho. Depois da capitulação dos Hollandêses embarcou-se para Martinica, onde morreu pouco tempo depois. Pierre Moreau, aliás, diz que provada sua cumplicidade no assassinato de Jacob Raby, foi elle expulso do exercito (1647) e enviado para Hollanda como *schelme*, isto é, um individuo deshonrado.

Luiz Figueira (Pe).—Da ordem de Jesus. Nasceu em Campo de Ourique, villa de Almodovar, Arcebispado de Evora, Portugal, entrou no noviciado a 22 de Janeiro de 1592 com 17 annos de idade e passou-se ao Brasil em 1602. Accompanhou de ordem do provincial Fernão Cardim ao Pe. Francisco Pinto na celebre missão do Ceará em 1607.

Morto o Pe. Pinto pelos Tocarijus da Serra de Ibiapaba, tomou Luiz Figueira a direcção do mar e sob o patrocinio dos indios do chefe Cobra Azul veio até o fortim do Ceará, reuniu os indios dispersos, forneceu-lhes ferramentas, levantou uma cruz, e como o

levantamento foi em dia de S. Lourenço, deu á aldeia o nome de S. Lourenço. Até então o local era uma povoação feita de soldados.

Tendo deixado a 19 de Agosto de 1608 a aldeia do Ceará ou S. Lourenço, partiu para o Rio Grande num barco em que viera buscal-o o Pe. Gaspar de Sam Peres.

Depois de longos annos de optimos serviços no Reino e sobretudo em terras do Brasil vinha elle com 14 membros de sua Ordem em companhia do governador Pedro de Albuquerque quando tremenda tempestade na noite de 29 de Junho de 1643 fel-os naufragar junto á Ilha do Sol e succumbir após dias de martyrio á uma morte miseranda. O Pe. Pedro de Figueredo e o Irmão Manoel da Rocha acabaram de sêde e fome tendo passado sete dias sobre um pedaço da coberta do navio; os outros, inclusive Luiz Figueira, foram devorados pelos tapuias arauans na Ilha de Joannes; escaparam da catastrophe o Pe. Francisco Pinto, que della deixou uma relação e os Irmãos Antonio Carvalho e Nicolau Teixeira.

Luiz Figueira, grande conhecedor da lingua indigena, deixou apreciadissima *Grammatica*. Delle publiquei no Livro do Centenario do Ceará a *Relação do Maranhão, 1608, enviada a Claudio Aquaviva.*

Manoel Alves da Cunha.—Filho de Jeronymo Gonçalves e natural de Ponte de Lima.

Vindo do Reino em 1621, auxiliou a Martim Soares Moreno a rechassar hollandêses e francêses, que queriam situar-se no Ceará mercê do favor de tribus indias.

Do Ceará passou ao Pará e serviu de soldado, sargento, alferes, capitão e sargento-mór da Capitania, occupando este ultimo cargo ainda em 1655. Conjuntamente com postos da militança serviu de Ouvidor e Auditor da gente de guerra da dita Capitania e de Provedor da Fazenda dos ausentes e defuntos e Ouvidor e Auditor Geral de todo o Estado do Maranhão.

Manoel Alves de Moraes Navarro.—O celebre Mes-

tre de Campo do 3.º dos Paulistas. Filho de Manoel Alves Murzello e natural de S. Paulo. Notabilizou-se pela guerra feita aos indios da missão do Jaguaribe, o que lhe valeu a justa opposição da Egreja pela voz do então Bispo de Pernambuco D. Frei Francisco de Lima, que mandou fazer uma devassa pelo Vigario da Vara do Ceará João de Mattos Serra.

Por actos de barbaridade praticados sobretudo contra os Payacus do Pe. João da Costa foi preso pelo Ouvidor Soares Reymão, ajudado por um troço de 40 soldados sob o commando de Manoel da Rocha Lima.

Servira por mais de cinco annos como alferes da Fortaleza Vera Cruz de Itapema, quando em 1689 o Arcebispo da Bahia, então no governo do Estado, nomeou-o sargento-mor do 3.º de Mathias Cardoso, que se formara para a guerra contra os indios do Rio Grande e Ceará, e nesse posto foi o mais notavel auxiliar de Mathias Cardoso. Havendo o Mestre de Campo Domingos Jorge Velho, então empenhado na guerra dos Palmares, pedido soccorro por terem-o abandonado os soldados, que não eram Paulistas, foi Moraes Navarro auxilial-o e o fez com grande valor e maior successo. Afinal foi por Patente de 25 de Maio de 1696 nomeado Mestre de Campo do 3.º dos Paulistas encarregado de bater os indios, que estavam a conflagrar e a fazer destruições na Capitania do Rio Grande e suas visinhanças.

Manoel Carvalho Fialho.—Serviu nas Capitanias de Pernambuco e Itamaracá desde 1661 até 1697, tendo estado de guarnição na fortaleza do Ceará em 1662 e 1663 e segunda vez em 1689, sendo que na primeira vez deveu-se-lhe o apasiguamento das tropas rebelladas contra João de Mello de Gusmão e fortificadas no oiteiro de Mocoripe e da 2.ª a construcção de um quartel por não terem os soldados onde se alojar, estando o forte em ruinas.

Era seu tio pelo lado materno Paulo Nunes de Proença, que serviu nas Capitanias de Pernambuco e

Parahyba desde 1631 até 1679 e em attenção a cujos serviços elle teve a mercê de Meirinho da Correição da Capitania de Pernambuco na vaga por fallecimento de Antonio Antunes Viegas (1685).

Competiu com Jorge de Barros Leite para obter o cargo de Capitão-mór do Ceará.

Manoel da Costa Barros.—Foi capitão de uma das companhias de cavallos da Ribeira do Jaguaribe por nomeação do respectivo Capitão-mór, confirmada por Patente Regia de 6 de Setembro de 1696, e quando se procedeu a 25 de Janeiro de 1700 á eleição da primeira Camara do Ceará, a da Villa de S. José de Ribamar, foi um dos dois juizes ordinarios eleitos.

Prestara serviços no Alemtejo, achando-se nas campanhas de Olivença quando governador das armas Martim Affonso de Mello, restauração de Mourão, sitio e campanha de Badajóz, Linhas de Elvas, portando-se sempre com valor digno de nota, e vindo ao Brasil foi dos primeiros a romperem os sertões do Rio Grande para o Ceará, promovendo pazes com o gentio e facilitando a entrada de muito gado.

Serviu tambem nas Ordenanças da Villa de Alagoas, na lucta contra os negros dos Palmares, e no arraial do Assú.

Frei Manoel da Cruz.—Da Ordem de S. Francisco. Veio do Reino como confessor na armada da Companhia do Commercio sob a chefia de Pedro Jaques de Magalhães e chegando a Pernambuco em Dezembro de 1653 tomou parte na lucta com os Hollandêses como sacerdote e soldado. Rendidas as forças de Recife, o Mestre de Campo Francisco Barreto mandou-o em Setembro de 1655 servir de capellão-mor da gente de guerra do Ceará e aqui ficou até Novembro do anno seguinte.

Manoel de Brito Freire.—Capitão do presidio do Ceará, servindo-lhe de sargento Fulano de tal Almeida (1614). Governava o presidio quando da passagem em Setembro da expedição de Jeronymo de Albuquer-

que e Diogo de Campos ao Maranhão e com elles se embarcou.

Manoel de Souza d'Eça.—Natural dos Açores. Occupou o logar de provedor dos defuntos e ausentes em Pernambuco.

Em Junho de 1614 veio com soccorro de gente e mantimento ao forte de N.ª S.ª do Rosario, de Jericoacoara, o que evitou a tomada do presidio, atacado no mesmo mez pelo francês Du Prat.

De Jericoacoara seguiu com seus soldados para o Maranhão e Jeronymo de Albuquerque fel-o capitão da vanguarda de todo o exercito.

Governou a Capitania do Grão-Pará desde 6 de Outubro de 1626 até 18 de Outubro de 1629 em substituição a Bento Maciel Parente. Succedeu-lhe Luiz Aranha de Vasconcellos.

Era grande conhecedor da lingua dos indigenas.

O nome deste Açoriano é escripto D' Eça, D' Essa, de Sá.

Manoel Fernandes Pereira.—Serviu no Estado do Maranhão de 1646 a 1653 e de 1655 a 1659, tendo sido companheiro de André Vidal de Negreiros quando para lá foi de governador.

Foi candidato com João de Mello de Gusmão a Capitão-mor do Ceará em 1660.

Manoel Gomes (Pe.).—Capellão, com Diogo Nunes, da armada sob o commando de Alexandre de Moura, saida de Recife a 5 de Outubro de 1615 para completar a conquista do Maranhão, iniciada por Jeronymo de Albuquerque.

Nasceu em Cano, a 8 leguas de Evora, Portugal, em 1571 ou 72, entrou no Collegio dos Jesuitas de Evora em 1586, veio em 1595 para o Brasil e professou do 4.º voto em 1609.

Chegada ao Ceará a armada de Alexandre de Moura no dia 10 de Outubro o Pe. Manoel Gomes

veio á terra e com os indios se entreteve largamente acerca da vida e virtudes do Pe. Francisco Pinto, cujos ossos buscou levar comsigo mas inutilmente por causa da ciosa vigilancia dos indios.

De volta do Maranhão para o Estado do Brasil foi atirado por uma tempestade á ilha de S. Domingos a 1 de Maio de 1618 e dahi a 10 de Março de 1620 partiu para a Espanha e sosinho por ter fallecido o Pe. Diogo Nunes, seu companheiro.

Manoel Pedroso Junior (Pe.).—Missionario da Ibiapaba. Nasceu em S. Paulo em 1661, entrou na Bahia para a Ordem de Jesus a 6 de Junho de 1679, serviu nas aldeias durante alguns annos e veio para o Ceará em 1690. Em 1694 esteve de novo no Ceará. Coadjuctor espiritual a 1 de Janeiro de 1696. Indo para a Ibiapaba ainda ali estava em 1716.

Era perito na lingua dos indigenas.

Manoel Pereira da Silva.—Notavel pelos feitos, que praticou contra os Hollandêses de Pernambuco.

Veio ao Ceará em 1654 e depois de uma demora de mais de um anno e meio voltou a pé para o Recife. Durante a travessia, que durou 36 dias, através de mil difficuldades e perigos Pereira da Silva viu-se em condições de vender a roupa, que trazia, e de alimentar-se com seus soldados de carne de cavallo.

Voltou ao Ceará em 1673 e 1677, sendo que da ultima vez esteve no governo da Capitania em substituição ao fallecido Capitão-mor.

Da 1.ª vez foi em companhia do missionario frei Francisco de Sá á serra de Ibiapaba a ajustar pazes com varias nações do gentio.

Em 1683 teve a mercê de Ajudante do Numero da Capitania de Pernambuco no terço do Mestre de Campo Zenobio Achioly por promoção de Francisco Tavares ao posto de Capitão de Infantaria.

Manoel Rodrigues Ariosa.—Primeiro povoador do Cariri, o sesmeiro das terras do Crato. Era possuidor tambem de grande trecho de terras no baixo Jaguari

be. Deu-lhe a data do Cariri Jorge de Barros Leite a 12 de Janeiro de 1703.

Seus herdeiros venderam-a a Antonio Mendes Lobato, um dos muitos Lobatos, que se assenhorearam dos Cariris desde 1714.

A familia Lobato tinha assistencia na Capitania de Alagoas e no Rio S. Francisco.

Ariosa era natural do Rio Grande e falleceu em 1716 no sitio S. José, tambem conhecido por Lagoa do Ariosa. Sua vinda para o Ceará é anterior a 1695.

Martim Soares Moreno.—E' o fundador do Ceará. Havia sido um dos soldados da expedição de Pero Coelho em 1603 e era tenente do presidio do Rio Grande em 1611 quando D. Diogo de Menezes mandou-o frequentar os indios do Jaguaribe, commerciar com elles e fazer tratos e amisades, o que não lhe foi difficil porque affeiçoado aos modos dos selvagens conseguira captivar as sympathias de varios chefes, nomeadamente do de nome Jacauna.

O entabolamento dessas amisades e tratos moveu Dom Diogo de Menezes a mandal-o da Bahia onde então estava para o Ceará e aqui chegou elle a 20 de Janeiro (repare-se a singularidade desse mez na primitiva historia do Ceará) de 1612 trazendo em sua companhia seis, outros dizem dez, homens e um clerigo e construiu um fortim e uma egreja, que teve a invocação de N. S.ª do Amparo.

Continuava no commando do fortim quando do Recife a 1 de Janeiro de 1613 saiu a expedição de Jeronymo de Albuquerque destinada a desalojar os Francêses do Maranhão. A ella se deveu o fortim de Nossa Senhora do Rosario em Jericoacoara.

Estando a armada de Jeronymo de Albuquerque em Camocim foi-se-lhe reunir Martim Soares. Ficou em seu logar no presidio Estevam de Campos. Encarregado de ir á descoberta e sondagens do rio Maranhão e de reconhecer a situação dos Francêses ali, Martim Soares depois de 18 dias de investigações e trabalhos, descoberto e perseguido tratou de volver a

Camocim, mas os ventos e as correntezas forçaram-no a arribar á Trindade e á cidade de Cumana, cujo governador enviou-o a ilha de S. Domingos.

Chegado no mês de Setembro em S. Domingos, o governador e capitão-general D. Diogo Gomes de Sandoval fel-o embarcar em Dezembro na frota saida para a Europa.

De volta da Europa fez em 1615 parte da expedição de Alexandre de Moura, que logo no começo do anno seguinte nomeou-o capitão das terras de Cumá, mas como grave doença impediu-o de continuar no posto embarcou-se num barco velho e mal apparelhado e mais uma vez foi dar á ilha de S. Domingos, batido por forte tempestade. Em S. Domingos o governador Sandoval nomeou-o por cabo dos navios, que saiam para a Europa, e ainda outro temporal separou-o do grosso da armada e foi elle aprisionado pelo pirata Fleury, do Havre de Grace, após renhido combate. Depois de dez mezes de rigorosa prisão, da qual logrou sair por esforços do Duque de Monteleon, embaixador da Espanha em França, entrou em Portugal. Em Maio de 1619 teve mercê da Capitania do Ceará por tempo de dez annos e dispensado de ir á Bahia tomar posse do cargo das mãos do Governador Geral, chegou á Capitania a 23 de Setembro de 1621.

Terminado o tempo do seu provimento, substituiu-o no governo da Capitania o sobrinho Domingos da Veiga, cuja nomeação é de 19 de Julho de 1630.

Obedecendo a ordem que o mandava acudir Pernambuco, para lá seguiu chegando ao Arraial de Bom Jesus com seus soldados e indios em principio de Junho de 1631.

Mathens Tavares (Pe.).—Jesuita. Nasceu em 1572 em Aveiro, diocese de Coimbra. Entrou para o Collegio da Bahia em 1592 e fez a formatura em 1611.

Em 1603 foi escolhido para procurador do Collegio do Rio de Janeiro e em 1618 procurador da Provincia de Lisboa.

Mathias Beck.—A figura mais saliente da 2.ª invasão do Ceará pelos Hollandêses (1649).

Deve-se-lhe a construcção do forte de Shooner borck situado no monte Marajachoa no local mais ou menos do Quartel e fortaleza de Na. Sa. d' Assumpção.

Emprehendeu na Capitania importantes investigações mineralogicas, entre as quaes a do monte Itarema, visinho ao littoral, nas immediações da Serra de Maranguape.

Feita a capitulação de 27 de Janeiro de 1654, retirou-se com a sua gente para a ilha de Barbados.

Mathias Cardoso de Almeida.—O celebre Mestre de Campo e Governador das armas dos Paulistas.

Em documento de Junho de 1694 o Capitão-mor Fernão Carrilho diz que esse cabo de guerra vindo com 180 homens de retirada do Rio Grande fôra assaltado no rio Jaguaribe, *jurisdição de sua Capitania*, pelos Paiacus, Jandoins, Icós e outros indios de corso, que o feriram e lhe mataram um filho.

Pascoal Paes Parente.—Filho de Domingos Mei Nogueira e natural de Vianna.

Estando no Maranhão, tomou parte na jornada, que em 1640 se fez ao Ceará por motivo da invasão dos Hollandêses e depois saiu a servir no Pará e de novo em Maranhão, onde mais tarde na ausencia de Vital Maciel Parente ficou por fronteiro-mor do rio Itapicurú e superintendente do forte S. João Baptista, que concluiu.

Governou o Maranhão nas ausencias de Antonio de Albuquerque e Pedro Cesar de Menezes, idos ao Pará.

Paulo Martins Garro.—Serviu na guerra contra a Espanha até Março de 1647. Passando-se ao Maranhão em 1656, serviu na Capitania de Gurupá, na do Pará na qualidade de Capitão de Infantaria, penetrou em varias jornadas entre as quaes as que se fizeram ao rio dos Tocantins. Foi Capitão-mor da Capitania do Pará de 1 de Abril de 1668 a 9 de Junho de 1669.

Pedro Barbosa de Pedrosa (Pe.).—Jesuita. Filho

de Pedro Alvares de Pedrosa e natural de Coimbrão, termo de Leiria. Entrou para a Companhia de Jesus em 1632 e serviu de missionario e como visitador da Missão do Maranhão desde 1656 até 1684.

Veio para o Ceará em missão dos Tabajaras da Ibiapaba em 1656 por ordem do Pe. Antonio Vieira.

Foi elle o primeiro Português que penetrou o sertão dos indios Tacanhapes navegando o rio dos Jurumas na Capitania do Pará e quem abriu por terra caminho para communicação do Estado do Maranhão com o Ceará, no que foi imitado por André Vidal de Negreiros. Cabem-lhe tambem a prioridade na navegação em canôa da costa do Maranhão ao Ceará (1675), feito em que o imitou no anno seguinte o Pe. Superior para em companhia do capitão Affonso de Monroy ir dar principio ao descobrimento do rio Paraguassu, e o descobrimento do rio Pará.

Era seu primo legitimo Francisco Cordeiro da Motta, filho de outro de igual nome e natural de Monte Redondo, termo de Leiria, militar com serviços desde 1682 a 1689.

Pedro de Moraes (Pe.).—Foi o Pe. que com Provisão de Vigario do Ceará, passada pelo Vigario da Vara de Pernambuco, acompanhou a tropa expedicionaria vinda ao Ceará em 1654. Homem virtuoso e pessoa pratica na lingua dos Indios chama-lhe Francisco Barreto em Doc. de 11 de Agosto daquelle anno.

Pedro Francisco (Pe.).—Jesuita. Missionou no Ceará em 1662 e em Maranhão em 1670.

Nascido em Genova, Italia, em 1615, entrou para a Companhia de Jesus no Rio de Janeiro em 1640. Coadjuctor espiritual em 1552. Foi seu companheiro na missão do Ceará o Pe. Jacob Cochleo, theologo.

Pedro Lelou.—Capitão-mor do Ceará por Carta Patente de 14 de Novembro de 1694. Filho de Ludovico Wolf (Lobo, d'ahi o nome Lelou), e natural de Bruxellas em Flandres. Depois de haver servido dous annos em Flandres e cinco ao Imperador da Allemanha contra os Turcos, foi para Portugal em companhia de

Schomberg. Foi isso em 1660. Fez as campanhas de Arronches (1661) e Jurumenha (1662), assistiu á batalha de Ameixial, em que foi ferido gravemente, e tomada de Evora (1663), tomada de Valença de Alcantara (1664), em que recebeu uma pelourada de mosquete que lhe atravessou a garganta, á queima-roupa, batalha de Montes Claros (1665) em que foi de novo ferido, e tomada de S. Lucar de Guadiana (1666).

Vindo para o Brasil, seguiu em Outubro de 1671 com a companhia de que era capitão a guarnecer a fortaleza de Tamandaré em Pernambuco e a reconstruil-a, no que se occupou com dispendio da propria fazenda até fins do anno seguinte, quando partiu para a campanha dos Palmares com o Mestre de Campo Antonio Jacome Bezerra.

Em 1686 foi mandado por João da Costa Souto Maior á Parahyba apaziguar as luctas, que ahi se travavam entre os moradores, commissão, que desempenhou com pleno successo.

Provido no posto de Capitão-mor do Ceará em 1694, demorou-se por largo tempo em vir tomar posse, substituindo-o então Pedro Carrilho de ordem do governador de Pernambuco. Cessado o impedimento, motivado pelo processo, que se lhe instaurou por haver passado certidões reputadas falsas a favor do filho Luis Lobo de Albertim, assumiu o governo em 1695.

Pero Coelho de Souza.—Açoriano, homem nobre, morador na Parahyba, cunhado de Fructuoso Barbosa.

Reunidos a 21 de Janeiro de 1603 nas pousadas de Diogo Botelho, governador geral do Brasil, a convite seu, Manoel Mascarenhas Homem, Feliciano Coelho de Carvalho, Dezembargador Gaspar de Figueredo, Diogo de Campos Moreno e o Capitão João Barbosa foi Pero Coelho escolhido por proposta do governador para commandar uma expedição que fosse descobrir por terra o porto do Jaguaribe, tolher o commercio dos extrangeiros, descobrir minas, fazer pazes com os indios etc.

Tendo partido da Parahyba, por terra, com 65 soldados, entre os quaes Martim Soares Moreno, e 200

indios frecheiros, chegou ao Jaguaribe, proseguiu até Camocim e dahi para a Serra da Ibiapaba onde teve de sustentar forte lucta com os naturaes, auxiliados por Francêses.

Diante de uma revolta dos seus soldados, voltou ao Ceará, onde deixou Simão Nunes como Capitão e regressou á Parahyba a buscar a familia.

Nova Lusitania chamou á terra de que se apossara, e Nova Lisboa a povoação que fundou á margem direita do Rio Ceará.

De novo no Ceará, e já com a familia, Pero Coelho, baldo de auxilios e dos soccorros promettidos pelo governador, mas desviados por João Soromenho, que os applicou no captiveiro dos indios, foi forçado a voltar, quando tremenda secca assolava a região.

Foi a mais dolorosa a travessia da pobre caravana, morrendo de fome e sêde varias pessoas, entre as quaes o filho mais velho do Capitão-mor, que afinal após transes terriveis conseguiu chegar ao Rio Grande.

Do Rio Grande partiu Pero Coelho para a Parahyba, e de lá para Madrid e Lisboa, onde morreu depois de passar longos annos a requerer, inutilmente, a paga dos serviços que prestara.

A' expedição de Pero Coelho deve-se a construcção dos fortes S. Lourenço á margem do Jaguaribe e S. Thiago á margem do Ceará.

Rafael Barbosa da Franca.— Filho de Antonio Barbosa e natural de Coura.

Iniciou a vida de militar em Abril de 1640 no presidio da Bahia de Todos os Santos, e passando a Pernambuco tomou parte em varios encontros e combates com os Hollandêses, recebendo ferimentos em alguns delles. Por ultimo veio ao Ceará para cooperar contra o dominio Hollandês embarcando-se em uma armada, que saiu a dar caça a navios piratas, que infestavam a costa da Capitania.

Sebastião de Sá.—Capitão-mor do Ceará por duas vezes, uma por Carta Patente de 7 de Maio de 1678 e outra por nomeação de 26 de Setembro e C. P. de

13 de Outubro de 1684, competindo com elle Bento Correa de Figueredo, Manoel de Nojosa e Manoel da Cunha Moreno.

Na sua 1.ª administração, que findou a 11 de Setembro de 1682, substituiu-o Bento de Macedo de Faria, e na 2.ª Thomaz Cabral de Olival.

Servira nas guerras de Pernambuco, tendo estado na rendição da Casa Forte de Isabel Gonçalves com o aprisionamento do Governador das Armas Henrique Huss, na tomada do Forte de Nazareth, nas duas batalhas dos Guararapes, na tomada do Forte das Salinas e Casa do Rego, no sitio e tomada do Forte de Altana e Fortaleza das Cinco Pontas, dispoz a defesa da ilha de Fernando de Noronha, esteve de guarnição na fortaleza do Rio Grande do Norte, Capitania onde adquiriu propriedades, e combateu os negros dos Palmares.

Quando no Ceará reedificou a fortaleza, levantou a Egreja que estava em ruinas e muito favoreceu os Padres da Recoleta de Santo Amaro de Pernambuco nas suas missões pela Capitania.

Era filho de Manoel Ribeiro de Sá e natural da Villa de Olinda e irmão de Diogo Ramires.

E' o homem que nunca existiu na opinião dos que pleitearam em favor do Rio Grande do Norte na Questão Grossos.

Uma irmã de Sebastião de Sá, de nome Magdalena, casou com Nicacio de Aguiar Oliveira e teve Maria Magdalena de Sá e Oliveira, que casou com Manoel Vaz Carrasco e foi mãe de Ignez Madeira de Vasconcellos. Esses são os troncos de varias familias do actual Ceará.

Sebastião Martins. — Mestre da lancha em que saiu com 20 homens em 1613 Martim Soares Moreno a descobrir o Maranhão e enfrentar os Francêses, que lá estavam com fortaleza feita.

Desgarrados, foram ter os expedicionarios a S. Domingos e de lá á Espanha, donde Sebastião Martins

e alguns soldados volveram a Recife em 1614 na caravella de Roque Fernandez e então prestaram a Gaspar de Souza informações preciosas.

Simão Cordeiro.—Representou brilhante figura na guerra dos Palmares.

Esteve de guarnição na fortaleza do Ceará no anno de 1681.

Simão de Vasconcellos (Dom).—Mestre de Campo dos indios da Ibiapaba. Foi sesmeiro do Riacho Umbuassu, começando na passagem Itacolomy.

Thomaz Cabral de Olival.—Capitão-mor do Ceará por nomeação regia de 19 de Julho de 1687, de accordo com o parecer unanime do Conselho Ultramarino em data de 21 de Junho e por Carta Patente de 4 de Novembro do dito anno.

Prestara relevantes serviços militares na India, e tomara parte no sitio posto ao Castello Rodrigo. Pertencia desde 1682 ao terço da Armada quando se propoz á successão de Sebastião de Sá juntamente com Valentim Tavares Cabral, um dos heroes dos Guararapes, Antonio Simões Delgado, com serviços na Bahia e Pernambuco e que fôra capitão da guarda de Roque da Costa Barreto, Antonio Cesar de Mendonça, que servira no Reino de Angola, e Bartholomeu Fragoso Cabral, que servira na Bahia e Espirito Santo.

Valentim Tavares Cabral.—Filho de Felippe Vaz e nascido em Pernambuco.

Com Alvaro Barreto esteve perto de 2 annos no Ceará. Segundo reza a chronica, deu 378 alqueires de sal para sustento da infantaria, sendo então o preço do sal pataca o alqueire.

Tomou parte no cerco de Badajóz, descerco de Elvas como capitão de auxiliares, e quando no Brasil, serviu na Bahia e passando a Pernambuco fez-se notavel contra os Hollandêses entrando nas duas batalhas dos Guararapes, nos combates de Salinas, Barreta, Estancia do Aguiar, fortaleza das Cinco Pontas e tomada do Recife. Passando-se ao Reino serviu no Alemtejo.

Em 12 de Fevereiro de 1663 obteve patente de capitão-mor do Rio Grande por 6 annos na vaga de 21 de Janeiro de 1662.

Pleiteou em 1687 com Thomaz Cabral de Olival, Antonio Simões Delgado e Antonio Cesar de Mendonça o posto de capitão-mor da Capitania do Ceará.

Seculos XVIII e XIX

Adriano José Leal.—Juiz de Fora de Fortaleza por Decreto de 8 de Junho de 1819.

Fez parte da Junta, que ficou a governar a Capitania pela retirada de Manoel Ignacio de Sampaio, nomeado para Goyaz em substituição a Fernando Delgado Freire de Castilho.

Alexandre de Proença Lemos.--7.º Ouvidor do Ceará, nomeado a 17 de Maio de 1747 e empossado a 18 de Janeiro de 1749. Andou investigando as minas de S. José dos Cariris em 1752 e 1753, neste ultimo anno como superintendente dellas.

Alexandre Maria de Mariz Sarmento.—Conselheiro e Commendador da Ordem de Christo.

Nasceu em Porto, Portugal, a 9 de Novembro de 1791 e veio para o Ceará em 1799 em companhia do pae, Francisco Luiz de Mariz Sarmento, secretario do governador Bernardo Manoel de Vasconcellos.

Entrou para o serviço da Fazenda, como praticante, em 1803, mais tarde passou a escrivão do hospital militar, e a 2.º e 1.º Official da Junta da Fazenda.

Transferindo-se para o Rio de Janeiro em 1811, serviu no Erario Publico até 1866.

Pertenceu á Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional e foi um dos fundadores do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

O Ceará o elegeu Deputado Geral na legislatura de 1842, o que não lhe aproveitou pela dissolução da Camara.

Falleceu no Rio de Janeiro aos 79 annos de idade.

E' um dos beneméritos da Santa Casa de Misericordia de Fortaleza, havendo lhe legado a quantia de 20 contos de reis.

André Ferreira de Almeida Guimarães. — 11.° Ouvidor do Ceará. Nomeado por Provisão de 5 de Julho de 1781 e empossado a 26 de Maio do anno seguinte. Esteve em lucta com o governador Azevedo de Montaury.

Succedeu-lhe Manoel de Magalhães Pinto e Avellar de Barbedo.

Antonio Barbosa Ribeiro.—Juiz Ordinario de Villa Nova d'El-rei, assassinado a 3 de Março de 1795. Na mesma occasião desse crime foram feridos Manoel Carlos de Mello e Antonio da Silva Bezerra e morto João do Nascimento.

O acto, em que entraram cerca de 30 malfeitores, foi praticado ás 9 horas do dia, e do inquerito a que se procedeu sairam culpados como mandantes Bernardino Gomes Franco, Capitão-mor da Villa, e seu tio o Cel. Manoel Martins Chaves. Do exame cadaverico, feito na casa de residencia do tabellião Antonio Carlos da Cunha, verificaram-se «duas estocadas em cima do lombo direito, um tiro no hombro esquerdo, uma facada no estomago, outra no peito direito e um golpe na nuca, que decepou a columna vertebral ficando a cabeça presa apenas pela garganta». Entre os aggressores foram citados pelas testemunhas Felippe Nery e os filhos, Manoel Cabral, José Cabral, Bento Cabral, Antonio Cabral, o Pe. José Maria, um negro de João Firmino Chaves, Felix Ribeiro Fialho, José Carlos e Carlos José, filhos do tabellião Antonio Carlos da Cunha.

O crime de Villa Nova d'El-Rei foi occasião para o acto de energia, tão conheçido, do governador João Carlos e atirou Manoel Martins Chaves ás enxovias do Limoeiro.

Antonio da Costa e Souza. — Natural de Braga e filho de Domingos Martins.

Foi em 1707 procurador da Missão da serra da Ibiapaba.

Prestou relevantes serviços na defeza do Recife

por occasião do levante de 1711 e 1712. Foi seu genro o capitão José de Souza Couceiro, pae de Antonio de Souza Couceiro e Dª Luiza de Souza.

Antonio de Aguiar Pereira (Pe.) — Vigario da freguezia de Aquiraz e Vigario Geral da Capitania por permuta, que fez com o Pe. Alexandre da Fonseca, vigario collado.

Apezar das ordens em contrario persistiu em residir em Fortaleza, o que moveu os camaristas a representarem contra elle em data de 1 de Maio de 1733.

Antonio de Castro Vianna. — Escrivão da Junta Real.

A 8 de Julho de 1775 foi nomeado Secretario do governo em substituição a Ignacio José Gomes de Oliveira Gato. Tendo pedido exoneração do cargo, foi por sua vez succedido pelo Pe. Francisco Xavier Marreiros da Silva a 11 de Junho de 1779.

Já Capitão-mor de Fortaleza, saiu na eleição de 26 de Julho de 1793 por Juiz de Ordinario, mas havendo se escusado foi substituido por Gonçalo Fernandes Barroso.

Antonio de Loureiro Medeiros. — 2.° Ouvidor do Ceará. Nomeado a 21 de Novembro de 1728, tomou posse a 5 de Junho do anno seguinte.

Exerceu o cargo de Juiz de Fóra de Castello Novo. Serviu-lhe de Escrivão Manoel de Azevedo, seu parente e vindo em sua companhia de Lisboa, onde era beleguim.

Tendo vindo para a Capitania antes que elle houvesse terminado seu tempo um novo Ouvidor, que foi Pedro Cardoso de Novaes Pereira, surginam nella graves perturbações da ordem publica, que só terminaram com a retirada de Loureiro a 3 de Junho de 1732 para a Ribeira de Acaracu e posteriormente para Pernambuco.

A 11 de Setembro de 1734 seguiu para Lisboa sob a guarda do Capitão de Mar e Guerra João Pereira Santos.

E' delle a proposta a El-Rei para a suppressão de uma das duas villas existentes na Capitania e creação

de uma villa na Ribeira do Jaguaribe, outra na Ribeira do Icó e outra no Acaracu.

Antonio de Souza Machado.—Foi por Patentes de 22 de Setembro de 1766 e 21 de Janeiro de 1783 Sargento-mor das Entradas do Districto de Matta Fresca e Cajuaes e Commandante da ribeira e barra do Mossoró na parte pertencente ao Ceará. Foi igualmente vereador em Aracaty nos annos de 1768 e 1769.

Falleceu em Grossos em 1798.

Succedeu-lhe no posto de commandante da Barra de Mossoró seu gênro, Felix Antonio.

Antonio de Souza Marinho.—Veio ao Ceará em 1710 como commandante da Fortaleza de N. S.ª da Assumpção. Conseguiu compor os moradores da Ribeira do Jaguaribe com os tapuias de varias nações, que se tinham revoltado contra elles. Representou papel saliente no levante occorrido em Recife no tempo de Felix Machado.

Em 1715 ficou encarregado dos despachos em Fortaleza emquanto Francisco Duarte de Vasconcellos andava pela Ribeira do Jaguaribe. Tinha o titulo de Capitão-Regente.

Era filho de Antonio Martins Palha e natural de Pernambuco.

Antonio Gonçalves de Araujo.—Superintendente de minas de prata na serra dos Côcos e Ibiapaba para o que obteve provisões em 1739 e 1740.

Em 1743 vieram Martim Fugeor e cinco companheiros e começaram no anno seguinte os ensaios de exploração das minas.

A exploração não deu os resultados, que se apregoavam.

Antonio José da Silva Paulet.—Coronel do Real Corpo de Engenheiros.

Principiou os estudos a 15 de Outubro de 1795 na Academia Real da Marinha e depois de servir na armada até o posto de Capitão-tenente passou-se para o Real Corpo de Engenheiros.

Por Dec. de 13 de Maio de 1811 foi nomeado

Ajudante de Ordens do Governo do Ceará, cargo que assumiu a 19 de Março de 1812.

Mais tarde, já então coronel de Engenheiros, foi o 9.º Commandante da Fronteira de Missões, Rio Grande do Sul.

Por Carta Regia de 9 de Dezembro de 1821 teve a nomeação de Commandante das Armas do Ceará mas os acontecimentos politicos, que então se desenrolavam, vedaram-lhe vir assumir o posto.

Em Portugal tomou parte na lucta entre D. Pedro e D. Miguel e foi a 25 de Novembro de 1829 condemnado á morte, da qual logrou escapar.

Seu papel no Ceará ao lado do Governador Manoel Ignacio de Sampaio foi dos mais salientes. Devem-se-lhe varios importantes trabalhos cartographicos sobre a Capitania, dos quaes dou detalhada noticia no capitulo seguinte.

Antonio José Victoriano Borges da Fonseca.—Governador do Ceará por nomeação de 26 de Março e posse a 25 de Abril de 1765. Seu longo governo extendeu-se até 10 de Outubro de 1781 e foi assignalado sobretudo pela retirada dos Padres Jesuitas, victimas da odienta perseguição do Marquez de Pombal, e pela erecção em villas das aldeias de indios, que administravam. As villas então creadas tomaram os nomes de Villa Viçosa Real, Villa Nova de Soure, Villa Nova de Arronches e Villa Nova de Messejana.

Nascera em Recife a 25 de Fevereiro de 1718 e era filho do Cel. Antonio Borges da Fonseca.

Serviu na Capitania de Pernambuco, na Colonia do Sacramento e na Ilha de Fernando de Noronha.

Falleceu a 9 de Abril de 1786 e foi sepultado no claustro do Mosteiro de S. Bento em Olinda.

E' o auctor da *Noticia sobre a Capitania do Ceará* e da *Nobiliarchia Pernambucana*.

Fidalgo cavalleiro da Casa Real, familiar do Santo Officio, alcaide-mor das villas de Iguarassu e Goyana, academico supranumerario da Academia Brasilica

dos Renascidos e, como seu pae, Cavalleiro da Ordem de Christo.

Ainda no governo do Ceará, teve a 3 de Junho de 1780 mercê da patente de Coronel de Infantaria e reforma com soldo por inteiro de Tenente-Coronel.

Antonio Manoel Galvão.—Foi Ouvidor, Juiz de Feitos e Deputado da Junta da Real Fazenda por nomeação de 8 de Maio de 1809. Tomou posse desses cargos a 9 de Março de 1810.

Foi suspenso do exercicio de Ouvidor por Ordem do Principe Regente D. João em data de 23 de Agosto de 1813 e resolução do Desembargo do Paço datada de Fevereiro de 1814.

No numero dos seus perseguidos conta-se o vigario collado de Sobral, José Gonçalves de Medeiros.

Antonio Marques Cardoso (Dezembargador).—Syndicante de varias diligencias no Ceará, para o que saiu da Bahia a 5 de Dezembro de 1733.

Tirou as residencias de Manoel Francès e Francisco de Vasconcellos, capitães-mores, e de Mendes Machado e Loureiro Medeiros, ouvidores.

Antonio Pereira d'Avila.—Uma Carta Regia de 3 de Setembro de 1790 havendo ordenado sob proposta da Meza Censoria que fosse nomeado um mestre de ler e escrever da villa de Fortaleza, teve a nomeação a 17 de Janeiro do anno seguinte, com ordenado de 80$, e por Provisão Regia de 13 de Julho foi confirmado por seis annos.

Reconhecido incapaz, foi substituido a 28 de Janeiro de 1803 por Luiz Marreiros de Sá.

Antonio Thomas da Serra.—Sacerdote do habito de S. Pedro. Foi parocho da freguezia de São Gonçalo da Serra dos Cócos.

Teve por paes Manoel da Serra Cavalcante, Provisor de Itamaracá, filho de João Leite da Silva e de Brasia Cavalcante, e Isabel Alves de Castro, filha de Mathias de Siqueira e de Margarida Varella, ambos da familia chamada dos Novos.

Antonio Vieira da Silva.—Capitão da Fortaleza de N. S.ª d'Assumpção, nomeado em 1711.

Na vinda para o Ceará, o barco que o trazia naufragou na barra do Rio Grande e por ahi elle se demorou algum tempo, empregando-se então na repressão dos indios, que se tinham levantado, como o fez igualmente no Ceará em 1713.

Estando ausente Francisco Duarte, assumiu o governo da Capitania e nesse cargo esteve presente ao acto da transferencia (27 de Junho de 1713) da sede da Villa de S. José de Ribamar para o Aquiraz. A villa estava então em Fortaleza.

Era natural do Recife e filho de Jorge Vieira de Azevedo.

Bento da Silva e Oliveira.—Chamado o Mouro. Foi o 1.º Capitão-mor da Villa de Icó por Patente registada a 2 de Novembro de 1741.

Accusado de haver mandado matar o meirinho Fructuoso Soares Barbosa, foi a 2 de Junho de 1750 absolvido pela Relação da Bahia.

O Meirinho Geral da Ouvidoria Fructuoso Barbosa fôra assassinado a 30 de Julho de 1743 pelo mameluco João Fagundes e na devassa tirada pelo Ouvidor Farias saira culpado o Capitão-mor juntamente com Duarte Pacheco Pimentel.

Falleceu a 30 de Junho de 1763.

Bernardo Coelho da Gama Casco.—Ouvidor de Pernambuco. Foi elle o incumbido por O. R. de 14 de Setembro de 1758 para sequestrar os bens dos Revds. Padres Jesuitas e elevar em villas as aldeias dos indios retirados á administração delles.

Para executar tal incumbencia no Ceará partiu de Recife a 19 de Maio de 1759, trazendo como seu escrivão Luiz Freire de Mendonça e por meirinho Manoel Pereira Lobo.

Em virtude das ordens, que tinha, Gama Casco elevou as aldeias da Ibiapaba, Caucaia, Parangaba e

Paupina em outras tantas villas sob as denominações de Villa Viçosa Real (7 de Julho de 1759), Villa Nova de Soure (15 de Outubro de 1759), Villa Nova de Arronches (25 de Outubro de 1759), Villa Nova de Messejana (1 de Janeiro de 1760. A 10 de Janeiro de 1760 foi creado o Lugar de Montemor Novo da America por não ter capacidade para ser erecto em villa.

Bernardo Manoel de Vasconcellos.—O 1.º governador do Ceará independente de Pernambuco. A Patente de sua nomeação, todavia, já vinha de 18 de Outubro de 1797 e o dava como subordinado a Pernambuco.

Havendo deixado o Reino a 23 de Maio de 1799, chegou a Mocuripe a 25 de Setembro e a 29 tomou posse do governo.

A situação especial em que o collocava a Carta Regia de 17 de Janeiro, que ordenou a separação, fel-o emprehender diversas modificações na marcha dos negocios publicos e iniciar e melhorar serviços; dahi a installação da Junta da Administração e Arrecadação da Fazenda a 1 de Outubro de 1801, o estabelecimento de casas para inspecção do algodão em Mocuripe, Aracaty e Itapagé, etc.

As principaes figuras da administração de então foram o secretario Francisco Luiz de Mariz Sarmento, o naturalista Silva Feijó e Francisco Bento Maria Targini.

No seu tempo a povoação de Santo Antonio do Ouvidor foi elevada á villa com o nome de Villa de S. Bernardo do Governador (6 de Agosto de 1801), construiram-se em Mocuripe varias baterias de pedra e cal e concluiu-se o edificio da Alfandega de Aracaty.

Falleceu de diabetis a 8 de Setembro de 1801, substituindo-o no governo uma Junta composta do Ouvidor Silva Coutinho, o commandante da fortaleza José Henrique Pereira e o vereador mais velho Antonio Martins Ribeiro.

Eram seu irmão e cunhado Francisco de Paula de Vasconcellos, cadete do Regimento de Lippe e Francisco Leite Pereira de Mello Virgulino, Tenente do

dito Regimento, os quaes com elle vieram para o Ceará na qualidade de Ajudantes de Ordens.

Carlos Ferreira.—Capitão da Fortaleza de N. S.ª da Assumpção. Estava no governo da Capitania em substituição a Gabriel da Silva do Lago, quando pela manhã de 11 de Agosto de 1708 escapou de morrer de tiros de espingarda, que lhe mandaram dar José Mendes Lima e Pedro Carneiro.

Servira longos annos em Pernambuco, esteve 15 mêses no presidio do Rio Grande, marchou contra os Palmares sob o commando de Fernão Carrilho, tomou parte na investida ao oiteiro do Barriga sendo dos primeiros que chegaram ao portão da estacada e saltaram dentro, e na marcha feita á serra do Jacaré, e foi dos que embarcaram em 1694 com os soccorros mandados a cargo do Capitão Manoel Pinto a Domingos Jorge Velho.

Carlos Maria de Ferrara (Frei).—Capuchinho Italiano. Foi por muitos annos o encarregado da Missão do Miranda dos Cariris-novos.

A frei Carlos succedeu como director em 1750 frei Francisco de Palermo e a este em 1762 frei Joaquim de Veneza.

Christovam Soares de Carvalho.—Foi um dos Juizes Ordinarios eleitos por occasião de se proceder a 25 de Janeiro de 1700 em Igoape a eleição da 1.ª Camara que houve no Ceará. O outro Juiz escolhido foi Manoel da Costa Barros.

Na mesma occasião sairam por vereadores João da Costa de Aguiar, Antonio da Costa Peixoto e Antonio Dias Freire e por procurador João de Paiva de Aguiar.

Christovam Soares Reymão.—Ouvidor da Parahyba. Veio ao Ceará em 1706 para tombar as sesmarias concedidas no Jaguaribe e Acaracú.

Tinha o appellido de Cotia.

Propoz ao Rei a 20 de Abril de 1696 a creação de Camara com Juizes e vereadores e escrivão no Ceará e mais tarde a mudança da villa do Ceará para o logar do Aquiraz. Uma carta dos vereadores da villa

em data de 12 de Fevereiro de 1716 começa assim: Damos parte a Vmc., como fundador desta villa de Aquiraz etc.

Foi elle quem prendeu o Mestre de Campo dos Paulistas Manoel Alvares de Moraes Navarro por suas tropelias contra os indios Payacus de Mathias Peca.

O serviço de tombamento das terras do Jaguaribe por Soares Reymão começou na barra do rio e a 26 de Setembro de 1707.

Sua demora na Capitania extendeu-se até 1717. Tendo de enfrentar os homens mais poderosos della, suscitou grandes opposições. Foi homem energico e probidoso.

Serviu-lhe de escrivão Alberto Pimentel.

Domingos Alves de Mattos.—Genro do Alagoano Antonio Mendes Lobato por se haver casado com Isabel Lobato do Espirito Santo.

Foi o doador por escriptura de 3 de Dezembro de 1743 das terras nas cabeceiras do Miranda para patrimonio da aldeia e missão dos indios Cariús.

Deveu-lhe valioso auxilio o Intendente Jeronymo Mendes da Paz nas suas investigações mineralogicas nos Cariris.

Domingos Simões Jordão. —Nasceu em Pernambuco e foi filho de Silvestre Fernandes, natural de Podregaso, e de Maria Correa, natural de Mimieu, bispado de Coimbra, e irmão de Maria Correa, mulher do Capitão de infantaria de Olinda Paschoal de Souza e Silva, de quem provieram varios filhos, que seguiram a vida sacerdotal e militar, do coronel de Ordenanças Antonio Fernandes da Piedade, que casou com Marianna de Sousa Uchoa, e de Antonia Correa, que foi mulher de Antonio de Sousa Marinho, Cavalleiro da Ordem de Christo e Tenente do Mestre de Campo General da Infantaria de Pernambuco.

Esteve de guarnição na fortaleza do Ceará em 1699, 1700, 1706 a 1708, e 1713 e foi Capitão-mor da Capitania por escolha datada de 6 de Março de 1734. Serviu-lhe de Secretario José Bernardo Uchoa.

Domingos Simões Jordão servira em Pernambuco e Bahia por espaço de 33 annos, 4 mêses e 21 dias, fôra soldado pago, alferes de uma companhia de leva que seguiu para Angola, capitão-tenente do forte de S. Pedro do Jaguaribe, sargento-mor e coronel de ordenança dos districtos da Ribeira do Bonabuyu e Sitiaes, capitão do forte de Santo Antonio da Barra da Bahia e capitão de infantaria do 3.º da guarnição de Recife.

Estevão Monteiro (P.e) — Filho de Estevão Monteiro da Fonseca, descendente de Mathias Soares Taveira, Mestre de Campo de Auxiliares na Capitania da Parahyba e senhor dos engenhos de Una e das Tabocas, e de sua mulher Rosa Candida de Aragão, filha de Pedro de Moraes Magalhães, Capitão-mor do Ceará.

Tendo entrado para a Companhia de Jesus, veio missionar no Ceará e jaz sepultado na Egreja de N.ª S.ª do Bom Successo do Collegio de Aquiraz.

Sua mãe, que era prima do marido, por ser filha de Francisco Coelho da Fonseca e de Maria da Fonseca Velloso, chamava-se Maria Velloso da Fonseca.

Feliciano José da Silva Carapinima. — Natural de Minas Geraes. Um dos martyres da Republica do Equador no Ceará. Condemnado pela celebre Commissão Militar, foi fusilado na Praça dos Martyres, a 28 de Maio de 1825.

Fôra secretario do governador Rubim e da intimidade de José Felix.

Felix José de Moraes Magalhães (P.e)—Foi parocho e vigario da vara da villa de N.ª S.ª da Expectação do Icó, tendo sido empossado a 1 de Janeiro de 1772.

Filho de Pedro de Moraes Magalhães, que foi Capitão-mor do Ceará, e Candida Rosa Tenorio, fallecida a 5 de Abril de 1742, filha de Francisco Ponce de Leão.

Entre seus irmãos se contam: Pedro de Moraes Magalhães, Coronel do Regimento de Recife, casado

com uma filha do Capitão-mor João Carneiro; Maria Sebastiana, viuva de Jusarte Teixeira de Azevedo, fidalgo cavalleiro da Casa Real; o Conego da Cathedral de Olinda, P.e Gonçallo Borges da Fonseca, empossado a 24 de Novembro de 1758; o P.e José Ignacio Ponce de Leão, que falleceu a 24 de Junho de 1764.

Francisco Affonso Ferreira. — 17.º Ouvidor do Ceará. Natural de Pernambuco. Nomeado por Provisão de 15 de Julho de 1806.

Fez parte da Junta, que a 16 de Fevereiro de 1807 assumiu a administração pela retirada do governador João Carlos.

Foi Juiz de Fóra em Portugal, Ouvidor de Pernambuco e Desembargador da Relação da Bahia.

O auctor das «Revoluções do Brasil» faz delle desairosas referencias.

Francisco Alberto Rubim.—Ultimo Governador do Ceará Colonial. Nomeado por Dec. de 4 de Julho de 1818 e Patente Regia em data de 23 de Dezembro de 1819. Sua posse teve logar a 13 de Julho do anno seguinte. Serviu-lhe de secretario Feliciano José da Silva Carapinima, uma das victimas da Revolução de 1824.

Deante das perturbações da ordem publica em Fortaleza, Crato e outras localidades viu-se Rubim impotente para continuar no governo e enfrentar o levante popular, contrario aos alienigenas e teve de resignar-se com a deposição que lhe infligiram a 3 de Novembro de 1821. Substituiu-o então um Governo Provisorio do qual ficou sendo presidente Francisco Xavier Torres, Commandante da Infantaria de Linha.

Era Capitão de Mar e Guerra e Commendador da Ordem de Christo.

Francisco Alves Feitosa. — Sargento-mor do Regimento da Cavallaria da freguezia de N.ª S.ª do Monte do Carmo dos Inhamuns.

Foram os seus paes o Capitão-mor Pedro Alves Feitosa, natural do Rio S. Francisco e D.ª Anna Ca-

valcante de Nazareth, filha de Amador de Araujo de Azevedo e de Anna de Nazareth Cavalcante.

Francisco Alves de Pugas.—Foi o Tenente auxiliar de Jeronymo Mendes da Paz para o serviço das Minas de S. José dos Carinis Novos, vindo de Pernambuco em Maio de 1752.

Serviu em Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e Praça da Nova Colonia e Ceará por quasi 50 annos. Capitão de Infantaria em uma das Companhias do Regimento de Recife por Patente de 12 de Abril de 1766, serviu tambem nos Presidios de Fernando de Noronha e Itamaracá.

Francisco Bento Maria Targini.—1.º Barão e 1.º Visconde de S. Lourenço, do Conselho d'El-Rey D. João VI e do da Fazenda no Rio de Janeiro, Commendador das Ordens de Christo e Conceição. Nasceu em Lisboa a 16 de Outubro de 1756 e falleceu em Paris em 1827.

Em 1783 foi nomeado Escrivão da Provedoria da Fazenda do Ceará, vencendo o ordenado annual de 400$000. Antes de vir ao Ceará exercera por 8 annos empregos no Real Erario de Lisboa.

Creada por C. R. de 24 de Janeiro de 1799 a Junta da Fazenda do Ceará, a qual se installou a 1 de Outubro, foi nomeado por Dec. de 25 de Janeiro Escrivão Deputado e assumiu o exercicio do cargo no dia da installação.

A Junta da Fazenda foi extincta pela Lei de 4 de Outubro de 1831, substituindo-a a Thesouraria da Fazenda Geral.

Occupou o mesmo cargo na Junta da Fazenda do Rio de Janeiro por nomeação de 25 de Maio de 1802. Sustentou grandes luctas com Azevedo de Montaury e Bernardo M. de Vasconcellos, governadores do Ceará. Foi thesoureiro-mor do Real Erario creado em Junho de 1808.

Parece que era filho de pae italiano, e deu principio á sua carreira entrando como caixeiro ou guarda-livros em uma casa de commercio em Lisboa (Inno-

cencio da Silva). Targini conhecia as linguas franceza, inglêsa e allemã. Ha delle as seguintes traducções:

O Paraiso Perdido, Poema epico de J. Milton, traduzido em verso português, com reflexões e notas. Paris, na officina de Firmin Didot, 8.º gr., 2 tomos com estampas, offerecido a D. João VI;

Ensaio sobre o homem de Alexandre Pope, traduzido verso por verso; dado a luz por uma Sociedade Litteraria da Gran Bretanha. Londres, na officina de C. Whittingham, 4.º gr., 3 tomos. O Ensaio é acompanhado de notas mui extensas e eruditas.

No capitulo 32 de seu Resumo de Historia Litteraria de Portugal Ferdinand Denis tece elogios á traducção do Milton, e sobre a traducção da Obra de Pope encontra-se uma critica acerbissima a Targini no v. 10 do Portuguez ou Mercurio Politico, commercial e litterario, impresso em Londres em 1819. Era redactor desse periodico o jornalista João Bernardo da Rocha.

Targini foi tambem poeta. Innocencio cita uma sua Ode dedicada á memoria de Bartholomeu Montano, medico do Hospital de S. José, publicada em 1793 nas Officinas de Simão Thaddeo Ferreira, e Ferdinand Denis falla de algumas Satyras suas. A Bibliotheca Nacional de Lisboa possue sob a indicação L. 3. 48, e eu tive occasião de manuseal-o, um manuscripto com o titulo «Poesias de Francisco Bento Maria Targini». Fez parte da doação do Dr. Antonio Ribeiro. Esse volume consta de cinco Odes e uma Satyra. Das Odes duas são offerecidas a D.ª Maria Gertrudes Raymunda Costa Ginioux em seu anniversario, uma a D.ª Izabel Anna Fortunata Costa (essa tem uma epigraphe de Pindaro em grego e a competente traducção) e duas ao thesoureiro-mor do Erario Sebastião Francisco Bethamio.

Conheço de Targini dois retratos, um que vem no 1.º tomo da trad. do Ensaio sobre o Homem de Pope e outro no frontispicio da Arte de Furtar, edic. de Londres em 1820, que lhe foi dedicada.

Citando essa edição da Arte de Furtar, diz Innocencio da Silva á pag. 308 do volume 1.º de seu Dicc. Bibliographico :

«Esta edição, que é sem duvida a mais elegante e bem impressa de todas as que até agora se publicaram, traz ao frontispicio uma especie de medalha, com o retrato de Targini circundado por uma laçada de corda, cuja allusão é manifesta e bem condiz com a ironia da dedicatoria tendo por baixo a letra *ære perennius*».

Contra essa fama de pouco limpo de mãos adquirida por Targini protestam todos os seus actos no Ceará e muitos documentos por elle firmados, entre os quaes a seguinte carta que elle dirigiu em 1801 ao Revd. Elias Pinto de Azevedo, morador em Almofalla (Acarahú) :

«O documento que Vm. me remetteu para cobrar a sua congrua do tempo que diz servio de vigario dessa povoação de Almofala, não é bastante para o dito effeito, visto que Vm. servio sem as competentes provisões. A respeito de Vm. me offerecer 50$000 para os alfinetes de minha mulher, sua criada, se me offerece dizer-lhe, que ella quando veio de Lisboa, trouxe já os alfinetes que lhe eram precisos para se pregar no Ceará, e que eu desculpo esta sua ouzadia attendendo a sua idade, demencia e ao costume com que até a minha chegada se estava de se decidirem semelhantes questões por dinheiro, por ter sido aqui a venalidade companheira inseparavel dos Magistrados e Fiscaes da Real Fasenda, o que Vm. sabe ser um crime horroroso e imperduavel em semelhantes homens.

Deus Guarde a Vm. Villa da Fortaleza, 14 de Dezembro de 1801. Francisco Bento Maria Targini.

Francisco Carvalho de Souza. — Capitão de Infantaria da Praça de Recife desde 9 de Outubro de 1699 até 14 de Julho de 1749, quando falleceu.

Prestou relevantes serviços ao Desembargador An-

tonio Marques Cardoso, quando no Ceará em varias diligencias do Real Serviço.

Foi seu filho o P.e Antonio Carvalho de Sousa, nascido em Recife,

Francisco da Silva Soares. – Filho de Luiz da Silva e natural de Alcobaça.

Passou ao Ceará como Sargento do numero, depois de haver servido na Praça de Recife e na Ilha de Fernando, e aqui esteve 15 mezes.

Francisco de Lyra (P.e) — Da Ordem de Jesus. Nasceu na Ilha da Madeira no anno de 1676, filiou-se a 20 de Outubro de 1694 e professou dos 4 votos a 28 de Outubro de 1723.

Foi Superior da Ibiapaba por muitos annos a começar em 1718, e Superior do Hospicio de Aquiraz de 1743 a 1747.

Francisco Miguel Pereira Ibiapina. — Natural de Sobral e neto materno de D.a Maria Alves, chamada de Pirambeba, do nome de uma fazenda que lhe pertencia.

Tabellião e escrivão das correições do termo do Icó, removido em 1819 para o Crato. Vindo em 1823 para Fortaleza, envolveu-se activamente no movimento do anno seguinte e foi durante esse periodo tão agitado da nossa historia Escrivão Deputado da Junta da Fazenda e um dos deputados pelo Ceará ao Congresso do Recife.

Condemnado pela Commissão Militar, foi arcabusado em Fortaleza a 7 de Maio de 1825.

Francisco de Miranda Costa. — Nomeado a 3 de Março de 1746 para Capitão-mor do Ceará em substituição a João de Teive Barreto e Menezes. Empossado a 17 de Agosto de 1746.

Serviu por duas vezes o logar de Capitão-mor de Sergipe d'El-Rei.

Falleceu em Fortaleza quasi repentinamente pela madrugada de 1 de Setembro de 1748, vindo de Pernambuco para substituil-o no governo Pedro de Moraes Magalhães.

Francisco de Montes Silva. — Filho de João de Montes Silva, que veio do Rio São Francisco para o Rio Grande do Norte, e dahi para o Ceará. Um dos companheiros de Bartholomeu Nabo Correia, tendo obtido a data de sesmaria sob o n.º 12, situou-se na fazenda Pilar, um pouco abaixo do Icó. Interesses seus e da familia relativos a terras da Capitania sendo altamente prejudicados por Lourenço Alves Feitosa e parentes, seus visinhos em muitas dellas, empenharam-no em luctas, que ficaram celebres na tradição.

Nessas luctas collocou-se a serviço da parcialidade Feitosa o celebre ouvidor Mendes Machado.

Francisco Duarte de Vasconcellos. — Capitão-mor do Ceará, empossado em 1710. Passando de Pernambuco ao Ceará para exercer o cargo, encontrou nos cofres quantia com que pagar a Infantaria do presidio apenas dous mêses vendo-se assim forçado a supril-a com a sua propria fazenda. Em 1714 estava elle a requerer o pagamento do que havia adiantado, o que se realizou ainda trez annos depois.

Filho do Mestre de Campo André Duarte de Vasconcellos, que foi Governador de Angola e por sua vez pae de João Baptista de Vasconcellos e Sebastião Teixeira, que se casaram com duas irmãs do celebre Jesuita pernambucano P.e Paulo Teixeira, que foi secretario do Bispo Frei José Fialho e seu visitador geral.

Era Cavalleiro da Ordem de S. Thiago.

Tirou-lhe a residencia o Ouvidor da Parahyba Francisco Pereira da Costa.

Francisco Luiz de Mariz Sarmento.—Secretario do Governador Bernardo Manoel de Vasconcellos, para o que deixou Lisboa a 2 de Maio de 1799 juntamente com Silva Feijó e o cirurgião-mor Manoel Joaquim Garcia; já tinha, todavia, a nomeação de Secretario do governo da Capitania por 3 annos por Decreto de 3 de Julho de 1798.

Foi substituido por José Rabello de Souza Pereira a 6 de Setembro de 1809. Malquistado com Barba

Alardo deixou Fortaleza a 25 de Janeiro de 1811 seguindo por terra para Pernambuco.

Possuo documentos em que seu nome é Moraes e não Mariz Sarmento.

Francisco Ribeiro de Souza.—Capitão dos Auxiliares dos moços solteiros da Capitania do Ceará, posto em que foi confirmado pelo Governador de Pernambuco Sebastião de Castro e Caldas em data de 18 de Outubro de 1709. Foi o povoador da Ribeira do Bonabuyu e notabilisou-se por suas correrias contra os indios daquella região.

Francisco Xavier de Miranda Henriques.—Capitão-mor do Ceará por C. R. de 2 ou 19 de Dezembro de 1754. Sua posse foi a 22 de Abril de 1755. Serviu-lhe de Secretario Caetano José Correa.

Militara nas campanhas de Mazagão e governara por 12 annos a Capitania do Rio Grande (Patente de 10 de Julho e posse a 18 de Dezembro de 1739).

Do Ceará foi para a Capitania de Parahyba, nomeado Capitão-mor por Decreto de 10 de Maio de 1757.

Francisco Xavier Marreiros da Silva (P.e)—Substituiu a 11 de Junho de 1779 na Secretaria do Governo a Antonio de Castro Vianna, succedendo-lhe por sua vez em Fevereiro de 1780 Manoel Lopes de Abreu Lage.

Francisco Xavier Torres.—Sargento da Companhia de Pontoneiros e Artifices do Regimento de Artilharia de Lisboa, despachado a 30 de Janeiro de 1799 1.º tenente de artilharia do Ceará por tempo de 8 annos. Em 1806 assumiu o commando do batalhão de linha de guarnição em Fortaleza.

Com o Ouvidor Francisco Affonso Ferreira e o vigario Pe. José Pereira de Castro fez parte do Governo Interino, que substituiu a João Carlos e tomou posse a 16 de Fevereiro de 1807.

Havendo um Dec. Real de 31 de Julho de 1813 creado o Batalhão de Tropa de Linha da Capitania, cabendo ao Sargento-mor do dito Batalhão a inspec-

ção dos corpos militares existentes, foi elle o 1.º sargento-mor commandante. O Dec. que o nomeou é de 17 de Dezembro de 1814.

Deposto o governador Francisco Alberto Rubim a 3 de Novembro de 1821, foi elle eleito presidente do Governo Provisorio, então organizado.

Francisco Ximenes de Aragão (D.) — Capitão-mor do Ceará, tendo sido sua posse a 7 de Setembro de 1739. A nomeação é datada de 6 de Abril e a C. P. de 10 de Abril de 1739. Competiu com elle, entre outros, João de Barros Braga.

Fez optima administração segundo se vê do auto de residencia, que lhe tirou o Ouvidor Manoel José de Faria.

Tomara parte em varias expedições militares e fôra Capitão-mor da Capitania de S. Luiz do Maranhão por nomeação de 2 de Fevereiro de 1721, tendo governado desde 1722 até 5 de Junho de 1728.

Durante seu governo no Maranhão concertou os baluartes S. Cosmo e S. Damião de continuo arruinados, por não terem alicerces e serem batidos pela maré, assentou o arraial do Rio Miarim apropriado a impedir as hostilidades do gentio de corso, moveu varias expedições contra os indios e revelou-se de muita caridade e trabalho por occasião da epidemia de variola, que em 1726 reinou na cidade de S. Luiz.

Gabriel da Silva do Lago.—Nomeado Capitão-mor do Ceará por C. R. de 12 de Agosto de 1704 de accordo com o parecer de 9 de Agosto do Conselho Ultramarino, governou-o por 4 annos, 8 mêses e 17 dias.

Acabava de ser provido no posto de Capitão-mor da Capitania do Espirito Santo e exercera o de Sargento-mor de Sergipe até 11 de Outubro de 1703.

Competiu com elle Domingos Monteiro de Queiroz.

A 6 de Maio de 1708 assumiu o governo da Capitania o capitão Carlos Ferreira por haver elle seguido para Pernambuco.

A 27 de Abril de 1730 foi nomeado Sargento-mor

do 3.º volante dos auxiliares do districto de Serinhaem, Una e Porto Calvo.

Em 1731 voltou ao Ceará mas a interesse particular.

Foi seu sobrinho José Antonio Barbosa do Lago.

Gonçalo Ignacio de Loiola Albuquerque e Mello Mororó.—Nasceu na povoação do Riacho Guimarães a 24 de Julho de 1778, sendo seus paes o Rio Grandense do Norte Felix José de Souza e Oliveira e D.ª Theodosia Maria de Jesus Madeira, natural da freguezia de Sobral, casados a 5 de Agosto de 1765.

Ordenou-se no Seminario de Olinda, onde alem dos estudos ecclesiasticos dedicou-se ás sciencias physicas e naturaes.

Voltandoa o Ceará, foi Capellão do logar Boa Viagem (1810) e de Tamboril (1814). Favorecido com a amisade do governador Manoel Ignacio de Sampaio, foi nomeado professor de latim de Aracaty (1818), emprego de que se demittiu em Dezembro de 1821, passando então a morar successivamente em Campo Grande, Barra do Sitiá, fazenda Cannafistula e finalmente em Quixeramobim. Nesta ultima localidade fez a Camara reunir-se em grande sessão a 9 de Janeiro de 1824 e declarar decaída a Dynastia de Bragança. Coube-lhe tambem secretariar em Fortaleza a sessão memoravel de 26 de Agosto de 1824 na qual foram proclamadas a Republica no Ceará e sua adhesão á Confederação do Equador.

Restaurada a monarchia por José Felix, que ficara na presidencia da Provincia como substituto de Tristão Gonçalves, seguiu-se a perseguição aos cabeças do movimento republicano. Preso o Pe. Mororó e condemnado á pena ultima foi fusilado na actual Praça dos Martyres a 30 de Abril de 1825.

Profundo latinista, pregador sacro, jurisconsulto, botanico, foi Mororó tambem o director e redactor do 1.º jornal publicado no Ceará, o *Diario do Governo do Ceará*, saído a lume a 1 de Abril de 1824.

Gregorio Alves Pontes.—Juiz Ordinario de Fortaleza

em 1798, empossado a 1 de Janeiro. Capitão-mor da villa, empossado a 1 de Dezembro de 1802, vereador da Camara em 1803, e Juiz de orphãos para 1801 a 1803, empossado a 13 de Janeiro de 1803. Foi substituido neste ultimo cargo pelo alferes João da Rocha Motta.

Falleceu em 1803.

Gregorio José da Silva Coutinho.—15.º Ouvidor do Ceará, em substituição a Leocadio Rademaker. A C. R. que o removeu da Parahyba para o Ceará traz a data de 4 de Novembro de 1800.

Empossado em Outubro de 1801.

Fez parte da Junta, que ficou no governo da Capitania pelo fallecimento de Bernardo Manoel de Vasconcellos, occorrido a 8 de Novembro de 1802.

Guilherme Ware.—Natural de Irlanda. Veio para o Ceará no bergantim «Sophia e Bertha» em Maio de 1811 e com elle estabeleceu-se em Fortaleza a primeira casa extrangeira de commercio directo com a Europa.

Ignacio de Souza Magalhães.—Filho de João de Souza Magalhães, capitão de infantaria do 3.º de Olinda, neto de Manoel da Fonseca Jayme, que foi Capitão-mor do Ceará, e bisneto do Mestre de Campo Manoel Lopes Galvão, notavel na restauração de Pernambuco.

Esteve mais de uma vez no Ceará guarnecendo com sua companhia a Fortaleza de N. S.ª d'Assumpção.

Serviu por longos annos na Capitania de Pernambuco.

Entre os serviços consignados na Fé de Officio desse militar figuram os de «em 1723 ir com a sua Companhia guarnecer a sua fortaleza da Cappitania do Ceará grande na ocazião das sublevação dos moradores daquella Cappitania com o Ouvidor Geral della estando em huma plata forma a tempo que mandándo o Cappitão mor disparar huma pessa cahir sobre a casa da polvora da dita fortaleza a bucha dezemparando-a os demais soldados com temor de fogo subir por hua escada a tirar o dito murrão desprezando o risco da propria vida só a fim de evitar ruina da fortaleza; em 1737 tornar com a sua Companhia a mesma

cappitania para se obviarem algumas inquietações que nella se temião e no tempo de quinze mezes e meio que nella asistio sendo mandado a Serra de Ibiapaba encarregado de varias deligencias do Real serviço hir com 20 soldados que pedio ao commandante daquelle destricto a prender varios criminosos distante outenta leguas da mesma Serra que com effeito prendeo e conduzio para a Cadea do Ceará; dando fundo um navio desconhecido em distancia de hua legoa daquella fortaleza ser mandado com seis Soldados a reconhecelo a bordo o que promptamente fês dando as ordens que se lhe encarregarão e sendo-lhe cometida a prisão de outro criminoso em distancia da praça quatro a Sinco Legoas exucutala com treze homens que o acompanharão não obstante a rezistencia que fes o dito criminozo com um tiro de espingarda; em 1739 hir outra vez de guarnição para o mesmo prezidio onde asestio quatro mezes e seis dias».

Jeronymo Mendes de Paz.—Natural de Recife e filho do Capitão de artilharia Francisco Mendes de Paz e D.ª Brites de Sobral.

Veio para o Ceará em 1752 como Intendente das Minas dos Cariris Novos, e de suas investigações enviou minuciosos relatorios aos governadores Luiz José Corrêa de Sá e Luiz Diogo Lobo da Silva.

Contra a valia e importancia dessas minas pronunciaram-se Coresma Dourado e Proença Lemos, não obstante foi de 20:423$016 a despeza feita com ellas pelo governo a contar de Maio de 1752 até 28 de Agosto de 1758 afora os generos vindos do Conselho Ultramarino.

A Companhia do Ouro das Minas de S. José dos Cariris, companhia particular que tomara a si a empreza em que se empenhara o governo, foi disolvida em Maio de 1758.

Uma Ordem Regia, datada de 12 de Setembro de 1758, mandou sustar todos os trabalhos de mineração tanto das minas dos Cariris como de todas as minas da Capitania.

Segundo instrucções de Lobo da Silva, governador de Pernambuco, Jeronymo Mendes retirou-se com toda a guarnição para Recife, depois de haver remettido para Aracaty aos cuidados do Capitão-mor José Pimenta de Aguiar todos os petrechos e utensilios pertencentes á fazenda real.

João Alvares da Encarnação.—Missionario do Ceará.

Falleceu a 29 de Setembro de 1719.

João Antonio Rodrigues de Carvalho.—Bahiano e formado pela Universidade de Coimbra.

Nomeado a 6 de Outubro de 1814 Ouvidor do Ceará, e empossado a 8 de Maio de 1815.

Erigiu em Villa a povoação da Barra do Jardim a 3 de Janeiro de 1816.

Foi o ultimo Ouvidor com jurisdicção sobre toda Capitania, porquanto um Alvará em data de 27 de Junho de 1816 creou a nova Comarca do Crato, da qual foi 1.º Ouvidor José Raymundo do Paço de Porbem Barbosa, e como tal foi a alma e director do movimento de 17, frustrado graças á energia e vigilancia do governador Manoel Ignacio de Sampaio, que o remetteu preso para Lisboa.

Seu republicanismo não o impediu de ser o 1.º Presidente da provincia de Santa Catharina, nomeado por C. I. de 25 de Novembro de 1823, e de acabar como Ministro do Supremo Tribunal e Senador pelo Ceará.

Falleceu no Rio de Janeiro a 3 de Janeiro de 1841 contando 71 annos de idade, sendo sepultado no mosteiro de S Bento.

E' o auctor da *Descripção Geographica da Capitania do Ceará.*

João Balthazar de Quevedo Homem de Magalhães. — Capitão-mor do Ceará, nomeado a 13 de Setembro de 1757 e empossado a 11 de Janeiro de 1759.

Serviu-lhe de Secretario Francisco Pereira de Negreiros.

Durante seu governo, em obediencia ás iniquas e impatrioticas ordens do Marquez de Pombal, veio ao Ceará o Ouvidor Gama Casco sequestrar os bens que possuia a Companhia de Jesus e retirar aos Padres a administração das aldeias dos indios. Em consequencia de ditas ordens foram creadas as villas de Viçosa, Soure, Arronches e Messejana.

Falleceu Homem de Magalhães a 24 de Janeiro de 1765 victimado por cirrhose hepatica. Insinuou a intriga, mas sem razão, que sua morte fôra causada por uma dose de veneno, que lhe propinara o Ouvidor Soares Barbosa.

João Baptista de Azevedo Coutinho de Montaury. — Capitão-mor e governador do Ceará por Decreto de 7 de Agosto de 1780 e P. R. de 19 de Maio de 1781. Succedeu ao governo interino, que ficara a dirigir a Capitania após a retirada de Borges da Fonseca para Pernambuco e que se compôs do Ouvidor Dias e Barros; T.te José Pereira da Costa e vereador João de Andrade Falleiros.

Era filho de Marco Antonio de Azevedo Coutinho de Montaury e de sua mulher D.a Maria Antonia Moreira de Sousa Pereira de Almeida e foi casado com D.a Francisca Mariana Sabina de Sousa Silva, filha de Mathias Antonio de Sousa Lobato e de sua mulher D.a Maria Joanna da Silva, todos do Patriarchado de Lisboa.

Antes de partir a assumir o posto para que fôra nomeado, Coutinho de Montaury apresentou ao governo uma *Noticia Geral da Capitania.*

Chegado a Fortaleza a 3 de Maio de 1782, assumiu a administração no dia 9.

Entre varias propostas e idéas aventadas por Montaury figura a do commercio directo com Portugal. Sobre Montaury e seu governo no Ceará lea-se o Cap. VII do meu livro *Notas para a Historia do Ceará na segunda metade do seculo XVIII.*

João Baptista Furtado.—Capitão-mor do Ceará por proposta do Conselho Ultramarino em data de 15 de Julho de 1724 e nomeação de 1 de Agosto de 1726.

Era Cavalleiro da Ordem de Christo.

João Brewer. (Pe.)— Da Companhia de Jesus, na qual professou a 15 de Agosto de 1751. Missionario na Ibiapaba.

Nasceu em Cologne, Allemanha, a 25 de Junho de 1718 e ali falleceu a 13 de Agosto de 1789. Entrou para a Ordem de Jesus a 21 de Outubro de 1737 e partiu 5 annos depois para as missões do Brasil donde arrancou-o o despotismo de Pombal. Esteve preso em Azeitão e em S. Julião até 17 de Março de 1777.

Entre suas obras ha publicadas na Newe Welt Bott do Padre Stocklein P. XL Pag. 22—52 nove cartas, escriptas do Rio de Janeiro, Olinda, Ibiapaba e Bahia e que vão de 29 de Março de 1744 a 10 de Maio de 1757.

João Carlos Augusto de Oeynhausen.—Visconde e Marquez do Aracaty.

2.º Governador do Ceará independente de Pernambuco, nomeado por Decreto de 14 de Novembro de 1802.

Chegou ao Ceará a 11 e tomou posse do governo a 13 de Novembro de 1803.

Tendo embarcado em Lisboa a 7 de Agosto, chegara a Pernambuco depois de 59 dias de viagem, demorou-se alli 30 dias e gastou de Pernambuco ao Ceará 5.

No seu tempo foi introduzido no Ceará o emprego da vaccina e deu-se a prisão do celebre coronel Manoel Martins Chaves, feita por elle pessoalmente.

Tendo sido despachado por C. P. de 20 de Agosto de 1806 para a Capitania de Matto Grosso (18.º governador), entregou a 14 de Fevereiro de 1807 a administração a uma Junta composta do Ouvidor Francisco Affonso Ferreira, Francisco Xavier Torres e o Vigario Geral José Pereira de Castro.

Tomou posse do governo de Matto Grosso a 18 de Novembro de 1807 e nelle se conservou por 11 annos, 1 mez e 21 dias, entregando-o ao Tenente-General Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho. Tinha-se-lhe dado successor em 1811 na pessoa de Luiz Barba Alardo de Menezes, mas este recusou o cargo.

Foi tambem Capitão-general de S. Paulo de 1819 a 1821, sendo deposto a 23 de Junho com a creação do Governo Provisorio, do qual, aliás, foi acclamado presidente. Tomou parte na Bernarda de Francisco Ignacio.

Proclamada a Independencia, foi um dos 4 primeiros senadores que teve o Ceará. Acompanhou á Europa o Imperador depois do 7 de Abril de 1831, o que motivou a perda da curul.

Falleceu de febres a 28 de Maio de 1838 em Moçambique para onde fôra despachado governador e capitão-general por C. R. de 22 de Dezembro de 1836.

Uma resolução das Côrtes (1836) permittira que elle readquirisse a nacionalidade Portuguêsa.

Alistado a 15 de Abril de 1793 como aspirante na Armada Real, foi a 5 de Junho despachado guarda-marinha e, terminado o curso, promovido a 2.º tenente por Dec. de 10 de Novembro de 1796; transferido para o exercito com a patente de Capitão aggregado á arma de infantaria por Dec. de 9 de Outubro de 1797, foi mais tarde despachado para governador da Capitania do Pará e Rio Negro, cargo, aliás, que não exerceu.

João Carlos nasceu em Lisboa e era filho de Carlos Augusto, Conde de Oeynhausen Gravemburgo, nascido a 3 de Janeiro de 1739 e fallecido a 3 de Março de 1793, e de sua mulher Leonor d'Almeida Portugal, Marqueza de Alorna e Condessa de Assumar, nascida a 31 de Outubro de 1750 e fallecida a 11 de Outubro de 1839.

João Correa Arnaud.—O fundador de Missão Velha Falleceu em 1771 contando 82 annos de idade.

João da Costa Carneiro e Sá.—9.º Ouvidor do Cea-

rá, nomeado em 1769 e empossado a 1 de Janeiro de 1770.

Foi quem erigiu a povoação de Caiçara em villa com a denominação de Villa Distincta e Real de Sobral, de accordo com a Ordem Regia de 22 de Julho de 1766.

Do Ceará foi despachado para a Bahia como Desembargador por Dec. de 30 de Agosto de 1770.

Ainda em seu tempo, a 29 de Junho de 1776, a povoação de Macavouqueira foi creada villa com o nome de Granja.

João Dantas de Aguiar.—Foi o tenente do presidio de Fortaleza ferido por tiro de espingarda na noite de 1 de Janeiro de 1726, facto sobre que abriu inquerito o Coronel Jorge da Costa Gadelha.

Occupou o cargo de Juiz Ordinario de Fortaleza em 1734.

Foi, como João de Barros Braga, o grande amigo dos Jesuitas João Guedes e seus companheiros, quando chegados ao Ceará em 1725.

João da Silva Feijó (C.el de Engenheiros).—O conhecido naturalista. Nasceu em 1760 na povoação de Guaratiba, Provincia do Rio de Janeiro.

Parece que seus paes possuiam haveres visto como educou-se na Metropole e formou-se em Engenharia na Universidade de Coimbra. Foi professor de Botanica na Capital do Reino e deu-lhe a Academia Real o titulo de socio correspondente. Nomeado secretario do governador da Ilha de S. Thiago do Cabo Verde Francisco J. Teixeira Carneiro, teve occasião de prestar grandes serviços ao dr. Vidal Barbosa e aos dois Rezende Costa da Conjuração Mineira deportados para ali.

Elevado o Ceará á categoria de capitania independente, Bernardo Manoel de Vasconcellos, seu 1.º governador eleito, veio assumir a administração e trouxe como seus pricipaes auxiliares Francisco Luiz de Mariz Sarmento, que lhe serviu de secretario, e João da Silva Feijó encarregado de estudar o paiz e seus recursos naturaes. Feijó veio para o Ceará com a pa-

tente de sargento-mor de milicias por Acto, que tem a data de 1 de Fevereiro de 1799 e assignava-lhe o mesmo ordenado de 400$000, que vencia no Reino.

Chegou ao Ceará a 24 de Outubro de 1799, depois de 32 dias de penosa viagem desde a Bahia da Traição ou Formosa, onde vindo de Pernambuco desembarcara e donde veio por terra.

No Ceará procedeu ao exame de varias localidades para o descobrimento do salitre e fez conhecidas a mina e o laboratorio de Tatajuba e estudou as minas de Lavras da Mangabeira, Juré, Corumatan e Ubajara.

Dos seus trabalhos de investigação deixou varias Memorias. E' autor tambem de Cartas e Plantas da Capitania.

Em 1817 teve ordem de se transferir do Ceará para Pernambuco.

Falleceu no Rio de Janeiro a 10 de Março de 1824 e foi sepultado na Capella de N.ª S.ª da Consolação da Ordem 3.ª de S. Francisco de Paula.

João de Barros Braga.—Capitão de cavallaria de ordenança da Ribeira do Jaguaribe por provimento de D. Fernando Martins Mascarenhas, confirmado por Carta Patente de 2 de Setembro de 1699. Seu antecessor foi Gregorio de Brito Freire.

João de Barros Braga ajudou poderosamente a reedificação da fortaleza de N.ª S.ª d'Assumpção e foi quem levantou o arraial da Ribeira do Jaguaribe, construindo estacada, parapeitos, quarteis e egreja, tudo a sua custa, e arruinando-se elle com a invernada reconstituiu-o de novo. Foi tambem um grande auxiliar do Padre João da Costa no aldeiamento dos Paiacus. Cabe-lhe ainda especial menção por haver sido o doador dos terrenos precisos para a erecção do hospicio dos Jesuitas em Aquiraz.

A 15 de Maio de 1730 teve mercê da Capitania do Rio Grande do Norte. A respectiva Carta Patente tem a data de 16 de Julho.

Com elle concorreram João de Teive Barreto e Menezes, ex-capitão de infantaria de Funchal e que foi

em 1742 nomeado Capitão-mor do Ceará, José Henriques de Carvalho com serviços no Reino e em Pernambuco e Rio de Janeiro, Miguel de Mello, ex-capitão-mor do presidio de Caconda em Angola e Christovam Dias Castro, que tomou parte no sitio de Badajoz e na rendição de Alcantara.

Falleceu em fins de 1742 ou principios de 1743, sendo substituido no posto, que tinha, de Mestre de Campo do Terço de Auxiliares do Ceará por Jorge da Costa Gadelha, Coronel de cavallaria, residente em Aquiraz.

João de Mattos Monteiro (Pe.)— Chamado vulgarmente o Padre João de Mattinhos.

Parente e coadjuctor do Pe. Dr. João de Mattos Serra, o antigo Vigario do Ceará. Veio para o Ceará em 1716 e foi cura do districto de Acaracu por Provisão de 28 de Março de 1722 passada pelo vigario João de Mattos Serra, confirmada a 16 de Setembro pelo Cabido sede vacante de Olinda.

Devem-se-lhe as Capellas de N. S.ª da Conceição e de N. S.ª do Livramento.

Em 1712 indo da Bahia para Lisboa, sua terra natal, numa embarcação de aviso mandada pelo Governador, foi preso pelos Francêses mesmo á barra da cidade.

Deixando a parochia em 1724 foi nomeado para succeder-lhe o Pe. Pedro da Cunha, do Bispado de Pernambuco, que o povo acolheu mal e que não assumiu o cargo; depois deste vieram os Padres José Dias Ferreira (1725), João da Costa Ribeiro (1725-1729), Isidoro Rodrigues Resplande (1730-1734), Elias Pinto de Azevedo (1735-1740), Lourenço Gomes Lelou. . . . (1740-1744).

João de Mattos Serra (Pe. e Dr.)—Encommendado e depois Vigario collado da villa de S. José de Ribamar. Andou ás trellas com os Camaristas de Aquiraz por motivo da mudança da séde da freguezia.

Português, morador em Iuhamá, distante do Recife 2 legoas, donde partiu para o Ceará em Março de

1698 para substituir o Pe. João Leite, vigario encommendado, que pedira exoneração e voltara a Pernambuco sem decisão do Diocesano a respeito.

Era bom pregador

Em documento de 26 de Junho de 1698 o Rv.do Bispo de Pernambuco se refere largamente a esses dous sacerdotes.

João de Teive Barreto e Menezes.—Capitão-mor do Ceará por escolha de 4 de Outubro de 1742 de accordo com a proposta do Conselho Ultramarino em data de 20 de Setembro. Empossado a 2 de Fevereiro de 1743.

Servira como Capitão-mor do Rio Grande do Norte.

João Guedes ou antes **Ginzl** (Pe.)—Celebre Jesuita, natural da Bohemia. Foi o auctor e fundador da Residencia do Ceará para o que de ordem do provincial Gaspar de Farias veio com os Pes. Manoel Baptista e Felix Capelli e o Irmão Manoel da Luz. Foi isso em 1725.

Nasceu em 1660, entrou para a Ordem a 18 de Março de 1676, fez profissão dos 4 votos a 15 de Agosto de 1694 e falleceu no hospicio do Aquiraz a 11 de Fevereiro de 1743.

Bonis moribus cum esset ornatus per magna authoritate et laudibus floruit; multa preclara egit, diz delle um documento de 1745.

Foi duas vezes a Lisboa a serviço de seus queridos indios e a serviço da Religião, sempre bem recebido do Rei e dos ministros.

Conhecido por varios nomes: João Guedes, Gunzel, Gintzl, Guntzel, Guinsol, Guades, Gredes, Gredez, Guedas. Esteve na Ibiapaba em 1722 com o Superior Francisco de Lyra e fundado o hospicio de Aquiraz foi superior delle em 1725 e depois em 1732, tendo tido desta ultima vez por companheiros os Padres Pedro Nogueira, Manoel Pinheiro, Felix Capelli e Manoel Macedo. Ainda em 1737 foi o Visitador.

Desse notavel missionario e de seus feitos no Cea-

rá dá minuciosa noticia o Pe. Manoel Pinheiro em duas Memorias, que foram por mim publicadas, e pela primeira vez, na Revista da Academia Cearense, anno 1905.

João de Andrade Pessoa Anta.—Filho de Thomaz Antonio Pessoa de Andrade e D.ª Francisca Maria de Jesus Motta, filha de João Carvalho da Motta, Português, nasceu em Granja a 23 de Dezembro de 1787. Negociante e criador.

Notabilisou-se por seus serviços á causa da Independencia do Piauhy.

Havendo adherido á Republica do Equador em 1824, foi preso e condemnado pela Commissão Militar e fusilado juntamente com o Pe. Gonçalo Mororó a 30 de Abril de 1825.

João Lopes Cardoso Machado.—Bacharel em medicina. Chefe da Commissão enviada por D. Thomaz José de Mello em 1791 a fim de debellar as febres palustres, que estavam victimando os moradores da ribeira do Acaracu e villa de Sobral.

Compunham a Commissão alem de Cardoso Machado os Licenciados Theotonio Ferreira dos Reis e Joaquim José Henriques, o boticario João Pio Caetano de Carvalho e 2 sangradores, os quaes chegaram a Acaracu a 14 de Outubro e a Sobral a 3 de Novembro.

Em Sobral a epidemia assumiu maiores proporções que em Acaracu, o numero de obitos sendo de 473.

A 12 de Dezembro Cardoso Machado chegou a Fortaleza, transportou-se a Aracaty e depois a Recife, dando por finda a missão a que viera ao Ceará.

Segundo um relatorio de D. Thomaz José de Mello a Martinho de Mello e Castro o total de victimas da epidemia foi de 723 pessoas e as despezas attingiram a 3:426$077.

João Ribeiro Pessoa (Pe.)—Natural de Iguarassu, Pernambuco.

Successor de Manoel da Fonseca Jayme no curato da antiga freguezia de Caiçara, depois Sobral, por despacho de 21 de Dezembro de 1762. Tinha exercido egual cargo em Amontada.

Falleceu em 1776.

E' o auctor das *Noticias da freguezia de N. S.ª da Conceição*, 1767.

Foi tio do Pe. Dr. João Ribeiro Pessoa, grande vulto da revolução de 1817 em Pernambuco. Deve-lhe Sobral sua actual Matriz, edificada sobre as ruinas da Egreja que em 1746 edificara o Pe. Antonio de Carvalho Albuquerque, tambem natural de Pernambuco.

João Rodrigues de Souza.—Filho de Antonio Rodrigues de Souza e natural do Recife.

Começou a vida militar a 12 de Outubro de 1691.

Veio com sua companhia ao Ceará em 1704 a apaziguar os soldados, que se haviam amotinado contra o Capitão-mor Jorge de Barros Leite.

João Rufo da Costa Freitas.—Presbytero secular. Foi professor regio de Grammatica Latina com ordenado de 25$000 mensaes, nomeado por provisão da Mesa Censoria de 29 de Outubro de 1792, transferido por falta de alumnos para Aracaty por Ordem de 11 de Junho de 1804 e finalmente para Fortaleza.

João Ferreira de Miranda (Pe.)—Filho de José Novaes de Sampaio e natural da villa de Alfarella, arcebispado de Braga.

Em 1700 começou suas missões na Capitania de Pernambuco. Entre seus actos de missionario no Ceará avulta o aldeiamento dos indios Ararius, para os quaes construiu uma egreja no sitio Beruoca (Meruoca).

Joaquim Ignacio Lopes de Andrade.—Nomeado a 26 de Janeiro de 1799 para Contador da Junta da Fazenda com o ordenado de 20$000 mensaes por occasião de se organisar o Ceará como independente do governo de Pernambuco.

Fôra admittido a praticante supranumerario do Real

Erario de Lisboa por Portaria de 7 de Maio de 1792 e de numero por Portaria de Agosto de 1796.

Jorge da Costa Gadelha (C.el)--Juiz de Orphãos do Aquiraz por Provisão do Capitão-mor João Baptista Furtado em data de 9 de Março de 1728.

De accordo com a proposta de 17 de Outubro de 1743 foi a 27 de Novembro nomeado Mestre de Campo do Terço dos Auxiliares do Ceará na vaga aberta pelo fallecimento de João de Barros Braga. Era havia mais de 20 annos o Coronel da cavallaria na capitania.

Jorge Tagaigbuna.—Indio do Camocim e filho do principal Domingos Ticuna. Os indios desse chefe tomaram aos Hollandêses o forte do Ceará e por não poderem ser socorridos de Pernambuco deixaram-o retirando-se para o interior da Capitania; mais tarde voltaram a sitiar de novo o forte e delle expulsaram o inimigo.

Foi Jorge Tagaigbuna, quem a mandado do pae franqueou a André Vidal de Negreiros o caminho do Maranhão até Pernambuco.

Esteve em Portugal em 1659 e foi recebido na Côrte.

José Alexandre Correa Arnaud.—Morador na freguezia de Missão Velha, filho do Sargento-mor Alexandre Correa Arnaud e neto de João Corrêa Arnaud. Homem de grande influencia.

Inimisado com Pereira Filgueiras, seu parente, foi deportado em 1812.

Por influencia sua e da familia, foi erecta em villa a povoação da Barra do Jardim com o nome de Villa de Santo Antonio do Jardim, tendo por termo o territorio pertencente até então á freguezia de Missão Velha. A inauguração da villa teve logar a 3 de Janeiro de 1816.

Falleceu em Abril de 1816.

João Correa Arnaud falleceu em Missão Velha em 1771 aos 82 annos de idade.

Uma filha do capitão-mor José Alexandre, de nome Anna Joaquina, casou com o Sargento-mor Semeão

Telles de Menezes, 3.º filho do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro e fallecido a 25 de Janeiro de 1813

José Antonio Machado.—Nasceu a 25 de Março de 1772 em Ervededo, Chaves, Portugal, sendo seus paes Luiz Manoel Guerra e D.ª Luiza Maria.

Vindo para o Ceará em 1800, entregou-se á vida do commercio e logrando as sympathias e a confiança do capitão-mor Antonio José Moreira Gomes, com cuja filha se consorciou, em breve poude alargar suas relações commerciaes e entrar a desempenhar cargos publicos.

Derrubado do governo Francisco Alberto Rubim pelo movimento de 3 de Novembro de 1821, chefiado pelo Sargento-mor Jeronymo Delgado Esteves, foi elle, amigo de Rubim, um dos membros da Junta que ficou na administração; andando accesa a Revolução do Equador foi protegido de Tristão Gonçalves e quando a Commissão Militar prendia e mandava á morte os amigos da Republica elle estava com Conrado de Niemeyer, que até o fez figurar de victima de uma simulada tentativa de homicidio para colher nas malhas de sua odienta vingança os que a ambos manifestavam opposição.

Cinco vezes como administrador da Provincia na qualidade de vice-presidente, em 1829, 1843, 1855, 1862 e 1864, prestou-lhe varios serviços de reconhecida relevancia.

Era Commendador da Ordem de Christo.

Falleceu em Fortaleza a 12 de Julho de 1869.

José Borges de Novaes (Pe.)—Filho de José de Novaes de Sampaio e irmão do Padre José Teixeira de Miranda.

Foi o 1.º missionario dos Tremembés, havendo iniciado os seus trabalhos em 1702. Construiu e benzeu no sitio Areocata-mirim uma egreja sob a invocação de N. S.ª da Conceição.

Falleceu em 1721.

Foi seu cunhado Manoel Pinto Pimentel, casado com sua unica irmã Luiza de Sampaio.

José Coelho Ferreira (Pe.) —Irmão de Antonio Alvares de Carvalho.

Falleceu em Acaracu a 31 de Março de 1760, com todos os sacramentos, de idade de sessenta annos mais ou menos. Deixou solemne testamento no qual nomeia por seus testamenteiros ao Sargento-mor Thomé Dias Pereira, ao Sargento-mor Luiz Soares Ferrás Porto e a Lourenço Gonçalves de Carvalho, e pede para que seu corpo seja sepultado na matriz do Açaracu, acompanhando-o as confrarias *que houverem* e todos os Reverendos sacerdotes, que se acharem e que todos lhe dirão missas de corpo presente e que será sepultado na porta da Sacristia. Deixa—(aqui vão os lagados a santos etc).

José da Costa Dias e Barros.—10.º Ouvidor do Ceará. Nomeado por C. R. de 4 de Outubro de 1776 e empossado a 14 de Março de 1777.

Fez parte do Governo Interino em substituição a Borges da Fonseca, de 3 de Novembro de 1781 a 9 de Maio de 1782.

A Dias e Barros e ao governador Borges da Fonseca deveram-se varios melhoramentos da capitania, como a construcção de cadeias em Aquiraz, Aracaty e Sobral e de pontes sobre os rios Cocó e Tamatanduba.

José da Cruz Ferreira.—Natural do Rio de Janeiro.

Despachado Juiz de Fora de Fortaleza por Dec. de 24 de Junho de 1809.

Exercera egual cargo em Azeitão, Portugal. Installada a Alfandega de Fortaleza, creada por Alvará de 24 de Junho de 1810, e creado tambem o cargo de Juiz da Alfandega foi para elle nomeado a 19 de Fevereiro e empossado a 13 de Setembro de 1811.

Despachado para Pernambuco, prestou serviços a Caetano Pinto na Revolução de 6 de Março, o que lhe valeu grandes desgostos e perseguições.

José de Almeida Machado (Pe.)—Cura e vigario da vara do Cariri Novo. Por provisão do governador do bispado de Pernambuco Pe. Manoel Vieira de Le-

nos Sampaio em nome do Bispo Azeredo Coutinho foi a 25 de Abril de 1805 nomeado Visitador do Ceará. Foi seu secretario na visita o Pe. Manoel Antonio de Pinho. A visita começou a 10 de Agosto pela freguezia de N. S.ª da Conceição do Riacho do Sangue, seguindo-se a freguezia de S. Antonio de Padua da villa de Campo Maior de Quixeramobim.

Segundo o livro do registo da visita se vê que nesse anno (1805) a freguezia de Fortaleza, cujo Orago é N. S.ª d'Assumpção e S. José, foi desmembrada da freguezia de Aquiraz e de Curato amovivel, que era, passou a ser curato collado, sendo o primeiro confirmado nelle o Pe. Antonio José Moreira, que então tinha 32 annos de idade

José de Aranda (Pe.)—Vigario da vara e encommendado na freguezia de N. S.ª das Neves, de Parahyba.

Esteve no Ceará em 1750 como visitador a mandado do Bispo Frei Luis de Santa Thereza.

José de Xerez Furna Uchoa.—Juiz da Ribeira do Acaracu, cargo em que foi empossado a 17 de Agosto de 1758, Capitão-mor de Acaracu, Capitão-mor de Sobral por nomeação de 30 de Julho de 1782.

Natural de Goyana em Pernambuco e filho de Francisco de Xerez Furna, tambem de Goyana, e de D.ª Ignez de Vasconcellos Uchoa; neto pelo lado paterno de Bartholomeu Rodrigues Xerez, natural de Lisboa, e pelo materno de Francisco Vaz Carrasco.

Por doente transportou-se de Pernambuco para a ribeira do Acaracu e dahi para a Villa de Sobral após o fallecimento da mãe.

Do seu casamento com Rosa de Sá e Oliveira, filha de Manoel Vaz Carrasco e de Maria Magdalena de Sá e Oliveira, filha por sua vez de Sebastião de Sá, nasceu entre outros filhos Anna America Uchoa, que casou com o Capitão-mor Manoel José do Monte, filho de Gonçalo Ferreira da Ponte.

Manoel José do Monte e D.ª Anna America Uchoa foram os progenitores de Maria Bernardina do Monte,

que a 24 de Novembro de 1794 se casou com Felippe Ribeiro da Silva e desse consorcio teve Joaquim Ribeiro da Silva, que se casou a 10 de Julho de 1825 com Francisca Hermelinda da Silva, filha do Cel. Diogo Gomes Parente.

Em uma de suas viagens á Europa obteve José de Xerez duas plantas de café das existentes no Jardim das Plantas de Paris, uma das quaes morreu na travessia e a outra elle proprio plantou no seu sitio Santa Ursula, serra da Meruoca, sua residencia preferida (1747).

Foi esse o 1.º cafeeiro do Ceará.

E' o auctor da *Genealogia da Familia Hollanda-Cavalcante.*

José Henriques Pereira.—Commandante da fortaleza de N. S.ª d'Assumpção. Fez parte da Junta do Governo, que administrou a Capitania depois da morte de Bernardo Manoel de Vasconcellos (Novembro de 1802).

Passara á Capitania quando veio governal-a Azevedo de Montaury. Foi alferes a 15 de Outubro de 1782, tenente a 28 de Março de 1783 e capitão a 21 de Outubro de 1801.

Disse delle João Carlos em officio de 11 de Março de 1805: Este official tem muito bons costumes, muita pratica e grande exactidão nas ordens, que recebe.

José Honorio de Valadares Ahuim.—Foi explorador e guarda-mor substituto das minas de Ouro de S. José dos Cariris.

Occupou tambem os cargos de Fiel e Fiscal do ouro das minas geraes no Registo da Parahibuna em 1760 por nomeação do Conde de Bobadella, Provedor da Fazenda Real da Capitania de S Paulo desde 16 de Outubro de 1765 a 1775, secretario do governo de Angola de 24 de Abril de 1780 até 8 de Outubro de 1783, Secretario do Governo de Minas Geraes desde 1 de Dezembro de 1784 a 31 de Janeiro de 1791.

José Martiniano de Alencar (*Pe.*)—Nasceu no povoado de Barbalha, então pertencente ao Crato, a 16 de Outubro de 1794.

Sua mãe, uma heroina, D.ª Barbara Pereira de Alencar, falleceu aos 67 annos de edade na sua fazenda Touro, e foi sepultada na capella do Poço da Pedra, freguezia do Araripe.

Havendo seguido para Pernambuco, entrou a cursar o Seminario de Olinda, e simples diacono e estudante de rethorica foi enviado ao Ceará a serviço do movimento republicano de 1817. Vencido sem difficuldade o movimento por se lhe oppor o Capitão-mor Filgueiras, o vulto mais prestigioso de então, foram Alencar, D.ª Barbara e mais pessoas salientes da familia conduzidos presos para Fortaleza, de cujas prisões sairam para as de Recife e Bahia.

Restituido ao Ceará, foi represental-o em 1822 na Constituinte Portuguêsa e proclamada a Independencia foi um dos seus deputados á Constituinte convocada pelo Imperador. Dissolvido o Parlamento, voltou ao Ceará e veio tomar parte no movimento republicano de 1824, Republica do Equador, cujas idéas e programma, aliás, desconfessou, valendo-lhe isso escapar ás garras da Commissão Militar, chefiada por Conrado de Niemeyer.

Adheso ao regimen monarchico, collaborou poderosamente para a Independencia, foi deputado geral e senador e por duas vezes presidiu a Provincia natal.

Sempre considerado no Brasil como um dos chefes do partido liberal, falleceu no Rio de Janeiro a 15 de Março de 1860.

José Mendes Machado.—Conhecido nas chronicas pelo appellido de Tubarão. Foi o 1.º Ouvidor do Ceará. Sua nomeação traz a data de 3 de Abril de 1723. Teve 400$ de ajuda de custo e 100$ de aposentadoria, e marcou-se-lhe de ordenado a quantia de 300$ annuaes.

Tendo partido do Reino a 14 de Abril, tomou posse do cargo em Setembro.

Depois de andar em correição pela Ribeira do Acaracu passou-se em fins de Maio de 1724 para a Ribeira dos Icós e Cariris, onde se fez parcial de Francisco Alves Feitosa contra os Montes.

Apezar dos bandos do Capitão-mor Manoel Francês e dos conselhos e representações do Senado da Camara de Aquiraz o Ouvidor manteve-se em lucta accesa contra os adversarios ao ponto de ver-se obrigado deante do levante do povo a fugir para a Bahia, acompanhando-o alguns dos seus partidarios.

Em virtude da retirada do Ouvidor foi nomeado para o logar de accordo com a Ordenação Valentim Calado Rego, juiz mais velho do Senado da Camara.

Por Provisão de 11 de Outubro de 1728 se mandou pagar a Mendes Machado a quantia de 606$570 do ordenado a contar de 14 de Abril de 1723 até 20 de Outubro de 1740, tempo durante o qual serviu.

A Provisão Regia que creou uma Ouvidoria no Ceará tem a data de 7 de Janeiro de 1723.

José Pacheco Lima.— Filho do Português José Pacheco Spinosa e de D.ª Dorothea Maria do Espirito Santo, da familia Carneiro de Aracaty.

Acompanhava ao irmão Mathias José Pacheco, quando este veio com Francisco Alves Pontes ajudar na Capitania o movimento de 1817; tinha então 18 annos de edade e chegara havia pouco de Angola a Pernambuco.

José Pacheco foi agarrado em Canoa Quebrada e remettido para Fortaleza. No interrogatorio a que foi submettido declarou que sua *vida he andar embarcado praticando de piloto.*

Serenados os animos, estabeleceu-se em Fortaleza com uma casa de commercio, e mais tarde fez-se fretador de navios para transporte de generos e de gados.

De longo tempo dado a medições de terra e profundo conhecedor da Provincia executou trabalhos cartographicos a ella referentes, como o fez tambem sobre a Ilha de S. Luiz do Maranhão.

Falleceu em Fortaleza a 25 de Março de 1878.

José Pacheco Spinosa.— Inspector do Thesouro e Tenente-Coronel das guardas de Aquiraz. Morava em Fortaleza numa casa, que é hoje uma das lojas do mer-

cado publico. Era Português e casado com D.ª Dorothéa Maria do Espirito Santo, da familia Carneiro de Aracaty, nascida em Fortaleza a 19 de Março de 1800. Falleceu em Fortaleza a 20 de Dezembro de 1814.

Foram seus filhos Mathias José Pacheco, que tomou parte no movimento de 17 e esteve preso no Limoeiro de Lisboa e nas cadeias de Pernambuco, Francisco José Pacheco, que foi escripturario do Thesouro e José Pacheco Lima, maritimo, a quem se deve uma Carta Geographica do Ceará (1854).

José Pacheco Spinosa foi um dos poetas de mais nomeada no Ceará no 1.º quartel do seculo 19. Delle possuo varios trabalhos no original.

José Pereira da Costa.—Capitão de infantaria da Fortaleza de N. S.ª d'Assumpção na vaga aberta pelo fallecimento de Luiz de Souza Corrêa.

Serviu na Capitania de Pernambuco quasi 44 annos.

Foi Director dos indios da villa de Soure. Quando da retirada do capitão-mor e governador Borges da Fonseca fez parte do governo interino da Capitania juntamente com o Ouvidor Dias e Barros e o vereador mais velho João de Andrade Falleiros (3 de Novembro de 1781).

José Pereira Filgueiras.—Sergipano, nascido em 1758 na villa de Santo Amaro das Grotas.

Veio aos 4 annos de edade para o Ceará em companhia do pae, José Quevedo Filgueiras, que se estabeleceu no logar Sant'Anna, nas immediações de Barbalha, e ali montou um pequeno engenho para o fabrico de assucar.

Dotado de valor indomito e de força muscular prodigiosa, a ponto do povo olhal-o com superstic1oso respeito e admiração, impoz-se ás sympathias, e em 1795 conseguia a patente de Capitão-mor do Crato, disputada por José Alexandre Correia Arnaud. No Crato e localidades visinhas desde então nada se operou sem audiencia do Capitão-mor, cujo prestigio era procurado como indispensavel em qualquer movimento, pretenção, acto publico ou privado. Em Filgueiras resu-

mia-se para o sertão cearense a opinião, sua palavra de commando era a palavra acatada, acceita; provou-o em 1817 quando se decidiu contra a familia Alencar e foi completo o fracasso do movimento republicano. Pouco tempo depois encontravam-se elle e os Alencares no mesmo campo de idéas e soffriam juntos as consequencias da derrota, que lhes inflingiram as forças Imperialistas.

No tempo que medeia entre as duas datas, 1817 e 1824, Filgueiras desempenhou no Ceará papel de importancia capital. Membro do Governo Temporario que se installara em Icó a 16 de Outubro de 1822, vindo em Janeiro seguinte a funccionar em Fortaleza, foi a figura dominante no movimento, que poz por terra o de Porbem Barbosa e seus companheiros da Junta Provisoria; declarado decaida a Junta eleita a 3 de Março de 1823 em consequencia da nomeação do 1.° presidente da Provincia, elle a repõe e mantem; incendidos os habitantes de Piauhy e Maranhão no ardor patriotico de libertar-se do jugo lusitano, reclamam o auxilio dos Cearenses e a 29 de Março elle parte para o Piauhy em companhia do vogal da Junta Tristão Gonçalves, fórça o chefe das tropas adversas João José da Cunha Fidié a retirar-se para o Maranhão, e a ir se fortificar em Caxias, organiza em Oeiras um governo provisorio, do qual faz parte com Tristão, deixa o Piauhy e prosegue para Caxias, a 23 de Julho concita Fidié a depor as armas e a 1 de Agosto penetra triumphante na villa e depois de integralizadas as duas Provincias na communhão Brazileira volta ao Ceará sob geraes applausos e louvores, que bem os mereceram seu patriotismo e sua valentia.

O anno de 1824 assiste á explosão da colera popular, originada pela dissolução das Côrtes, *horrorosa perfidia* de Pedro 1.°, como o acto foi qualificado na assemblea extraordinaria do clero, nobresa e povo de Campo Maior de Quixeramobim a 9 de Janeiro, chega Costa Barros, o 1.° presidente nomeado para a Provincia e é empossado, mas dias depois é deposto por Filgueiras, que o substitue por Tristão Gonçalves. Pro-

clamada a Republica a 2 de Julho em Recife, adhere a ella o Ceará em solenne reunião celebrada a 26 de Agosto em Fortaleza sob a presidencia de Tristão Gonçalves, secretariado pelo Padre Mororó, mas chegados os maus dias da Confederação do Equador, Tristão parte para Aracaty a bater os adversarios e deixa na presidencia José Felix, que com a chegada de Lord Cochrane á Fortaleza declara-se imperialista.

Perseguido pelos imperialistas, abandonado dos seus, Tristão é morto no combate de Santa Rosa a 31 de Outubro. Filgueiras após marchas e contramarchas, dizimados os seus aqui e alli, acantona-se no Crato e perdidas todas as seperanças entrega-se nas mãos do Capitão Reinaldo Bezerra. A 4 de Novembro deixava elle em companhia de Alencar a villa do Crato em direcção a Exú, e em viagem para o Rio de Janeiro, via Minas, morreu no povoado S. Romão.

José Pinto Martins.—Natural de Aracaty. Tendo deixado o Ceará em 1780, fundou uma pequena officina de carnes junto ao arroio Pelotas, Capitania do Rio Grande do Sul, em terrenos concedidos a Manoel Carvalho de Souza pelo governador José Marcellino de Figueredo. Foi essa a origem da actual importante cidade de Pelotas.

José Raymundo do Paço de Porbem Barbosa.—Foi o 1.º Ouvidor da nova Comarca do Crato, creada por Alvará de 27 de Junho de 1816. Tomou posse a 17 de Dezembro de 1817.

Por Aviso de 11 de Julho de 1820 foi mandado seguir para Pernambuco a exercer o logar de Desembargador da Relação dali, o que fez somente depois dos acontecimentos de 22.

Foi um dos membros do Governo Provisorio do Ceará, eleito a 15 de Janeiro de 1822, tomando posse a 29 de Março. Essa Junta por não contar com o apoio dos nacionalistas e deante do levante do Crato chefiado por Filgueiras demittiu-se a 9 de Novembro.

Porbem Barbosa, receioso de qualquer vindicta do Governo Temporario, installado no Icó, retirou-se por

terra para o Parasinho, e dahi, numa jangada, para a barra do Acaralhú afim de aguardar algum navio que o levasse para fóra da Provincia.

José Teixeira de Miranda (Pe.) — Filho de José de Novaes de Sampaio e natural da villa de Alfarella, arcebispado de Braga.

Serviu por 25 annos nas missões da Capitania de Pernambuco, entre ellas a da serra da Ibiapaba.

Foi o 1.º missionario dos tapuias Ararius, dos quaes formou uma aldeia no logar Beruoca e para os quaes construiu uma egreja.

Em 1712 e 1714 foi o mais poderoso elemento de apasiguamento dos indios contra os moradores da ribeira do Acaralhú, recolhendo-se afinal á missão de Nossa Senhora da Conceição da aldeia Areocatamirim da nação Tramambé, onde viveu até 1725.

José Victorino da Silveira. — 13.º Ouvidor do Ceará. Nomeado a 4 de Novembro de 1792 e empossado a 16 de Novembro de 1793.

Alguns ajuntam-lhe Anjo ao nome.

Leonel de Abreu de Lima. — Capitão-mor do Ceara por escolha de 31 de Agosto de 1729.

Servira nos postos de Sargento-mor de Araróbá, Coronel de infantaria das Ordenanças do Rio S. Francisco, Sargento-mor de um dos 3.os volantes dos moços solteiros e fôra administrador geral das minas de salitre dos Campos de Buique.

Lourenço Alves Feitosa. — Possuidor de grande numero de datas de sesmaria, concedidas no tempo de Salvador Alves da Silva e de Manoel Francêz.

E' a figura principal nas luctas á mão armada travadas na Capitania de 1720 em diante entre Feitosas e Montes, luctas, que custaram tantas vidas e em que os indios larga parte tomaram.

Foi seu irmão Francisco Alves Feitosa.

Lucas Nunes. — Veio de Pernambuco em 1718 como commandante da Fortaleza de N.ª S.ª d'Assumpção.

Por nomeação de 29 de Novembro de 1746 sub-

stituiu a Antonio Borges da Fonseca no posto de Mestre de Campo do 3.º pago de Olinda.

Lino Gomes Correia (Pe.)—De ordem do bispo Frei Luiz de Santa Thereza esteve no Ceará em visita de inspecção a varias freguezias, entre as quaes Russas (vigario José Lopes de Santiago) e Fortaleza.

Foi secretario dessa visita o Pe. Manoel Gomes Soares.

O Pe. Lino era o vigario collado na egreja de N.ª S.ª do Rosario da freguezia da Vargem e capellão fidalgo da Casa Real.

Luiz Barba Alardo de Menezes.—3.º Governador do Ceará, independente de Pernambuco. Nomeado por Decreto de 24 de Junho e Carta Patente de 25 de Setembro de 1806. Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro da Ordem de Christo e Tenente do Regimento de Cavallaria de Castello Branco.

Chegou a Fortaleza a 18 de Junho de 1808 e tomou posse a 21. A cerimonia teve logar na Egreja Matriz perante os governadores interinos e a camara de Fortaleza. Deixou o Ceará a 3 de Maio de 1812 e chegou a Pernambuco a 9 de Junho.

Barba Alardo foi incontestavelmente um dos governadores, que mais serviços prestaram ao Ceará.

Quando do seu governo teve incremento o commercio directo da capitania, até então reduzido quasi a permutas com Pernambuco, conseguindo elle por meio de associações que os negociantes abrissem communicação directa com alguns portos da Europa; deu impulso á agricultura; fundou em 1809 em Fortaleza uma fabrica de louça vidrada da qual conseguiu productos tão bons como os da Bahia.

No decurso de sua administração foi promovido a tenente de cavallaria, teve as honras de fidalgo cavalleiro, foi condecorado com o habito de Christo, promovido por Carta de 23 de Agosto de 1810 a capitão de cavallaria addido ao estado maior do exercito e finalmente nomeado por C. R. de 25 de Abril e 21 de Maio de 1811 governador de Matto Grosso, posto que

não chegou a occupar por ter sido despachado Conselheiro de Fazenda.

No Archivo Publico do Rio de Janeiro encontra-se uma interessante Memoria sobre a capitania do Ceará escripta por elle no Rio de Janeiro a 18 de Abril de 1814.

A esse governador deve o Ceará egualmente o *Plano aproximado* da Enseada da Villa de Fortaleza de N.ª S.ª da Assumpção 0,m 174 ×0m 336, tirado em Setembro de 1810 pelo Capitão de Fragata F. A. M. Giraldes e uma *Carta* Topographica da capitania, de 1812, 0m 500 ×0m 549, por elle offerecida ao Principe Regente.

No seu tempo procedeu-se ao 1.º lançamento da decima urbana (22 de Dezembro de 1808) em Fortaleza e fez-se um recenseamento da Capitania, que apurou 125.878 habitantes.

Não tendo Barba Alardo acceitado a nomeação para Matto Grosso, continuou João Carlos Augusto de Oeynhausen na administração alli até 6 de Janeiro de 1819.

Luiz da Motta Feo e Torres.—Nomeado para substituir a Coutinho de Montaury no governo por Dec. de 26 de Novembro de 1788 e C. R. de 12 de Janeiro de 1789, chegou ao Ceará a 4 e tomou posse a 9 de Novembro de 1789. Foram seus secretarios José de Faria e Diogo da Silveira Velloso.

Administrou a Capitania até 21 de Agosto de 1799 quando entregou-a a uma Junta, composta do Ouvidor José Victorino da Silveira, José de Barros Rego e João Pedro D. Correa. A 28 de Agosto de 1796 o governo de Lisboa dera-lhe successor na pessoa de Francisco Ignacio de Cid Mello e Castro, Coronel de milicias do Regimento de Bragança, que não veio tomar posse.

Nascido a 8 de Abril de 1732, veio a fallecer a 13 de Outubro de 1813 no Campo de Santa Clara, Lisboa, em casa de uma sua filha, D.ª Maria Luiza Francisca de Mendonça e foi sepultado em S. Vicente de Fora.

Foram seus paes Antonio Feo Cabral, fidalgo cavalleiro da Casa Real, familiar do Santo Officio e cavalleiro da Ordem de Christo, nascido a 24 de Julho de 1674 e fallecido a 26 de Dezembro de 1740, e D.ª Brizida Joanna Dionisia da Silva e Torres, que falleceu no Ceará a 9 de Agosto de 1797 e jaz sepultada na capella da fortaleza de N. S.ª d'Assumpção.

Casou com D.ª Anna de Azevedo Coutinho, filha do Conis.º Antonio de Azevedo Coutinho, Dezembargador no Brazil e na India, e de D.ª Marcellina Perpetua de França e Faro.

Findo seu governo no Ceará, seguiu para Recife, onde embarcou com destino á Europa a 21 de Janeiro de 1800 a bordo da charrua Santo Antonio Polyphemo, commandante José dos Santos Lopes, por alcunha o Zaranza. Havendo sobrevindo na travessia tremenda tempestade a 7 de Março, na altura dos Açores, logrou escapar, sendo salvo a 12 pelo navio Trajano, capitão José Joaquim Torquato. Com elle iam a bordo do Santo Antonio Polyphemo a mulher, a filha D.ª Helena e o irmão, José Feo, que conseguiu salvar varios papeis e documentos da familia, perdendo-se, porem, outros muitos de valia. Na ermida de N.ª S.ª da Conceição dos Innocentes, em Cascaes, existe um ex-voto referente a esse naufragio.

Luiz de Souza Correa.—Esteve mais de uma vez de guarnição na fortaleza do Ceará. Serviu egualmente em Pernambuco, Colonia do Sacramento e Ilha de Fernando de Noronha.

A 12 de Novembro de 1746 teve nomeação para o posto de Capitão de infantaria do Terço de Olinda, vago pela reforma de Cypriano Lopes da Fonseca Galvão.

Luiz Ignacio de Azevedo Bolão.—Natural da Bahia e carpina de profissão.

Accusado de se ter batido em Aracaty ao lado dos partidarios da Republica do Equador e de haver acompanhado Tristão Gonçalves até S. Rosa, foi preso e condemnado pela Commissão Militar e executado a

16 de Maio de 1825 na actual Praça dos Martyres, Fortaleza.

Luiz Jacome (Pe.)—Da Companhia de Jesus. Veio para o Ceará em Dezembro de 1741 juntamente com Manoel de Macedo, Manoel de Lima, Manoel Baptista, Francisco Leal e Antonio Pinto para tomarem conta das aldeias dos indios, então regidas por padres seculares.

Falleceu no Rio de Janeiro a 25 de Maio de 1745.

Luiz Manoel de Moura Cabral.—16.º Ouvidor do Ceará, nomeado por C. R. de 20 de Setembro de 1802. Antes fôra em Matto Grosso Juiz de Fora das Minas e Ouvidor interino (1792--1799).

Tomou posse da Ouvidoria do Ceará a 26 de Abril de 1803.

Na Bahia foi o presidente da Junta Provisoria, que a 10 de Fevereiro de 1821 substituiu ao Conde de Palma.

Luiz Quaresma Dourado.—Successor de Pedro de Moraes Magalhães no governo do Ceará por escolha de 29 de Dezembro de 1750 de accordo com o parecer do Conselho Ultramarino de 10 de Junho. Sua Patente de nomeação traz a data de 21 de Janeiro de 1751 e sua posse teve logar a 18 de Agosto do mesmo anno.

Serviu nas Capitanias de Pernambuco e Parahyba por 50 annos, 6 mêses e 21 dias.

Andou em visita á mina de ouro de S. José dos Cariris.

Carta Regia de 19 de Dezembro de 1754 deu-lhe substituto na pessoa de Francisco Xavier de Miranda Henriques.

Falleceu no Ceará, tendo deixado do seu casamento com D.ª Antonia de Mello dois filhos, Agostinho de Bulhões e Mello e Gonçalo José de Mello e duas filhas, que se casaram com Manoel de Siqueira Braga e Francisco da Silva Coelho.

Lourenço da Costa Dourado.—Figura de relevo no commercio da Capitania. Fazia parte da firma Barroso, Martins, Dourado e Carvalho, com séde em Londres, donde partiu para o Ceará em Junho de 1809, aqui chegando a 29 de Agosto. Essa firma, que substituira a antiga Martins e Dourado fez ponto em 1813. Ja então Costa Dourado não fazia parte della.

O Martins dessa firma é o notavel patriota do movimento de 17.

Manoel Antonio Galvão.—18.º Ouvidor do Ceará. Nomeado a 8 de Maio de 1809 e empossado a 9 de Março de 1810.

Por arbitrariedades, que praticou, foi suspenso por Ordem do Principe Regente em data de 23 de Agosto de 1813, secundada por uma outra do Desembargo do Paço em Fevereiro de 1814.

Era Cavalleiro Professo da Ordem de Christo.

Manoel Baptista (Pe.)—Grande missionario dos indios Cearenses. Trinta annos viveu na continua tarefa de ganhar almas para Deus, segundo o dizer de Loreto Couto, que o dá como natural da freguezia de Santa Christina, Arcebispado de Braga.

Em apontamentos que me forneceu o jesuita Pe. Van Meurs elle figura como tendo nascido em Porto em 1682, entrado na Companhia de Jesus a 14 de Agosto de 1704 e feito coadjuctor espiritual a 15 de Agosto de 1714.

Foi o orador sacro nas pomposas festas celebradas no 1.º anno do governo do Capitão-mor João Baptista Furtado por motivo do casamento do Principe do Brasil.

Falleceu em fins de Julho de 1756 aos 75 annos de edade no Hospicio do Aquiraz, sendo sepultado na Egreja de N.ª S.ª d'Assumpção.

Fôra tambem Superior das aldeias da Ibiapaba e Parangaba.

Manoel da Fonseca Jayme.—Era Capitão de Infantaria na Praça de Recife quando foi provido no posto de Capitão-mor da Capitania do Ceará. Sua escolha é

datada de 26 de Junho de 1713. Assumiu o governo em fins de 1715.

Onerado de grande familia, mulher e sete filhos, obteve ajuda de custo de 100$ em Resolução de 17 de Julho de 1713 e Provisão de 21 de Fevereiro de 1715.

Manoel de Azevedo do Nascimento.—Perito nos estudos de Geometria e Fortificações.

Esteve no Ceará mais de uma vez como commandante do presidio de Fortaleza.

Serviu na Capitania de Pernambuco por mais de 33 annos, indo de presidio para a Ilha de Fernando de Noronha, Rio Grande do Norte, Parahyba.

Manoel de Jesus Maria (Frei).—Pertencia á Ordem dos Carmelitas Observantes. Enviado pelo Bispo de Pernambuco em visita ao Ceará. Serviu-lhe de secretario o Pe. Anacleto Soares da Silva.

Por provisões delle foi com a invocação de Santo Antonio de Padua desmembrado da freguezia de Russas o curato amovivel de Quixeramobim (15 de Novembro de 1755), e separadas da freguezia do Icó as ribeiras dos Bastiões e Inhamuns, creando-se a freguezia de S. Matheus com a invocação de N.ª S.ª do Carmo dos Inhamuns (7 de Dezembro de 1755).

Manoel de Magalhães Pinto e Avellar de Barbedo. —12.º Ouvidor do Ceará. Graduado pela Universidade de Coimbra. Nomeado por Provisão de 8 de Novembro de 1785, empossou-se a 24 de Janeiro do anno seguinte. Ha documentos que o dão por nomeado a 31 de Agosto de 1785. Com o governador Montaury esteve em lucta aberta á maneira de André Ferreira.

Installou a villa de Campo Maior de Quixeramobim, até então pertencente a Aquiraz, a 13 de Junho de 1789. A povoação tinha o nome de Santo Antonio de Quixeremobim.

Ao acto da installação estiveram presentes, entre outros, o procurador da Corôa Dr. Joaquim de Souza Fonseca Prata e o Sargento-mor José Pimenta de Aguiar. Aberto no dia seguinte (14) o 1.º pelouro,

sairam por juizes ordinarios o Capitão-mor Antonio Pinto Borges e o citado Sargento-mor José Pimenta de Aguiar, vereadores José dos Santos Lessa, Antonio Fernandes do Amaral e Antonio das Virgens Lisboa e procurador Domingos de Carvalho de Andrade.

Tendo em Agosto de 1709 deixado Azevedo de Montaury a administração e seguido para Pernambuco, ficou elle fazendo parte do governo interino até a posse de Feo e Torres, que occorreu a 9 de Novembro.

Casou-se a 21 de Novembro de 1793 com D.ª Maria Luiza Francisca de Mendonça, uma das filhas do governador Feo e Torres, a quem dotou com 12 contos.

Como Ouvidor Geral do Crime concorreu poderosamente para a repressão do movimento havido na Bahia em 1798.

Falleceu louco em Lisboa a 10 de Fevereiro de 1807, contando menos de 48 annos de edade, pois nascera a 4 de Agosto de 1759.

Manoel Ferreira Ferro.—Grande potentado.

Coronel do Regimento de Cavallaria da Ribeira dos Inhamuns. Filho do Cel. Francisco Alves Feitosa e de sua mulher Catharina da Rocha, ambos naturaes do Rio S. Francisco, e marido de Bernardina Cavalcante Bezerra, filha de Manoel de Araujo Bezerra e de Anna de Nazareth Cavalcante.

Manoel de Araujo Bezerra era filho de Amador de Araujo Bezerra e de sua mulher Maria Monteiro Bezerra. D.ª Anna de Nazareth era filha de Matheus de Sá e de Maria Cavalcante.

Manoel Francez.—Filho de João Monsiú e natural de Beja.

Capitão-mor do Ceará por escolha de 4 de Junho de 1720 de accordo com a apresentação do Conselho Ultramarino em data de 19 de Maio. Sua Patente de nomeação tem a data de 26 de Agosto.

Exerceu esse cargo por espaço de 6 annos e 2 mêses, tendo sido a posse a 11 de Novembro de 1721.

Era Capitão de Infantaria do 3.º da guarnição de

Olinda, de que era Mestre de Campo Antonio Borges da Fonseca.

No seu governo segundo resoluções regias de 9 e 11 de Março de 1725 foi installada a villa da Fortaleza de N.ª S.ª d'Assumpção do Ceará (13 de Abril de 1726).

Falleceu a 1 de Maio de 1748 como Capitão-mor de Sergipe d'El-Rei, cargo que estava exercendo desde 3 de Abril de 1745.

Teve um filho do mesmo nome, que fazendo parte do Regimento de Moura em 1711 entrou por Castella a dentro e passando-se a Pernambuco veio de guarnição para o Ceará e aqui demorou-se largo tempo.

Manoel Ignacio de Sampaio. — 4.º Governador do Ceará independente de Pernambuco por nomeação de 7 de Maio de 1811. Chegou á Fortaleza a 11 de Março de 1812. Tendo partido do Rio de Janeiro a 28 de Janeiro chegou a Pernambuco a 19 de Fevereiro e d'ahi saiu para o Ceará a 2 de Marco.

Sua posse teve logar a 19 de Março.

Serviu-lhe de secretario José Rabello de Sousa Pereira.

Nomeado governador de Goyaz, entregou no dia 12 de Janeiro de 1820 o governo da capitania a uma Junta composta do Juiz de fóra e ouvidor interino Adriano José Leal, vereador Joaquim Lopes de Abreu e official Francisco Xavier Torres, a qual governou até a chegada de Rubim.

Ao governador Sampaio e ao architecto Tenente-coronel Paulet deve-se a reconstrucção da Fortaleza de N. S. d'Assumpção, o augmento do antigo edificio da thesouraria de fazenda sito na praça de Palacio, a construcção do mercado publico e de outros edificios.

Em 1813 elle mandou proceder ao arrolamento da população da Capitania e foi ella calculada em 149.285 pessoas, sendo na bacia do Jaguaribe 81.907 e no resto da Capitania 67.378.

No governo de Sampaio deu-se o movimento republicano de 1817 em Pernambuco, que se estendeu ao

Ceará, sendo, porem, completamente abafado por sua vigilancia e energia.

Ao nome desse governador alguns accrescentam o appellido de Pina.

Manoel Ignacio de Sampaio, 1.º Visconde de Lançada, deixou dous filhos: o Duque de Palmella e Ignacio de Sampaio e Pina Freire, 2.º Visconde de Lançada, Vice-Almirante reformado, Veador da Rainha Maria Pia, fallecido em 1910 aos 73 annos de edade.

A actual Rua do Sampaio, anteriormente Rua Nova do Outeiro, aberta e alinhada em 1813, recorda o nome desse notavel administrador.

Manoel Joaquim Garcia.—Cirurgião-mor da Capitania. Sua nomeação traz a data de 18 de Março de 1789. Partiu de Lisboa a 2 de Maio juntamente com o Secretario do governo Francisco Luiz de Mariz Sarmento e o Sargento-mor de milicias e *bacharel empregado no descobrimento do salitre e mais assumptos de historia nas terras da Capitania* João da Silva Feijó.

Substituiu-o por vezes Bernardo de Oliveira Pacheco, a quem o governador Manoel Ignacio de Sampaio em Março de 1816 propoz para effectivo no fallecimento de Garcia; Bernardo de Oliveira recusou o logar para não ficar, dizia elle, eternamente preso ao Ceará.

Manoel José de Faria.—6.º Ouvidor do Ceará. Nomeado por Provisão de 11 de Outubro de 1742.

Foi o installador a 10 de Fevereiro de 1748 da villa de Santa Cruz do Aracaty, creada pela Resolução Regia de 11 de Abril de 1747, de accordo com o parecer do Conselho de 12 de Dezembro de 1746.

Faria propusera em Julho de 1744 a creação dessa nova villa que, no seu entender, «viria a ser a côrte deste Siará em breves annos por ficar nas margens do rio Jaguaribe, navegavel as mesmas somacas em distancia de trez legoas e de facto ao seu porto vem todos os annos vinte e sinco e mais que a troco de fazendas que trazem levam a carne e courama de dezoyto thé vinte mil boys para Pernambuco Bahia e Rio de Janeiro», e

a proposta foi amparada por D. Marcos de Noronha segundo exposição de 4 de Maio de 1746.

Já em Janeiro de 1743 o Capitão-mor Dom Francisco Ximenes de Aragão lembrara a conveniencia de irem «um juiz ordinario e um tabellião de Aquiraz para o Lugar do Aracaty de Jagoaribe» como meio de se evitarem desordens, mormente quando aportam os barcos «que todos os annos vão ahy fazer carnes».

Muito do tempo desse Ouvidor foi empregado em averiguações relativas a minas de prata e cobre, que um Antonio Gonçalves de Araujo pretendia haver descoberto na Capitania e para cuja extracção e exame vieram peritos europeus, chefiados por João Christovam Sprongel. Ficou provado que taes minas não passavam de uma feia exploração. A prata, dizia o espertalhão, era abundante, sobretudo no arraial de Ubajara, mas os peritos extrangeiros nenhuma encontraram, o que lhes valeu o odio e a perseguição de Antonio Gonçalves.

Manoel Leocadio Rademaker.—14.º Ouvidor do Ceará. Nomeado a 21 de Maio de 1800 e empossado a 13 de Abril de 1801, estando presente ao acto seu antecessor José Victorino da Silveira. A 24 de Janeiro de 1799 tinha tido a nomeação de Juiz dos Feitos e Deputado da Junta da Fazenda.

Foi o installador a 6 de Agosto de 1801 da Villa de S. Bernardo de Russas.

Tendo a Provisão de 17 de Dezembro de 1793 ordenado que se demarcasse o terreno, que se devia dar á villa de Santa Cruz do Aracaty «que vem a ser todo aquelle que decorre desde a parte oriental do rio Jaguaribe até o Mossoró, extrema da capitania do Ceará», foi delle empossada a Camara do Aracaty a 17 de Julho de 1801 pelo Ouvidor Rademaker. A essa posse judicial se refere clara e explicitamente o Edital da Camara em data de 6 de Novembro de 1811 «tempo em que as justiças do Rio Grande ja invadião a jurisdicção do Ceará em terrenos de que elle estava de posse civil, natural e corporal».

Foi transferido para Parahyba, de lá vindo o Ouvidor Gregorio José da Silva Coutinho. Em Agosto de 1801 partiu para Pernambuco em goso de licença, ficando em seu logar José Antonio de Sousa Galvão.

Manoel Lopes de Abreu Lage.—Vereador de Fortaleza em 1780.

Foi secretario do governador Borges da Fonseca por nomeação de 1 de Fevereiro de 1780 em virtude do fallecimento do serventuario Pe. Francisco Xavier Marreiros da Silva.

Tendo se transportado a Pernambuco, Borges da Fonseca deu-lhe por successor Francisco Rodrigues Paiva, que entrou a servir a 3 de Fevereiro de 1781.

De volta ao Ceará, foi em 1790 Juiz Ordinario e no anno seguinte e em 1795 Juiz de Orphãos de Fortaleza.

Manoel Lopes Santiago.—Filho de Manoel João e natural de Pernambuco.

Prestou importantes serviços na reducção dos negros dos Palmares em 1694 e 1695.

Em 1702 acompanhou o Pe. João de Mattos Serra nas suas bem aproveitadas missões entre os Icós e Chicherros.

Era seu tio Manoel Freire, filho de Balthazar Freire e natural da Ilha 3.ª, que muito se notabilisou contra os Hollandêses em Pernambuco, na Bahia e Rio Grande.

Manoel Martins Chaves.—Grande potentado dos sertões do Ceará. Coronel do Regimento de Cavallaria de Villa Nova d'El-Rei. Filho de José de Araujo Chaves e casado com Ursula Gonçalves Vieira e de 61 annos de edade.

Processado com Francisco Xavier de Araujo Chaves como mandantes do assassinato do Juiz ordinario da Villa, Antonio Barbosa Ribeiro, o Governador e capitão-general e o Tribunal da Relação da Bahia requisitaram sua prisão e remessa para as cadêas daquella cidade, mas João Carlos já havia em pessoa effectuado a prisão dos criminosos. De seu acto deu o governa-

dor conta detalhada ao Principe Real a 22 de Janeiro de 1806.

A prisão foi feita na povoação de S. Pedro e os presos foram detidos por 84 dias na fortaleza da Capital, d'ahi levados ao Aracaty onde estiveram 8 dias com grilhões aos pés, a Pernambuco e finalmente a Lisboa. Foi a 26 de Maio de 1806 a sua entrada no Limoeiro. Falleceu a 27 de Maio de 1808.

Manoel Pinheiro (Pe.)—Da Ordem de Jesus. Nasceu em 1695 na cidade do Porto, Portugal, entrou para a Companhia a 12 de Dezembro de 1714 e subiu a coadjutor espiritual a 1 de Janeiro de 1734. Seu nome está ligado ao Hospicio e á Egreja do Aquiraz, da qual sob os auspicios de João Guedes foi um dos constructores. Foi superior da Casa de Aquiraz. A perseguição Pombalina expulsou-o do Brasil. Vivia em Roma ainda em 1773.

A historia dos Jesuitas do Ceará deve a este Pe. interessantes e curiosas informações. Delle publiquei duas Memorias na Revista da Academia Cearense, 1904.

Mathias Ferreira da Costa. – Aracatyense e filho do Coronel Antonio Nunes Ferreira, Capitão da cavallaria de Ordenança do districto de Aracaty e Jaguaribe no Regimento de que era Cel. Domingos Tavares da Fonseca por nomeação de 8 de Junho de 1746, e sobrinho do Coronel Domingos Tavares da Fonseca.

Foi o doador, com sua mulher Paula Barbosa, da terra precisa para a installação da villa de Aracaty (10 de Fevereiro de 1748).

A 6 de Dezembro de 1701 Maria de Siqueira, viuva do Capitão-mor Abreu Soares, seu filho Paschoal Gomes de Lima e sua nora Helena Barbosa de Albuquerque venderam a Theodosio de Gracismão duas legoas de terra, sitio do Aracaty, Ribeira do Jaguaribe.

Theodosio de Gracismão foi o pae do Tte.-General Gregorio Gracismão e de Joanna d'Ornellas, que casou com o Cel. Antonio Nunes Ferreira.

Paula Barbosa, a doadora, era filha de Joanna d'Ornellas.

Mathias Ferreira foi tambem o erector e administrador da capella de S. José do Aracaty.

Patricio da Nobrega e Vasconcellos.—Estando no Ceará em 1724 foi grande elemento de paz nos movimentos populares havidos contra o Ouvidor. Deveram-se-lhe importantes reparos e construcções na fortaleza de N. S.ª d'Assumpção, de que foi commandante.

Em 1730 tomou posse do cargo de Capitão-mor de Sergipe.

Exerceu os postos de Tenente-Coronel do Regimento de Recife e Coronel de Infantaria do Regimento de Olinda.

Em 1737 foi por ordem do governador Henrique Luiz Pereira Freire no navio «Leão Dourado» á Ilha de Fernando donde desalojou os Francêses, que ali estavam estabelecidos e della fez entrega ao Tenente-General João Lobo de Lacerda, encarregado de commandal-a e fortifical-a.

Era seu filho o Pe. Patricio Miguel da Nobrega.

Pedro Cardoso de Novaes Pereira.—Foi o 3.º Ouvidor do Ceará, nomeado por Provisão de 1 de Junho de 1730. Fôra Juiz de Fóra de Torrão.

Sem que houvesse terminado o tempo de serventia do seu antecessor apressou-se em vir para o Ceará e em tomar a si a provedoria dos ausentes e defuntos, residuos e capellas com o que não se conformou Loureiro Medeiros, resultando dahi graves perturbações da ordem publica, formando-se parcialidades e motins. Para evitar qualquer desacato Novaes Pereira esteve por muito tempo recolhido no Hospicio dos Jesuitas. Ainda em Julho de 1731 Loureiro Medeiros mandava espancar e metter na cadeia os camaristas de Aquiraz.

Havendo se retirado Loureiro na noite de 3 de Junho de 1732 para a Ribeira do Acaracu, com cerca de 30 pessoas, entre as quaes o Procurador do Conselho, e conduzindo comsigo todos os cartorios dos escrivães e os livros da Camara, fazenda, defuntos e au

sentes, assumiu Novaes Pereira no dia seguinte o exercicio pleno do cargo.

No tempo de Novaes Pereira fez-se a construcção de uma Egreja com duas torres para servir de matriz (grandioza Igreja Matriz, dizem os Camaristas em doc. de 12 de Jan.º de 1734) e uma capella sob a invocação de Senhora Sant'Anna.

Pedro de Moraes Magalhães.—Filho unico de outro de egual nome. Veio para o Ceará como Capitão-mor interino em substituição a Francisco de Miranda Costa, fallecido a 1 de Setembro de 1748. Foi empossado a 19 de Outubro.

Servira na guerra da grande Liga no exercito, que foi á Catalunha. Depois de 3 annos de prisão sendo trocado veio para Pernambuco com o tio Antonio Borges da Fonseca, e na Capitania de Pernambuco serviu de 5 de Abril de 1724 a 2 de Abril de 1772 desde o posto de soldado ao de Capitão de Infantaria, e Sargento-mor do Regimento da Praça do Recife, tendo estado varias vezes na Ilha de Fernando de Noronha, e Presidio de Tamandaré.

Na sua Fé de Officio se lê: «Esteve na Ilha de Fernando de Noronha duas vezes cumprindo inteiramente a sua obrigação no trabalho dos tres reductos q' se deliniarão para se estabelecer a povoação na d.ª Ilha obdecendo e executando as ordens q' pellos seos majores lhe erão dadas, e sendo encarregado da Comandancia da Fort.ª de N. S.ª dos Remedios, hua das principaes defezas daquelle Porto se houve neste emprego com honrada satisfação cuidando nas Fortificações, defezas, reparos e limpeza da d.ª Fort.ª, doutrinando os seos soldados na devida obediencia, fazendo lhes exercicios e a toda a guarnição da d.ª Ilha, sendo lhe sempre encarregada a guarda dos prezos de mais porte por se fiar mt.º da sua fidelid.ª e zelo no Real Serv.º, e sucedendo aportarem na mesma Ilha trez Naus Francêsas se houve nas guardas com vigilancia, sendo mt.º prompto a tudo o de q' era encarre-

gado, executando o mesmo no exercicio do posto de Ajud.e do Regimento q' actualmente ocupa».

Falleceu a 4 de Novembro de 1757 na cidade de Olinda, de cujo Regimento era Tenente-Coronel, tendo deixado varios filhos do seu casamento com Candida Rosa Tenorio, fallecida a 5 de Abril de 1742, filha de Francisco Ponce de Leão e Joanna Manoela Tenorio.

Placido de Azevedo Falcão. —Filho de Sebastião Falcão e natural de Pernambuco. Entrou para o serviço militar a 29 de Maio de 1675, servindo em varios pontos da Capitania, e na guerra dos Palmares.

Em 1700 D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre nomeou-o Capitão e Cabo do Presidio do Jaguaribe. Acompanhou o missionario Pe. João de Mattos Serra ao interior do sertão do Ceará e conseguio com elle a reducção dos indios Icós e Xixeros, gente até então reconhecidamente indomita.

Quando em 1703 deu-se o levante dos soldados do forte de N. S.a d'Assumpção contra o Capitão-mor Jorge de Barros Leite, veio do presidio do Jaguaribe, suffocou a revolta e conduziu para Pernambuco 18 dos implicados nella.

Sendo commandante da guarnição da dita Fortaleza, esteve em 1713 no governo da Capitania por portaria de Felix José Machado.

Raymundo Alexandre da Fonseca (Pe.)—Successor do Pe. João de Mattos na Vigararia da Egreja de S. José de Riba-mar da villa do Ceará.

Rogerio Canisio (Pe.)—Da Ordem de Jesus. Nasceu em Köln (Colonia), Allemanha, em 1711, filiou-se a 17 de Outubro de 1731 e professou a 2 de Fevereiro de 1748. Celebrisou-se na missão da Ibiapaba e no Hospicio e Egreja de Aquiraz.

Falleceu nas prisões do forte de S. Julião, Lisboa, uma das victimas do Marquês de Pombal.

Delle trata Loreto Couto no Capitulo XXIV do livro *Desaggravos do Brasil e Glorias de Pernambuco.*

Salvador Alves da Silva.—Provido em Capitão-mor do Ceará por escolha de 9 de Abril de 1717 de ac-

cordo com a proposta do Conselho Ultramarino em data de 2 de Março, tomou posse a 1 de Novembro de 1718. Sua Patente é datada de 25 de Abril. Começou a vencer o soldo desde o dia do embarque segundo Provisão de 27 de Abril de 1717. Veio para o Ceará via Recife e para despezas de estadia alli e de viagem para o Ceará teve, como seus immediatos antecessores, Francisco Duarte de Vasconcellos e Manoel da Fonseca Jayme, uma ajuda de custo de 50$.

Era Cavalleiro Professo da Ordem de Christo.

Theodosio de Gracismão. –Foi o pae do Tenente General Gregorio de Gracismão e de D.ª Joanna d'Ornellas, que se consorciou com o Cel. Antonio Nunes Ferreira.

Uma filha de Joanna d'Ornellas, Paula Barbosa, e seu marido Mathias Ferreira da Costa foram os doadores da terra, que serviu para a installação da villa de Aracaty.

Theodosio Luiz da Costa Moreira.—Presidente da Camara de Aracaty.

Foi o 1.º professor de latim que teve essa villa, e exerceu o logar por 7 ou 8 annos. Em 1800 a Camara representou ao R.do Bispo contra elle e pediu que a aula passasse a ser regida pelo Pe. Manoel Felippe Gonçalves ou o Pe. Antonio José Alves de Carvalho. Tinha de ordenado 20$000 mensaes.

Succedeu-lhe na cadeira o irmão Pe. Antonio José Moreira, que lhe foi em tudo egual.

Thomaz da Silva Pereira. –5.º Ouvidor do Ceará. A Provisão de sua nomeação é de 1739. Acabara de exercer o logar de Ouvidor da Parahyba.

Foi quem tirou residencia ao Capitão-mor Domingos Simões Jordão.

Salientou-se por sua injusta ogerisa aos Padres da Companhia de Jesus.

Tristão Gonçalves de Alencar Araripe.– Antes da revolução Tristão Gonçalves Pereira de Alencar.

Nasceu no sitio Salamanca, Crato, Cariri, no anno de 1790, sendo seus paes José Gonçalves dos Santos,

de nacionalidade Portuguêsa, e D.ª Barbara Pereira de Alencar.

Com o irmão José Martiniano tomou parte na revolução de 1817 e padeceu nas prisões da Bahia; com Pereira Filgueiras fez a expedição de Caxias, que libertou do jugo Português, Piauhy e Maranhão; foi a alma da Revolução do Equador no Ceará e por isso acclamado seu presidente (1824).

Havendo saido de Fortaleza em direcção ao Aracaty no interesse do movimento, cuja causa esposara com o ardor e animo sobranceiro de sempre, foi batido pelos imperialistas no logar Santa Rosa, á margem do rio Jaguaribe, e trucidado a 31 de Outubro de 1824. Seus restos expostos á irrisão publica ficaram ali atirados até que a mão piedosa de um amigo lhes deu sepultura.

Victorino Soares Barbosa.—8.º Ouvidor do Ceará. Nomeado a 13 de Outubro de 1755 e empossado a 27 de Junho de 1756.

Inaugurou a 14 de Abril de 1764 a Real Villa de Montemor o Novo da America, Baturité, antiga Missão de N.ª S.ª da Palma e a 21 de Junho a Villa do Crato no local chamado Aldêa do Brejo, antiga Missão de Miranda.

Livre de accusações, que lhe eram feitas, retirou-se para Lisboa no navio N.ª S.ª do Rosario e S. José, que deixou Pernambuco a 18 de Março de 1771.

Em seu tempo veio á Capitania o Ouvidor de Pernambuco Gama Casco afim de erigir em villas as aldeias retiradas á administração e direcção dos Padres Jesuitas.

Victorino Pinto da Costa Mendonça.—4.º Ouvidor do Ceará, nomeado por Provisão Regia de 31 de Março de 1735. Esteve detido por longo tempo na Capitania por motivo de não lhe tirarem a residencia. Uma Provisão de 4 de Junho de 1745 de accordo com uma consulta do Conselho Ultramarino deu-lhe licença para se recolher ao Reino.

Casou a 16 de Setembro de 1739 na Matriz de

Aquiraz com Thereza Bernarda, filha de Duarte Pacheco Pimentel, sendo celebrante o Pe. Manoel Alves Pereira e testemunhas o Capitão-mor Ximenes de Aragão e o Dr. Thomaz da Silva Pereira.

Foi elle o installador da villa do Icó (4 de Maio de 1738), medida insistentemente reclamada pelos moradores da Ribeira, apoiada pelo syndicante Desembargador Marques Cardoso, resolvida a 17 de Outubro de 1735 em consulta do Conselho Ultramarino e mandada pôr em pratica por Provisão de 20 de Outubro de 1736 expedida ao Governador e Capitão General de Pernambuco. A 2 de Novembro de 1741 foi registrada a Patente do 1.º Capitão-mor da nova villa, Bento da Silva e Oliveira, chamado o Mouro, e fallecido a 30 de Junho de 1763.

Vidal de Frascarolo (Frei). — Outros dizem Vital.

Requisitado pela Camara de Fortaleza, veio esse notavel missionario ao Ceará em 1796. Serviu-lhe de residencia a casa do alfaiate Salvador José Quaresma, sita á Rua da cadeia.

Esse Quaresma foi em 1814 escrivão do Officio de alfaiate.

Em varias localidades do interior andou o missionario. Na capella dos Santos Cosme e Damião do Pereiro, as missões findaram a 27 de Outubro, sendo ahi levantado um Cruzeiro.

Cartographia. Mappas. Cartas etc.

Referentes ao Ceará

A 1.ª, a mais antiga contribuição á cartographia do Ceará é a *Descripção* do *verdadeiro descobrimento* e *nova conquista* do Rio de Jaguaribe, Serras de Ariama, muibuapaba e ponaré e cõfins do Maranhão q' fez o Capitão-mor Pero Coelho de Souza de Ordem de

Diogo Botelho, Governador e capitão geral do estado do Brasil des do anno de 1603 té o de 1608, com todos seus portos, barras, serras e rios cõ suas nascensas. 0,395 × 0,m569.

Encontra-se na obra *Rezão do Estado do Brasil*, attribuida por uns a D. Diogo de Menezes, o futuro Conde de Ericeira, e por outros com mais fundamento a Diogo de Campos Moreno, tio de Martim Soares e autor do livro *Jornada do Maranhão*.

Dá-se a autoria desse Mappa a Pero Coelho, mas, a meu ver, erroneamente. Quem conhecer a biographia do infeliz Capitão-mor e attentar para o titulo da *Descripção*, concluirá que a outrem que não a elle se deve o Mappa, appenso á *Rezão do Estado*. Lêa-se o que escrevi a respeito na *Revista do Instituto do Ceará*, vol. 17, p. p. 64-66. Ainda hoje mantenho a opinião de outrora. O engano de se attribuir a Pero Coelho a feitura desse Mappa está nas palavras *que fez o Capitão-mor*. No meu entender quem deu o titulo ao Mappa pretendeu referir-se com aquelles termos não á *Descripção* mas ao *descobrimento e nova conquista*.

Nesse Mappa affirma Candido Mendes ter o nome de *Pirangy* o pequeno rio, que deu o nome ao Ceará, e nesse dizer acompanhou-o Paulino Nogueira; Capistrano de Abreu, entretanto, declarou haver examinado a copia existente no Instituto Historico Brasileiro e que o rio Pirangy, collocado ao norte do forte de São Thiago e a 15 leguas, será o *Cauhype* e nunca o rio *Siará* e que no dito Mappa ao sul do forte encontra-se o nome Siará junto a um rio. Confirmo os dizeres de Capistrano após exame feito na copia, que possuo.

No mappa supposto de Pero Coelho encontram-se consignados os seguintes nomes a começar do rio Tarari caminhando do norte para o sul: rio Tarari, Barreiras, rSiope, Pirangi, Noua Lx.ª (Nova Lisboa), Forte de São tiaguo, Sizrá ou Siará que a 3.ª letra da palavra difficilmente se percebe, P. de S. bertolomeu etc. Nelle figura tambem o forte de São Lourenço collocado entre os nomes de tres rios : Paripuera,

ao norte, iaguaribe, ao lado esquerdo e S. Lourenço, ao sul.

O nome *S. bertolomeu* corresponde á Ponta de *Mocoripe*, *r Siope* é o actual *S. Gonçalo*, *Tarari* é o *Trahiry*.

Dos nomes enumerados na *Descripção* figuram tres, Barreiras Vermelhas, rio Pirangi e Ponta de Siará, no *Exame de Pilotos* de Manoel Figueredo, impresso por Vicente Alvares em 1614 e do qual dei novas nas paginas da *Revista do Instituto do Ceará*, anno de 1889.

A *Noticia do Brasil* (Tratado Descriptivo do Brasil) de Gabriel Soares não trata da *Ponta de Mocoripe*, mas cita a *Enseada do Macorive*, e a *Noticia* é de 1589, como dizem uns, ou 1587, como querem outros e com mais fundamento; cita tambem as Barreiras Vermelhas.

No roteiro de Gabriel Soares figura tambem o rio *Joaguarive* entre o Monte de Li, o Momte Ely de Reinel, e o Rio Grande.

Sobre o *Monte de Li* escreve Varnhagen nos seus commentarios ao *Tratado Descriptivo do Brasil*: «O Monte de Li, talvez assim chamado porque se parecia ao de egual nome na Asia, será o de Aracaty. Os Atlas de Lazaro Luiz e Fernam Vaz Dourado e outros antigos manuscriptos trazem aquelle nome».

No jornal de viagem do hollandês Jan Bautista Syens, de 1600, constituem o principal assumpto sua chegada á *rade de Moucuru*, desembarque e estadia entre os indios, com os quaes esteve em constantes confabulações em busca da pedra esmeralda.

Dois outros hollandêses, Hendrick Hendrickssen Cop e Claes Adriassen Cluyt, estes em 1610, estiveram tambem em Mocoripe. Chamam-no elles *Mockeroe* e *Moccoru*. De Mockeroe ao *Cabo Branco*, situado a 3° 8' de Lat. S, e onde se fazia então commercio de pimenta, algodão, fios de algodão, redes e papagaios, marcam elles a distancia de 24 leguas. De Mockeroe

ao Cabo Branco, segundo as declarações de Cajonen, indio com quem estiveram em contacto, se tem de atravessar 3 ou 4 rios, dos quaes um é o *Parahype*, que os francêses chamavam *Alicoe*.

Fundando-se em informações de varios indigenas, entre os quaes Gaspar Paraupaba e André Francisco, cearenses, e Pedro Poty, da Bahia da Traição, o que abraçou a causa dos hollandêses, outro hollandês, Kilian de Resenlaer, em 1628, deixou descripta a costa nordeste do Brasil, a começar da feitoria ou Castello do Rio Grande ou Poting, onde havia uma guarnição de 40 soldados.

Depois de Poting encontram-se na relação de Resenlaer os seguintes nomes: *Siará*, riacho de agua doce, de que os navios fazem provisão, deshabitado de portugueses, a 2 leguas de Poting; *Piracabuba*, outro riacho; praia de *Pecutinga* e a 6 leguas o riacho *Uguasu*; *Raasay*, praia; rio *Guamare*; a 2 leguas de Guamare, *Caatsa*, a 2 1/2, *Aretauwa* e a 3 *Carwaretame*, rio; *Barytuba*, riacho de agua salgada, a 1/2 legua de *Carwaretame*; rio *Guararug*; riachos *Ugequage-guarin* e *Jandupatuba*; rio *Wupanem*; rio *Jaguary*, grande; riacho *Parypoire*; riacho *Guarapugug*; riacho *Wuychoro*, a um dia de marcha de Guarapugug; praia de *Uguaguassu*; a bahia *Moccouru*, onde se fazia commercio da madeira tatajuba; rio *Siará*; *Tapirug* nas immediações de Moccouru, com agua doce e habitada por indios sob o mando de Caiaba e Vaguassu; riacho *Upesem* a 5 leguas do Siará; riacho *Pará* a 5 leguas de Upesem; rio *Curu*; *Taregry*, riacho de agua salgada; *Tatayong*; rio *Pondahug*; rio *Iracatyhug*, grande mas pouco profundo; a 6 leguas o rio *Paratyhug* e a 3 e 1/2 deste um outro de nome *Tymohug*; praia de *Jurocaaquare*; rio *Upeba* e a 9 leguas o rio *Camosy*, capaz de grandes navios, distante do qual dois dias de marcha está a montanha *Guarundugh*. Aqui fica reproduzida, mesmo em francês, a parte referente ao Ceará, o nosso, bem entendido, da qual se vê que as riquezas mineraes da colonia, infelizmente ainda hoje tão descuradas,

constituiam a principal preoccupação dos seus primeiros visitantes:

Siara, rivière pour yachts, bonne eau, grande place très peuplée (dahi chamar-se Ceará Grande).

Parmi ses habitants il y en a qui savent écrire. Il y a du bois pour faire des couleurs noires, du bois de tabletterie, beaucoup de coton, tabac, huile balsamique, pierre blanche transparente. A' 3 lieues de Siara se trouve la montagne Boraguaba qui renferme une mine d'argent, à 2 journées de marche. On peut voir la montagné á bord des vaisseaux. L'argent s'y trouve en fragments. On le deterre aussi. Il y a encore une mine d'argent à dix journèes de marche de Siará, dans un lieu nommé Guarumdug près d'une rivière nommée *Camocy*. A deux journées en amont il y a une montagne de plomb et à moins d'une lieue de là une montagne de cristal. Il y a aussi une mine d'argent aux environs de Pariba dans un endroit nommé Toutouuba. L'argent de la montagne de Guarandug se trouve dans de la terre dure, pas dans de la pierre; on en trouve le plus a Boranguaba, ou indifféremment —.

A Ponta do Mocoripe é no pensar de Capistrano de Abreu o Cabo *Santa Maria de la Consolacion*, onde a 26 de Janeiro de 1500 tocou a frota de Vicente Pinson. Os motivos dessa sua opinião se encontram na Historia Geral do Brasil, de Varnhagen, 3.ª edição. Entretanto outros ensinam que o Santa Maria é o Cabo de *Santo Agostinho*.

Pois que me referi ao volume manuscripto da Bibliotheca Nacional de Lisboa E 2.37 sob o titulo «Rezão do Estado do Brazil. No Governo do Norte somente asy como o teve D. Diogo de Menezes até o anno de 1621», volume que pertenceu á Bibliotheca da Congregação de Missão, não é desacertado consignar aqui os seguintes trechos do capitulo, que se refere ao *Rio Grande Capitania de sua Mgd.*

«A terra de esta Capitania geralmente hé terra fraqua, mais para gados e criações que para canaveiaes e roças e ás vezes faltam nellas chuvas mas tem

muytas partes em que se podem fazer fazendas ainda que as aguas são rastr.as e os matos não são de Madeiras tão reais como as da prahiba mas não faltam as que oje podem ser necessas lenhas não faltarão nunqua. Tem este destritto dezaceis Aldeias de Indios, algûas muy pequenas todas mal governadas e inquietas por lhes faltar a doctrina de clerigos e capitaes ou de padres ou de quaesquer outros Religiosos; os da Companhia mandam a sertos tempos dous padres a visitar esta gente mas como durão pouco com elles nunca ficão em estado que possão servir aos moradores para que assim lhus e outros se sustentem e facelitem.

A' sombra desta fortaleza e de estas Aldeias se fez a paz com os de Jaguaripe e passou a povoar o Capitão Martim Soares Moreno com sós cinco soldados e hum capellão fiado na vezinhança e na amizade que tem com todos os principaes dos Indios de hua e de outra parte e assim sem outro cavedal mais que os dos bons trattos e reputação da fortaleza estão nosos conquistadores feito assento no Comusupe carenta leguas do Maranhão tal he a escala da ditta fortaleza.»

A' *Descripção do verdadeiro descobrimento*, contida no livro «Rezão do Estado do Brazil», seguem-se

N.º 2 e N.º 3 | Costa que vae da ponta do mel até o Ciará. Costa q. vae do rio Ciará até o rio das Preguiças.

São duas cartas chorographicas, que fazem parte de uma collecção mss. junta ao Atlas n.º 114 do Gabinete Geographico da Bibliotheca Nacional de Lisboa. Essa collecção não tem data, mas pela nota inserida na Carta n.º 27 vê-se ser do tempo em que Antonio Coelho de Carvalho era Senhor da Capitania de Cumá.

De ambas as cartas possuo copia.

Sob o titulo da 2.ª lê-se: «Toda esta costa he mt.º aparcellada até perto de 2 leguas ao mar.

No Siará podem surgir em 4 e 5 braças».

Na nota alludida acima lê-se a informação: «A Capitania do Cuma começa no Rio Tori e acaba na Barra do maranhão he Senhor desta Capitania Ant.º Coe-

lho de Carvalho. O Porto principal q' está tres legoas da Barra do Maranhão para Oeste he capaz de navios grandes. A terra se toda se pouoar e cultiuar far se ha nella hum grande Estado; porqt.' sua fertilidade promette grandes riquezas».

Vão aqui os dizeres, todos, das duas cartas, a começar pelo norte: R Hugperohug, R. Garorohug, Barreiras Vermelhas, Ponta do mel, R. Opanama, Monte, Montes Vermelhos, Ponta aurabana, Porto das Onças, R. Jaguaribe, neste porto pódem entrar urcas, forte de S. Lourenço, Paripuera, Parioduba, Riacho, Costa apurcellada, R. Baixo, Costa Baixa, Ponta de Macuripe, forte, Rio do Ciará, R. acuceme, Riachos, Ponta dos baixos, R. doce, Terra dos fumos, R. modoitatuba, Paranabuco, Mondao, Corinibom, Jurucuacara, Buraco das tetugas, R. da crus, R. Paramery, R. Parasu, R. das Perguiças.

São para notar nessa Carta a enorme extensão do Jaguaribe e a existencia de um grande braço delle, a grande extensão do Rio Baixo e bem assim a do Rio Ceará.

No *Exame de Pilotos* por Manoel de Figueredo (1614) figura a *Terra do Monciripe*, como figuram no *Regimento de Pilotos* de Mariz Carneiro o porto *Pernambuco*, o *rio Mondaú*, enseada *Jericuaquara*, o rio da *Cruz*, que pela lingoa da terra se chama *Camosim*, ajunta o *Regimento*.

O Rio da Cruz encontra-se nos Mappas de Levinus Hulsius (1599 e 1603), Jodocus Hondius (1606) e Petrus Kœrius (1614).

No Atlas de Diogo Homem, mss. do Museu Britanico, que é de 1558, já figura a *Bahia das Tartarugas*, ou das *Tortugas*, e a *Breve Relação da Jornada da Conquista do Maranhão* por Sousa Deça se refere tanto ao porto de *Macaripe*, onde a Armada recebeu reforço de gente, como ao *Presidio do Baraco* das *Tartarugas*, onde ella surgiu a 30 de Setembro de 1614.

Jerecoara, Jericoacoara ou Jurucuaquara é o *Ros-*

tro Hermoso, outro cabo descoberto por Vicente Yanez Pinson em sua viagem ao Brasil Septentrional.

N.º 4	Do Opanama a Paranapuc, Rio Jaguaribe, forte de S. Lourenço, Villa do Siara, Paramerim.
e	
N.º 5	Rio Modoita. Paranapuc ao Rio das Preguisas, rio Camussi, rio Paramiry.

São duas cartas, que fazem parte sob ns. 27 e 28 da *Descripção de todo o maritimo da Terra de Santa Cruz, chamada vulgarmente o Brasil*, por João Teixeira, cosmographo de S. Mag. Anno de 1640.

Esse in-fol. (0,30x0,20) pertence á Collecção do Duque de Palmella e figurou na Exposição de Cartographia havida na Sociedade de Geographia de Lisboa em Novembro de 1903.

Na immensa e magnifica collecção de mappas e cartas maritimas accumuladas pelo Barão do Rio Branco para pleitear os direitos do Brasil ao Contestado do Amapá são os mappas de João Teixeira (1640-1642) aquelles em que pela primeira vez figura o nome Siará. Nos Mappas de Abrahamus Ortelius (1570-1642) descobre-se no local onde figurará mais tarde Siara ou Ceará a palavra *Ora*, palavra que se repete em muitos outros como nos de Belleforest (1575) e Jadocus Hondius (1602-1633), e volta a apparecer em Giuseppe Rosaccio (1657) e em Danckerts (1660), portanto posteriormente a João Teixeira.

O trabalho de João Teixeira, que se compõe de 31 cartas, inicia-se com a *Costa do Brasil*, do Amazonas ao Rio da Prata, *Cabo Norte*, Rio de *Vicente Pinson* etc. e termina com *Rio Tury, barra e Villa do Cayté, barra do Pará, barra do Amazonas, Cabo Norte, rio de Vicente Pinson, Cidade de Belem, Provincia dos Tocantins, provincias* dos *Tupinambás*, dos *Tapuyos*, dos *Tocutos*, dos *Mariguiz*, dos *Pirapes*, dos *Anduras*, dos *Jacarés, dos Avaris*.

No Mappa de 1642 de João Teixeira figuram os

rios Opanema, Jaguazibe, da Cruz, Comosy, Paracu e Parameri, donde se vê que rio da Cruz e rio Comosy não eram para elle um só rio, sendo essa sua opinião, portanto, divergente das dos demais cartographos e geographos:

O *Opanama* ou *Opanema* ou *Upanema* dos antigos é o actual *Mossoró*; é ainda o *Ivypanim* dos hollandêses, sendo que suas ricas salinas descobriu e aproveitou Gedeon Morris ou Morritz, o commandante enviado ao Ceará em 1640 em substituição a Van Ham.

A importancia da Barra do Mossoró por motivo de suas salinas é reconhecida em muitos documentos officiaes antigos, como por exemplo o *Mappa dos Portos de mar da Capitania do Ceará Grande*, que acompanha a *Memoria sobre a Capitania do Ceará* por Barba Alardo (1814).

Referindo-se a ella diz o Mappa: «*Barra de Mossoró*, pertencente a Villa do Aracati, 22 legoas a L. muito frequentada em razão de suas salinas».

A *Memoria* de Barba Alardo encerra provas preciosas da legitimidade dos direitos do Ceará sobre os terrenos, que vão até a Barra do rio Mossoró: nella mais de uma vez se trata da *barra do rio Mossoró que divide o Ceará da Capitania do Rio Grande do Norte*; *barra do Mossoró, que é a extrema do Ceará.*

N.º 6. *Provincia de Brasil cum adiacentibus Provinciis*, Do livro de Jean de Laet «L'Histoire du Nouveau Monde ou Description des Indes Occidentales», 1640.

Os dizeres desse Mappa, que mais de perto nos tocam, são: R. Marandahug, Camucipi, R. de S. Francisco, Tortugas, R. Saituba, Acuracu, R. da Cruz, R. Girutinhaja, R. Aracatigiuasu, R. Mendahug, R. Tarairig, R. Curu, R. Siope, Siara, R. Hupotem, R. Carigui, C. Blanco, Ulackebay, C. Baxo, Pt.ª Mocuripe, Propea, Parip, Swarteholck, R. Paribuera, R. Jaguaribe, C. Cors, R. Upanema.

N.º 7 | Demonstração do Seará athé o Rio Openama 0m,220×0m,360

e

N.º 8 | Demonstração do Rio das Preguiças athe o Seara 0m,225×0m,355.

São duas cartas sob as letras X e Y que fazem parte da Colleção organizada pelo Abbade Diogo Barbosa com o titulo *Mappas do Reino de Portugal e suas conquistas*. Reproducções modificadas das cartas do Cosmographo João Teixeira. Sem data, nem nome do auctor.

N.º 9—*Siará Estabelecimento hollandez*. Possuem copia o Instituto do Ceará e a Camara Municipal de Fortaleza.

O original pertence ao livro de Caspar Barlœus, *Res Brasiliæ* (1647).

No Mappa as letras A, B, C, D, E, F, correspondem a Castrum, Fluvius, Vialittus versus, Sylva, Campestria, Montosa Regio.

N.º 10—*Arx in Siara*. Pertence tambem ao livro de Barlœus, 1647.

N.º 11—*Capitania do Ceará*. Sem data, mas pertence ainda ao tempo do dominio hollandês porquanto a legenda encerra os «Nomes das fortificações durante o governo de S. Ex.ª o Conde Mauricio de Nassau».

Existe copia no archivo da Camara Municipal de Fortaleza.

N.º 12—*Capitania do Siara. Planta do Forte Schoonenborch da Bahia de Mucuriba e do Monte Itarema, situados no Siara aos 28 de Abril do anno de 1649.*

O conhecimento desse bello trabalho graphico se deve ás estudiosas pesquizas do Dr. José Hygino, um benemerito da historia brasileira, que o retirou, como tambem a um grande acervo de preciosos documentos, do pó dos archivos por occasião de sua bem aproveitada viagem á Europa.

Possuido apenas por alguns estabelecimentos scientificos e por um ou outro particular, fez-se a divulgação delle graças ao Dr. Alfredo de Carvalho, que

se lembrou de ajuntal-o á sua traducção do *Roteiro* de Mathias Beck, publicado no Livro Commemorativo do Tricentenario da vinda dos primeiros portuguêses ao Ceará.

Na planta, que comprehende desde a Bahia Mucuriba (Mocuripe) n. 1, até o Monte Maragoa, n. 30, se vêem os regatos *Marajaitiba*, depois *Ipojuca*, *Telha* e actualmente *Pajehu*, em cuja embocadura tomaram terra os invasores sob o mando de Mathias Beck, e *Tipoig* (Jacarecanga), a barra de *Itarema* (barra do Ceará) a cuja margem direita estão o fortim português de S. Bastião e as casas de Francisco Aragiba e Carajá, chefes indigenas. Estendendo-se alem, abrange ella o monte *Itarema* (serra da Taquara), onde os hollandêses se entregaram a explorações mineralogicas, das quaes inda hoje se guardam vestigios, os riachos *Piraocai e Piraoba*, alagoa de *Imboduaponga*, que não é outra senão a lagoa de Arronches ou Parangaba, a lagoa *Monduig* (Mondubim), o riacho *Itapoba* (o Siqueira), uma legua alem do qual se bipartia o caminho seguindo um para *Itarema* e o outro para *Pirapedoba* (Pirapora) ao sopé da Serra de Maragoa (Marangoape), e o riacho *Itarema Igeoab*.

O Forte de Schoonenborch, do nome do Governador hollandês residente em Pernambuco, que Candido Mendes suppoz nunca ter passado de projecto, foi erguido (Lettra A) sobre o local *Marajaik*, uma das lombadas, em que se dividia o terreno, sitio ora occupado pela fortaleza de N. S. da Assumpção.

As letras B, C, D, E, F e G, na planta representam respectivamente o alojamento de Beck, o armazem guarnecido de paliçadas, o antigo armazem chamado quartel, o antigo alojamento de Beck, o antigo armazem e o novo caminho por onde da praia eram transportados os viveres para o Monte.

O Mappa da Capitania do Ceará e o desenho do

Forte tirado em 1649 encontram-se no Real Museu de Munich.

N.º 13—*Amerique Meridionale* par le Sr Sanson d'Abbeville Geog. du Roy a Paris chez P. Mariette rue S. Jacques a l'Esperance, Avec privilege du Roy pour vingt Ans.

Esta carta é de 1656. Nella figuram o Curu, o Para, o Siope.

N.º 14—*Siara. Vista do Forte Siara.* Apud Montanus.

Gravura em madeira. Amsterdam, 1673.

A Castrum. *B* Fluvius. *C* Via litus versus. *D* Sylva. *E* Campestria.

N.º 15—*Provincie di Seara* e Rio Grande.

A. A Horatii inu. et delin. H. Vincent sculpit. Roma 1698.

Vem inserida na «Istoria delle guerre del Regno del Brasile accadute tra la Corona di Portugallo e la Republica di Olanda, de fr. Gio Gioseppe di S. Teresa, Carmelitano Scalzo.

Ha nesta Carta assignalados os seguintes pontos: Enseada de Geri Cuncua; Serra de Pomare; Satuhuba; Guatupuocoa Meer; Catten Berch; Orecatumerim; R. Acuracu; Rio da Crus; Rio Parnambuco; Porto das Palmas; R. Manu o Mundahug; Tatajuba; Mana pirange; Taraire R. Boruhi, Serra Urubicata masou; R Curu; Porto do Paramirim; Rio Siebeba; P.te dos Arecifes; Lago de Upocem; Porto de Cabo das Serras; Seara; Mocuripa; R. Koko; R. Vpocura; R. de Iguape; R. Guararahug; R. Iagaribe; Abatigua; Enxada de Ubarana, Hupanema; R. Uquariquara; Punta de Vul; R. Gorarasu; R. Guapetuba; R. Peisi; R Manetuba Roo Hoeck; Soutpan Caruareia; Rio Guamare.

E' hoje rara a obra desse frade carmelita. Na relação dos Irmãos Maggs, de Londres, 1931, figuram dous exemplares della, os quaes pertenceram a Charles Stuart, o Pretendente, sendo que o de n. 1698, annunciado pelo preço de £ 42, pertenceu depois á Bibliotheca de Horacio Walpole.

N.º 16. *Planta da forteficação do Seará.* Pello Eng.º D.º da Silveira Vellozo. 1709.

Esta planta foi mandada para Lisboa pelo governador de Pernambuco Sebastião de Castro Caldas e sobre ella deram parecer desfavoravel o Professor Domingos Vieira e o Tenente General Miguel Pereira da Costa, o que custou a demissão do auctor do logar que occupava em Pernambuco e sua chamada ao Reino para melhor estudo por Ordem Regia de 26 de Novembro de 1709.

N.º 17. *Costa do Cyará grande da ponta do Mocuripe athé Jacaracanga.* 1745. Sem nome do auctor.

Encontrei essa carta nos archivos da Torre do Tombo, Lisboa, e tirei della uma copia.

A legenda diz assim: *A* Mocuripe *B B* Dezembarque com maré vazia e Lugar q' deve ser fortificado com o forte E C Barra velha de q' hoje se não pode uzar D lugar onde houve hua estacada de madeira e he a villa do Cyará F Petit-pé tomado em braças p.ª a Costa e pella p.te de sima em palmos para a nova obra e p.ª as pt.es do perfil, o q' são dez palmos se tomará por hu p.ª se vir no conheçimnt.º das suas alturas.

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro possue uma copia colorida.

N.º 18. *Mappa das Côrtes.* Manuscripto, de 1749. Delle se serviram os Plenipotenciarios de Portugal e Hespanha na discussão dos limites, que ficaram determinados no Tratado de Limites de 13 de Janeiro de 1750.

Nesse Mappa figuram na Costa Cearense os seguintes nomes R. de S. Franc.º, Jericoacoara, R. Aquirás, P.º das Palmeiras, R. Mondahú, Seará, R. Jaguaribe, Upanema, Ponta do Mel.

N.º 19. *Relação dos Corregos e Riachos* do Ceará por José Coutinho dos Santos. 1753.

N. 20. *Mappa do interior do Ceará* por Jeronymo Mendes da Paz remettido a 5 de Fevereiro de 1754 ao Governador Luís José Correa de Sá e por este ao

Ministro Mendonça Corte Real, a 10 de Maio. Copia pelo Capitão de artilharia Antonio José de Lemos

Comprehende uma área de cerca de 40 legoas de comprimento que tantas tinha o rio Salgado a contar das nascenças até a barra e 40 de largura desde as nascenças do rio Kariu até o rio das Antas.

Encontram-se no Mappa os rios Salgado e Kariu fazendo barra no Jaguaribe, assim chamado em parte e em parte tendo os nomes Quixelou e Inhamuns. O Salgado era em parte chamado Carité e em parte Carás.

Remettendo o Mappa, diz Correa de Sá ao Ministro:

«Logo que o Cap.m Jeronymo Mendes de Paz recebeo carta minha em que lhe ensinuava que V. Ex.a queria ver mapa daquellas Minas entrou na trabalhosa deligencia de o formar como lhe foy pocivel faltandolhe para aprefeyção Geografica não só o tempo mas os instromentos e gente que soubesse ajudallo nas exactas medições de que nessecita obra semelhante: Vay o dito Mapa por duas vias; o da primeira hé copea que mandey aquy tirar pelo Capitão de Infantaria Antonio Joseph de Lemos, que serve de Engenheiro; o da segunda he o original, que mando ainda que com menos asseyo pelo que respeyta ao papel e as tintas por ser obra feyta no certão adonde tudo falta; mas pareceu-me justo, que V. Ex.a o visse para conhesser que o Cap.m Jeronymo Mendes he hum official com capacidade para tudo e mt.o merecedor de que S. Mg.e o attenda honrando-o com mayor Patente do que a de Cap.m e remediando-o com soldo mais avantajado porque certamente o que tem lhe não chega para o gasto que está fazendo nos Kariris adonde como commandante daquelle destricto e como Liberal não pode negar a sua caza e a sua meza a qualquer pessoa de bem que aly chega: V. Ex.a pode segurar a S. Mg.e que dificultozamente se achará em todo o Brazil official mais capaz para qual quer expedição, é unico para a que necessitar de especial inteligencia e aporporção desta hé a sua

necessidade porque não ha official da sua graduação mais pobre, pois não tem outra agencia mais que o seu soldo, com que se sustenta a sy e a sua May».

O capitulo 1.º das minhas *Notas para a Historia do Ceará* encerra largas e extensas informações sobre Jeronymo da Paz.

N.º 21. *Planta da Costa do Brasil desde o Ceará* até a ilha de S. João por José Patricio de Souza. 1790. Existente no Archivo do Estado Maior do Exercito, Rio de Janeiro.

Patricio de Souza é tambem autor de uma *Memoria sobre a Construcção da Carta da Costa Septentrional do Brasil desde a Jericoara até o Pará*, 1799, e de uma Carta da *Costa Septentrional do Brazil desde Jericoacoara até ao Gram-Para*, 1801. $0^m,447 \times 0^m,602$.

O Archivo Militar, Rio, possue uma copia da Planta n.º 21, de 1868, a aguarella.

N.º 22. *Mappa Geographico* da Capitania do Ceará. Delinhado no anno de 1800 por Marianno Gregorio do Amaral.

Aguarella. Está no Archivo Publico Nacional, Rio de Janeiro.

N.º 23. *Planta do Porto de Mocoripe na Capitania do Ceara Grande.*

Faz parte da minha Collecção. Não traz data mas dos dizeres que encerra, n.ºs 1 a 10, se vê que é do tempo de Bernardo Manoel de Vasconcellos, anno de 1802.

São estas as explicações: N.º 1 Bateria de S. Pedro Principe. 2 Bateria da Princeza Carlota. 3 Bateria de S. João Principe. 4 Forte pequeno de S. Bernardo do Governador, que serve de Registo para os navios que dão fundo neste Porto. 5 Morro superior as Baterias com huma peça que faz signal de rebate. O Morro superior as Baterias com peça de rebate e Bandeira amarella serve de signal para todos os Navios que navegão nesta Costa virem dar fundo neste Porto e receber noticias de que o inimigo cruza ao Norte desta Costa. 6 Caza de Polvora 7 Armazem dos Petrechos perten-

centes as Baterias. 8 Quartel da Companhia de Infanteria. 9 Quartel da Companhia de Artilharia. 10 Poço de Agoa coberto para uzo da Tropa.

N.° 24. *Planta da Commerca do Ceara Grande* e sequito pello certão athé a cidade de Todos os Santos. Petipé de vinte e sinco legoas, 1802. Possuo uma copia feita por Vasco Joaquim Smith de Vasconcellos.

Essa planta vem appensa á «Recopilação de Noticias Soteropolitanas e Brasilicas» de Luiz dos Santos Villhena. Anno de 1802. Pertencente á collecção José Carlos Rodrigues, em cujo precioso Catalogo é citada.

A «Recopilação» na sua Carta 19 occupa-se do Ceará; esta parte da obra está transcripta na Rev. do Instituto do Ceará, vol. 21. Vê-se nella claramente declarada a divisão do Ceará e Rio Grande do Norte pelo *rio Mossoró*.

N. 25. *Carta Topografica* do Seará á Mina do Salpetra, descoberta no sitio da Tatajuba na distancia de 55 leguas da Villa da Fortaleza por João da Silva Feijó, 1800. 0m,175 × 0m,230. Está na Bibl. Nac. do Rio de Janeiro. A traço de penna.

N.° 26. *Carta Demonstrativa* da Capitania do Ceará para servir á sua Historia Geral. Pelo Sargt.° Mr. Naturalista João da S.ª Feijó. 1809. 0m,524 × 0m,740. Manuscripto existente no Archivo da Directoria das Obras Militares, Rio de Janeiro.

N. 27. *Planta Demonstrativa* da Cappitania do Ceará para servir de plano a sua Carta Topografica organizada e delineada pelo Sargt.° Mr. Naturalista da mesma Cappitania João da Silva Feijó. 0m,413 × 0m,536 O Pe. Montenegro desenhou em Olinda, 1810.

O autor dessas tres Cartas, que foi Coronel de engenheiros, distincto naturalista e tanto concorreu para o estudo das cousas do Ceará, nasceu em Guaratiba, Rio de Janeiro, em 1760 e falleceu a 10 de Março de 1824.

Pereira da Silva e Sacramento Blake o dão como fallecido no Ceará, mas é um engano, pois o falleci-

mento do notavel investigador occorreu na Côrte na data citada.

E' de 11 de Outubro de 1817 o Aviso ordenando sua transferencia do Ceará para Pernambuco.

N.º 28. *Carta geografica* da capitania de Pernambuco comprehendida entre a Costa Maritima do Brasil, que faz o seu lado oriental; o Rio de San Francisco, que a divide pelo extremo meridional com a Capitania da Bahia, des da sua Foz até a confluencia do Carunhanha, segd.º a digresão curva q' lhe demarca Robert Vaugondy; os limites conhecidos das Capit.as de Minas Geraes e de Goyaz, que a terminão pelo lado occidental; e as Comarcas de Piauhy, Ciará e Parahyba pelo septentrion; sendo estas ultimas divizões determinadas conforme as noticias combinadas dos moradores, e viajantes praticos dos lugares, que abrange a sua vasta extensão. Por José Fernandes Portugal. 1807. 0m,615 × 0m,854.

O original, a aguarella, pertence ao Archivo Militar, Rio de Janeiro.

N.º 29. *Planta da Capitania do Ceará.* Sem data, nem nome do autor. Existente no Archivo do Estado Maior do Exercito, Rio de Janeiro.

N.º 30. *Plano aproximado da Enseada da Villa de Fortaleza* de N. S.a da Assumpção (a qual vulgarmente se chama Porto do Searà) tirado pelo Capitão de Fragata F. A. M. Giraldes em Setembro de 1810, indo de passagem para o Rio de Janeiro.

Que mandou tirar o actual Govern.or Luiz Barba Alardo de Menezes. 0m,174 × 336.

O original está no Archivo Militar, Rio de Janeiro. Barba Alardo remettendo o Plano ou Esboço ao Ministro fel-o acompanhar de uma interessante Descripcão devida ao dito Capitão de Fragata.

N.º 31. *Carta Demonstrativa da Capitania do Ceará para servir de Plano a sua Carta Topografica.* Anno de 1810. Não tem o nome do autor.

Figura sob n.º 118 no Catalogo dos Mappas, que

possue a Secretaria de Estado dos Negocios Extrangeiros organizado pelo Barão da Ponte Ribeiro.

N.º 32. *Mapa Demonstrativo da Freguezia do Icó Cappitania do Ceará.* 1811.

Encontrei-o no Archivo Publico Nacional, Rio de Janeiro, annexo ao Processo para erecção da Povoação das Lavras de S. Vicente em Villa.

N.º 33. *Prospecto da villa da Fortaleza* de Nossa Senhora d'Assumpção ou Porto do Ceará. Mandado tirar em 1811 por ordem do actual governador Barba Alardo de Menezes. Com varias explanações, a saber: N.º 1 Morro de Mocoripe. N.º 2 Quartel do Mocoripe; N.º 3 Forte de Bernardo; N.º 4 Forte da Carlota; N.º 5 Forte de São João do Principe; N.º 6 Vigia do Mocoripe; N.º 7 Ponta do Mocoripe; N.º 8 Praia do Mocoripe; N.º 9 Barra da Prainha; N.º 10 Barra do Norte; N.º 11 Arrecife; N.º 12 Trapiche; N.º 13 Reducto da Prainha; N.º 14 Prainha; N.º 15 Casa da prensa de algodão; N.º 16 Casa de Recolher algodão; N.º 17 Sobida para a villa; N.º 18 Barra do Riacho; N.º 19 Fortaleza; N.º 20 Contadoria e Quarteis da Infant.ª; N.º 21 Casa da Polvora; N.º 22 Igreja Matriz; N.º 23 Morro do Crautá; N.º 24 Serras de Marang.ª N.º 25 Baixo de Areia; N.º 26 Pedra da velha; N.º 27 Pedras de Meirelles.

Possuem copias a Camara Municipal de Fortaleza e o Instituto do Ceará.

N.º 34. *Carta topografica* da Capitania do Seará que a s. a. r. o Principe Regente Nosso Senhor dedica Luiz Barba Alardo de Menezes, governador que foi da mesma capitania. Anno de 1812. 0m,500 \ 0m,549.

Tem ao lado duas columnas com dizeres sobre o Ceará. Ao canto do Mappa ha: Plano hidrographico da enceada da villa da Fortaleza de Nossa Senhora da Assumpção ou Porto do Seará.

Esta Carta figura no Catalogo do Dr. José Carlos Rodrigues.

Os trabalhos cartographicos emprehendidos na administração Barba Alardo assignam todos ao Ceará

limites com o Rio Grande do Norte pelo rio *Mossoró*, e com razão têm sido aproveitados pelos patronos do Ceará na causa discutida entre os dois Estados visinhos.

Luiz Barba Alardo de Menezes, fidalgo da Casa Real, cavalleiro da Ordem de Christo, tenente do Regimento de Cavallaria de Castello Branco, capitão de cavallaria addido ao Estado Maior do Exercito, chegou ao Ceará a 18 de Junho de 1808 e foi empossado a 21.

Foi o 3.º governador do Ceará independente de Pernambuco.

N.º 35. *Carta geographica e hidrographica da Capitania do Ceará*, levantada em 1816 por Antonio José da Silva Paulet, Tenente-coronel do real corpo de engenheiros.

Nos diversos trabalhos cartographicos feitos por Paulet com aquella competencia, que todos lhe reconhecem, a linha divisoria do Ceará com o Rio Grande do Norte, limite apropriado e acceito pelos geographos ulteriores, é a seguinte: Seguindo a direcção N. N. E. pelas serras do Camará e S. Sebastião e por um dilatado plateau deserto e coberto de mattos carrasquentos e espinhosos chamado Catinga do Goes, serra e picada do Apody até o *Mossoró*, poucas leguas acima de sua foz, completa os limites do Ceará com o Rio Grande do Norte por uma extensão de 60 a 70 legoas.

N.º 36. *Carta da Capitania do Ceará* e costa correspondente. Levantada por ordem do governador Manoel I. de Sampaio por seu ajudante de ordens Antonio José da Silva Paulet. 1817.

N.º 37. *Carta maritima e geografica da Capitania do Ceará* levantada por ordem do governador Manoel Ignacio de Sampaio, por seu ajudante de ordens Antonio José da Silva Paulet. 1817. Tem sondagens. Infra, em planta parcial, Porto e Villa da Fortaleza. *Paulet a desenhou. Faria a escreveu*, 0,91 × 0,65.

Pertence á Collecção Palmella e figurou na Expo-

sição de Cartographia havida na Sociedade de Geographia de Lisboa em Novembro de 1903.

Na Direcção Geral dos serviços de Engenharia, Lisboa, existe um exemplar egual com a nota: Copiada no Archivo Militar.

N.º 38. *Carta da Capitania do Ceará* levantada por ordem do Governador Manoel Ignacio de Sampaio por seu Ajudante de ordens Antonio José da S.ª Paulet. 1818.

Ao lado direito da Planta, parte inferior, encontra-se pelo mesmo a *Planta da villa de Fortaleza e seu Porto.*

Ha dellas exemplares na Bibl. Publica de Fortaleza e na Bibliotheca Nacional, Rio de Janeiro.

N.º 39. *Planta da Villa da Fortaleza e seu Porto.* 1818. Por Antonio José da S. Paulet. E' a do n.º anterior ampliada.

Possuem copias a Camara Municipal de Fortaleza e o Instituto do Ceará.

Figuram nessa Carta a começar de Leste: Baixo da Velha, Baixo de Sotavento, Barra Grande, Ancoradouro, Barreta, Baixo de Meirelles, Morro de Garautá, Fortaleza, lagoa do Garrote, Prainha, Estrada de Soure, Estrada de Arronches, Estrada de Monte Mor, Estrada do Tauhape, Estrada de Mecejana, Estrada de Mecejana (as estradas de Mecejana são duas), Estrada do Lagamar do Cocó, Estrada da Cruzinha, Picada de Mocuripe, Massaió, Estrada do Salgado, Morro de Mocuripe, Bateria, Quarteis.

N.º 40. *Carta Topographica* dos Termos das Villas do Aquiraz e Aracati Capitania do Ceará. Levantada por Antonio José da Silva Paulet, Coronel Engenheiro.

Essa Carta, cujo conhecimento devo ao Sr. Eduardo Marques Peixoto, é existente no Archivo Publico do Rio de Janeiro, e não tem data, mas como faz parte dos documentos utilisados por Manoel Ignacio de Sampaio em Maio de 1819 para solução da questão suscitada pela Camara do Aracaty a 25 de Novembro de

1818 acerca de accrescimos do seu territorio, se pode dizer que é do dito anno de 1819.

Alguns dos documentos, que o operoso Secretario do Archivo Publico Nacional publicou na *Revista do Instituto do Ceará*, são valiosos para a questão, que apezar do juridico e bem dedusido Laudo Lafayette o Supremo Tribunal de Justiça decidiu em favor do Rio Grande do Norte.

N.º 41. *Roteiro e Descripçam da costa da capitania do Ceará*. desde a Ponta Groça athé o Igaruçu com os signaes mais remarcaveis para entrar no porto do Ceará. 1817. Por Lourenço de Oliveira Chaves. De accordo com os calculos do Piloto Agostinho José Cardoso e observações e medições feitas pelo Navio Imperador da America.

Vem annunciada no Catalogo N.º 363, 1909, de Karl W. Hiersemam e a preço de 180 marcos (Leipzig).

O Catalogo dá sobre esse Mappa as seguintes indicações : Descripção da Costa da Prov. Brasil. de Ceará e da entrada do Porto da Capital do mesmo nome com dados mui precisos e detalhes topographicos e erros das cartas existentes projectado de accordo com as medições feitas pelo autor bem como segundo os dados do Piloto A J C. No fim segue uma determinação precisa da posição da cidade do Ceará segundo observações astronomicas, latitudes e longitudes dos pontos principaes da Costa da Provincia resultado de uma viagem de medição feita pelo navio «Imperador da America».

N.º 42. *Chart of the Northern Coast of Brasil from Seará* to the Island of S.ⁿ João or St. John; including the Bay of Maranham etc. Adjusted from Chronometric Observations and a Survey by Lieu.ᵗ W.ᵐ Hewett of the Royal Navy. Published by Ja.ˢ Whittle and R.ᵈ Holmes Laurie. London. 1817. Improved edition. 1820. Engraved by Alex. Findlay 610×926.

Existente no Instituto Historico e Geographico Brazileiro, Rio.

A administração de Manoel Ignacio de Sampaio

alem das Cartas e Mappas fornece provas subsidiarias dos direitos, que assistem ao Ceará contra as invasões dos seus confinantes.

Agora mesmo procedo á leitura de grande copia de documentos com que me brindou a minia bondade do Exm.º Sr. Duque de Palmella, muito illustre descendente do notavel homem de governo e entre os de 1812 já encontrei: 1.º as Instrucções pelas quaes o Comm.te Pedro José da Costa Barros deverá examinar toda a Costa desde a Barra do Jaguaribe até *a barra do Mossoró* e estabelecer presidios no Morro de Massaió, Canoa Quebrada, Ponta Grossa, Morro do Tibau e *na barra do Mossoró;* 2.º Officio approvando a mudança do presidio do Tibau para o porto do Trambabe; 3.º Officio ao Capitão-mor do Aracaty advertindo-lhe que as Companhias do Jiqui e Catinga do Goes devem dar soldados para a guarda da Cadeia; 4.º Officios aos Capitães-Mores do Icó e S. Bernardo e Coronel-Comm.te do Aracaty relativos a uma nova estrada em direitura da povoação de St.ª Lusia do Mossoró á Villa do Aracati passando pela Serra do Mossoró e pela Serra Danta; devendo o Comt.e do Aracaty para exactas informações chamar a sua presença aquelles *moradores do Mossoró e da Serra Danta* e outros que julgar mais proprios para o dito fim.

N.º 43. *Roteiro e Descripçam da Costa. Mapa da costa desde o Cabo de S Roque the o Seara.* Feito por Francisco de Paula Leitão. Anno de 1818. 0m,250 × 0m,366.

O original é pertencente á Bibliotheca Nacional, Rio.

N.º 44. *Planta da Comarca do Ciará Grande* e sequito pello sertão athé a Cidade da Bahia de Todos os Santos.

Escala em leguas 5=0m,015. Sem data nem nome do auctor.

Existente no Archivo das Obras Militares do Rio de Janeiro. Aguarella. 0m,685 × 0m,472.

N.º 45. *Planta da Real Villa do Crato Capitania*

do Ceará Grande (1815—1824). Sem nome do auctor. Possuo copia e devo-a ao Dr. Horacio de Figueiredo.

N.º 46. *Planta* da Fortaleza de Nossa Senhora da Assumpção da Capitania do Ceará Grande. Aguada. Dimensões 0m,33×0m,31. Figurou sob n.º 1122 no Catalogo da Exposição de Cartographia Nacional (1903—1904) organisado por Ernesto de Vasconcellos.

Collado no verso da Planta encontra-se um officio com os seguintes dizeres:

Illmo. e Exmo. Snr. Tenho a honra de levar á presença de V. Exa. a Planta da Fortaleza de N. Snr.ª d' Assumpção, projectada e em parte já desempenhada, na Capital da Provincia do Ceará.

He hum Quadrado fortificado e acomodado ás circumstancias do terreno; bate prefeitam.te com duas ordens de fogo cruzado o ancoradouro e Porto q' conduzem da Praia p.a a Villa (actualm.te Cidade da Fortaleza. A frente do Mar está completamente acabada, e a da parte do Nascente até junto dos Quarteis da tropa, os quaes já existião q.do se formou o Projecto e p.r essa razão se não achão situados em semetria com os lados da Fortaleza.

D.s G.de a V. Ex.a Quartel da Rua do Conde a St.a Catherina 9 de Agosto de 1825. Ill.mo e Ex.mo Snr. Marechal Manoel de Souza Roma. Antonio José da S.a Paulet. Cor.el de Engenheiros.

N.º 47. *Planta Hydrographica do Porto e Rio do Ceará* levantado por Ordem do Illmo. e Exmo Sr. José Felix de Azevedo e Sá por João Bloem, capitão do Imperial Corpo de Engenheiros. Março de 1825. 0m,381×0m,486.

N.º 48. *Enseada de Mocuripe* Porto da Cidade da Fortaleza. Levantou o Cap.m do Imperial Corpo de Engenheiros João Bloem. 1825. 0m,367×0m,708

N.º 49. *Barra do Camossim.* Levantou o Capm. do Imperial Corpo de Eng.os J.º Bloem. Barra do Camossim em 26 de Agosto de 1825. 0m,379×0m,482.

N.º 50. *Enseada de Jericoacoara.* Levantou o Capm.

do Imperial Corpo de Engenheiros J. Bloem. Jericoacoara em 1.º de Setembro de 1825. 0m,381×0m,488.

N.º 51. *Barra de Acaracú.* Levantou o Capm. do Imperial Corpo de Engenheiros João Bloem. Barra d'Acaracu 6 de Septembro de 1825. 0m,483×0m,375.

N.º 52. *Enseada e Barra do Aracaty-Assú.* Levantou J.º Bloem Cap.m do Imperial Corpo de Eng.os Aracaty-Assú 15 de Setembro de 1825. 0m,380×0m,491.

N.º 53. *Enseada e Barra de Mondaú.* Levantou o Capm. João Bloem do Corpo Imperial dos Eng.os Enseada de Mondaú em 18 de Septembro de 1825. 0m,377×0m,491.

N.º 54. *Enseada e Barra do Parazinho.* Levantou o Capm. do Imperial Corpo de Engenheiros João Bloem Parazinho em 22 de Setembro de 1825. 0m,380×0m,490.

N.º 55. *Barra e Rio Jagoaribe.* Levantou o Capm. do Imperial Corpo de Engenheiros J. Bloem. Barra do Jagoaribe em 8 de Outubro de 1825. 1m,47×0m,522.

De todas essas Cartas de João Bloem o Archivo Militar, Rio, possue copias de 1870, á aguarella, como possue tambem copia da sua *Memoria Geral dos portos, enseadas e cartas da Provincia do Ceará, os quaes são navegaveis.* Fortaleza do Ceará 21 de Outubro de 1825.

O Tenente-Coronel de Engenheiros João Bloem, Official da Ordem do Cruzeiro e Cavalleiro da da Rosa era allemão de origem e brasileiro por naturalisação, e morreu em Porto Alegre a 22 de Abril de 1851. Fez parte da celebre Commissão Militar que veio ao Ceará em 1824 e mandou ao patibulo Mororó e seus infelizes companheiros. A elle attribue-se a morte desgraçada de Alexandre Raymundo Pereira Ibiapina por motivos de ciumes, occorrida na Ilha de Fernando de Noronha, da qual elle, Bloem, era commandante.

Esse Alexandre era o primogenito de Francisco Pereira Ibiapina, passado pelas armas a 7 de Maio de 1825 no Campo da Polvora, hoje Passeio Publico, e irmão do Pe. Dr. José Antonio de Maria Ibiapina, notavel nos annaes da caridade Cearense.

N.º 56. *Cartes réduites* (2) de la Côte du Brésil

Comprises entre Pernambuco et Ciará et entre Ciará et Maranham Levées en 1819 et 1820 dans la Campagne de la Corvette la Bayadère et du Brick le Favori par M. M. Givry etc. et les Officiers de la Corvette. 1826. Paris 611×912 et 609×908 Existentes no Instituto Historico e Geographico Brazileiro, Rio.

N.º 57. *Carta Geographica do Ceará* Provincia do Imperio do Brazil redigida segundo uma carta manuscripta levantada em 1817 por ordem do governador Sampaio por Paulet, e as observações e cartas maritimas do Barão de Roussin, por M.r Jos: Schwarzmann e M.r Le Chev: de Martius. Munich. 1831. 0m,255×0m,252.

Possue copia o Archivo Publico Nacional, Rio.

O Barão Albino Roussin, nascido em 1781 em Dijon e fallecido em Paris em 1854, fez seus celebres trabalhos hydrographicos das costas da Africa e do Brasil (1816—1820) no posto de Capitão de navio, no anno seguinte tinha o commando da Esquadra das Antilhas, em 1822 recebia o despacho de contra-almirante e em 1840 o de almirante. Foi ainda Par de França, Embaixador em Constantinopla e Ministro da Marinha nos ministerios Thiers e Guizot.

Carlos Frederico Felippe von Martius nasceu em Erlangen a 17 de Abril de 1794 e falleceu a 13 de Dezembro de 1868 em Munich, onde era professor de botanica e director do jardim botanico.

Sobre von Martius leam-se a Memoria de Meissner, escripta em 1869 e sua biographia em 2 vols. (Leipzig, 1869) por Schramm.

N.º 58. *Plano do Porto do Ciará* levantado pelo primr.º Ten.e da Marinha do Brazil, Joaquim Lucio de Araujo para mostrar a posição das boias mandadas alli collocar pelo Sr. Joaquim José Roiz Torres Ministro da Marinha. Anno de 1832. Lith. do Archivo Militar, Rio de Janeiro. 1833. Ant.º Roiz de Araujo 0m,345×0m,440.

Pertence á Bibliotheca Nacional, Rio.

Possue copia o Archivo Militar do Rio de Janeiro.

Joaquim Lucio, que falleceu em 1884 em avançada edade, era Cavalleiro de S. Bento de Aviz, Commendador da Conceição de Villa Viçosa de Portugal e tinha a medalha da Campanha Argentina de 1852.

N. 59. *Carta Corographica* contendo as provincias de Alagoas, Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará arranjada pelo Coronel de Engenheiros Conrado Jacob de Niemeyer. 1843. Escalla aproximada 1:1200.000. 0m,600×0m,756.

Essa carta consigna o rio *Mossoró* como limite entre o Ceará e Rio Grande do Norte, o que invalida a affirmação do Dr. Coelho Rodrigues contida á pag. 67 da Revista do Instituto Historico do Rio Grande do Norte. «Resposta ao Questionario Preliminar sobre os Limites do Rio Grande do Norte com o Ceará». Nota 79. O nome Tibáo lá está na Carta mas bem dentro do territorio Cearense.

Conrado J. de Niemeyer, filho de Conrado Henrique de Niemeyer, official hanoveriano a serviço de Portugal, nasceu em Lisboa a 28 de Outubro de 1788. Foi o presidente da Commissão Militar vinda ao Ceará para julgar dos implicados na Revolução do Equador. Deve-se-lhe uma *Carta Geral do Imperio*, trabalho valioso, que lhe deu o titulo de Socio Honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro e uma medalha de ouro, que lhe foi entregue por mão de D. Pedro II em sessão magna daquella illustre corporação.

Falleceu em 1862 a 14 de Fevereiro, dando-se a coincidencia de na mesma data (14 de Fevereiro) terem fallecido seu pae (1806) e seu filho o Marechal Conrado Niemeyer (1905).

N. 60 *Carta do rio Jaguari e e porto do Aracaty* Tirada por Stephen Dhettem em Novembro de 1844. Original. Pertence á minha Collecção.

N.° 61. *Mappa topographico da Comarca do Crato*, provincia do Ceará, indicando a possibilidade de um canal, tirado do rio de S. Francisco no logar da Villa de Boa Vista para communicar com o rio Jagoa

ribe pelo riacho dos Porcos e o rio Salgado, e figurando a planta de uma estrada para o Icó e a tapagem do boqueirão no rio Salgado. Rio de Janeiro. Lith. do Arch. Militar. 1848. $0^m,348 \times 0^m,250$.

E' trabalho de Marcos Antonio de Macedo.

Esse mappa, que serviu para a *Carta Topog. do Ceará* levantada em 1866 por A. G. Brazil, foi impresso em Stuttgart no anno de 1871.

Quando Secretario dos negocios do Interior e Justiça o Dr. José Saboya de Albuquerque fez reproduzir o Mappa de Marcos de Macedo.

O Dr. Marcos Antonio de Macedo, que egualmente é autor da *Notice sur le palmier Carnahube*, publicada em Paris, das *Observações sobre as seccas do Ceará e meios de augmentar o volume das aguas nas correntes do Cariry* e da *Descripção dos terrenos carboniferos da comarca do Crato*, falleceu em Stuttgart, Wurtemberg, a 15 de Dezembro de 1872.

Seu pae, Joaquim de Macedo Pimentel, proprietario da Fazenda Timbaúba no Crato, forçado pela secca teve de emigrar com a familia para o Piauhy. No caminho, já em territorio Piauhyense, nasceu Marcos Antonio, que assim se chamou do nome do padrinho, o Pe. Marcos de Araujo Costa, que agasalhou toda a familia na sua triste peregrinação e creou e educou o futuro Bacharel pela Faculdade de Olinda em 1836 e Presidente e Deputado Geral pela Provincia em que nasceu.

N.° 62. *Carta topographica e administrativa* da provincia do Ceará erigida sobre os documentos mais modernos pelo Visconde J. de Villiers de l'Ile Adam. Publicada no Rio de Janeiro por Firmin Didot, Belin le Prieur e Morizot. 1849. Lithographia de V.e Laree. $0^m,454 \times 0^m,570$.

N.° 63. *Carta topographica e administrativa* da provincia do Ceará pelo Visconde J. de Villiers de

l'Ile Adam. Rio de Janeiro. 1849. Publicada por Garnier Irmão.

N.º 64. *Planta da Cidade da Fortaleza* mandada levantar pela Camara Municipal e levantada por Antonio Simoens Ferreira Faria. 1850. Estado actual.

Dessa Planta ha na Intendencia Municipal de Fortaleza uma copia tirada pelo seu architecto João Saboia Barbosa, e tendo a data de 11 de Março de 1918.

N.º 65. *Planta da Praia da cidade da Fortaleza* mandada levantar pela Camara Municipal e levantada por Antonio Simoens Ferreira de Faria. 1852.

Antonio Simões, por algum tempo arruador e cordoador da Camara de Fortaleza, que foi sogro de Bernardo Pinto Coelho, era de nacionalidade Portuguêsa e morava á rua do Sampaio num sobradinho, hoje substituido pela casa de residencia de Mons.or Liberato Dyonisio da Costa.

Entre esse sobradinho e uma casa de palha em que nasceu o professor José Henriques, e hoje é a casa de 2 portas em que morou o Protonotario Mons.or Bruno de Figueiredo, desembocava uma rua cheia de tortuosidades, que endireitada e modificada é a actual rua d'Assembléa, trecho que vae da casa do Dr. Virgilio de Moraes até a Rua do Sampaio.

A Antonio Simões se devem a estrada de rodagem entre Fortaleza e Maranguape e a 1.ª ponte existente no trecho da rua á esquerda do Palacio Episcopal na subida para o Seminario.

N.º 66. *Mappa Geographico da Provincia do Ceará.* Oferecido a S. M. I. o Senhor D. Pedro 2.º p.r Jozé Pacheco Lima Piloto Hydrographico e Geographico, approvado pella Academia de Lisboua, cujo trabalho propouse a fazer a sua custa ja a tempos vindo a concluir em 1853, tirando praticam.te em rumo magnetico, igoalm.e p.r ter visto as grandes alteraçoens que tem no Mappa do Brazil e outros q' tem apparecido, q' athe feicha a Serra Grande com a do Per.º e Apodi avendo hua grande distancia e tambem p.a tirar os meos

Pat.ios de alguns enganos na Geographia Cidade da Fortaleza 28 de Julho de 1854 0m,861 × 0m,604.

Uma copia, á aguarella, está no Archivo Militar do Rio de Janeiro

José Pacheco Lima, o autor desse Mappa, filho de José Pacheco Spinosa, português, negociante, Tenente-Coronel das Guardas do Aquiraz e fallecido a 20 de Dezembro de 1804, e de D. Dorothea Maria do Espirito Santo da familia Carneiro, de Aracaty, nascida em Fortaleza a 19 de Março de 1800, acompanhava ao irmão Mathias José Pacheco quando este sedusido pelo Pe. Mello Pessoa veio em companhia de Francisco Alves Ponte revolucionar o Ceará e obter-lhe a adhesão ás idéas republicanas. Tinha então 18 annos e chegara havia pouco a Pernambuco de Angola onde estivera a se occupar com negocios.

N.º 67. *Plano do ancoradouro do Mocuripe na prov. do Ceará.* Lev. e des. pelo guarda marinha J. C. Guillobel. 1854. Lith. do Imp. Inst. Art. 0m,819 × 0m,367.

Pertence á Bibliotheca Publica Nacional, Rio de Janeiro.

N.º 68. *Planta da Cidade de Fortaleza.* Feita pelo Padre Manoel do Rego Medeiros, 14 de Junho de 1856.

Pertence á minha Collecção.

Nella figuram as ruas da Lagoinha (Tristão Gonçalves), do Patrocinio (General Sampaio), Amelia (Senador Pompeu), Formosa (Rio Branco), Palma (Major Facundo) com seu prolongamento—Rua do Fogo, Ruas da Alegria, da Pitombeira e das Bellas, que constituem hoje a Rua Floriano Peixoto, Rua Larga, que é a actual C.el Bezerril, Rua do Rosario ainda hoje com o mesmo nome, Rua dos Mercadores, chrismada depois com o nome de Conde d'Eu depois Senna Madureira, e de novo Conde d'Eu, Rua da Matriz, Rua do Norte, Rua S. José, Rua da Boa Hora, Rua da Palha, Rua do Oiteiro, Rua da Ponte, Rua do Chafaris e Rua da Alfandega.

Manoel do Rego Medeiros, nascido de paes humildes na cidade do Aracaty, logrou cingir a mitra da

Egreja Pernambucana como substituto de D. João da Purificação Marques Perdigão.

Governou-a apenas 7 mêses e 24 dias e tinha de edade 37 annos incompletos, pois nascera a 21 de Setembro de 1829.

«Sua morte, escreveu o irmão, foi um mysterio, e este foi denunciado no Senado pelo illustre Senador Candido Mendes de Almeida».

Os bispos que lhe succederam, D. Francisco Cardoso Ayres e D. frei Vital de Oliveira, o notabilissimo defensor das liberdades da Egreja, administraram a Diocese tambem por pouco tempo.

N. 69. *Planta da cidade de Fortaleza* por Adolpho Herbster por ordem da Camara Municipal. 1859. A Lei n. 914 de 12 de Setembro de 1859, sanccionada pelo presidente Silveira de Sousa, approvou essa planta.

N.º 70. *Copia da Carta reduzida da Costa do Brazil* levantada por ordem do Governo Imperial por Vital de Oliveira. 1857 a 1859.

Encontra-se em appenso á Memoria Justificativa publicada pelo Dr. Matheus Nogueira Brandão em defeza dos justos direitos, que tem o Ceará na sua questão de limites com o Rio Grande do Norte.

N.º 71. *Carta chorographica da Provincia do Ceará* com a divisão Ecclesiastica, e indicação da civil e judiciaria até hoje. Organisada pelo Dr. P. F. Theberge. 1861 $0^m,759 \times 0^m,597$.

O original, a aguarella, pertencia á bibliotheca de S. M. o Imperador e hoje pertence ao Instituto Historico Brazileiro.

Pedro F. Theberge, doutor em medicina, falleceu na cidade do Icó a 8 de Maio de 1864. Nascera em 1811 em Marcé, departamento de la Manche, França, e formara-se na Universidade de Paris em 1837, anno em que se transportou para Pernambuco. Em 1845 veio para o Ceará. Alem da clinica entregava-se aos estudos da historia. Deixou uma Historia do Ceará em 3 volumes.

Sua biographia está publicada na *Revista da Academia Cearense*, bem como a de seu filho o Engenheiro Henrique Theberge, Pernambucano, fallecido em Fortaleza a 11 de Junho de 1905.

O Dr. Henrique Theberge tambem deixou uma *Planta do Ceara* da qual por vezes me tratou.

N.º 72. *Carte Routière de la Cote du Brésil*, de l'Amazones (foz) à Ceará (Ponta do Mocuripe) Dressée d'après les documents les plus recents et les travaux exécutés à bord de l'Aviso à vapeur le D'Entrecasteaux en 1861 par Mr. E. Mouchez, Capitaine de frégate Commandant le dit navire Publiée par ordre de l'Empereur sous le Ministère de S. E. Mr. le C.te de Chasseloup Laubat Senateur Secrétaire d'Etat au Departement de la Marine et des Colonies Au Dépot des Cartes et Plans de la Marine. En 1863.

N.º 73. *Carte Routière* de la Cote du Brésil. De Ceará à Bahia Dressée etc. par E. Mouchez etc. En 1863.

Essa carta assignala entre o *Jaguaribe* e o *Mossoró* o seguinte: L.ª Motamba, Cajuás, M.ª Tibáo (rouge) M.ª Dantas e para dentro, isolada, a Serra Tibáo.

A coloração do Tibáo, *cuyo color hace notable*, como diz o piloto João Carbonell em sua Traducção do Roteiro do Barão Roussin e Capitam Barral (1744), é assignalada por todos os homens do mar. O conhecido pratico Felippe diz no seu Roteiro: A costa até o Morro de Tibáo é baixa e de areia, mais ou menos vestida de hervas e ao centro descobre-se um serrote pontudo, que se denomina Serra do Mossoró ou do Tibau. A' beira-mar ha um morro de areia avermelhada etc.

Amedée Ernesto Barthelemy Mouchez, cujos trabalhos de hydrographia da America são tão recommendaveis, nasceu em 1851 em Madrid e falleceu em 1892 em Wissous, França.

Foi Director do Observatorio de Paris e fundador do de Montsouris e esteve na Ilha de S. Paulo como chefe da commissão Franceza encarregada de observar a Passagem de Venus em 1874.

N.º 74. *Mappa da Provincia do Ceara* pelo Senador Candido Mendes de Almeida. Rio de Janeiro. 1863.

O Senador Candido Mendes, grande geographo e historiador, e notabilissimo jurisconsulto, nasceu na villa do Brejo, Maranhão, a 16 de Outubro de 1818 e falleceu no Rio de Janeiro a 1 de Março de 1881.

Recommendam-lhe a memoria innumeros trabalhos, entre os quaes avultam *o Direito civil, ecclesiastico Brazileiro, o Codigo Felippino, o Atlas do Imperio do Brazil.*

N.º 75. *Carta da Provincia do Ceará.* Planta da Cidade da Fortaleza. Desenhada por Camillo Maria de Menezes. 281×280. Manuscripto. Sem data. Existente no Instituto Historico e Geographico Brazileiro, Rio de Janeiro.

Ha della no mesmo Estabelecimento uma copia, tambem manuscripta por Machado d'Oliveira.

N.º 76. *Planta da Cidade e do Porto da Fortaleza do Ceará.* Com sondagens desde o Ancoradouro do Mocoripe até a Rebentação dos Arpoadores.

Não tem data nem nome do autor, mas encerra ainda antigas indicações como por exemplo Cap. da S.ª do Bom Parto, Capella do Espirito Santo, Praça da Carolina, Collegio dos orfãos, Praça Pedro 2.º, Campo d'Amelia, Cemiterio Inglez. A capella da S.ª do Bom Parto é a actual Egreja de S. Bernardo; a Capella do Espirito Santo, que recorda o nome do boticario Ferreira, era no local mais ou menos da actual Egreja do S. Coração de Jesus.

Pertence á minha Collecção.

N.º 77. *Plano do ancoradouro do Mucuripe* na prov. do Ceará. Levantada e desenhadas pelo guarda-marinha J. C. Guillobel. Rio de Janeiro. Lith. do Imp. Inst. Art. 1864.

Existente na Bibliotheca Nacional, Rio de Janeiro e no Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

N.º 78. *Mappa da costa oriental da America do Sul* (Brazil) desde as ilhas de S. João até a foz do Mos-

soró, publicada por ordem do Almirantado Inglez. Londres. 1866.

N.º 79. *Carta Topographica* da provincia do Ceará levantada segundo os trabalhos de Paulet, Conrado, Theberge, e Macedo por Alcides G. Brazil. 1866.

N.º 80. *South America Brazil Ceará Bay* (Fortaleza) by Capitain E. Mouchez French Imperial Navy 1867. London. Published at the Admiralty July 1.st 1869.

Na Carta figuram os Morros do Mocuripe com 236 pés de altura.

Traz ao lado um Mappa da Cidade (1868 .

N.' 81. *Esboço da Planta do Porto da Fortaleza* (vista do mar para terra). 26×20. 1869. Por Francisco Antonio Pimenta Bueno.

N.º 82. *Futuro Porto da Fortaleza* (visto da terra para o mar) 245×152m. Por Francisco Antonio Pimenta Buemo. 1869.

Esses dous Mappas, a côres e a bico de penna, appensos a um trabalho do citado Engenheiro sob o titulo *Memoria sobre o Porto do Ceara ou Estudo para a construcção de uma doca de embarque e desembarque na Provincia do Ceará* (30 de Março de 1859), pertenciam á Bibliotheca de S. M. o Imperador.

Pimenta Bueno, que foi Coronel do Corpo de Estado Maior de primeira classe e presidiu a Provincia do Amazonas, era filho do Visconde de S. Vicente, tendo nascido em 1836 em Cuyabá.

Falleceu no Rio de Janeiro a 7 de Dezembro de 1888.

Deixou varios trabalhos sobre Estradas de Ferro.

N.' 83. *Esboço do ancoradouro do Ceará* mappa a cores e a bico de penna. Pelo pratico Felippe Francisco Pereira. 262×200mm. 1869.

O original existia no archivo de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II.

Felippe Franc.º Pereira nasceu no Ceará em 1827 e falleceu em Recife a 11 de Dezembro de 1899. E' elle o autor do *Roteiro da Costa do Norte do Brazil desde Maceió até o Pará*, publicado sob os auspicios

do Exmo. Sr. Conselheiro Dr. Luiz Antonio Pereira Franco, Ministro da Marinha, comprehendendo todos os portos, barras e enseadas, e indicando a maneira de demandal-os, a navegação por dentro e por fora do canal de S. Roque e as derrotas com as marcas de bordejar no mesmo. Pernambuco, Typographia do «Jornal do Recife», 1877, in-4.º de 180 pp.

A Obra é dedicada a S. Magestade o Imperador.

A's pags. 80, 81, 82 e 100 do Roteiro do Pratico Felippe encontram-se as seguintes plantas e planos:

N.º 84. *Costa do Ceará*: Morro dos Picos, Retiro Grande, Ponta Grossa ao O na distancia de 9 milhas, Serra do Mattaquery ao SO 4S, Morro do Iguape ao O na distancia de 4 milhas, Morro do Mucuripe ao SE e cidade do Ceará na distancia de 15 milhas, Serra da Uruburetama ao SSO e Morro do Sabiá-guaba ao SO na distancia de 8 milhas;

N.º 85. *Plano da barra do Aracaty* até o lugar Fortinho e com sondagens em pés inglezes na baixa-mar das aguas de quarto;

N.º 86. *Costa do Ceará*. Morro da Jeriquaquara ao S da distancia de 8 milhas, Morro de Jeriquaquara, ao SE na distancia de 15 milhas, Tiaya ao S, Ponta das Imboranas, Barra do Acaracu ao S na distancia de 7 milhas, Serra do Mucuripe, Morro da Timbaúba. Enseada das Almas na distancia de 5 milhas e Serra da Ibiapaba ao S;

N.º 87. *Plano da Barra do Acaracu* até o porto das Cacimbas;

N.º 88. Finálmente o *Plano da Barra da Granja* até o Porto do Camocim.

O *Roteiro* termina o capitulo relativo á Costa do Rio Grande do Norte dizendo que o *rio Mossoró, que divide a provincia do Rio Grande do Norte com a do Ceara*, seria de grande utilidade não somente á provincia do Rio Grande do Norte como ao centro da Parahyba e Ceará e muito principalmente á cidade do Mossoró a não ser o rio excessivamente tortuoso e de

pouca profundidade, pelo que não dá lugar a ir-se alem da sua barra, sendo tambem o canal muito estreito.

N.º 89. *Ceará*. Lith. Imp.ª de E. Rensburg. Rio de Janeiro. 190×133. Appensa ao trabalho «Excursões pelo Ceará etc.» do Barão Homem de Mello.

N.º 90. *Porto do Ceará* com o plano de melhoramentos propostos. Organizado por Carlos Neate. 0m,463×0m,695. Colorido. Acompanha o trabalho *Porto do Ceará* pelo Engenheiro Zozimo Barroso, Londres, impresso por T. Brettell & Comp.ª. 1870, in-8.º de 24 pp.

O plano e relatorio apresentados a 8 de Julho de 1870 pelo Engenheiro Zozimo Barroso sobre o Porto de Fortaleza estão publicados no jornal «Pedro II» n.º 3 de 4 de Janeiro de 1871 e seguintes.

N.º 91. *Planta da Povoação de Arronches* por Adolpho Herbster, 20 de Outubro de 1874.

O Dr. Ad. Herbster nasceu em Pernambuco a 14 de Maio de 1826, sendo seus paes o negociante allemão João Baptista Herbster e D.ª Luisa Perpetua Herbster, natural de Pernambuco, mas de descendencia franceza.

Vindo para o Ceará contractado por 3 annos para exercer o logar de engenheiro da Provincia (contracto de 21 de Novembro de 1855), foi em Fevereiro de 1856 incumbido pelo presidente Paes Barreto da direcção das obras geraes da Provincia, cargo em que foi confirmado por Ordem do Thesouro de n.º 64 de 24 de Novembro de 1858 mandando-se-lhe pagar os vencimentos de 1.º Tenente de Engenheiros em commissão activa desde aquella data. A 8 de Janeiro de 1857 foi nomeado Architecto da Camara Municipal e a 17 de Outubro de 1866 Fiscal das Obras da illuminação Publica.

Foi membro do Conselho Superior de Instrucção publica (1859), da Commissão da 1.ª Exposição Provincial (1866), e da Commissão incumbida de receber e classificar os objectos constantes do Gabinete de

Historia Natural do Dr. Ribeiro (1871) e juiz em commissão das terras de Arronches (22 de Agosto de 1877).

Falleceu a 12 de Setembro de 1893 em Fortaleza, victima de diabetis, molestia mui frequente nas pessoas de sua familia.

A elle se devem a planta cadastral dos terrenos foreiros á N. S.ª do Rosario de Fortaleza e os planos e desenhos do Palacete da Assembléa do Estado, de cuja edificação foi contractante e empreiteiro Joaquim da Fonseca Soares e Silva.

N.º 93. *Portos Brazileiros. Ceará.* Plano acompanhando o relatorio de 15 de Julho de 1875 por Sir John Hawkshaw.

Do Mocuripe diz entre outras cousas o Relatorio do illustre Engenheiro Inglez:

«Este plano (o de Barroso e Foster) utilisaria o excellente ancoradouro, que offerece abrigo a O ou a sotavento de Mucuripe. Examinando essa bahia, reconheci que a profundidade dagua é sufficiente, que o terreno consta de lodo resistente, e offerece desembarque superior ao do Ceará. E' certo que os comoros avançam lentamente para a povoação do Mucuripe, mas é provavel que um plantio conveniente obste a marcha das arêas. Só em praso muito longo diminuiria a área do porto. Se a costa do Ceará fosse completamente deshabitada e se tratasse da escolha de melhor porto, é indubitavel que Mucuripe seria o preferido».

Sir John Hawkshaw, o instituidor do premio Hawkshaw do Rio de Janeiro, andou no Ceará em fins de 1874 e principios de 1875, na administração Graça, e visitou alguns pontos visinhos a Fortaleza aproveitando-se da via-ferrea de Baturité, que então ia apenas até Maracanahú.

Da Planta de Sir John Hawkshaw ha uma reproducção, escala 1.8000, na obra Porto do Ceará pelo Engenheiro Sousa Bandeira. 1910.

N. 94. *Planta topographica da cidade de Fortaleza e suburbios*, organisada pelo architecto da Camara

Municipal Adolpho Herbster. 1875. De grandes dimensões.

O original está na Camara Municipal de Fortaleza.

N. 95. *Carta corographica* da Provincia do Ceará organizada sobre os documentos e dados existentes pelo Bacharel e Engenheiro Civil An.to Glz da Justa Araujo. 1880.

Era Carta mui usada para consultas na Repartição dos Telegraphos Nacionaes. Nella figura o rio *Mossoró* como termo divisorio entre o Ceará e o Rio Grande do Norte.

O Dr. Justa Araujo foi insigne paisagista.

Como juiz commissario das terras dos Indios da Parahyba em 1865 fez as demarcações dellas, servindo-lhe de agrimensor Marcos Apolonio e de escrivão o T.am de Fortaleza Miguel Severo, então licenciado pelo presidente Lafayette em consequencia de desavenças politicas entre o dito tabellião e o juiz municipal Dr. Manoel da Cunha Figueredo.

Foi sob sua direcção que se construiu o proprio nacional destinado para deposito de artigos bellicos sito á Rua Conde d'Eu ou Senna Madureira, formando angulo com a Praça Dr. José Julio.

As obras tiveram começo a 23 de Setembro de 1873, e com ellas despendeu-se 21 contos de réis, ficando o predio concluido a 20 de Novembro de 1874.

Falleceu na Provincia da Parahyba do Norte.

N.º 97. *Planta da Cidade do Crato* pelo Dr. Gustavo Horacio de Figueredo.

O original faz parte da minha Collecção e devo-o a um obsequio do dito Dr. G. Horacio de Figueredo, que fel-o acompanhar de uma descripção topographica da cidade.

A planta não traz data, mas sei que é de 1882.

O *Correio do Cariry* publicou a Descripção Topographica do Crato por Horacio de Figueredo fazendo-a seguir de interessantes notas. Vem transcripta na «Revista do Instituto do Ceará», 2.º semestre de

1906. A publicação do jornal Cratense é mais ou menos a Descripção com que me brindou aquelle mágistrado.

N.º 98. *Carta Geographica Postal* da Provincia do Ceará levantada pelos empregados Hermelino Sobral Macahyba e Conrado Pacheco. 1882. Desenho de Ad. Herbster.

Hermelino Sobral Macahyba, filho de Vicente Felipe Sobral Macahyba e de D.ª Margarida Joaquina de Jesus, nasceu na Villa de Soure, então freguezia de Fortaleza, a 24 de Janeiro de 1832, e falleceu a 8 de Agosto de 1920 em Fortaleza.

Conrado Pacheco nasceu em Fortaleza a 18 de Novembro de 1849, sendo seus paes Alexandre Ferreira Pacheco e D.ª Senhorinha Perpetua Pacheco.

Entrou para a Repartição dos Correios do Ceará a 1 de Outubro de 1866 e deixou-a a 31 de Dezembro de 1896 como 1.º Official.

N.º 99. *Carta da provincia do Ceará* organizada e gravada por Claudio Lomellino de Carvalho. 1883. Escala 1:750.000. Rio de Janeiro.

Essa Carta assignala os limites do Ceará com o Rio Grande do Norte pela Barra do *Mossoró*.

N.º 100. *Projecto do Mappa Hydrographico* do Canal D. Pedro II valle do Jaguaribe Seus Affluentes Derivado do S. Francisco a Enceada do Pontal pelo Engn.º T. Franklin, coadjuvado pelo Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho. Escalas horis. $\frac{1}{1000000}$; $\frac{1}{100000}$ vert.

Possuo uma copia do original feita pelo então agrimensor José Nogueira Jaguaribe a 31 de Dezembro de 1885.

N.º 101. *Mappa Hydrographico* para demonstração da possibilidade de um Canal de navegação e irrigação derivado do Rio S. Francisco ao Oceano pelo Valle do Jaguaribe etc. 1886. Pelo engenheiro Tristão Franklin.

Tristão Franklin de Alencar Lima, filho do Te-

nente-Coronel João Franklin de Lima e de D.ª Maria Brazilina de Alencar Lima, nasceu em Fortaleza a 4 de Julho de 1845, e falleceu a 16 de Outubro de 1905 no Rio de Janeiro.

Esteve empregado na E. F. de Baturité como Conductor de 1.ª classe e foi encarregado pelo Dr. Caio Prado para construir o açude da Rajada. Andou em explorações do Rio S. Francisco. Esteve tambem empregado na E. de Ferro Central do Brazil (antiga Pedro II) no ramal do Commercio ao Rio das Flores. Edificou a matriz da cidade de Araras em S. Paulo em 1880.

N.º 102. *Planta do porto da cidade da Fortaleza* Por Adolpho Herbster. 1887.

N.º 103. *Planta da cidade da Fortaleza*, capital da Provincia do Ceará, levantada por Adolpho Herbster Ex-Engenheiro da Provincia e Architecto Aposentado da Camara Municipal. 1888.

N. 104 *Plahta Geographica da Provincia do Ceará* pelo professor J.º G. Dias Sobreira. 1888.

O professor João Sobreira é natural do Crato, tendo alli vindo á luz a 1 de Setembro de 1847 e reside de ha muito no Rio de Janeiro.

N. 105. *Porto do Ceará* pelo Engenheiro Tristão Franklim. Offerecida ao Presidente Caio Prado, por quem foi mandado organisar. 15 de Outubro de 1889.

Ha della um exemplar no Collegio da Immaculada Conceição de Fortaleza.

N.º 106. *Mappa Geographico Postal do Estado do Ceará*, organisado em 1890 por ordem do Exmo. Sr. Director Geral dos Correios dos Estados Unidos do Brazil Dr. Betim Paes Leme, sendo administrador Antonio Moreira de Sousa. Desenho de Luis Sá.

Luis Felix de Sá, que foi Professor de Desenho da Escola Normal do Ceará por Acto de 10 de Outubro de 1889, nasceu em Fortaleza a 9 de Janeiro de 1845.

Esse perito scenographo e notavel desenhista fal-

leceu a 23 de Dezembro de 1898, victimado por uma lesão cardiaca.

Foram seus discipulos R. Ramos, o auctor dos *Cantares bohemios*, Antonio Rodrigues, João Paiva, José Maria Brigido, Francisco Macedo, Joaquim Muniz, Bernardo Mello, Luiz Sombra, Nogueira de Freitas e muitos outros rapazes de talento e rara aptidão.

N.º 107. *Reconhecimento* parcial do Prolongamento da E. F. Baturité para o Rio S. Francisco. 1892. Escala 0m,000833=1000 M. Por Francisco Saturnino Rodrigues de Brito, Chefe de secção encarregado do reconhecimento para o prolongamento até o Crato.

Essa Carta acompanha o Relatorio apresentado pelo autor ao Director da Est. de Ferro de Baturité Dr. Ernesto Antonio Lassance Cunha. 1892.

O Engenheiro Civil Francisco Saturnino nasceu em Campos, Rio de Janeiro, a 14 de Julho de 1864.

N.º 108. *Obras do porto do Ceará. Carta Topographica do littoral de Fortaleza.* Sem data nem nome do autor. Traz o Quebra-mar projectado e Linhas da prea-mar e baixa-mar de aguas vivas em Maio de 1894.

Vi um exemplar na Capitania do Porto.

N.º 109. *Planta dos terrenos de Marinhas e acrescidos pertencentes á Municipalidade da Fortaleza.*

Levantada e desenhada por Julio Henriques Braga. Fortaleza, 31 de Janeiro de 1892. Escala 1:10.000 com uma legenda.

O original está na Camara Municipal de Fortaleza.

Julio Braga nasceu no Pecy, districto da Parangaba, e falleceu em Castanhal, Estado do Pará. Foi auxiliar do Prolongamento da Estrada de Ferro de Baturité, fez parte do pessoal technico da Companhia de Melhoramentos do Ceará e occupou o logar de architecto da Camara de Fortaleza e de professor de desenho no Lyceu Estadoal em cujo salão nobre encontra-se o seu retrato.

N.º 110. *Apontamentos para a Carta Topographica do Ceará* pelo professor J.º G. Dias Sobreira. 1892. Escala $\frac{1}{1200000}$. Para sua confecção diz o autor haver aproveitado o traçado da Costa por Mouchez, as posições astronomicas da Carta organizada e gravada por C. Lomellino de Carvalho e observações por elle proprio colhidas e observadas do Cariry ao littoral.

O livro *The State of Ceara Brief Notes for the Exposition of Chicago*, as authorized by the Governor of Ceará, Brazil, Dr. José Freire Bezerril Fontenelle, Chicago, 1893, reproduz esse Mappa sob o titulo *Map of the State of Ceara by Prof. J. G. Dias Sobreira* 1893.

O Mappa enumera as villas, povoações e accidentes da Costa Cearense desde Grossos até Porto Carioca e B. Timonha.

O trecho de Grossos a Aracaty encerra : Pao Infincado, Peixe Gordo, M.te Tibao, R. do Matta Fresca, Melancias, Monbill, Areias, Caissara, P. de Cajuaes, Cajuaes, Mutamba, Barreiras, Peroba, Ponta Grossa, P. Redonda, B. do Coronel, Retiro Grande, E do Retamba, L. do Matta, Canoa Quebrada, Porto do Aracaty.

Ao lado esquerdo, parte inferior, vê-se uma planta redusida de Fortaleza.

N.º 111. *Estado do Ceará. Atlas Escolar Homem de Mello*. 1895. Com varias indicações.

Autoridades seguidas para a confecção da Carta : Paulet, Carta do Ceará 1818, Alm.te Mouchez, Les Côtes du Brésil, 1867, Carta Official da E. F. de Baturité e de Sobral e dados estatisticos e topographicos ministrados pelo Dezembargador Paulino Nogueira Borges da Fonseca, Dr. Domingos J. Nogueira Jaguaribe e Carta do Ceará por Sobreira.

Nessa Carta vem claro o limite do Ceará com o Rio G.de do Norte pelo rio *Mossoró*.

N.º 112. *Carta do Ceará* organizada por José do

Valle Feitosa. Rio de Janeiro. 1896. Está reproduzida no Almanack do Ceará por João Camara.

Possuo uma Carta do Ceará, lithographada, de Valle Feitosa, mas sem data. Abaixo da palavra Ceará estão escriptas as seguintes indicações: População. . . . 1.000.000, Superficie 104250 k. q. ou 3620 leguas quadradas.

José do Valle Feitosa, fallecido a 28 de Setembro de 1901 na Capital Federal onde exercia o magisterio, era natural do Inhamuns. No *Diario de Noticias* publicou uns estudos sobre Cornelio Nepote.

N.º 113. *Planta do porto da Fortaleza*, publicada por ordem do Almirantado Inglez. Londres. 1896.

N.º 114. *Carta Hydrographica do Porto de Fortaleza* levantada sob a direcção do Dr. Sergio de Saboia. E' desenhada na escala de $\frac{1}{2000}$ e abrange a planta topographica de Meirelles até o rio Jacarecanga. 1896.

Encontra-se uma reproducção dessa Planta, escala 1.800, no trabalho do Eng.º Sousa Bandeira «Porto de Fortaleza», 1910.

Vi copia dessa Planta com sondagens executadas em 1904 a 1906 pelos Engenheiros encarregados das obras da Ponte da Alfandega, entregue ao trafego a 30 de Maio de 1906, os Srs. Hildebrando Pompeu e Roberto Bleasby.

N.º 115. *Planta Topographica da Serra da Ibiapaba* por Luis Januario Lamartine Nogueira.

O Instituto do Ceará possue o original ou uma copia, que lhe foi offertada pelo autor.

Lamartine Nogueira nasceu em St.º Antonio do Curuayhu a 19 de Setembro de 1851, viveu longo tempo envolvido nas luctas da politica e dedicou os ultimos annos a estudos sobre historia Cearense, sobresahindo entre elles os que publicou para demonstrar que o celebre Camarão da guerra Hollandêsa era Cearense, nascido em Viçosa.

N.º 116. *Carta da Barra do Camocim* tirada pelo primeiro Pratico Argemiro José de Araujo. Em Janeiro

de 1899. Está no Archivo da Capitania do Porto do Ceará.

O pratico Argemiro tem uma outra Carta da Barra do Camocim, feita anteriormente a esta, menos nitida, que se pode ver na Capitania do Porto.

N.ª 117. *Mappa Postal do Ceará* organisado e offerecido pelo Praticante Arthur Cyrillo Freire á Administração dos Correios do Ceará, sendo administrador Antonio Moreira de Sousa. Outubro de 1899.

N.º 118. *Plano Hydrographico do Porto do Ceará* levantado e construido pelo Primeiro Tenente Manoel da Silva Lopes em Julho de 1900.

Trabalho organisado com o balisamento completo do Porto pela Secção de Hydrographia da Repartição da Carta Maritima sob a direcção Geral do Almirante Joaquim Ant.º Cordovil Maurity.

Desenhado pelo desenhista da Secção de hydrographia da Repartição da Carta Maritima Eugenio Paulo Meziat.

N.º 119. *Estado do Ceará Atlas—Texto na Chorographia do Brasil* por Alfredo Moreira Pinto. 1902. Escala 1:3.174000.

Moreira Pinto, bacharel em lettras pelo Collegio Pedro II, é o autor do «Diccionario Geographico do Brasil» e de innumeros trabalhos didacticos sobre Geographia e Historia, materias de que foi professor na Escola Militar do Rio de Janeiro.

No seu Atlas-Texto Moreira Pinto dá os limites do Ceará com o Rio Grande do Norte pela *barra do Apody, denominado Mossoró.*

N.º 120. *Mappa Geographico-Postal do Ceará* organisado por ordem do Sr. Administrador Coronel José Pinto Coelho d'Albuquerque pelo praticante de 1.ª classe Arthur Cyrillo Freire. 1902.

Deste trabalho ha dous exemplares: um, Escala de $\frac{1}{80000}$, enviado para o Rio de Janeiro á Directoria

Geral dos Correios, que em recompensa mandou elogiar e dar 300$000 ao autor que, aliás, não acceitou o dinheiro, e outro, Escala $\frac{1}{100000}$ destinado á Repartição do Ceará mas que deixou de lhe ser entregue por ter sido o autor entrementes exonerado do emprego.

N.º 121. *Estado do Ceará*. Escala de 1:3.967500. Carta publicada no Almanaque Brazileiro Garnier em 1903 e reprodusida em n.os de annos posteriores.

N.º 122. *Carta Topographica* dos pontos importantes do territorio em litigio na questão de limites entre o Estado do Rio Grande do Norte e o Estado do Ceará, levantada pelo Dr. Manoel Pereira dos Reis, auxiliado pelos Srs Engenheiro civil Julio Americo de Medeiros e Luiz de Souza Barros. Abril de 1903.

N.º 123. *Estado do Ceará*. Escala de 1:3.174000. Mappa acostado á obra do P.e Capuchinho Timoteo Zani «Al Pará, Maranhão e Ceará Brasile del Nord Note di viaggio», Milão, 1903.

A obra do Pe. Timoteo é acompanhada mais das Cartas do Estado do Pará e do Estado do Maranhão e contem preciosas estampas e gravuras

Escripta sempre de forma sympathica e em termos encomiasticos ao paiz e a seus habitantes, é pena que contenha varias incorrecções, aliás faceis muitas dellas de evitar si o autor tivesse feito a leitura do seu original a algum Brazileiro.

Ou o seu trabalho, inspirado na justiça e no desejo de conhecer e dizer a verdade, ou o trabalho recentemente publicado pelo Americano Harris Franck, de que me occuparei em breve, grosso volume em que fervilham as mais escandalosas e revoltantes mentiras e são legião os conceitos os mais deprimentes dos homens e cousas do Brasil.

A excursão do Pe. Th. Zani, de Brescia, ao Brasil foi realisada em 1901.

N.º 124. *Carta do Ceará* no livro *Patria Brazileira*, de Virgilio Cardoso de Oliveira, director do Ensino Municipal de Belem, ediç. de 1903 e 1905.

Virgilio C. de Oliveira nasceu na Bahia a 15 de Dezembro de 1860 e era irmão do Dr. Climerio Cardozo de Oliveira, um dos mais bellos talentos a fulgirem em meu tempo na Faculdade de Medicina da Bahia, da qual foi professor.

Bacharelando-se em sciencias juridicas e sociaes na Faculdade do Recife, transportou-se para Belem do Pará, onde tem exercido importantes cargos publicos e faz figura nas rodas letradas.

N.º 125. *Planta do Porto do Ceará* levantada pelo Capitão T.te Francisco Agostinho de Sousa e Mello, ajudante da Directoria de Hydrographia da Repartição da Carta Maritima no anno de 1903.

O original está na Capitania do Porto do Ceará.

Sousa Mello, nascido a 7 de Janeiro de 1865, aspirante a guarda-marinha a 8 de Março de 1877 e guarda-marinha a 8 de Março de 1879, foi Commandante da Companhia de Aprendizes do Estado de Santa Catharina.

N.º 126. *Mappa do Estado do Ceará* — Atlas de. Olavo Freire e Cel Alfredo Oscar de Azevedo May. 1905. Escala de 1:3.174000.

Olavo Freire, nascido em 1869, foi professor da Escola Normal do Rio de Janeiro em cujas aulas são adoptados alguns dos seus livros para ensino elementar.

N.º 127. *Estado do Ceará. Carta Geographica* Editora a Empreza Typo-Litographica a vapor. 1905. Vem appensa ao livro *Corographia do Estado do Ceará*. 1905, publicado pela dita Empreza Editora.

N.º 128. *Area do Municipio de Quixeramobim*. Levantada pelo Dr. Antonio Theodorico Filho. Escala $\frac{1}{400000}$

Possuo copia feita por Arthur Cyrillo em 1906, mas o original é do tempo que o autor estava a serviço do governo em trabalhos do prolongamento da Estrada de Ferro de Baturité.

N.º 129. *Plano Hydrographico do Porto de Fortaleza*. Por Manoel da Silva Lopes. 1906. Existente na Capitania do Porto do Ceará.

N. 130. *Esboço Hydrographico do Porto de Camocim* por Heraclito Graça Aranha. Outubro de 1907. Existente na Capitania do Porto de Fortaleza.

N.º 131. *Mappa da Região do Norte do Brasil* sugeita ás seccas periodicas e indicando o traçado dos principaes canaes de irrigação a derivar do rio S. Francisco, por Joannes Bouthardet. 1908, Escala $\frac{1}{2775000}$ Appenso ao livro «O Problema do Norte, sua solução».

N.º 132. *Planta do Porto de Fortaleza* levantada pela Sub-Commissão de Estudos dos Portos de Fortaleza e Camocim. Escala 1.8000. Janeiro de 1908. Encontra-se na obra do illustre Engenheiro Manoel Carneiro de Sousa Bandeira, *Porto de Fortaleza*, 1910.

N.º 133. *Mappa da Entrada do Porto de Camocim*. Sub-Commissão de Estudos dos Portos de Fortaleza e Camocim. Fevereiro de 1909. Existente na Capitania do Porto de Fortaleza. Sem nome do autor.

N.º 134. *Estado do Ceará*. Escala 1:2.497000. Do Atlas do Brasil do Barão Homem de Mello, parte especial (6), F. Briguiet & Cia., Editores. Rio de Janeiro. 1909.

O Barão Homem de Mello (Francisco Ignacio Marcondes de Homem de Mello), illustre historiador e geographo, politico, presidente de quatro Provincias, entre ellas o Ceará, ministro de Estado por duas vezes, nasceu em Pindamonhangaba, S. Paulo, a 1.º de Maio de 1837 e falleceu aos 80 annos em Janeiro de 1918. Deixou muitos e importantes trabalhos publicados.

N.º 135. *Mappa do Estado do Ceará* mandado confeccionar por S. Ex.ª o Sr. Dr. Francisco Sá, Ministro de Viação e Obras Publicas. Ampliação parcial do Mappa levantado sob a direcção dos Engenheiros Horace E. Williams e Roderic - Crandall, augmentado com a collaboração do Sr. Antonio Bezerra de Menezes. Outubro de 1910.

N.º 136. *Planta Geral das Enseadas de Fortaleza e Mocuripe.*—Annexa ao magistral trabalho *Porto de Fortaleza*, apresentado ao Dr. Francisco de Paula Bica-

lho pelo Dr. Manoel Carneiro de Souza Bandeira, 1910.

N.º 137. *Projecto do Porto de Fortaleza.* Planta. Escala 1:15000. Pelo Dr. Manoel Carneiro de Sousa Bandeira. 1910. Encontra-se na Memoria citada acima.

N.º 138. *Mappa Botanico do Estado do Ceará.* Escala 1:300000. Outubro de 1910. Autor Alberto Loefgren. E' trabalho mandado fazer pelo Ministerio da Viação, Inspectoria de Obras contra as seccas.

N.º 139. *Mappa Geologico dos Estados do Ceará,* Rio Grande do Norte e Parahyba pelos Assistentes do Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil Roderic Crandall e H. E. Williams. 1910. Esc. 1 para 3.000000. Publicação n. 7. serie I, G. da Inspectoria de Obras contra as seccas.

No meu trabalho *Estrangeiros e Ceará,* publicado nesta Revista, anno de 1918, encontram-se os dados biographicos desses dous Engenheiros Americanos.

N.º 140 *Mappa dos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba do Norte* com parte dos Estados limitrophes pelo *Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil*—Orville A. Derby, Chefe—sob a direcção dos engenheiros: Miguel Arrojado Lisboa, Guilherme Lane, Eusebio Paulo de Oliveira, Alberto Betim Paes Leme, e auxiliares: Francisco Bôa Nova, Francisco C. Coutinho, Hans Baumann.

Coordenadas determinadas pelos engenheiros Gastão Gomes e Arnaldo Pimenta da Cunha, da I. O. C. S. Outubro de 1910.

N.º 141. *Planta do Horto Florestal* no Açude do Cedro—Quixadá, Inspectoria de Obras contra as seccas. Escala 1:10000. Serviço a 31 de Dezembro de 1912. Annexa á Publicação n. 18 (Contribuições para a questão florestal da região do Nordeste do Brasil por Alberto Lœfgren, 1912). A essa Publicação n. 18, annexa tambem, se encontra a *Planta do Horto Florestal do Joazeiro.*

N.º 142. *Esboço da parte Nordeste do Brasil* mostrando as bacias hydrographicas e logares para açudes Escala 1.300000. Annexo ao trabalho do Engenheiro

Geraldo A. Waring sob o titulo «Supprimento d'agua no Nordeste do Brasil», 1912.

Geraldo A. Waring, hydrologo e geologo Nort' Americano, pertenceu á Inspectoria de Obras contra as seccas, secção de Hydrologia. Alem da obra citada escreveu «Notas sobre as medições de descargas de rios». Rio de Janeiro, Março de 1912.

N.° 143. *Planta do Rio Jaguaribe.* Escala 1:10000. Com visto de Costa Lima. Outubro de 1913.

N.° 144. *Inspectoria Geral das Estradas.* Inspector Federal Eng. José Estacio de Lima Brandão. *Estado do Ceará,* Dezembro de 1913. Escala 1:10000000.

N.° 145. *Carta Geologica* da *Região Litoranea* do Estado do Ceará pelo Engenheiro Horatio L. Small. Junho de 1914. Escala 1:1000000. Inspectoria de Obras contra as seccas. Essa carta encontra-se annexa ao importante trabalho de Small intitulado «Geologia e supprimento d'agua subterranea no Piauhy e parte do Ceará.

Alem desse trabalho Small escreveu «Geologia e supprimento d'agua subterranea no Ceará e parte do Piauhy. Julho de 1913.

N.° 146. *Carte de L'État de Ceará.* Publicada no Bulletin officiel du Bureau de Renseignements du Brésil. N.° de 15 de Dezembro de 1913. Paris.

E' acompanhada de interessantes informações sobre o Estado.

N.° 147. Ministerio da Viação e Obras Publicas. *Esboço do Mappa do Estado do Ceará* com indicação dos trabalhos da Inspectoria de Obras contra as seccas, com legenda: Açudes, Poços, Estradas de Rodagem, Postos Pluviometricos etc. etc. Sem data e sem nome do autor.

N.° 148. Ministerio da Viação e Obras Publicas. Inspectoria de Obras contra as Seccas. J. Ayres de Souza, Sub-Inspector em exercicio. *Esboço do Mappa Geologico* dos Estados do Ceará e Piauhy pelo Engenheiro geologo Horacio L. Small. Escala 1:1000000.

N.° 149. *Inspectoria de Obras contra as seccas.*

Primeiro Districto. *Planta da cidade da Fortaleza*, Capital do Estado do Ceará, por Julio Groeger. 1915. Ha na Secretaria do Governo do Estado uma reducção dessa Planta por M. Miranda, desenhista de 2.ª classe.

N.º 150. *Esboço do Porto de Fortaleza* por Fc.º Z. de Paiva, 1915.

N.º 151. *Carta Chorographica da Serra do Araripe e valle do Cariry*, por H. L. Small, ampliada em certos pontos pelo Engenheiro Militar José Pinheiro de Menezes.

N.º 152. *Inspectoria de Obras contra as Seccas. Planta da Cidade da Fortaleza*, Capital do Estado do Ceará. Escala em palmos 005.ms200 palmos. Redusida por M. Miranda, desenhista de 2.ª classe. Cop Julio Groeger. 1915.

N.º 153 *Planta hydrographica do porto de Fortaleza*. Escala $\frac{1}{5000}$. Maio de 1915. Por R. Gow Bleasby.

N.º 154. *Planta topographica, geologica, economica e demographica do Municipio do Juazeiro do Cariry*, levantada gratuitamente pelo Engenheiro Militar José Pinheiro de Menezes. Esc. $\frac{1}{50000}$. 1918.

N.º 155. *Mappa geologico do Brasil* organizado por John Casper Branner, published by the Geological Society of America. Escala 1:5000000. 1919.

O emerito Professor fez acompanhal-o de um magnifico trabalho, que sob o titulo «Outlines of the Geology of Brasil to accompany the geologic Map of Brazil» veio a lume no Bulletin of the Geological Society of America vol. 30 pp. 189-338.

N.º 156. *Carta da Região Semi-arida do Nordeste* indicando o plano geral de viação e açudagem organizada por Mario Moura Brasil do Amaral. Escala 1:3000000. Em annexo ao seu trabalho «A região semi-arida do Nordeste» apresentado ao Club de Engenharia, Rio, em sessão de 23 de Maio de 1919. O trabalho contem tambem um Mappa Geologico e uma Carta indicando a area da região semi-arida do Nordeste (857978 kms^2).

N.º 157. *Mappa da bacia do Jaguaribe* extrahido do Mappa da Inspectoria de Obras contra as Seccas.

Esse Mappa encontra-se annexo ao trabalho «O Valle do Jaguaribe» com que o Pe. Rodolpho Ferreira da Cunha apresentou-se em 1921 em concurso á cadeira de Geographia, Chorographia e Cosmographia do Lyceu do Ceará.

N.º 158. *Mappa Geographico da freguezia de Canindé, Ceará*, por Frei Cyrillo de Bergamo, 1921.

N.º 159. *Planta da cidade de Fortaleza*, Capital do Estado do Ceará. Por Oscar Guilherme, Ceará, 1922.

N.º 160. *Mappa da Serra da Ibiapaba* do Estado do Ceará por Pedro Ferreira. Consagrado á commemoração do Primeiro Centenario da Independencia do Brasil. 7 IX. 22. Escala 1:650.000.

A confecção desse Mappa custou ao auctor oito mêses de trabalho percorrendo a região nos seus menores datalhes.

Pedro Ferreira é um dos collaboradores no Mappa do Dr. Amarante Netto na parte relativa ao Ceará.

N.º 161. *Mappa Parcial do Nordeste*. Indicando os principaes serviços da Inspectoria Federal de Obras contra as Seccas. Escala 1:1000000. Neste Mappa, que se contem no «Ingenieria Internacional», n.º de Setembro de 1922, artigo sob o titulo «A Irrigação no Norte do Brasil», encontram-se notadas as localisações dos açudes, as estradas de ferro em operação e construcção e bem assim as estradas de rodagem.

N.º 162. *Estado do Ceará. Carta Pluviometrica Annual*. Observações em 116 Estações num periodo medio de 8 annos. Escala 1:3000000. 1922. Vem annexo ao livro do Dr. Thomaz Pompeu Sob.º «Esboço Physiographico do Ceará (Geographia Physica)».

No dito livro encontram-se, ao demais, Cartas da distribuição das chuvas em 1917 e 1919 e da distribuição das chuvas e influencia do relevo do solo e o Perfil longitudinal do leito do Rio Jaguaribe e de seus principaes affluentes.

(Continúa)